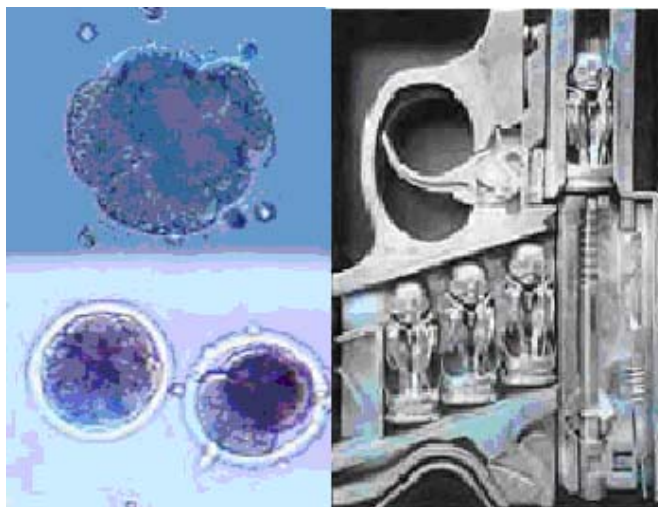


**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS**

INSTITUTO DE ESTUDOS DA LINGUAGEM

# **ADMIRÁVEL MUNDO NOVO**

**Um enredo de possíveis**



**Nelson Samuel Porto Veratti**

**Dissertação de Mestrado**

**Fevereiro de 2007**

NELSON SAMUEL PORTO VERATTI

**ADMIRÁVEL MUNDO NOVO: UM ENREDO DE POSSÍVEIS**

(SOB ORIENTAÇÃO DA PROF<sup>a</sup>. DR<sup>a</sup>. ADÉLIA BEZERRA DE MENESES)

Dissertação apresentada ao Departamento de Teoria e História Literária (DTHL) do Instituto de Estudos da Linguagem (IEL) da Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre, em fevereiro de 2007.

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS (UNICAMP)  
DEPARTAMENTO DE TEORIA E HISTÓRIA LITERÁRIA (DTHL)  
INSTITUTO DE ESTUDOS DA LINGUAGEM (IEL)  
CAMPINAS, FEVEREIRO DE 2007**

**Ficha catalográfica elaborada pela Biblioteca do IEL - Unicamp**

V581a	<p>Veratti, Nelson Samuel Porto. Admirável Mundo Novo: um enredo de possíveis / Nelson Samuel Porto Veratti. -- Campinas, SP : [s.n.], 2007.</p> <p>Orientadora: Adélia Toledo Bezerra de Meneses. Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem.</p> <p>1. Huxley, Aldous, 1894-1963 - Admirável mundo novo. 2. Crítica (Indireta). 3. Distopias na literatura. 4. Ficção inglesa - História e crítica. I. Meneses, Adélia Bezerra de. II. Universidade Estadual de Campinas. Instituto de Estudos da Linguagem. III. Título.</p>
-------	--

Título em inglês: Brave New World: a plot of possible.

Palavras-chaves em inglês (Keywords): Aldous Huxley; Criticism; Dystopias in literature; English fiction - History and criticism.

Área de concentração: Teoria e Crítica Literária.

Titulação: Mestre em Teoria e História Literária.

Banca examinadora: Profa. Dra. Adélia Toledo Bezerra de Meneses (orientadora), Prof. Dr. Fábio Akcelrud Durão, Prof. Dr. Jorge Mattos Brito de Almeida, Prof. Dr. Márcio Orlando Seligmann Silva e Prof. Dr. Paulo Custódio de Oliveira.

Data da defesa: 05/02/2007.

Programa de Pós-Graduação: Programa de Pós-Graduação em Teoria e História Literária.

Este exemplar é a redação final da  
tese / dissertação e aprovada pela  
Comissão Julgadora em:

26, 04, 2007

[Handwritten Signature]

**Comissão Julgadora**

[Handwritten Signature]

Profª Drª Adélia Toledo Bezerra de Menezes

[Handwritten Signature]

Prof. Dr. Fábio Akcelrud Durão

[Handwritten Signature]

Prof. Dr. Jorge Mattos Brito de Almeida

Prof. Dr. Márcio Orlando Seligmann Silva

Prof. Dr. Paulo Custódio de Oliveira

## DEDICATÓRIA

Ao meu pai e amigo, Antenor, a quem devo o gosto pela leitura e o exemplo de honestidade e trabalho; a minha mãe, Maria, que com seu Amor me ensina a amar e a viver; e à Leila, esposa e companheira, a quem dedico meu Amor com eterna alegria.

## AGRADECIMENTOS

Agradeço especialmente à professora Adélia Bezerra de Meneses que, além de prestar sua orientação com permanente zelo na realização deste trabalho, é, para mim, um exemplo de vida e de generosidade. Sensível e atenta à função humanizadora da Literatura, não descuidada das oportunidades de aprimoramento intelectual e humano que esta propicia. Minha eterna gratidão pelos seus ensinamentos, sua confiança, dedicação, carinho e amizade: valores que me fazem continuar acreditando no ser humano.

Agradeço também aos professores Fábio Akcelrud Durão e Jorge Mattos Brito de Almeida, por me honrarem com suas participações na banca e pelas sugestões valiosíssimas ao aprimoramento deste trabalho; ao professor Márcio Seligmann-Silva, que, com o primeiro, compôs a banca de qualificação, contribuindo muito com suas observações; ainda aos professores Alexandre Soares Carneiro e Jeanne Marie Gagnebin, pela prestimosa atenção e pelo valioso aprendizado durante seus cursos; e a Paulo Custódio de Oliveira, pela sua presença amiga e encorajadora.

Aos amigos Claudinei Maria, companheiro de viagem que se tornou um verdadeiro amigo; Fernando Marcílio, com quem tive a satisfação de dividir o “barco” do mestrado; Carlos, Dauro, Marcelo, Nayara, Nino, Dirce, Márcio, Fernanda, Flávia, Thiago, Felipe, Fernando e Tarichi, pela força que me deram ao compreenderem minhas ausências; e à querida Aline, com quem sempre pude contar.

Aos queridos primos Mayla, Edson e Raíssa, que, ao me acolherem em sua casa, como um novo morador, reforçaram o meu alento ao saber que havia pessoas solidárias na retaguarda da minha caminhada, permitindo que ela fosse trilhada com segurança e conforto.

Aos funcionários da secretaria de Pós-graduação do IEL, especialmente Cláudio, Rose e Carlos, pela atenção e pelos esclarecimentos durante esse período.

A meus pais e minha esposa por serem tudo nesse processo; sem eles nada faria sentido.

À CNPq (Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico), pela bolsa de estudo concedida.

## RESUMO

Este trabalho busca a revitalização da obra *Admirável Mundo Novo*, de Aldous Huxley, por meio de uma leitura que não apenas reconhece o seu mérito literário como também resgata o seu teor crítico, cujo valor vem sendo desconsiderado por aqueles que recusam alguns de seus aspectos. Procuramos examinar e reconsiderar os prováveis motivos que levam a obra à margem da crítica literária para, em seguida, apontar a importância desse romance que permite reflexões relevantes sobre o mundo contemporâneo.

## ABSTRACT

This thesis argues for a renewed reading of Aldous Huxley's "Brave New World". The interpretation carried out therein not only acknowledges the novel's literary merit, but also recuperates its critical tenor, whose import has been ignored by those who refuse to accept some of its most relevant aspects. The thesis examines and reconsiders the most probable motives which led to this marginal position in critical discourse; following this, it highlights the importance of the novel, which allows one to develop relevant reflections on the contemporary world.



*Bem-aventurados os tempos que podem ler no céu estrelado o mapa dos caminhos que lhes estão abertos e que têm de seguir! Bem-aventurados os tempos cujos caminhos são iluminados pela luz das estrelas! Para eles tudo é novo e todavia familiar: tudo significa aventura e todavia tudo lhes pertence. O mundo é vasto e contudo nele se encontram à vontade, porque o fogo que arde na sua alma é da mesma natureza que as estrelas. O mundo e o eu, a luz e o fogo distinguem-se nitidamente e, apesar disso, nunca se tornam definitivamente alheios um ao outro, porque o fogo é a alma de toda a luz e todo o fogo se veste de luz.*

Georg Lukács

*... a terra totalmente esclarecida resplandece sob o signo de uma calamidade triunfal.*

Adorno & Horkheimer

*Construirei uma tênue ponte hipotética até o futuro.*

Aldous Huxley

## SUMÁRIO

<b>I. INTRODUÇÃO</b> .....	11
1.1. Aspectos iniciais e objetivos .....	11
<b>II. A CRÍTICA</b> .....	25
2.1. A recepção do autor e da obra .....	25
2.2. Vestígios incômodos .....	40
<b>III. ELEMENTOS DA NARRATIVA</b> .....	51
3.1. Breve enredo .....	51
3.2. Título oblíquo e dissimulado .....	57
3.3. Espaço determinante .....	60
3.3.1. Imagem sintética do mundo .....	61
3.3.2. A Luz que ilumina e desencanta .....	64
3.3.3. Linhas de produção da “felicidade” .....	71
3.3.4. O modelo fordista: de automóveis a cromossomos .....	79
3.3.5. Entre o velho e o novo mundo .....	88
3.4. As Personagens: verossimilhança .....	91
3.4.1. Idéias encarnadas .....	94
3.4.2. As instâncias libertadoras aniquiladas .....	127
3.4.3. Um “mau-intimismo” oportuno .....	143
3.5. Foco Narrativo: a distância crítica .....	153
3.6. Efeitos do Tempo .....	157
3.6.1. Tempo do espetáculo .....	169
3.6.2. Tempo de distopias .....	173
3.6.3. Huxley: modernidade ou pós-modernidade? .....	178
<b>IV. FICÇÕES, FATOS E TEORIAS</b> .....	189
4.1. Povo marcado, povo feliz? .....	189
4.2. Sob um regime totalitário .....	194

4.3. Biopolítica: moldando a natureza humana .....	204
4.4. Um pessimismo inconformado .....	219
<b>V. ASPECTOS FINAIS</b> .....	<b>233</b>
5.1. Entre fatos e hipóteses temerosas .....	234
5.2. Enredo de possíveis: o futuro da espécie humana .....	254
5.3. À guisa de conclusão .....	261
<b>VI. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS</b> .....	<b>269</b>

## I - INTRODUÇÃO

*Não se trata de apresentar as obras literárias no contexto de seu tempo, mas de apresentar, no tempo em que elas nasceram, o tempo que as revela e conhece: o nosso.*  
Walter Benjamin, 1931

### 1.1 – Aspectos iniciais e Objetivos

Este trabalho pretende revitalizar a obra *Admirável Mundo Novo*, de Aldous Huxley, através de uma leitura que resgate o seu teor crítico, geralmente obscurecido pelo preconceito daqueles que, ao se indisporerem com alguns detalhes literários e ideológicos, tendem a minimizar ou até mesmo a desprezar seus valores. Reconhecemos o cuidado que deve haver para que não se dê ao livro um valor que não possui, afinal não pode ser considerado uma obra-prima, mas a pecha de “mediano” muitas vezes impede que se reconheçam os seus méritos. Para tanto, examinaremos quais são os prováveis motivos que levaram ao preconceito, tentaremos reconsiderá-los e, em seguida, apontaremos a importância da obra.

Uma resposta simples pode ser dada já de início: o livro se aproxima de um gênero conhecido como “ficção científica” (*science-fiction*), que sempre foi desprezado pela crítica “convencional” como sendo sublitteratura; no entanto, ao que parece, tem havido uma nova atitude nos últimos tempos. Mas, até então, a postura ante esse gênero costumava ser típica: julgava-se o gênero, o todo, e nunca “o detalhe, que é a obra, ou o autor” (cf. CUNHA, 1967).

A natureza evasiva que se atribuía a esse tipo de literatura, a suposta falta de seriedade de seus autores e leitores, a imensa popularidade, foram alguns dos aspectos que provocaram o seu banimento da esfera acadêmica. A pesquisadora Lucia de La Rocque, professora de Literatura Inglesa na UERJ, numa entrevista concedida à revista eletrônica *Comciência*, de outubro de 2004, ao ser questionada sobre a ficção científica enquanto gênero marginal na literatura, respondeu:

A ficção científica já foi considerada mais marginal. Como os críticos mais recentes começaram a separar o joio do trigo, existem estudos sérios e profundos nesse campo hoje. Ainda existem

pessoas relutantes em admitir a ficção científica como gênero literário não-marginal, mas já há muitos movimentos no sentido de encarar a ficção como parte da literatura boa.

A ficção científica merece atenção justamente porque busca, entre outras coisas, dar conta dos dilemas de um mundo onde a ciência tanto pode solucionar problemas, quanto criar outros mais complexos. Segundo Ieda Tucherman, num artigo publicado na mesma edição da revista citada,

...as narrativas de ficção-científica oferecem aos críticos da cultura outras inspirações, especialmente o questionamento das fronteiras entre a subjetividade, a tecnociência e as possibilidades de experiências espaços-temporais, assim como importantes antecipações, sobre as questões que hoje precisamos enfrentar já que nosso ambiente é efetivamente dominado pela técnica que é, ao mesmo tempo, a condição de possibilidade do nosso presente e o agente da passagem do nosso ontem ao nosso amanhã (TUCHERMAN, 2004).

Ela torna-se, ainda, um terreno mais fecundo à medida que estabelece estreitas relações com o desenvolvimento das novas biotecnologias, que prometem revoluções – boas ou más - na condição humana. E esse tipo de narrativa fictícia, por sua vez, tenta suprir a escassez de reflexões mais pertinentes sobre as fronteiras entre o natural e o artificial. Conforme Fátima Régis de Oliveira esclarece, num outro artigo para a mesma revista,

A Modernidade forneceu as condições de nascimento da ficção científica, mas não conseguiu pensá-la. Ao erigir fronteiras entre homens, animais e máquinas, o pensamento moderno tratou a tecnologia como instrumento de alienação ou libertação do indivíduo, mas nunca como algo que se imbrica com os modos de subjetivação e faz repensar os limites entre o humano e a técnica. A Modernidade não apenas propicia as condições de aparecimento da ficção científica quanto ela mesma é uma narrativa: uma metanarrativa. O pensamento esclarecido também sonhou com um *outro ser* – o sujeito civilizado e emancipado – e um *outro mundo* – a sociedade democrática no futuro. As mudanças sonhadas pela Modernidade – a emancipação do homem pela razão, a construção de organizações sociais democráticas e o controle da natureza pela ciência – eram a narrativa única e linear pretendida pelos modernos. Enquanto pensadores e cientistas buscam as condições de concretização da Utopia Moderna por meio da antecipação do futuro, os escritores de ficção científica narram as outras utopias, distopias e heterotopias possibilitadas pelas mudanças de perspectivas nos campos da subjetividade, da tecnociência ou por outras configurações de espaço e tempo (OLIVEIRA, 2004).

Para essa professora - apoiada no pensamento que Bruno Latour apresenta em *Jamais fomos modernos* - “o desajuste teórico entre a ficção científica e o pensamento moderno” se deu por duas inadequações: primeiro, porque os pensadores modernos,

ao separarem a ciência da cultura, privaram-se da análise das relações; e, segundo, porque a própria proposta da ficção científica encerra uma contradição entre os termos “ficção” - que sugere o falso e o não-factual – e “científica” – que se apóia sobre o rigor de fatos comprováveis.

Embora a maioria desses pesquisadores concorde que a ficção científica seja uma metáfora do tempo em que vive o seu criador, o *Admirável Mundo Novo* prova que tem envelhecido satisfatoriamente por parecer cada vez mais próximo de nós. Ao mesmo tempo, ele se distingue da literatura chamada “fantástica”, devido ao alto grau de racionalidade que justifica seus aspectos “excessivos”, transformando o “não-factual” em factível.

Como as recentes experiências e descobertas científicas no campo da biogenética têm provocado discussões éticas no mundo todo, devemos considerar a relevância dessa obra, inscrita num gênero que, para Oliveira, “parece tornar-se a *ficção da atualidade*, ganhando respeitabilidade no mundo acadêmico”. Esse tipo de discussão - que pode e deve ser levantada a partir da sua leitura - ressurgiu a cada descoberta na área científica:

Um dos grandes problemas do mundo contemporâneo – e isso há 200 anos – é o descompasso entre tecnologia e ética. (...) Temos o poder de criar um homem em laboratório, mas não sabemos o que fazer com ele. Este é o grande dilema. Não é a tecnologia o nosso problema, mas a insipiência de nosso domínio moral sobre ela (BERRIEL, 2005).

Essas palavras de Carlos Eduardo Ornelas Berriel parecem sintonizadas com a pergunta feita por David Daiches, em um de seus livros, ao tratar das obras de Huxley: “What are we to do with our knowledge?” (1958, p.104). O *Admirável Mundo Novo*, como também as primeiras novelas huxleyanas, denotam uma obsessão do autor por essa questão: o que fazemos com nosso conhecimento? Trata-se de uma interrogação comum diante das descobertas científicas. Como o termo “conhecimento” abarca, também, o progresso tecnocientífico alcançado pelo homem, as reflexões acerca dessa questão são extremamente atuais, realçando a importância da obra huxleyana.

Daiches sugeriu ainda que, para Huxley, “knowledge destroys value” (1958, p.104). Não resta dúvida que o conhecimento possa fazer isso, mas devemos ressaltar que não necessariamente no mau sentido, pois existem também valores nocivos, cuja

“destruição” não deveria ser lamentada: alguns conhecimentos, por exemplo, ajudam a eliminar certos preconceitos. Logo, o conhecimento (e a ciência) em si não é um mal, o que justifica, até certo ponto, o alerta dado por Huxley sobre o *uso* que se faz dele. Assim, o receio era pela “destruição” de valores que, para Huxley, preservariam a condição humana, ao mesmo tempo em que dariam origem a novos valores contrários à dignidade humana.

As potencialidades técnicas geradas pelos avanços industriais certamente estimularam as ficções utópicas de H.G.Wells, que exerceram influência sobre a distopia huxleyana. A grande diferença entre aquelas e esta se encontra no otimismo depositado por Wells na espécie humana. Huxley também reconhecia a capacidade tecnológica dos homens, mas, ao contrário dele, não esperava que fossem sensatos, já que seus valores morais pareciam-lhe decadentes. Conforme Sybille Bedford, as utopias de Wells levavam as idéias huxleyanas a uma outra direção:

Well's views on the effects of applied science were rosy; Aldous had his doubts. Take eugenics for instance – the increase, by deliberate breeding, of some of the inheritable qualities such as intelligence and ability. An intrinsically desirable change, you might say, but would it have desirable results? What would happen to a society compelled by law to breed exclusively from its most gifted and successful members? Four years earlier already, Aldous had had this to say on the subject (BEDFORD, 1973, p.244).

Como se vê, o temor huxleyano deve ser considerado. Sob este aspecto, podemos pensar sobre que tipo de ameaça - derivada da temerária união entre conhecimento e poder - atinge a espécie humana como um todo, independente de seus distintos valores em cada classe social. Sob esse prisma, o *Admirável Mundo Novo* pode oferecer uma crítica menos elitizada e mais abrangente.

Ainda que condenemos o pessimismo huxleyano, há que se entender que a sua causa não resultava somente das angústias do pós-guerra e da desconfiança para com a união entre conhecimento e poder. Conforme acreditava o escritor argentino Jorge Luis Borges, esse pessimismo fora herdado do avô, o famoso biólogo Thomas Huxley, que acreditava que a evolução “no era un proceso necesariamente infinito” (BAREI, 1999, p.130). Para o evolucionista, as espécies atingiriam uma ascensão e, em seguida, declinariam gradualmente. Conforme Borges, esta mesma idéia era

compartilhada pelo neto, Aldous: “la idea esbozada por el abuelo y ficcionalizada por el nieto de que el mundo comenzó sin el hombre y terminará sin él” (Idem, p.135).

Sob essa atmosfera familiar pessimista, seu espírito passou facilmente do ceticismo ao niilismo, impossibilitando-o, durante um longo tempo, de apresentar projetos utópicos em suas obras. A falta de perspectiva ante uma humanidade que já dava sinais de involução, levou-o à elaboração de duas distopias: significativamente, uma após a Primeira Guerra Mundial (*Admirável Mundo Novo*, 1931) e outra depois da Segunda Guerra Mundial (*O Macaco e a Essência*, 1948). O panorama só parece ter se mostrado mais positivo quando Huxley escreveu, em 1962, seu desejo utópico de sociedade humana: *A Ilha*.

Entretantes, para corroborar seu impulso anti-utópico, além da falta de perspectiva, houve também os absurdos observados em projetos que nasceram utópicos: o Stalinismo e o Fascismo. Paralelo a essas ocorrências, ele via se desenhar um mundo cujos valores espirituais (o “ser”) davam lugar a valores materiais (o “ter”). A civilização que se desenvolvia sob esse espectro – munido de um poder tecnocientífico cada vez maior - poderia se tornar aquilo que descrevera no *Admirável Mundo Novo*. E, chegando a esse ponto, muito provavelmente não haveria saída, já que um dos pressupostos dessa civilização era a total reificação dos homens, o que eliminava qualquer possibilidade otimista.

Em *Ends and Means* (no Brasil, *O Despertar do Mundo Novo*), ele discorre sobre a ânsia de planejamento que assolou o mundo após a depressão econômica de 1929. As tentativas de planejamento eram sistemáticas nos países totalitários e graduais nos democráticos, e o seu temor com relação a isso justificava-se por esse pensamento:

Todos os pensadores “avançados” possuíam o seu esquema favorito e mesmo as pessoas comuns foram contaminadas pela idéia. O planejamento agora está na moda, porém, não sem justificação. Nosso mundo encontra-se em precárias condições e tudo se apresenta como se fora impossível libertá-lo do seu atual apuro e muito menos ainda melhorá-lo a não ser por meio de um deliberado planejamento. Trata-se apenas de uma opinião, admitidamente, porém todas as razões existem para se supor que é bem fundada. Enquanto não se chega a uma definição formal, porém, o que se torna absolutamente certo em face dos fatos observáveis é que, no processo de tentar salvar nosso mundo ou parte dele da sua atual confusão, corremos o risco de planejá-lo à semelhança do inferno e, atingindo os limites da ruptura, levá-lo à completa destruição. Existem curas que são piores do que as doenças (HUXLEY, c1937, pp.36-37).



Sabemos que o homem que se expressa acima é um pouco diferente daquele que escreveu o *Admirável Mundo Novo*, mas somente um pouco, pois se percebe a aceitação de uma forma de planejamento. A diferença é que esse homem de 1937 já estava mais próximo do misticismo oriental, a ponto de desbancar todas as idealizações apresentadas até então – do grego antigo, magnânimo, passando pelo bravo medieval e pelo “honnête homme” do século XVII, até o homem liberal do XX – e defender o ideal do homem desapegado, que combina a virtude com o discernimento (cf. HUXLEY, c1937, pp.08 e 09). Isso porque os anseios de planejamento apresentados nasciam, muitas vezes, de projetos utópicos e se tornavam “piores do que as doenças”.

Dessa forma, o Huxley que se projeta nas distopias é um homem inseguro, repleto de contradições e, portanto, sem posição definida ante os problemas da modernidade. Para ele, as forças contrárias que habitam o ser humano, pendiam, sob o domínio da vontade de poder, para o lado do mal. É como se ele realmente acreditasse nas palavras do narrador do roteiro cinematográfico em *O Macaco e a Essência*:

Crueldade e compaixão vêm com os cromossomos;  
Todos os homens são bons e todos assassinos.  
Afeiçoados a cães, constroem seus Dachaus;  
Queimam cidades inteiras e acariciam os órfãos;  
Clamam contra os linchamentos, mas apóiam Oakridge;  
Fazem projetos de filantropia, mas hoje a NKVD.  
Quem devemos perseguir, quem lamentar?  
É tudo uma questão de modas do momento,  
De palavras no papel, de rádios vozeirando,  
De jardins de infância comunistas ou primeiras comunhões:  
Só no conhecimento de sua própria Essência  
Deixam de ser os homens um bando de macacos. (HUXLEY, 1987b, p.46)

Como se vê, os dois últimos versos apontam o seu incipiente misticismo e são reveladores: a única saída para a humanidade reside no aperfeiçoamento, pelo autoconhecimento, de cada um de seus membros. Enquanto isso não ocorrer, o homem permanecerá dividido entre o bem e o mal, não importando se sua escolha é pelos “jardins de infância comunistas” ou pelo conservadorismo burguês-capitalista das “primeiras comunhões”. Em seus anseios de planejamento, o homem dividido entre o bem e o mal só tem mostrado a face negativa da utopia. Com isso, explica-se a

preocupação de Huxley registrada na escolha desta epígrafe para o *Admirável Mundo Novo* :

Les utopies apparaissent comme bien plus réalisables qu'on ne le croyait autrefois. Et nous nous trouvons actuellement devant une question bien autrement angoissante: Comment éviter leur réalisation définitive? ... Les utopies sont réalisables. La vie marche vers les utopies. Et peut-être un siècle nouveau commence-t-il, un siècle où les intellectuels et la classe cultivée rêveront aux moyens d'éviter les utopies et de retourner à une société non utopique, moins 'parfaite' et plus libre. (NICOLAS BERDIAEFF)

Tal passagem sintetiza a inquietação que o levava a imaginar o futuro descrito na obra. Como destaca muito bem André Carneiro, “é evidente que Berdiaeff se referia às utopias negativas, como a de *Brave New World*” (1968, p.91). Mas embora Carneiro siga lamentando a injustiça e o exagero de associar progresso científico à escravidão, a obra possibilita reflexões significativas a partir do receio sentido diante dos abusos desse progresso, ou seja, não se volta apenas à evolução tecnocientífica enquanto tal, mas, principalmente, aos valores utilitários e pragmáticos que podem ditar o seu uso. Daí o fato de Adorno considerar Huxley um liberal benthamiano muito incomodado diante dos resultados nada agradáveis de um “progresso” que deveria ocasionar “a maior felicidade possível para o maior número possível de pessoas” (cf. ADORNO, 2001, p.112).

O livro de Huxley, além de aproximar-se do gênero de ficção científica, também adquire um aspecto diferenciado ao enquadrar-se no gênero utópico. Esse duplo enquadramento da obra – ficção científica e utopia - acentua seu caráter reflexivo, superando assim a instância precisamente estética e tendendo às discussões ideológicas, pois, conforme Quartim de Moraes, a ficção científica obriga a uma tomada de posição ideológica, já que trata de uma “futura organização da sociedade e da fisionomia futura do homem” (MORAES, 1966, p.173) e a utopia, segundo Berriel, enquanto metáfora, ironia, alegoria ou discurso moral, “inevitavelmente discute problemas do tempo de seu autor” (2005).

Antes, porém, deve-se deixar claro que a obra se enquadra no gênero utópico enquanto distopia, por isso a dubiedade, para com a obra, entre os termos utopia e distopia também deve ser desfeita: esses termos se distinguem, entre outros aspectos, pelo teor de aceitação ou de rejeição que traduzem, ou seja, a utopia transformou-se

em sinônimo de algo bom e venturoso (e inalcançável); enquanto a distopia seria o seu contrário, isto é, algo indesejável por refletir uma realidade sombria e assustadora.

Quando se considera o *Admirável Mundo Novo* como utopia, deve-se cuidar para que isso não signifique que ele reflita um desejo do autor e, sim, a apreensão de uma onda de planejamento e ordenamento que nascia no seio de projetos utópicos e que resultaria em pesadelo. Assim, insistimos, o livro apenas se inscreve no gênero utópico da literatura, mas deve ser considerado uma distopia (ou uma antiutopia). Essa distinção é de muita relevância para determinar sob qual viés e com que olhos ela deve ser lida, já que pode tanto incriminar quanto absolver o autor de certas impropriedades.

Silvia Barei, ao resumir o pensamento de Borges acerca dos Huxley, aponta para um aspecto relevante da utopia:

Desde este punto de vista, el escepticismo de los Huxley – que es también el escepticismo de Borges – es una lección de fidelidad no a la verdad sino a la creencia de que la verdad es inaccesible a los hombres, por lo tanto toda verdad humana, toda ciencia, toda doctrina, son diseños del hombre que aspira a ordenar un mundo que siempre ha sido caótico: nació del caos y volverá a él (BAREI, 1999, p.135)<sup>1</sup>.

Logo, o impulso utópico nasce do desejo humano de ordenar (ou planejar) um mundo que se mostra caótico. Ocorre que, para Huxley, como dissemos, alguns projetos utópicos vinham resultando em formas de governo abomináveis, conforme podemos verificar ainda em sua biografia:

...there was the world, the post-war world of unemployment, inflation, revolution, led or handled by Poincaré, Baldwin, Lenin, Mussolini, President Harding. "I try to disinterest myself from politics [Aldous to Julian] but really, when things are in the state they are, one can't help feeling a little concerned...Society can less and less afford to be governed by imbeciles or even by charlatans of genius...These monsters will end up by making such a mess that we shall all suffer" (BEDFORD, 1973a, p.142).

Portanto, ele sentia a necessidade de um movimento antiutópico, no sentido de barrar esses impulsos utópicos que se mostravam desastrosos. Obviamente, essa negação da utopia era motivada – entre outras coisas - pela descrença de que o

---

<sup>1</sup> Trata-se de um capítulo do livro de Silvia N. Barei, *Borges y la crítica literaria*, em que ela analisa um artigo escrito por Borges em 15 de janeiro de 1937, na seção literária de *El Hogar*, cujo título era "La dinastia de los Huxley".

homem pudesse “corrigir” o mundo, pois sua comprovada inépcia era fruto da esparrela de achar que encontrara a verdade das coisas. Esse homem - logrado pela presunção da verdade, tendo à mão cada vez mais recursos tecnocientíficos e sedento de poder - podia ser extremamente nocivo à humanidade.

Mesmo diante do grande número de leitores e do patente manancial reflexivo da obra, as atenções dadas ao *Admirável Mundo Novo*, no Brasil, são superficiais, limitando-se, no mais das vezes, a breves referências em artigos de jornais e revistas e a pouquíssimos trabalhos acadêmicos, que, embora possuam seus valores, não fazem uma leitura atualizada da obra. Portanto, pretendemos apresentar uma leitura que possa contribuir de alguma forma para estimular reflexões pertinentes aos dilemas apontados.

Entendemos apenas que esse resgate requer uma leitura que aproxime os temas da obra do nosso presente e que destaque, ao final, um dos aspectos mais notáveis da modernidade: o caráter biopolítico das estratégias que pretendem aperfeiçoar a vida em sociedade. As promessas latentes de melhoria nascem, no mundo real, assim como no mundo fictício criado por Huxley, como compromissos humanitários e podem, da mesma forma que no *Admirável Mundo Novo*, resultarem no aniquilamento da dignidade humana.

Seguindo uma convicção de que a obra mereça ser revisitada, não podemos perder de vista os motivos que acreditamos terem-na levado ao abandono por parte da crítica literária. Além de pertencer ao gênero que, até certo ponto, continua sendo considerado subliteratura por alguns, outros motivos para o desabono dos críticos literários parecem ser a caracterização dos personagens e o teor conformista atribuído ao profundo pessimismo huxleyano.

Mesmo no passado, tendo seu lugar assegurado na Literatura Inglesa, não houve unanimidade com relação à qualidade literária de Huxley, como destaca sua biógrafa, Sybille Bedford: “Como autor literário, acho que não é tão bom como algumas pessoas acreditavam quando ele era jovem, mas não é tão ruim como alguns críticos diziam” (*Aldous Huxley: Darkness and light*, documentário, 1993). E uma das razões para essa falta de consenso certamente é sua inabilidade em compor personagens, que, para alguns, é imperdoável, como podemos notar nessas palavras de Carey: “Acho que ele é

um tipo especial de escritor. Grande escritor? É difícil chamá-lo assim. Na verdade, eu não acho que um escritor que retrata o ser humano de forma tão limitada possa ser um grande escritor” (IDEM).

Portanto, os limites da caracterização das suas personagens parecem ter sido, para alguns críticos, o limite do seu mérito como ficcionista. Nossa intenção é mostrar que Huxley trabalhava conscientemente nesse limite, e veremos ainda que, no caso do *Admirável Mundo Novo*, essa “insuficiência” foi providencial e atendeu perfeitamente às exigências de verossimilhança.

O outro aspecto - o teor conformista da obra – também costuma desaboná-lo, desagradando consideravelmente a vertente dos críticos marxistas. O caráter conservador e anti-utópico do texto huxleyano causou e causa indignação em muitos. Quando vemos, por exemplo, o renomado crítico Otto Maria Carpeaux julgando a obra *1984*, de George Orwell, como “um livro desagradável e pessimista”, por não oferecer “saídas’ aos personagens”, deduzimos que Huxley também não estaria livre desse seu ressentimento (Cf. CARNEIRO, 1968, p.92).

Dentre os que rebateram o “conformismo” huxleyano, ressaltaremos Theodor Adorno, com seu ensaio “Aldous Huxley e a Utopia”, cuja tese indica a concepção linear do desenvolvimento histórico e a desconsideração da “força motriz do movimento dialético” como causa do senão huxleyano, embora reconheça certas qualidades do romance. Sob registro desabonador, temos ainda a obra *Os Intelectuais e as Massas: orgulho e preconceito entre a intelligentsia literária*, do crítico John Carey, que aponta aspectos depreciativos em Huxley. Sobre essas críticas falaremos adiante. Por hora, é interessante notar também que os críticos literários brasileiros mais influentes possuem uma visada de esquerda, portanto, para eles, os dois “defeitos” huxleyanos – as personagens e o teor conformista - assumem uma dimensão maior, que parecem explicar o descaso para com a obra.

Nosso trabalho pretende, portanto, contemplar dois níveis de leitura: o nível propriamente literário, ao verificar a configuração dos elementos numa organização interna que descreva a totalidade de um modo de existência determinando o comportamento das personagens; e o nível ideológico, partindo do reconhecimento do conservadorismo huxleyano, mas destacando o valor das polêmicas levantadas pela

obra. Essa valoração buscará respaldo em alguns intelectuais que compartilharam certas preocupações de Huxley, dentre eles Sigmund Freud, Max Weber, Herbert Marcuse e o próprio Adorno. Com isso, esperamos por em relevo a pertinência da obra e tentar minimizar as censuras de Adorno e Carey, sobretudo ao confrontarmos os temores huxleyanos com as observações feitas por Hannah Arendt sobre o Totalitarismo e por Giorgio Agamben sobre Biopolítica.

Em primeiro lugar, verificaremos o cuidado com que Huxley organizou seu universo fictício, tentando mostrá-lo através da análise dos elementos da sua narrativa, que apresentam vários pontos de articulação com as teorias de seu tempo. A partir desses mesmos elementos – especialmente o espaço e as personagens - refletiremos sobre as idéias que se aproximam da nossa realidade contemporânea.

Acreditamos que a ficção huxleyana revela, muitas vezes, um ser humano melhor do que aquele que se apresenta nos ensaios. Em suas novelas, ele tentou resistir aos efeitos desumanizadores possibilitados pelos abusos tecnocientíficos, apontando-os a todo instante, enquanto, nos ensaios, apresentou considerações reprováveis sobre eugenia e controle do crescimento populacional, tornando evidente sua herança do darwinismo social, criado no século XIX, por Herbert Spencer, cuja teoria reunia as idéias de Thomas Malthus, acerca do controle populacional e de Charles Darwin, sobre a evolução das espécies. Essas teorias receberam contornos ainda mais assustadores quando Francis Galton postulou que a genética da raça humana deveria ser aperfeiçoada para que se melhorassem as gerações futuras.

Esses aspectos, subentendidos no discurso de alguns ensaios huxleyanos, tornam-se incoerentes quando lemos o *Admirável Mundo Novo* e, depois, o seu prefácio de 1946. Num e noutro, notamos o tom de rejeição àquelas barbaridades, reforçando nossa crença de que sua verdadeira personalidade se oculta nas entrelinhas da sua ficção. Liberto de qualquer vínculo com filosofias e teorias reducionistas, Huxley assume suas incoerências quando diz que os homens insistem em querer ser “monstros de rígida coerência”, afirmando ainda:

Contrariando os fatos, eles fazem de conta que são uma única pessoa o tempo todo, entregues a um só conjunto de pensamentos [...] Minha música, como a de qualquer outro ser vivo e consciente, é um contraponto, e não uma simples melodia, uma sucessão de harmonias e dissonâncias. Eu sou ora uma pessoa ora outra. [...] Quanto a mim, o prazer de viver e de

raciocinar já superou de muito aquele prazer real de pretender ser coerente. Prefiro correr o risco de ser livre e vivo a ser mumificado com total segurança. Daí condescender com minhas incoerências. Trato de ser eu mesmo com sinceridade... (HUXLEY, 1975, pp.151 e 152).

Huxley desejava a melhoria da qualidade de vida no planeta, embora, algumas vezes, essa melhoria parecesse limitada à sua classe. Ele defendia que o estado de coisas mais admirável seria aquele descrito em algumas utopias de Wells: a troca de funções, ou mais precisamente o revezamento entre o trabalho intelectual e o não-intelectual. Mas, não acreditava que os homens que se achavam superiores possuíssem a “doce razoabilidade e tolerância mútua necessária” a tal combinação: “os socialmente eficientes e os intelectualmente dotados são precisamente aqueles que não se contentam em ser governados...” (HUXLEY, c1927, p.232).

Se nos prendermos totalmente às incoerências huxleyanas e às declarações condenáveis que o associavam aos eugenistas, talvez não encontremos motivação para ler suas obras esperando colher bons frutos. É a partir do teor crítico das suas novelas que surge a possibilidade de resgatar o melhor do homem Huxley, que viria, posteriormente, a se desvelar mesmo nos ensaios da maturidade. Assim, por exemplo, mesmo com todo o pessimismo que perpassa o *Admirável Mundo Novo*, não há como admirar um mundo que oprime. Quanto a isso, vale destacar as palavras de Adorno acerca do romance:

O pensamento que não deixa saída alguma já implica de antemão a liquidação de tudo que não é assimilado, uma liquidação diante da qual o próprio Huxley se apavora, e com razão. A consequência prática do dito burguês “não há nada a fazer”, que ecoa por todo o romance, é justamente o pérfido “deves te acomodar” do *Brave New World* totalitário (2001, p.111).

Assim, ler o *Admirável Mundo Novo* como a representação de um *modus vivendi* que prima pela assimilação e pela falsa consciência, liquidando toda a autonomia crítica, pode “apavorar” e despertar reflexões acerca da condição em que se colocam os homens sob um mercado capitalista capcioso e perverso. Além disso, como ressaltou o próprio John Carey, o livro precisa ser lido por motivos ainda mais atuais:

Huxley escreveu um livro que foi um best seller não só no século XX. E você precisa lê-lo se quiser conhecer não só os anos 30, mas também se informar sobre utopias e utopias possíveis. As

possibilidades da ciência que, ao que parece, logo estarão se cumprindo e de como se posicionar eticamente quanto a esse assunto. É fundamental lê-lo (*Aldous Huxley: Darkness and light*, 1993).

Portanto, o efeito causado pela obra e as questões que ela levanta são de extrema importância para o nosso tempo. No limite, ela apresenta sinais que podem nos auxiliar na reflexão sobre o momento de transição de valores que vivenciamos, revolvendo questões centrais no discurso sobre a contemporaneidade: ética na ciência, irracionalismo, desumanização, alienação, valores invertidos, fim da utopia etc. Arthur Nestrovski, na apresentação do documentário sobre Huxley – *Darkness and Light* - exibido pela TV Cultura, pondera que talvez ele “não seja um dos maiores escritores do século XX, mas concentra melhor do que ninguém alguns dos paradoxos que viriam a dar no mundo nem tão admirável ao nosso redor”.

Mesmo com os julgamentos dos críticos e o próprio reconhecimento de Huxley acerca de suas limitações e incoerências, há que se considerar que, num universo de 47 livros publicados ao longo de sua vida, entre romances, ensaios, biografias e poemas, são os romances que ficaram na memória dos leitores. Dentre eles, notadamente este que analisaremos - o *Admirável Mundo Novo* - escrito no ano de 1931, em apenas quatro meses, e publicado em 1932. Considerada a obra pioneira do romance distópico na Inglaterra, ironiza o otimismo presente nas utopias de Wells (Cf.BURGESS, 1996, p.265).

Huxley não ofereceu soluções explícitas nem implícitas aos problemas do seu tempo, apenas adotou uma postura condizente com a modernidade clássica que funcionava em oposição à sociedade, numa atitude considerada por alguns como revolucionária. Quanto a isso, analisaremos, ainda, o seu lugar entre o modernismo e o pós-modernismo. De nossa parte, também não procuraremos trazer soluções para os problemas que se delineiam no horizonte da pós-modernidade. A nossa análise do *Admirável Mundo Novo* tem como um dos objetivos - além daqueles de interesse estético-literário – chamar a atenção para algumas questões que nos foram suscitadas com a sua leitura e que revelam a sua atualidade.

Em nosso presente existem certos fatores que apontam para as possibilidades previstas em suas linhas, ou melhor, avultam em nossa civilização vários elementos que tornam possível um mundo desumano semelhante ao da obra. O *Admirável Mundo*



*Novo*<sup>2</sup> pode e deve ser lido como um alerta diante dessa funesta possibilidade e, a partir desse alerta, podemos evitar certos padrões de comportamento e delinear uma sociedade mais humana, mesmo que, aparentemente, o livro não tenha pretendido alimentar utopias.

---

<sup>2</sup> De ora em diante citado como AMN.

## II. A CRÍTICA

Antes da análise propriamente dita, apresentaremos alguns comentários que – direta e indiretamente - envolvem o fazer literário e a recepção crítica de Huxley. A intenção é apresentar um simples panorama dos julgamentos sobre a caracterização das personagens e sobre o teor reacionário da obra, além de esboçar as razões que levaram o prestígio do autor ao declínio. Em seguida, ao tratarmos dos “Elementos da narrativa”, tentaremos mostrar o nível de organização da obra e a inter-relação entre as partes e o todo, a fim de comprovar o seu cuidado estético.

### 2.1 – A recepção do autor e da obra

Entre os críticos, os juízos acerca de Aldous Huxley são muito parecidos, o que nos permite discriminar os motivos que o colocaram na exata posição em que se encontra na Literatura Inglesa: um autor interessante. O consenso acerca de sua representatividade na segunda década do século XX é inquestionável, conforme vemos nestas palavras de Walter Allen: “The twenties and Huxley are inseparable; he helped to create its atmosphere and also the change of atmosphere in which the decade ended” (1986, p.41). E estas de Edwin Muir: “no other writer of our time has built up a serious reputation so rapidly and so surely” (in MECKIER, 1969, p.01).

Essa reputação literária se deveu, sobretudo, as suas primeiras novelas, *Chrome Yellow* (1920) e *Antic Hay* (1923). A primeira, segundo Allen, era agradável e espirituosa, enquanto *Antic Hay* era mais brilhante e também sombria (cf. ALLEN, 1986, p.42). Daiches observou que essas novelas foram as mais interessantes do ponto de vista literário: “they are some of the best examples of their time of the novel as expository fable illustrating contemporary doubts and dilemmas” (1960b, p.1137). Mas, conforme Allen, o brilho parece ser um pouco ofuscado quando, na próxima novela, *Those Barren Leaves* (1925), Huxley assume um tom mais sério e solene (ver ALLEN, p.42).

De qualquer forma, o que certamente atraía em suas obras, acarretando-lhes imensa popularidade, era a força de suas idéias:

What excited one in his novels thirty years ago, one now realizes, were the ideas they contained, ideas expressed with a wit that then seemed incomparable. His novels were, so to speak, the machinery by which he projected his ideas (ALLEN, 1986, p.42).

Em função dessa atração exercida pelas idéias e pela forma de apresentá-las, até mesmo sua fragilidade literária, a princípio, foi desconsiderada, como podemos perceber nessa passagem de Isaiah Berlin:

From that moment my friend advanced intellectually, and has become one of the most admired and productive men of learning of our day. It is not this therapeutic effect, however, that appealed to the young men of my generation so much as the fact that Huxley was among the few writers who, with all his constantly commented upon inability to create character, played with ideas so freely, so gaily, with such virtuosity, that the responsive reader, who had learnt to see through Shaw or Chesterton, was dazzled and excited (BERLIN in HUXLEY (ed.), 1965, p.145).

No entanto, ainda que a inabilidade na composição das personagens não atrapalhasse sua reputação inicial, com o tempo, alguns críticos demonstraram seu ressentimento para com ela, o que, conseqüentemente, refletiu sobre seu prestígio. James Sutherland foi um deles, ao dizer que as novelas de Huxley, “which are still being reprinted, read, and enjoyed, but it may be doubted that many of them will survive the century” (1958, p.132).

Alfredo Leme Coelho de Carvalho, cuja tese de doutorado se intitula *A ficção distópica de Huxley e Orwell*, nos alerta para a queda de sua reputação, dizendo, inclusive, que foi por isso que seu falecimento passara quase despercebido e não - como alguns costumam justificar - pelo fato de ter ocorrido no mesmo dia que o de John F.Kennedy (cf. CARVALHO, 1969, p.73). Essa observação valiosa pode ser inferida do depoimento de Isaiah Berlin, que destacou o respeito com que continuaram sendo recebidas suas obras, embora sem o costumeiro entusiasmo (cf. BERLIN in HUXLEY, 1965, p.148).

Certamente, o arroubo literário que levou o jovem Huxley a ser tão respeitado fora perdendo sua ênfase e encanto, mas isto parecia previsível num autor em que a razão dominava a ficção. Carvalho observa que: “Huxley era demasiado racional para ser um bom romancista. Não o apaixonava a evolução dos personagens, mas a discussão de suas idéias” (1969, p.78).

O entusiasmo pelas idéias foi assumido junto com a posição de ensaísta e o reconhecimento das falhas como ficcionista: “De certa forma, eu penso que pode ser meio fraudulenta a minha pretensão de ser escritor. Talvez eu seja de fato um ensaísta que usa a forma do romance e que gosta muito disso” (ALDOUS HUXLEY, 1993). A racionalidade em demasia surge como a característica mais notória em seu personagem Philip Quarles, do romance *Contraponto* (1928), sobre o qual falaremos mais adiante.

Portanto, parece evidente que, não só sua reputação do passado, como sua permanência no gosto dos leitores atuais, deve-se ao vigor de suas idéias. Frederick R. Karl e Marvin Magalaner destacaram esse caráter da sua condição de escritor, ao dizerem:

Una vez notado esto, vemos que el verdadero valor dramático de las novelas de Huxley reposa en el conflicto de ideas, en las relaciones entre personaje e idea o en las tensiones entre diversas fuerzas históricas. En muchas de las novelas de Huxley, el centro del interes dramático es una idea y no el personaje que la representa (1969, p.236).

Douglas Hewitt , por exemplo, assinala o valor profético dessas idéias ao dizer que Huxley era um “explorer of Utopia who has provided us with a fable which still seems to have some validity” (1988, p.89). Aspectos confirmados e acentuados por essas considerações de um de seus estudiosos, Jocelyn Brooke:

Huxley was also a popularizer, not only of aesthetic and philosophic, but also (like Wells) of scientific ideas; he too – though in a somewhat different sense – was both a revolutionary and prophetic writer; and, most notably, he was, like Wells before him, the ‘typical’ writer of his generation, and a major influence upon the young intelligentsia of his time (c1963, p.5).

Ademais, Brooke relata também a força de um estilo que contrastava com o dos velhos escritores, causando impacto e afetando a inteligência da época. Com a mesma veemência, Ifor Evans expõe seu parecer acerca do escritor: “Nenhuma inteligência mais delicada se consagrou à ficção durante este século...” (EVANS, 1976, p.322). Anthony Burgess, cuja obra *Laranja Mecânica* sofrera grande influência huxleyana, não foge a esse rol dos que se entusiasmaram com as obras de Huxley, afirmando que este “equipou o romance com um cérebro”. Por outro lado, Karl e Magalaner acreditam

que ele tenha tido mais êxito na formulação de uma filosofia moderna, do que na criação de uma técnica novelística moderna (1969, p.09).

W.W. Robson, após indicar sua herança intelectual aristocrática, acrescenta:

By temperament he was an observer, a collector of human curiosities... Although Huxley often changed his conscious philosophy, his outlook on life always remained that of an aesthete. He valued 'experience' above everything else.

[...]

Huxley's early novels won fame for their febrile brittleness, their reflection of the deflationary, mocking spirit of the post-war generation. They satirize the perversity of sophisticated culture in our time...is a moralist. There is a note of protest in his work (1970, pp.104 -105).

Ainda que se evidenciem essas manifestações de entusiasmo, Huxley foi criticado pelos que observaram deficiências literárias em suas novelas, embora muitos apenas repetissem os mesmos juízos acerca de sua pessoa e sobre o teor crítico e moralista de suas obras. A exceção parece ter sido Jerome Meckier, que em seu *Aldous Huxley: Satire and Structure* se propôs a reabilitar sua reputação como novelista: "Throughout the following pages, the focus is on Huxley's eleven novels in the hope of rehabilitating his reputation as a novelist" (1969, p.4).

No Brasil, além do interesse de Érico Veríssimo sobre as obras huxleyanas, temos o professor Antonio Candido, que afirmou ter recebido o autor inglês com o mesmo entusiasmo que este causou à sua geração, conforme vemos nesse trecho de uma entrevista concedida, em 1987, à Heloisa Pontes:

Líamos muito e discutíamos nossas leituras, brasileiras e estrangeiras. Certos autores despertavam grande entusiasmo, como Aldous Huxley, Somerset Maugham, Charles Morgan, Lawrence, sem falar de Gide e Proust (PONTES, "Entrevista com Antonio Candido", 2001).

Outro crítico, Anatol Rosenfeld, não chega a desmerecê-lo, tratando-o até como "gênio de infinita versatilidade", mas concorda que, como novelista, Huxley é apenas interessante, tendo se consagrado, particularmente, como ensaísta (v. ROSENFELD, 1994, p.195). Para Rosenfeld, "a criação artística é um ato de amor" e a missão do artista é "erótica", como dizia Thomas Mann. Ele deve ser um elo intermediário entre espírito e vida e esta parece ausente da novela huxleyana porque, no autor, prepondera o vigor do intelecto, realçando as idéias e impedindo que elas se revistam do calor próprio da vida (cf. ROSENFELD, 1994, p.196).

Rosenfeld ainda desenvolve um argumento interessante a respeito do vazio das personagens huxleyanas: é o resultado do isolamento que desintegra o indivíduo. Huxley teria sido vítima desse isolamento, pois lhe faltava a “capacidade íntima de simpatia” e isto “determinou de uma certa maneira a evolução do seu pensamento e da sua ficção” (Ibidem, p.196). De qualquer forma, Rosenfeld aponta, além da predisposição particular de Huxley, um mal-estar generalizado que se refletia nas obras da época.

Ainda que Rosenfeld tenha se referido ao peso do mal-estar sobre os espíritos, ditando a postura cética e niilista da época, os reflexos históricos agem também de outro modo sobre a obra literária. Isso fica claro em Georg Lukács, que considera o gênero romanesco como uma forma que expressa a fragmentação do indivíduo moderno causada pela fragmentação do real. Para ele, o romance é uma forma tipicamente burguesa que apresenta os efeitos desconcertantes da modernidade e equivocam-se aqueles que justificam a determinação do fenômeno artístico mediante um condicionamento econômico:

O defeito maior da crítica sociológica da arte consiste na sua busca e análise dos conteúdos das criações artísticas com o objetivo de estabelecer uma relação direta entre eles e determinadas condições econômicas. O verdadeiramente social da literatura é a forma [...] em certas épocas históricas só são possíveis certas concepções de vida [...] determinadas visões do mundo dão origem a umas formas determinadas, possibilitam-nas e, do mesmo modo, excluem outras *a priori* (LUKÁCS, 1981, pp.174 e 175).

A forma de expressão huxleyana consegue representar o desconcerto do mundo moderno, cujo afastamento entre sujeito e objeto atingiu o limite. Até certo ponto, Huxley parece modernizar a forma em busca de uma expressão mais realista do conteúdo de um mundo dominado por interesses capitalistas, mas descuida da potencialidade reacionária dessa mesma forma contaminada. Porém, mesmo isso foi considerado por Lukács (1981):

Também o espírito criador é pouco consciente da forma. Tem vivências e problemas técnicos; luta por uma expressão imediata e seus problemas referem-se à forma e a outras dificuldades para além dela. E, freqüentemente, em toda esta luta, ele não tem consciência de que as soluções técnicas unicamente são caminhos que conduzem à forma... E, mais freqüentemente, os artistas não sabem que o que denominam “vivência”, vida (isto é: vida como tema de criação), nunca está livre da forma (p.174).

No entanto, essas ressalvas lukacsianas não parecem suficientes para livrar Huxley da aproximação com ocorrências poucos louváveis no âmbito da criação literária. Embora não se refiram diretamente a ele, alguns dos nossos mais respeitados críticos literários apresentam certas passagens que envolvem seu nome, deixando-nos a impressão de apoucamento da sua criação. É o caso de Alfredo Bosi e do mesmo Antonio Candido ao tratarem, por exemplo, da produção literária de Érico Veríssimo. Segundo esses críticos, Veríssimo teria recebido a influência de alguns escritores ingleses, entre eles Huxley, cuja obra, *Contraponto*, traduziu em parceria com Leonel Vallandro.

Bosi, por exemplo, lembra-nos das reservas da crítica para com a obra de Veríssimo, devido à sua notável popularidade. Dentre “os defeitos de fatura que mancham a prosa do romancista”, destaca o abuso nas repetições, a incerteza na concepção das personagens e o uso convencional da linguagem. O problema com a concepção das personagens nos interessa, sobretudo, pela analogia com a situação literária de Huxley que foi criticado pela mesma razão. Além disso, a “mediedade” atribuída à ficção de um primeiro Veríssimo, estende-se a Huxley nessa passagem:

E a técnica do contraponto, aprendida em Huxley, veio ajudá-lo a passar rapidamente de uma situação a outra, salvando-se de um escolho que lhe seria fatal: o ter que submeter a análises mais profundas as tensões internas dos protagonistas. Assim, o cronista feliz impediu que aparecesse um mau intimista (BOSI, 1988, p.461).

O defeito de “mau intimista” estende-se a Huxley, sem dúvida. E não é o caso de querer, aqui, desmentir o crítico, que também não fechou os olhos “aos evidentes defeitos de fatura” do nosso escritor gaúcho. Huxley também se suscetibiliza pela forma de compor suas personagens, mas, como ponderou nosso crítico, “trata-se de compreender o nexo de intenção e forma” (ver BOSI, 1988, p.461).

Outro ensaio sobre Veríssimo, agora do professor Antonio Candido, além de contemplar as observações feitas pelo professor Bosi quanto à popularidade “desprezada” pelas elites, atinge mais diretamente a figura de Huxley ao dizer

Depois que se espalhou a versão de que o escritor gaúcho era um copiador de Huxley, os famosos “meios cultos” lavraram a sua sentença: vulgar, sem originalidade, cortejador do êxito fácil, imitador dos ingleses. E nesta atitude permanecem ainda hoje os espíritos finos, de gosto

delicado, que não toleram literatura em que não haja heróis de insondável profundidade, carregados com todos os problemas da terra. Se possível, que haja angústias tremendas de ordem moral ou metafísica (CANDIDO, A., 1992, pp.69-70).

Claro que o professor Candido está criticando a posição intransigente das elites e não os escritores Érico Veríssimo e Aldous Huxley, da mesma forma que a censura das elites busca respaldo na acusação de imitador e cortejador de êxito fácil, o que não se refere ao inglês. Mas, mais adiante, Candido apontará no escritor gaúcho as mesmas mazelas percebidas por Bosi e, novamente, pode-se estabelecer um paralelo com a obra huxleyana que comete as mesmas faltas.

Em outro ensaio, no mesmo livro, Candido, ao analisar *A Revolução Melancólica*, de Oswald de Andrade, sinaliza possibilidades de alusão à obra huxleyana. É interessante, por exemplo, vermos o professor falando sobre “a falta de autocrítica literária” de Oswald, pois o mesmo pode ser dito a respeito de Huxley, que se auto-acusa no prefácio que escreveu, em 1946, para o AMN, pois, ao fazer um balanço da obra, sua preocupação limitou-se especialmente às idéias expostas no livro, dando pouca importância aos possíveis deslizes literários ou, como ele mesmo disse, preferindo “deixar o bom e o mau como estão e pensar em outra coisa” (HUXLEY, 2001, p.22).

Na verdade, Huxley buscou constantemente o melhoramento de sua criação artística, mas cuidou da forma somente enquanto meio de expressão artística e não atentou para o seu potencial ideológico, como previra Lukács, que, como outros, valorizava a forma como o “verdadeiramente social da literatura”.

Otto Maria Carpeaux admirou-se com o fato de Huxley, um “herdeiro da mais requintada aristocracia intelectual inglesa”, ter confessado sua adoção da *Enciclopédia Britânica* como livro de cabeceira. A desconfiança do crítico em relação à “famosa cultura enciclopédica” do escritor inglês parecia resultado, entre outras coisas, do fato de Huxley ter dito, segundo Carpeaux, “alguma coisa sobre a bondade como fundamento da poesia”. Diante disso, Carpeaux ironizou sua cultura ao dizer que Huxley ainda não havia chegado à letra “V” da estimada enciclopédia, pois se o tivesse feito teria que se render ao “fenômeno surpreendente” que fora François Villon: “o mendigo, escroque, vagabundo, sacrílego e assassino, desafia a tudo que é culto e fino;



mas não ao humano”, mesmo não sendo “um grande intelectual, nem um nobre” (ver CARPEAUX, pp. 716 e 722).

Em sua monumental *História da Literatura Ocidental*, Carpeaux confirma a popularidade huxleyana, mas o tom crítico a respeito de sua qualidade de escritor permanece. Tratando da época apelidada pelos ingleses como “Waste Land”, cuja abolição dos valores e critérios vitorianos representa o principal aspecto, diz o seguinte:

O escritor mais característico dessa época é, ou antes foi, Aldous Huxley. Há trinta anos, Huxley foi um dos romancistas mais famosos da literatura universal. Comparavam-no a Proust e Gide. Hoje, essa glória já diminuiu muito [...] Huxley é homem cultíssimo, tipo de “high brow” [...] A sua análise sutil dos valores decadentes da sociedade também parece servir para o fim da libertação dos instintos primitivos, pelo menos nos outros: porque o próprio Huxley desejava conservar o papel de crítico em disponibilidade gídiana. Muito cedo, um crítico lhe predizia que acabará no romantismo. Logo, o modernista de há trinta anos se tornou um estudioso da mística e do ocultismo, defendendo os valores espirituais contra a utopia da técnica [...] E os grandes romances de Aldous Huxley só ficam como documentos de uma época que já passou: do “Waste Land” (CARPEAUX, 1966, pp.3196-3197).

O problema dessa época - que também produzira advertências sérias contra a perigosa e reinante euforia capitalista – foi o fato de que muitos escritores cometeram o erro da ambivalência: atacaram e fomentaram, ao mesmo tempo, o “Waste Land”, já que, para Carpeaux, além de não terem compreendido “os motivos econômicos e sociais da atitude ‘expansiva’ depois do armistício”, “limitaram-se à indignação estética, assim como os pacifistas se tinham limitado, durante a guerra, à indignação moral” (1966, p.3199).

Esse tipo de ambivalência, diante das mudanças de valores, pode ser divisada nas obras huxleyanas, assim como nas de seus contemporâneos, como sentimentos de uma geração perdida: “ironia, cinismo, desilusão, sentimento da perdição universal; enfim, o niilismo absoluto” (CARPEAUX, 1966, p.3211). Por mais que o período primasse pela renovação dos valores, esses escritores aristocratas se condoíam de verem muitos deles sendo destruídos. No AMN, por exemplo, perceberemos a ambigüidade huxleyana que, para criticar os dois mundos, o velho e o novo, tem que se amparar em alguma moral, irrelatada, mas, sem dúvida, colhida no ambiente vitoriano. Ambos os mundos o atraem e o afastam ao mesmo tempo, dividindo-o, portanto, entre a modernidade e a tradição.

Ainda entre nós, nos últimos tempos, quem manifestou uma atitude mais receptiva para com a obra huxleyana foi o professor João Alexandre Barbosa, que além de ter prefaciado a obra *O Macaco e a Essência*, editado em 2004 pela Globo, escreveu artigos para a revista *Cult* (em julho de 2001) e para a *Gazeta Mercantil* (em abril de 2003), ambos tratando do autor enquanto ensaísta, a partir do relançamento de seus *Complete essays*. No texto de 2001, conquanto o interesse do crítico recaísse sobre os ensaios, este trecho contempla, *en passant*, a obra ficcional do autor inglês:

Entre os anos 20 e 40 do século passado, seja como romancista, seja como ensaísta, Aldous Huxley foi uma presença constante nas letras e não somente as de língua inglesa: as suas obras eram traduzidas em todos os lugares e é mesmo difícil dizer onde não foram vertidos, por exemplo, romances como *Contraponto*, de 1928, ou *Admirável mundo novo*, de 1932 [...] E embora seus livros jamais tenham deixado de ser reeditados, e mesmo no Brasil, amplamente traduzidos e publicados pela Editora Globo nos anos 40 e 50 (e pela mesma editora e por outras em anos recente)... (BARBOSA, 2001, p.12).

Neste mesmo artigo, Barbosa ressalta que o impacto huxleyano se deveu, sobretudo, às experiências e registros acerca dos alucinógenos (mescalina e LSD) que experimentara sob acompanhamento médico, o que o transformou numa “espécie de guru da contracultura”. Essas experiências teriam marcado definitivamente a sua posteridade como intelectual e como escritor. O que ele sugere com isso é que, hoje, Huxley é mais lembrado por esses fatos. Realmente, se considerarmos a grande popularidade do rock’n roll e o fato de Huxley ter inspirado o nome da banda de Jim Morrison, *The Doors*.

Porém, independentemente da temática dos ensaios huxleyanos, Barbosa deixa claro que ele merece atenção especial por suas qualidades nesse campo, no que lembra a manifestação elogiosa de T.S.Eliot a respeito: “His reading was immense, his taste impeccable, and his ear acute [...] His place in English literature is unique and is certainly assured” (in HUXLEY (ed.), 1965, pp.31 e 32).

Esta passagem, assim como as costumeiras considerações de nosso crítico brasileiro acerca do autor inglês, sugere o valor de Huxley enquanto ensaísta, acima do seu valor de ficcionista. Barbosa, por exemplo, não se cansa de frisar a “amplitude temática dos ensaios, indo desde as artes até a filosofia, a ciência, a religião, a história e a política” (2001, p.13). Ressalta ainda:

...uma completa ausência de especialização e, por isso mesmo, de qualquer caráter didático, o que o aproxima...à tradição do *familiar essay* [...] Um tipo de ensaio que, apelando para a experiência pessoal não só do escritor como do possível leitor, escolhe os seus temas por entre aqueles que sejam capazes de despertar relações de interesse [...] Nesse sentido, intuição e inteligência, sem desprezar os elementos ocasionais de erudição, são fundamentais como articulações entre o escritor e o possível leitor [...] É, na verdade, o ensaio como modo de diálogo... (BARBOSA, 2001, p.13)

O interessante é que essa conversa que o ensaio huxleyano propõe, num “clima de convivência cordial e civilizada”, reflete-se em seus romances. Isto, para Barbosa, “é a forma do ensaio encontrando a sua melhor tradução na estrutura narrativa” (2001, p.14). É evidente o transporte de seus interesses temáticos para o universo da novelística, fato que levou Carpeaux a dizer que “seus romances são ensaios disfarçados em ficção”, afirmando ainda que Huxley teria experimentado novas técnicas novelísticas somente para incrementar esse disfarce (cf.1966, p.3197).

O que fica claro é que Huxley foi considerado um escritor muito representativo num certo período, ou seja, seu sucesso fora passageiro como costuma acontecer com artistas que se popularizam rapidamente, mas parece nunca ter caído totalmente no esquecimento, o que lhe confere alguma grandeza. O declínio, porém, parece ter ocorrido em função de um desvio de interesses: a visão moral interferia cada vez mais em sua arte e, para alguns, isso prejudicava sua ficção. Para Jerome Meckier, seu descrédito teve início ao fim dos anos trinta. Segundo ele, a remoção de Huxley da lista em que David Daiches colocara os maiores novelistas do século fora um sinal de declínio do seu prestígio (ver MECKIER, 1969, p.03).

De qualquer forma, Aldous Huxley é um fenômeno complexo. Quando se analisa as observações sobre ele, percebe-se um titubeio em tirá-lo de cena, e o que parece mantê-lo na ordem do dia são suas idéias. Isto pode ser inferido observando-se o percurso da crítica a seu respeito: na década de 20, sua reputação era irrefutável, era “the ‘typical’ writer of his generation, and a major influence upon the young intelligentsia of his time”, como dissera Brooke; ao fim dos 30, ela começa a decair em função de uma espécie de reavaliação de sua habilidade como ficcionista, denotando o ressentimento de alguns críticos perante seu fazer literário, ao mesmo tempo em que parece haver um movimento para realçar suas qualidades enquanto ensaísta, de onde

surgem insinuações de que ele é melhor neste campo do que no da ficção (notadamente Daiches, ver MECKIER, 1969, p.03).

O que se evidencia - nesses seus passeios entre a ficção e o ensaio - é que o que avulta são as idéias, são elas que dão força aos seus ensaios e ficções, entretanto não podemos desprezar sua capacidade de encarnar essas idéias, fato cujo débito cabe às suas novelas mais representativas de uma geração perdida entre valores e dúvidas. Ora, dentre essas novelas, escolhamos a que parece ser mais pertinente ao momento atual, o *Admirável Mundo Novo*. A seu respeito, Esteban Pujals diz que, além de ser uma “brillante fantasía” é

...uno de sus libros más conocidos: fantasía futurista en que el autor abandona su acerada crítica del hombre y de la moral moderna para mostrarnos lo que puede llegar a ser la vida, si la humanidad se deja conducir por la idea progresista tal como la conciben algunos de los políticos y sociólogos modernos. La novela es una advertencia contra la opinión dominante en los años treinta, cuando se creía que el progreso seguía una línea ascendente que llevaba a la cumbre del bienestar y a la solución de todos los problemas humanos mediante la ciencia manejada por la política y la sociología [...] Huxley considera que la idea del progreso y el nacionalismo son dos fuerzas fatales, que han empujado al hombre a alterar el equilibrio de la naturaleza y a precipitarse hacia su propia ruina (1988, p.683).

Em verdade, essa força residente nas idéias nasce do profundo conhecimento científico do autor. Para André Carneiro, “os maiores acertos e verossimilhanças” no tratamento que Huxley dera ao futuro se devem a sua grande cultura científica (cf. 1968, p.92). Acreditamos que essa cultura, unida à sua brilhante imaginação, rendeu as páginas que nos surpreendem pela atualidade. Mas, é justo ressaltar que o poder de convencimento do livro não se limita aos temas que lá se encontram. Esse poder se alia a certa capacidade de encarná-los num mundo fictício, envolvendo-nos obviamente com sentimentos distintos dos que costumam ser despertados pelo ensaio. As idéias são apresentadas a partir de personagens que poderiam ser cada um de nós. Portanto, certamente não são apenas as idéias apresentadas no AMN que o mantém interessante. Segundo W.W.Robson:

In *Brave New World* (1932) he gave us a memorable example of a gloomy modern genre... *Brave New World* is more forceful than Huxley's early satires because Huxley has arrived at a more satisfactory resolution of his own point of view. He no longer protects himself by satirizing everything (1970, pp.104 -105).

Logo, seria fraudulento de nossa parte querer ocultar o interesse pelas idéias, mas também julgamos interessante o contexto e a forma como elas foram inseridas. Posicionamo-nos como mediadores nesse cabo-de-guerra cujos extremos se compõem, de um lado, por aqueles que destacam o ensaísta e, do outro, pelos que tentam resgatar o ficcionista, levando em consideração o parecer de Carey sobre Huxley: “um tipo especial de escritor” e que merece ser lido (“É fundamental lê-lo”). Por que “especial” e por que “merece ser lido”? Acreditamos que seja especial por ter encontrado uma forma condizente com suas próprias limitações como ficcionista, dando conta de encarnar, satisfatoriamente, idéias atualíssimas, fazendo com que “mereça ser lido”.

Sua atualidade, entretanto, é desprezada pelo nosso escritor gaúcho, Moacyr Scliar, numa resenha que fizera para a edição da Globo de *Também o cisne morre*, sob o título “O bom (e velho) Aldous” (*Revista Veja*, 27/03/2002). Neste artigo, Scliar reconhece que Huxley foi “um daqueles intelectuais raros, capazes de escrever sobre vários temas de maneira lúcida, cativante – e freqüentemente polêmica” e que “com seu olhar mordaz, produziu livros cujo interesse se mantém”, mas, ele prossegue dizendo que “é preciso reconhecer, contudo, que alguns aspectos de sua obra envelheceram. Seus exercícios de futurologia e suas especulações com temas científicos (ou pseudocientíficos) freqüentemente dão um sabor datado a seus textos” (2002).

Não podemos negar que “alguns aspectos de sua obra” tenham envelhecido, mas definitivamente está longe de ser os seus “exercícios de futurologia” sobre temas científicos. Nosso escritor brasileiro que nos perdoe, mas parece que perdeu uma grande oportunidade de frisar a incontestável atualidade do AMN, cujo tratamento da clonagem humana demonstra que esta obra envelheceu muito bem. De qualquer maneira, Scliar teve a lucidez de perceber o interesse mantido sobre as obras de Huxley, que, se não foi pela atualidade, só pode ter sido pela qualidade literária.

O professor João Alexandre destaca o fato das obras huxleyanas não terem deixado de ser traduzidas, publicadas e reeditadas (rever p.30 deste texto). Conforme o próprio Scliar salientou, o escritor gaúcho Érico Veríssimo foi responsável pela divulgação de várias das obras mais importantes de Huxley. Estas obras foram lançadas principalmente pela Editora Globo, cujas edições mais atuais são o *Admirável*

*Mundo Novo* e *A Ilha*, ambos de 2001; *As portas da percepção* (2ª edição), *Contraponto* e *Também o cisne morre*, todos de 2002; e a mais recente edição de *O Macaco e a Essência*, em 2004. Vale ressaltar que o *Admirável Mundo Novo* teve sua primeira edição em 1941; a 19ª reimpressão, em 1996; e está, agora, na 2ª edição, que é a de 2001.

Nos Estados Unidos, as edições pela Harper USA são ainda mais recentes, sendo que *Island* saiu em 2002; *The Doors of perception* e *The Perennial Philosophy*, em 2004; *Grey Eminence* e *Ape and Essence*, em 2005; e, em 2006, comprovando o interesse sobre as obras huxleyanas, foi editado *Brave New World* e *Brave New World revisited*, título que no Brasil foi traduzido como *Retorno ao Admirável Mundo Novo*. Na Alemanha, a publicação mais recente de *O Admirável Mundo Novo* (*Schöne neue Welt*) é da Klett e data de fevereiro de 2003; e na Espanha, *Um Mundo Feliz* foi publicado pela European Schoolbooks, em fevereiro de 2005. Suas novelas e contos sempre foram editados, salientamos apenas o curso dos últimos anos.

Quanto à vida do autor, alguns dos trabalhos mais recentes, nos Estados Unidos, são as biografias realizadas por Ronald T. Sion em 2001, por Dana Sawyer em 2002 e, em 2003, as obras de Nicholas Murray e Clementine Robert. Ainda com ênfase sobre o autor, podemos citar a análise feita em *Aldous Huxley: Representative man (Human potentialities)*, editado por James Hull e Gerhard Wagner, em 2005. Na Europa, encontram-se também alguns títulos como o francês *Aldous Huxley: le cours invisible d'une oeuvre, 1894-1963*, biografia realizada por Françoise B. Todorovitch no ano 2000, e o italiano *Aldous Huxley e L'Italia (IL leone e l'unicorno)*, de Rolando Pieraccini, em 1998.

Os estudos literários podem ser representados, atualmente, por David Garret Izzo e Peter Firchow, sob os títulos *Aldous Huxley & W.H. Auden: On Language* (1998) e *Reluctant Modernists: Aldous Huxley and some contemporaries* (2003), respectivamente; também um volume crítico, relançado em 2002, cuja introdução e edição foram feitas por Harold Bloom e que se intitula *Aldous Huxley (Bloom's Modern Critical Views)*, contendo análises realizadas em torno de seus melhores trabalhos, por críticos literários contemporâneos. Podemos citar ainda alguns títulos que, a partir do *Admirável Mundo Novo*, envolvem discussões sobre clonagem e ética, são eles: *Ethics*

*in a Brave New World*, editado por John L. Pinnix e publicado pela Amer Immigration Lawyers Assn em agosto de 2004; e *Brave New Worlds: Staying Human in the Genetic Future*, de Bryan Appleyard, lançado pela Viking Adult em agosto de 1998.<sup>3</sup>

Evidentemente, existem outros estudos e publicações acerca do nome de Aldous Huxley e de sua obra, buscamos somente traçar um breve panorama do que se encontra atualmente, a fim de apontar a significativa mobilização de interesses em torno de seus trabalhos. Após as últimas descobertas no terreno da biotecnologia, a tendência é aumentar a importância do *Admirável Mundo Novo*, cujo fluxo de estudos, antes disso, voltava-se, especialmente, aos seus aspectos literários. O que nos causa estranhamento é que, no Brasil, não se encontra nenhum estudo significativo sobre as previsões presentes nessa obra de ficção, sendo que as atenções têm se voltado aos ensaios huxleyanos.

Quanto aos críticos mais intransigentes, poderíamos perguntar se realmente dedicaram a devida atenção à construção ficcional do AMN ou se, como nos alerta Wayne C. Booth, não teriam cometido a mesma injustiça que Caroline Gordon ao estabelecer, de maneira generalizada e arbitrária, o que seria um bom romance: o que apresenta certas “constantes”, “desde Sófocles e Ésquilo ao conto infantil bem construído” (BOOTH, 1980, pp.48 e 49).

Sem dúvida, as qualidades literárias de Huxley não são suficientes para inscrevê-lo na lista dos maiores escritores clássicos da literatura universal. Um exemplo dessa restrição pode ser a relação feita pelo próprio João Alexandre Barbosa num ensaio intitulado “Para a Biblioteca do século”, texto republicado em seu *Alguma crítica*, de 2002. O texto é aberto justamente com comentários sobre o legado da tradição literária no século XX. Destaca que, na “lista dos cem melhores romances em língua inglesa do século XX” preparada pela *Modern Library* (parte da Random House), figuram *Ulysses*, de Joyce; *The Great Gatsby*, de Fitzgerald; *A portrait of the artist as a young man*, do mesmo Joyce; *Lolita*, de Nabokov; e *Brave New World*, de Huxley. No entanto, adverte que essa lista, assim como as do gênero, é “muito discutível” (BARBOSA, 2002, p.29).

---

<sup>3</sup> Os títulos em língua portuguesa partiram dos sites de vendas da Livraria Cultura e da própria Editora Globo; quantos aos estrangeiros, foram levantados a partir do site Amazon.com, que, na data da pesquisa (Dez/2006), ofereceu 11.281 resultados para o título *Brave New World*, sem contar os resultados a partir do nome do autor.

Nesse ponto, ele sugere a consulta de outra obra que considera mais seriamente crítica e significativa: *The Modern Movement*, editada e introduzida por John Gross, que reúne vários dos textos publicados pelo suplemento literário do *Times*, de 1902 até 1989. E nos diz o seguinte:

E o maior interesse, para o leitor de hoje, está não apenas nos próprios textos ou nos excertos publicados, como nos autores que são objetos das resenhas e que, vistos de hoje, constituem, por assim dizer, a tradição moderna por excelência (BARBOSA, 2002, p.31).

A obra é estruturada em quatro partes que trazem textos sobre Yeats, Ezra Pound, D.H.Lawrence, James Joyce, T.S.Eliot, Wyndham Lewis, Virginia Woolf, W.H.Auden, Marcel Proust, Thomas Mann, R.M.Rilke, Kafka, Marianne Moore, Wallace Stevens, Robert Musil, Ítalo Svevo, Anna Akhmátova, J.L.Borges e C.P. Cavafy. E onde se encontra o “escritor mais representativo de sua geração”? Não aparece na lista. O professor João Alexandre certamente o enquadraria num volume sobre ensaístas e não sobre romancistas, pelos motivos que já vimos antes.

David Daiches, quando lançou a edição revisada de seu *The Novel and the Modern World*, teceu, no prefácio de 1959, o seguinte comentário sobre a exclusão de Huxley:

I have omitted also in this edition the chapters on Katherine Mansfield and on Aldous Huxley, not because I consider these writers uninteresting or undistinguished but because they do not really fit into the general scheme of the book and are not in any case “novelists” in the strict sense. I have added two chapters on Lawrence and written a entirely new chapter on Conrad (DAICHES, 1960, p.viii).

Há que se considerar que Daiches possuía seus critérios para selecionar, no universo de romancistas ingleses, aqueles dignos de constarem na sua obra. Para ele, entre os que selecionara, os destaques eram Conrad, Joyce, Lawrence e Virginia Woolf, “the giants of the modern English novel” (ver 1960, pp.vii-viii). Mais adiante, veremos que o seu critério não foge muito ao padrão da crítica em geral, que considera, entre outras coisas, o talento na composição das personagens, aspecto do qual Huxley se ressentia, conforme Daiches insinuara em *New Republic*: “essential inorganic quality of this technical apparatus” (apud MECKIER, 1969, p.03).



Portanto, nossa conclusão é que Huxley não é considerado pela crítica literária pela “falta de vida” (“inorganic quality”) em suas obras, tratado por Rosenfeld como “falta de paixão” e por Bosi como “mau-intimismo”, aspectos típicos dos “romances de idéias”, tributários desse desprezo:

Causa resistência, frequentemente, que o romance seja usado quase como um meio para a exposição de idéias e teorias. É verdade que não é fácil a um romance levar a sua “tese” a uma excessiva evidência, sem sufocar o interesse humano ou a comunicação dramática com o leitor (CARNEIRO, 1968, p.31).

Realmente, as obras de Huxley se ressentem desse sufocamento da comunicação dramática, mas isso não desfaz o interesse causado por elas, caso contrário o autor não continuaria tão popular. Além do mais, ainda que falte o “calor da vida” em suas criaturas, elas não podem ser consideradas superficiais, embora sejam planas, conforme a clássica terminologia de E.M.Forster.

Há que se ressaltar ainda, como nos lembra Barbosa, que algumas publicações que surgiram por ocasião do centenário de nascimento do autor, em 1994, apontavam “para a necessidade de uma reconsideração mais ampla de sua posição nas letras inglesas a partir de uma leitura renovada de suas obras” (2001, p.12). Portanto, além da observação das idéias encarnadas, procuraremos analisar o AMN com um olhar do nosso tempo, tendo como pretexto o fato de que suas previsões avultam à medida que o tempo passa, ou seja, a obra parece ter sido escrita mais para nós do que para aquele leitor de 1932.

## **2.2 – Vestígios incômodos**

Neste tópico, consideraremos as manifestações críticas que se voltam a certos sinais condenáveis no AMN. Entendemos que as críticas em torno do conservadorismo, do pessimismo e do conformismo de Huxley contemplam a dimensão dos seus ideais, mesmo que subentendidos. Devido à própria natureza reflexiva da obra, é natural que esses pontos sejam discutidos, mesmo porque, a partir do momento em que o autor se

propôs a criticar um sistema através dela, subentende-se que estivesse se guiando por valores que julgava serem os melhores.

Nesse aspecto, dentre as críticas mais significativas que o AMN sofrera, mencionaremos algumas poucas observações de Ernst Bloch e apresentaremos outras, nas quais nos detemos mais, que foram as de John Carey e Theodor Adorno, que pretenderam revelar certos valores morais ocultos nas entrelinhas huxleyanas. Certamente, muitos outros críticos teceram considerações dessa espécie, no entanto, nos limitaremos a estes, pois são suficientes para fornecer uma amostra do tipo de juízo acerca do AMN que talvez tenha contribuído para minimizar seus méritos.

O primeiro deles, Ernst Bloch, desmerecera a sátira huxleyana que contrariava definitivamente os projetos utópicos de seu “princípio Esperança”. Afirmou que o exagero, presente no AMN, “no sabe ni siquiera distinguir entre capitalismo monopolístico y socialización de los medios de producción” e acrescenta ainda que a burguesia liberal, da qual Huxley faz parte, “es incapaz de humor utópico; su juego termina siempre en el horror o en la necesidad. Como el agitador individual Huxley nos muestra, solo es capaz del asesinato de la esperanza y de la anti-utopía” (BLOCH, 1977, p.443).

O assassinato da esperança é inerente ao caráter anti-utópico da novela huxleyana. Nesse período, o grande problema de Huxley com as utopias devia-se àquilo que mencionamos anteriormente: o receio que o remédio fosse pior do que a doença. Por isso, reservava a elas uma função limitada:

...as descrições dos mundos utópicos, onde a natureza humana é diferente da natureza humana deste mundo, pode possivelmente ser reconfortante e dignificante, pode até estimular os seus leitores à acção revolucionária; mas para o aspirante a sociólogo, para o reformador judicioso, que deseja saber qual a direção que a reforma deve tomar e quais os seus limites, têm pouco ou nada a dizer (HUXLEY, c1927, p.10).

Em um dos ensaios de Isaiah Berlin, “O declínio das idéias utópicas no Ocidente”, o autor apresenta dois grupos distintos: os que crêem em valores universais e na unidade de pensamentos; e os que reverenciam a diversidade como o grande valor na vida. Conforme Berlin, a essência das utopias reside na crença na universalidade, na possibilidade de unificar pensamentos, pois só assim se poderia pensar num projeto

que agradasse a todos. Por outro lado, o segundo grupo, do qual Huxley faria parte, teme que do anseio utópico surja o impulso em direção a uma uniformização que poderia resultar em algo parecido com o AMN (ver BERLIN, 1991, pp.29-51).

Portanto, pelo menos nesse período, Huxley realmente demonstrou tendências anti-utópicas, entretanto, finda essa fase sombria, ele foi capaz de compor, em 1962, uma novela utópica sob o título *A Ilha*, cujos aspectos positivos eram sinais de uma nova etapa em sua vida: a mística oriental. Quanto à distinção entre capitalismo e socialismo, veremos, no decorrer de nossa análise, que a ironia huxleyana foi muito além do que apontara Bloch.

Em *Os Intelectuais e as Massas*, John Carey descreve o clima e os pensamentos que envolviam a intelectualidade européia, no início do século XX, acerca do advento da cultura de massa. Conforme acredita, a grande maioria da *intelligentsia* européia demonstrava ostensiva aversão pelas camadas inferiores da sociedade, sugerindo soluções abomináveis como, por exemplo, a eugenia, o impedimento do acesso à educação e a elaboração de obras complexas para que essas classes não as entendessem. Trata-se de um equívoco absurdo que não pára por aí: o crítico afirma que esse intelectualismo foi o que movera os primeiros modernistas e ditara a teoria de vanguarda:

Os intelectuais, naturalmente, não podiam impedir as massas de se alfabetizarem. Mas podiam impedir que lessem literatura, tornando-a demasiado difícil para que a entendessem – e foi isto o que fizeram. O início do século XX viu um esforço determinado, por parte da *intelligentsia* européia, para excluir as massas da cultura. Na Inglaterra esse movimento ficou conhecido como modernismo. Em outros países europeus recebeu nomes diferentes, mas os ingredientes eram essencialmente semelhantes, e revolucionaram as artes visuais da mesma forma que a literatura. Abandonou-se o realismo do tipo que se supunha apreciado pelas massas. O mesmo aconteceu com a coerência lógica. Cultivavam-se a irracionalidade e a obscuridade (CAREY, 1993, p.23).

Gostaríamos de crer que Carey tenha feito essas observações somente para criar uma atmosfera condizente com suas próprias análises, pois logo em seguida diz que “é problemático saber quão deliberado era esse processo”. Na verdade, sabemos que a arte modernista buscou uma forma que atendesse às necessidades de representação na modernidade: o ilogismo, a irracionalidade e a obscuridade eram características dos

tempos modernos e não invenção de uma elite que se pretendia hermética. Além do mais, Huxley, por exemplo, foi um escritor muito popular.

No que concerne à eugenia, Carey elenca nomes como os de W.B. Yeats, Bernard Shaw, T.S.Eliot e o de Huxley, entre outros, que constavam da lista dos simpatizantes. Para ele, “o sonho do extermínio ou da esterilização da massa, ou a negação de que as massas fossem gente de verdade, era pois um refúgio imaginativo para os intelectuais do início do século XX” (1993, p.21).

No documentário sobre Huxley, o geneticista Steve Jones diz o seguinte sobre o interesse huxleyano pelos métodos eugênicos:

Huxley vem de uma família e de uma época que se preocupava muito com a qualidade humana. A idéia era que se podíamos desenvolver nossas máquinas, então podíamos desenvolver nossa gente, e, se não desenvolvêssemos nossa gente, a natureza iria, inevitavelmente, seguir seu curso e seríamos envolvidos nessa terrível distopia [...] H.G.Wells, W.Churchil, Bernard Shaw eram eugenistas, assim como Hitler. Então, aqui não havia divisão entre esquerda ou direita (*Aldous Huxley: Darkness and Light*, 1993).

Nesse mesmo documentário, um de seus biógrafos, David Bradshaw, minimiza a questão dizendo:

Acho que é meramente uma questão de seu senso de hereditariedade, sua herança genética de que era preciso controlar alguns padrões para mudar o tecido social. Não acho que ele deva ser visto como um tipo cripto-fascista. Hoje é um ponto de vista inaceitável, mas muita gente na época via a eugenia como a maneira de acelerar o progresso para um futuro melhor (Idem, 1993).

Carey, que também depõe nesse documentário, faz observações que sugerem ser o AMN um desejo do autor. Não podemos afirmar que Huxley abominasse todas as características daquele mundo, mas o tom do livro e as inúmeras declarações que fez a seu respeito apontam uma rejeição, pelo menos, dos usos que foram feitos. É notório que ele não condenava a idéia de eugenia, mas isso parecia exatamente um ideal, pois, na verdade, ele recuava diante da incerteza dos resultados, como ficou claro nessa passagem de Bedford que retomamos: “An intrinsically desirable change, you might say, but would it have desirable results? What would happen to a society compelled by law to breed exclusively from its most gifted and successful members?” (BEDFORD, 1993, p.244).

Quanto ao preconceito para com a cultura de massa, além de Huxley, temos figuras como D.H.Lawrence, Virginia Woolf, Ortega y Gasset, sem falar nos menos ostensivos, que Carey desmascarara através da análise das personagens. Para o crítico, estes e outros escritores usavam suas obras para disseminar a idéia de que sua cultura e seus valores aristocráticos eram naturais e divinos, enquanto os valores que nasciam com a cultura de massa eram desprezíveis.

Ele acredita que a gênese do AMN foi mostrar que “por ruim que fosse a miséria em massa, a felicidade em massa seria pior”, ou seja, “a implicação do romance de Huxley é que a felicidade em massa é inerentemente inferior” (1993, pp.87 e 88). Essas palavras praticamente se repetem no citado documentário: “ele tinha a intenção de pintar um quadro da felicidade da massa e de como era terrível. As coisas que faziam as pessoas felizes eram todas, em seu ponto de vista, inferiores, inferiores à cultura elevada na qual ele tinha sido educado” (CAREY in *Aldous Huxley: Darkness and Light*, 1993).

Conforme Carey afirmou, Huxley teria organizado o AMN para demonstrar a verdade e a naturalidade da sua ética e da arte superior, pois a cultura tradicional (o velho mundo, a aristocracia, Shakespeare) estava mais próxima do divino, basta observar que, no AMN, o autor a encarna em John, o voltariano “bon sauvage”, “puro e incorrupto”, ou seja, um evidente apelo ao endosso da natureza (cf. CAREY, 1993, p.88)<sup>4</sup>. Esse tipo de expediente é apontado, por Carey, em outros escritores além de Huxley. Em todos, essa aproximação entre arte “superior” e algo divino pretendia transformar Deus num “adjudicador cultural” que ratificaria a distinção e a superioridade desses *highbrows*.

Além desses sinais de desabono em Bloch e Carey, temos aquele que julgamos tenha sido o mais contundente, porém o mais justo: o ensaio de Theodor Adorno, intitulado “Aldous Huxley e a Utopia”. Neste ensaio, o frankfurtiano reconhece alguns méritos da obra e aponta suas falhas “inconscientes”. Atento à mediação e fiel aos ditames da crítica imanente, percebeu, nas entrelinhas do romance, sinais que levariam

---

<sup>4</sup> Vale a ressalva de que a Reserva dos selvagens e os seus costumes não são apresentados de maneira muito entusiástica. Conforme o prefácio de 1946, era uma vida “mais humana em alguns aspectos, mas, em outros, pouco menos estranha e anormal” (HUXLEY, 2001, p.22). De qualquer forma, isso não desfaz a pertinência das observações de Carey, pois nos identificamos com John, “mais humano”.

a uma “conclusão reacionária”, condenando o seu teor conformista: “o caráter inelutável da utopia negativa (...) ao profetizar a entropia da história, Huxley sucumbe à aparência propagada pela sociedade contra a qual ele protesta” (2001, p.111). No entanto, julgamos que, ao extremar o absurdo, Huxley tornou-o insuportável, promovendo uma atitude de rejeição no leitor.

O ensaio adorniano inicia com um apanhado da situação do europeu que emigrava para os EUA no século XIX, movido pela “atração das possibilidades ilimitadas” e esforçando-se para se adaptar sem adotar atitudes críticas. Já no século XX, o motivo da emigração era outro, a sobrevivência longe da Guerra; e o país também era outro, agora já mais desenvolvido, não tendo possibilidades ilimitadas. Essa nova situação estreitava as oportunidades e forçava uma sujeição maior por parte do estrangeiro: no lugar de uma “selva a ser desbravada”, existia agora uma “civilização que, enquanto sistema, encerrava toda a vida”. Para sobreviver, era preciso anular-se ou assumir a perda da autonomia. Quem resistisse estava sujeito “aos choques que aquele mundo administrava a quem não se transformasse em coisa”. Adorno diz que “a reação do intelectual impotente a esse choque foi o pânico” e que o AMN foi o “sedimento desse pânico” (Cf. ADORNO, 2001, pp.91- 92).

Como podemos notar, um dos méritos apontados por Adorno é que o olhar de pânico de Huxley - que não se assemelha ao objeto visto - desfaz a ilusão daquele mundo inofensivo e desvela o desfiguramento oculto sob a máscara da felicidade venal. Logo, ele reconhece que o pânico desvelou as ramificações de um processo obscuro que leva à identificação coletiva e à falsa consciência dos indivíduos. Por outro lado, tece comentários deste tipo:

Ao atestar o caráter burguês do que se pretende antiburguês, a própria tese enreda-se nos hábitos burgueses. Huxley indigna-se com os sóbrios, mas no íntimo é inimigo de qualquer embriaguez (...) Sua consciência, como a de tantos ingleses emancipados, é pré-formada pelo próprio puritanismo que ele abjura. (...) A sua indignação com a falsa felicidade sacrifica também a idéia da verdadeira felicidade. (...) Apesar das precauções tomadas por Huxley para pintar como deformado, repugnante e insano este mundo do “selvagem”... podem-se notar os impulsos reacionários aí presentes (ADORNO, 2001, p.99).

Adorno era fiel à apologia dos “solavancos”, tanto nas obras que lia, quanto na sua própria. Por isso, para ele, o verdadeiro realismo estava em Kafka, onde a

realidade não é suave<sup>5</sup>. Este solavanco, que remete à idéia de desconforto, deve causar o inconformismo, contrário ao “conformismo” de que acusara Huxley. Tal conformismo contraria aquele que alimenta certa esperança e que não se cansa de buscar uma saída para a razão, através da “persistência da dialética”, como fizera Adorno. Todo espírito socialista alimenta, de certo modo, uma esperança blochiana.

Pierre Furter, numa interpretação de Bloch, descreve as várias etapas que configuram o pensamento utópico. Etapas sob as quais “o homem faz dos seus desejos a matéria prima de sua esperança” (FURTER, 1974, p.86). Ele nos diz ainda que, pela linguagem, o outro nos influencia na elaboração da esperança. Com isso, até compreendemos a preocupação adorniana para com o teor subjacente do livro de Huxley, cuja configuração parece eliminar qualquer expectativa positiva, mantendo uma “infame continuidade”.

Entretanto, o que Huxley faz de maneira bem elaborada é descrever um sistema cujos procedimentos (manipulação genética, behaviorismo, condicionamento pavloviano, hipnopedia, etc) aniquilam o desenvolvimento da consciência, reprimindo as instâncias humanas que possibilitam o impulso utópico: o desejo e a fantasia. O primeiro, pela inexistência do sentimento da falta, do vazio a ser preenchido<sup>6</sup>; a segunda, pela extinção da literatura, “o sonho acordado da civilização”, conforme Antonio Candido.

Adorno detectou os sinais do AMN na realidade e tinha consciência o bastante para reconhecer o peso da representação huxleyana, por isso cuidou de discutir suas linhas. A forma como são apresentados o condicionamento e seus efeitos possui uma sustentação teórica considerável. Furter sinaliza essa sustentação ao dizer:

W.Reich demonstra que uma leitura atenta de Freud permite... que se veja como o controle social se exerce através do princípio da realidade e da repressão. [...] A contribuição decisiva de Freud, segundo W. Reich, é de obrigar os marxistas – quando aceitam lê-lo! – a reconhecer a dificuldade e a lentidão da “tomada de consciência” (1974, p.93).

---

<sup>5</sup> “Por meio de choques ele destrói no leitor a tranqüilidade contemplativa diante da coisa lida” (ADORNO, 2003, p.61). E mais: “a violência das imagens que ele evoca rompe às vezes sua camada de isolamento. Algumas colocam a auto-reflexão do leitor, sem falar na do próprio autor, diante de uma dura prova...” (ADORNO, 2001, “Anotações sobre Kafka”, p.250).

<sup>6</sup> Este aspecto será aprofundado no tópico 3.4.2. Quanto ao desejo, Furter ainda nos diz: “Sem os desejos, a esperança não teria conteúdo e seria uma petição de princípio, uma simples espera vazia...” (1974, p.86).

Ao espírito adorniano, as obras deveriam provocar a angústia exatamente para que a reação fosse contrária, mas ainda que no AMN a angústia exista, para ele a reação foi imobilizada pela ausência de saídas, pelo descaso para com as possibilidades. Essa atitude parecia comum à época, pois, segundo Raymond Trousson:

Ya em los primeros años del siglo XX la utopia cesó de imaginar felicidades siempre futuras para expresar, cada vez más sombríamente, las obsesiones de uma época de crisis y desconcierto. La ciencia y la tecnología, por mucho tiempo aceptadas como liberadoras, se revelaron avasalladoras, más apropiadas para hacer del hombre un esclávo que un semidiós. Pronto dos guerras mundiales y otras experiencias siniestras iban a arruinar el mito de la perfección obtenida por la planificación y las ideologías aplicadas. La utopia moderna tomó conciencia de que la “felicidad” colectiva no se obtenía sino a expensas del individuo, de que la técnica transformaba al hombre em robot más que en Prometeo, de que el sueño de la perfección social conducía a los totalitarismos. La utopia, pesimista, temerosa del advenimiento de un universo aterrador o estéril, iba acentuar entonces su tendencia a superar el antiguo ideal de la ciudad perfecta para transformarse en una interrogación angustiada sobre el porvenir del hombre. De social y política pasaría a ser biológica y cósmica, para demostrar mediante el absurdo y la tragedia la urgente necesidad de um humanismo (1995, p.291).

Nada disso ainda serviria para justificar, aos olhos de Adorno, o “conformismo” de Huxley. No entanto, enquanto ele censurava o positivismo subjacente na obra, nela Huxley ironizava, entre outras coisas, os resultados inesperados da teoria marxista no comunismo de Joseph Stalin. Assim, a diferença entre a “esperança” adorniana e o profundo ceticismo huxleyano reside no fato de que a primeira ainda acredita nas bases de uma teoria socialista que sugere a revisão do que sejam necessidades e a forma correta de satisfazê-las; enquanto o segundo, que aniquila as possibilidades quando iguala as intenções de uma e outra, elimina as possibilidades inscritas nas duas maiores “ofertas” sociais já existentes: o capitalismo e o comunismo.

Para desmerecer as intenções dos dois sistemas de governo, Huxley nada mais fez que insinuar seus paradoxos pela simples escolha dos nomes: a leve insistência da personagem Lenina em manter um caso com Henry Foster sugere a aproximação qualitativa do regime concebido por Lenin e o sistema de produção capitalista desenvolvido por Henry Ford (note-se a semelhança entre Ford / Foster). A relação amigável entre Lenin e Ford, sugerida no livro, se dá pelo fato do primeiro ter aceitado o modelo econômico do segundo (cf. HARVEY, 1996, p.123), o que, para Huxley, talvez



aparecesse como uma possibilidade comum de exploração da classe operária por qualquer dos sistemas.

Na verdade, como dissemos, Huxley não acreditava em nenhuma das duas formas de governo. Para ele, o poder só mudaria de mãos e a situação permaneceria a mesma: dominantes sobre dominados. Sua predisposição era basicamente anarquista, cujo olhar

...não consegue fugir à desesperança da perspectiva de uma história informada pelo poder, o que quer dizer a manutenção da dominação, da exploração, de tudo aquilo que havia dado origem ao seu desencanto. Romper com esse horizonte, que se configura como continuidade, é condição para sua existência, o que determina ser contra a história, contra essa história (MULLER, 1996, p.61).

O que Borges chamou de “la mirada pesimista” nas obras huxleyanas (cf. BAREI, 1999, p.122), encontra-se já nos seus primeiros livros (*Crome Yellow* e *Antic Hay*), que ilustram o dilema do homem diante da impossibilidade de unir mundos incompatíveis (cf. DAICHES, 1958, pp.104-105). No entanto, o sinal pessimista - fosse ele herdado do ambiente familiar ou fruto de temores plausíveis - era considerado por Borges como “condición necesaria – por lo tanto, esencial – de lo humano” (BAREI, p.129).

Nota-se, na obra, que Huxley quis revelar a essência por trás da aparência. Mais precisamente buscou criticar o modo de vida consumista americano, cujo fundamento é a aparência necessária. Havia duas formas básicas para se fazer isso: escrever um ensaio, rejeitando diretamente o *american way of life*; ou escrever um romance que o fizesse de forma indireta. Ele escolheu esta segunda opção e a melhor forma de dizer indiretamente o que queria foi criar uma alegoria do mundo americano. Este modelo alegórico de interpretação do mundo moderno foi reforçado por um recurso retórico, a ironia - que justamente se caracteriza por dizer o outro, dizendo o mesmo.

Logo, a ironia perpassa a obra ditando o tom da leitura, mesmo que, inconscientemente, Huxley estivesse dando sinais de conservadorismo. Com efeito, se ela deve ser lida sobre o registro irônico, dirigido a um modo de vida que se prefigurava ante o espírito huxleyano naquele momento, é indiscutível sua posição contrária ao existente, sem a qual, inclusive, a obra perderia sua função “dessacralizadora”, de ruptura com esse existente.

Embora o tom irônico não se evidencie em todo o discurso, a sua ocorrência sobre algumas personagens e situações prescreve a ênfase crítica sobre a totalidade do universo novo-mundista. Conforme Muecke, “as ironias serão mais ou menos poderosas proporcionalmente à quantidade de capital emocional que o leitor ou o observador investiu na vítima ou no tópico da ironia” (1995, p.76).

Não contestamos o antiutopismo e o conservadorismo do AMN, nem sob o registro de Bloch e de Carey, nem sob o de Adorno. Porém, quanto aos apontamentos dos dois primeiros, julgamos, para o nosso propósito, menos significativos do que as reflexões possibilitadas pelo romance; e, em relação às críticas adornianas, devemos acatá-las, especialmente pelo equilíbrio de suas observações, que, mesmo censurando alguns aspectos da obra, debruça-se analiticamente sobre ela e a torna recomendável.

Já o conservadorismo deve ser rejeitado principalmente quando enseja qualquer tipo de preconceito. Em períodos de transição como o que vivenciamos, sua ocorrência deve ficar sob suspeita, visto que pode corromper o estabelecimento de uma ética justa e democrática. Uma ética cujo desafio maior talvez seja alcançar um equilíbrio entre o reconhecimento dos avanços tecnocientíficos e o sensato uso que se fará deles, fator para o qual Huxley parecia voltado, mesmo com suas incoerências.

### III. ELEMENTOS DA NARRATIVA

A análise dos elementos da narrativa possibilita algumas interpretações pertinentes às intenções do autor. Na observação desses elementos, vão se configurando os princípios adotados e os efeitos esperados. Acreditamos que Huxley refletiu, inconscientemente, como ocorre com todo romancista, mesmo os “cerebrais”, uma grande parcela da sua personalidade contraditória, e o efeito embaraçoso que a obra nos causa não procede apenas do conteúdo sombrio que a preenche, mas também da ideologia flutuante que a perpassa.

#### 3.1 – Breve enredo

*Contempla-te em teu espelho, oh ser humano!  
Eis o que deve e pode chegar a ser tua espécie!*  
Herder

A breve síntese que segue traça um panorama do universo fictício criado por Huxley. Neste, serão apresentados elementos cuja aproximação com nossa atualidade não deve ser desprezada. Segundo Rudolf B. Schmerl, “a história do futuro de Huxley é quase inteiramente uma apresentação satírica do que estava começando a acontecer em 1932” (apud CARVALHO, 1969, p.128). A atmosfera intelectual emanava preocupação. Em meados da década de 60, Herbert Marcuse expôs uma série de considerações sobre um excogitado fim da utopia. Seu discurso inicia com estas colocações significativas:

Iniciando por uma verdade óbvia, direi que hoje qualquer forma nova de vida sobre a terra, qualquer transformação do ambiente técnico e natural, é uma possibilidade real, que tem seu lugar próprio no mundo histórico. Podemos fazer do mundo um inferno, ou melhor, como vocês sabem, caminhamos para isso. Mas podemos fazer também o oposto. (MARCUSE, 1969, p.13)

Obviamente, o discurso de Marcuse nos conduzirá, magistralmente, à revitalização da utopia como um fator que deve despertar o desejo de transformação ao apontar as potencialidades latentes no real, sob o espírito da esperança e não do desânimo, como

fizera Huxley. Mas, nessa encruzilhada do espírito, quem decidiu foi o pessimismo, e as palavras de Marcuse, de certa forma, legitimam a escolha huxleyana por um registro distópico (“caminhamos para isso”). Logo, veremos que o viés pessimista de Huxley engendrou e foi engendrado por uma visão da sociedade cuja configuração das necessidades é determinada pelo sistema.

A civilização novo-mundista vive o ano de 632 d.F (depois de Ford<sup>7</sup>) sob o lema triádico COMUNIDADE, IDENTIDADE, ESTABILIDADE. Dela aboliu-se a viviparidade e os indivíduos são originados em proveta, frutos de uma escolha rigorosa dos genes, de um conveniente tratamento químico durante a fase embrionária e de uma formação psicológica que se estenderá por toda a vida, desde o berçário. Além dos bebês serem cruelmente condicionados nas “Salas de condicionamento neopavloviano”, segue-se uma série de condicionamentos psicológicos eficazes, destacando-se a hipnopedia que consiste em instruções aplicadas durante o sono. Deste processo científico, surge a hierarquia social (funcional) do AMN: Alfas, Gamas, Betas, Deltas, Ipsítons e os grupos Bokanovsky de semi-aleijões<sup>8</sup>. As lições hipnopédicas moldam as convicções de cada uma destas castas, fazendo-as aceitarem a condição em que vivem.

Por meio dessa formação psicogenética, extinguiu-se a família (pai e mãe), a religião, a história, a monogamia e, sobretudo, as emoções. O indivíduo sem estes vínculos emocionais torna-se estável e a sua estabilidade conduz à estabilidade social, objetivo supremo da civilização do AMN<sup>9</sup>. Quando algum fator ameaça o equilíbrio individual, é consumida uma droga chamada “Soma” que restabelece o controle psíquico sobre a situação, representando a fuga protetora contra a súbita manifestação de pensamentos que são abominados pelo sistema<sup>10</sup>.

Esta droga sintética, que produzia efeitos díspares (eufórico, alucinógeno e sedativo) - sendo para o próprio Huxley uma combinação impossível - já foi imaginado como algo extremamente eficaz, pois “era simultaneamente um dos grandes

---

<sup>7</sup> Sinal de reverência a Henry Ford. “Nosso Ford – ou nosso Freud, como... preferia ser chamado sempre que tratava de assuntos psicológicos...” (HUXLEY, 2001, p.35).

<sup>8</sup> Este grupo é o extremo da padronização do produto humano: noventa e seis gêmeos idênticos fabricados com o mesmo ovário e os gametas do mesmo macho.

<sup>9</sup> “Não há civilização sem estabilidade social. Não há estabilidade social sem estabilidade individual” (HUXLEY, 2001, p.39).

<sup>10</sup> “não é o mesmo Soma mencionado nas antigas escrituras hindus – uma droga um tanto perigosa (...) mas um sintético” que, conforme a dose, pode ser um relaxante que provocava “sentimentos amistosos e solidariedade social” (HUXLEY, 1983, p.125).

instrumentos de poder nas mãos da administração central e, ao mesmo tempo, era um dos grandes privilégios das massas... porque as tornava muito felizes” (HUXLEY, 1983, p.209). Esta felicidade, criada a partir de um comprimido sintético e sem efeitos nocivos ao organismo, além de superar os efeitos dos outros paliativos, dissuade os seres de pensamentos subversivos<sup>11</sup>.

A sexualidade – outro fator que sempre se mostrou complexo - é estimulada desde a infância através de brincadeiras eróticas e a promiscuidade é *moralmente* obrigatória. Um dos efeitos mais relevantes desse processo de liberação sexual é a inexistência do amor inibido que Sigmund Freud chamou de “afeição” e que era responsável pelas amizades e vínculos entre filhos e pais, etc. A ausência de vínculo dessa natureza é resguardada ainda pela extinção da viviparidade, ou seja, com a abolição da família inexistente o complexo de Édipo e seus derivados. O maior objetivo dessa medida é afastar um dos principais núcleos de instabilidade: a família<sup>12</sup>.

Ocorre ainda que, no AMN, a figura que substitui o pai verdadeiro é representada por Ford, inspirado em Henry Ford, fundador da *Ford Motor Company* e responsável pelo sistema de produção em série. A filosofia industrial reinante no Estado novomundista reflete as contradições do desenvolvimento da indústria moderna no começo do século XX. O próprio Ford espelha essas contradições com seu caráter “conservador e progressista, pródigo e parcimonioso, arrojado e prudente, autoritário e democrático” (FORD, Henry. In: ABRIL, 1976, p.237). A reverência a essa personagem histórica confirma-se ainda no pronome de tratamento formado a partir de seu nome: “Sua Fordeza” (*His Fordship*). Além disso, a cruz traçada pela persignação habitual dos cristãos é substituída pelo sinal T, em homenagem a um personagem muito importante na cena americana do início do século XX: o automóvel Ford Modelo T.

---

<sup>11</sup> Campbell faz uma observação interessante sobre o Soma: “Contrary to what Marx said about religion being the opium of the people, in the brave new world soma is the religion of the people”. Logo, enquanto religião, o soma exerce a mesma função de fuga da realidade, de condução do espírito para uma outra dimensão, transcendente. Fica implícita a idéia de controle pela religião. Huxley já havia censurado esse controle através de seu personagem Mark Rampion (*Contraponto*), que recriminava o peso da religião na vida da mãe, sempre resignada a tudo.

<sup>12</sup> “Nosso Freud (Ford) foi o primeiro a revelar os perigos espantosos da vida familiar”(HUXLEY, 2001, p.35). O que Huxley faz com isso - ironizando Freud - é tentar imaginar uma civilização que não se origina de um núcleo familiar, pois o conflito que se deve à ambivalência de sentimentos para com pais e mães, segundo Freud, age desde o momento em que decidem viver familiarmente: “Enquanto a comunidade não assume *outra forma que não seja a da família*, o conflito está fadado a se expressar no complexo edípiano, a estabelecer a consciência e a criar o primeiro sentimento de culpa” (FREUD, 1997, p.94-95, grifo nosso).

Logo, Henry Ford é uma espécie de superego cultural sob cuja influência a evolução cultural se produz, posto que sua criação da produção em série e intensificação da automatização constituem, no mundo novo, um dos fatores que mantém a estabilidade social. Além do mais, esta reverência e admiração nos sugere a necessidade de uma figura modelo que contribua para a formação do superego dos indivíduos e os ampare em seus atos. Como disse Freud: “Não consigo pensar em nenhuma necessidade de infância tão intensa quanto a proteção de um pai” (FREUD, 1997, p.19).

Contraposta a esse espaço “civilizado”, temos a Reserva de Selvagens no Novo México. Lá vivem grupos considerados primitivos e atrasados, pois seus costumes e crenças são completamente diferentes dos da Civilização, além de não possuírem os avanços tecnológicos e científicos desta, vivendo sob condições primárias.

Deste mundo considerado exótico, vêm os personagens John e sua mãe, Linda, que fora abandonada na Reserva quando acompanhava o “Diretor de Incubação e Condicionamento” numa viagem de férias. Eles são trazidos para a civilização por Bernard Marx que, com Helmholtz Watson e John, formará um trio pretensamente revolucionário, fadado ao fracasso e ao exílio. Lenina Crowne é outra personagem importante, formando uma espécie de triângulo amoroso com John e Bernard. Mustafá Mond, Sua Fordeza, representa o espírito do sistema novo-mundista. As cenas em que debate com o estrangeiro John são significativas em sua profundidade ideológica e merecem atenção especial. Assim, a ação se dá a partir desses personagens, numa separação entre os que aderiram totalmente à ideologia do sistema e os que, por motivos distintos, o contestam, desencadeando pequenos conflitos.

Huxley apresentou um sistema muito forte e preciso, com seus habitantes “bovinamente” condicionados. A insatisfação de alguns personagens seria a grande geradora de mudanças, mas o sistema delimitou a capacidade de iniciativa dos indivíduos ao interesse coletivo: a Estabilidade. Assim, o embate é injusto: trata-se de um sistema extremamente ordenado, nutrido por uma imensa maioria alienada, impondo resistência a um mero trio composto por insatisfeitos: Bernard, Helmholtz e John.

O curioso é que a força dos elementos que compõem esse trio reside nas suas deficiências. Eles são fracos perante o sistema, mas fortes aos nossos olhos, já que manifestam características humanas. O desprezo dos demais para com essas características revela a sutileza e a abrangência das previsões huxleyanas, considerando-se a zombaria a que geralmente estamos sujeitos quando somos humanos virtuosos.

Os dois capítulos iniciais do livro expõem os bastidores teóricos do sistema que objetiva a tal Estabilidade. Neles, temos a apresentação de todas as etapas de formação do indivíduo, da manipulação fisiológica do embrião ao condicionamento psicológico que se inicia nos primeiros estágios da vida, mantendo-se até a fase adulta. O processo de manipulação embrionária tem franca relação com o modelo de produção em série cultivado por Ford, obedecendo aos princípios tayloristas de organização.

A história em si parece iniciar-se no capítulo III, que não tem relação imediata com os anteriores, a não ser pelo vínculo entre o condicionamento e o comportamento. A estruturação da narrativa alterna teoria e prática, como numa dissertação científica. Esta alternância comprova-se, por exemplo, quando, paralelamente ao diálogo entre Lenina e Fanny Crowne, o narrador nos apresenta o Administrador Mundial expondo o seu saber aos jovens que vinham sendo ciceroneados pelo D.I.C. Suas palavras versam justamente sobre valores que estão sendo encarnados por Lenina:

A família, a monogamia, o romantismo. Em toda parte o sentimento de exclusividade, em toda parte a concentração do interesse, uma estreita canalização dos impulsos e da energia.  
– Mas cada um pertence a todos – concluiu, citando o provérbio hipnopédico (HUXLEY, 2001, p.73).

É exatamente pelo impulso exclusivista de Lenina que Fanny a repreende. Portanto, o simultaneísmo dos diálogos configura uma relação entre teoria e prática que será constante em alguns capítulos da narrativa.

A forma como Huxley dispõe as situações atende aos princípios do determinismo que reina no AMN, onde a influência do meio sobre a formação do indivíduo é predominante. Por isso, julgamos que a relação espaço-personagem é a que mais se impõe, merecendo atenção especial, também porque nos permite uma aproximação com a influência do nosso ambiente globalizado sobre o comportamento alienado, da

mesma forma que a alternância entre teoria e prática, no AMN, confirma a determinação do espaço (o ambiente, o sistema) sobre a personagem (o ser condicionado). O mundo assim descrito apresenta uma constância que torna seus habitantes previsíveis, o que possibilita ao governo um maior controle.

A ordem do enredo atende a uma estrutura dissertativa, com sua Introdução, Desenvolvimento e Conclusão: o objeto (mundo) é descrito nos dois capítulos iniciais que apresentam os produtos e as leis que os regem; do capítulo III ao XV, a atuação dos personagens é a dramatização, ou melhor, a encarnação das teorias anunciadas nos dois primeiros capítulos, mostrando os efeitos da causa teórica; e os capítulos finais (XVI e XVII) são preenchidos por uma longa discussão entre os representantes de cada mundo (John e Mustafá), num tom de levantamento conclusivo em busca da verdade das coisas, que culmina no suicídio de John (XVIII).

Huxley foi bem sucedido na configuração dos tentáculos do sistema e dos efeitos causados pelo condicionamento. Embora muitos possam ver na obra um ataque à ciência e à técnica, o que o autor pretendeu foi apresentar os possíveis efeitos da ciência aplicada aos seres humanos por aqueles que os governam. Conforme podemos verificar em sua biografia, o tema do AMN não é o progresso científico como tal, nem uma profecia científica ou uma previsão de um provável desenvolvimento tecnológico, trata-se, segundo sua biógrafa, de uma profecia psicológica, ou seja, de como um governo pode dominar as pessoas através do controle social, da educação e dos procedimentos farmacológicos (cf. BEDFORD, 1973, pp.244-245). Esta intenção foi revelada por Huxley numa entrevista concedida em 1961: "... if you were able to manipulate their genetic background... if you had a government sufficiently unscrupulous you could do these things without any doubt [...] This was the whole idea of *Brave New World*" (HUXLEY in BEDFORD, 1973, p.245).

Um dos problemas, quanto ao tratamento que se dá às intenções huxleyanas com esse enredo, é o fato de que a focalização pode resultar injusta. Se nos limitássemos à interpretação de Carey (1993, p.87) - a gênese do AMN é "estabelecer a superioridade da cultura 'elevada' e a baixa das ocupações de lazer preferidas pelas massas" - estaríamos sendo injustos com a amplitude da obra; e, se optássemos apenas pela intenção revelada por Huxley e pela compreensão da maioria - o AMN é um alerta aos



perigos da ciência aliada ao poder – estaríamos ocultando suas mazelas conservadoras.

Como acreditamos que as duas interpretações não se anulam e como pretendemos resgatar o teor de resistência da obra, sem absolvermos totalmente Huxley de suas faltas, conciliaremos as duas possibilidades interpretativas, enfatizando evidentemente a segunda, cujo alerta assume maior relevância nos tempos que correm. E se esse alerta não ficou claro com a obra, Huxley reitera: “And it’s extremely important to realize this, and to take every possible precaution to see that they shall *not* be achieved. This, I take it was the message of the book – *This is possible: for heaven’s sake be careful about it*” (in BEDFORD, 1973, p.245).

### **3.2 – Título oblíquo e dissimulado**

O título da obra foi inspirado num verso proferido pela personagem Miranda, no quinto Ato, primeira Cena, da peça *The Tempest*, de Willian Shakespeare. Miranda e seu pai, Próspero - mágico cuja posição de Duque de Milão fora usurpada pelo seu irmão Antônio - foram atirados ao mar e chegaram a uma ilha deserta onde o único habitante era um ser disforme e selvagem chamado Caliban. Assim, Miranda, que nunca tinha visto homem algum, exceto seu pai, apaixona-se, à primeira vista, pelo príncipe Fernando – que para lá fora arrastado após um naufrágio.

Os próximos humanos a serem vistos por Miranda serão Alonso - rei de Nápoles e pai de Fernando; Gonçalo – o conselheiro; Sebastião – irmão de Alonso; e Antonio – o irmão traidor de Próspero. Diante de um quadro humano pomposo, Miranda tem a famosa reação: “O, wonder! How many goodly creatures are there here! How beauteous mankind is! O brave new world, that has such people in’t!”, ao que o pai imediatamente adverte: “’Tis new to thee” (SHAKESPEARE, 1961, p.81).

Embora sejam evidentes as diferenças entre os acontecimentos do AMN e os de *A Tempestade* – entre outras, o fato de que nesta peça são os “civilizados” que chegam a uma ilha selvagem, enquanto, naquele, um “selvagem” é levado para a “civilização” - o que nos interessa é a semelhança na reação de ambos os personagens, Miranda e John. Este, ao ser convidado a ir para Londres com Bernard e Lenina, mostra seu

primeiro sinal de empolgação com estas palavras: “Pensar que se tornará realidade aquilo que eu sonhei toda a vida...” (HUXLEY, 2001, p.178). Ele se refere ao desejo de ir com a mãe para o mundo que ela tanto elogiava, alimentando, no espírito do filho, uma grande expectativa. A demonstração maior de empolgação e expectativa vem logo após a pergunta que John dirige a Bernard numa franca alusão à personagem shakespeariana (“Lembra-se do que disse Miranda?”):

- Oh, maravilha! – dizia ele, e seus olhos luziam, a fisionomia estava iluminada por um rubor vivo. – Como há aqui seres encantadores! Como é bela a humanidade! (...) “Oh, admirável mundo novo!” – repetiu - “Oh, admirável mundo novo, que encerra criaturas tais !” Partamos em seguida (HUXLEY, 2001, p.178)<sup>13</sup>.

A reação de Próspero, ao fim da manifestação semelhante de Miranda, fora dizer “‘Tis new to thee”, como se a advertisse pela ingenuidade, pois ela ignorava o comportamento nada admirável que aqueles homens vinham tendo. E a reação de Bernard para com John tem o mesmo tom preventivo: “... não seria melhor se você esperasse para ver esse mundo novo? (HUXLEY, 2001, p.178)<sup>14</sup>.

Vale observar que as palavras de John não foram uma reação espontânea diante do mundo real, ou seja, não se tratou de uma impressão imediata ante o objeto, como ocorrera com Miranda. Tratou-se apenas de uma manifestação de júbilo quase infantil ante a perspectiva e o vislumbre do que ele imaginava ser a civilização tão venerada por Linda, sua mãe. Portanto, trata-se de emoção ocasionada por uma imagem descrita pelo outro e não visualizada por si mesmo.

Como as realidades não condiziam com a positiva receptividade de ambos os personagens, pode-se inferir a intenção irônica do título huxleyano. Como observa Karl e Magalaner, “por medio de la ironia de Huxley, el grito de Miranda se transforma primero en uno deleite y luego en la queja de un individuo torturado” (1969, p.252). Dado o propósito crítico de Huxley, a ironia é utilizada como um dos recursos do espírito sagaz que se sente impotente perante um mundo que se mostra inelutável.

---

<sup>13</sup> No original inglês: “O wonder!” he was saying; and his eyes shone, his face was brightly flushed. “How many goodly creatures are there here! How beauteous mankind is!” (...) “O brave new world,” he repeated. “O brave new world that has such people in it. Let’s start at once” (HUXLEY, 1947, p.142).

<sup>14</sup> “...hadn’t you better wait till you actually see the new world?” (Ibidem, p.142).

Portanto, o AMN precisa ser lido com os índices desse recurso crítico, em que a verdade é o contrário do que se lê.

O adjetivo “admirável” (*brave*) normalmente é entendido em sua concepção positiva, despertada por aquilo que causa estima, simpatia, consideração, como fora usado nas manifestações ingênuas de John e de Miranda. À maioria, escapa o sentido de espanto, assombro, estranheza que também são usados parcialmente como negativos, pois a admiração, o espanto e a estranheza são acarretados pelo inesperado, pela surpresa, que pode ser boa ou má. Ocorrem também quando verificamos o contrário do que esperávamos: tanto o bem quanto o mal.

De qualquer forma, a ambigüidade do termo é providencial por se ajustar à própria ambigüidade da situação: para o ironista Huxley, o “admirável” é sinal de espantoso e o termo é usado no sentido daquilo que diz o contrário do que é; àqueles a quem ironiza, os habitantes desse mundo, o termo tem o valor positivo de “bonito, maravilhoso”<sup>15</sup>. Além do mais, a obliquidade do “brave” se revela ainda na alusão capciosa que Huxley faz ao novo mundo (*new world*), no caso o Estados Unidos da América, que costumava receber esse designativo e sobre o qual se constrói a sua alegoria. Assim, Huxley explora muito bem o verso shakesperiano ao usá-lo de forma bastante sugestiva.

Esses aspectos do título reforçam-se nos dois parágrafos iniciais que aproximam o primeiro contato com a exterioridade (a aparência) da impressão quase intuitiva (a decepção com a essência). Lendo o AMN, percebemos que o narrador está entre aqueles que não se deixam iludir pelas aparências, enquanto os outros são os que se iludem. Por trás de todo o esplendor e da exemplar assepsia dos espaços, escondem-se os absurdos de um mundo movido por interesses alheios à dignidade humana.

No documentário sobre Huxley – *Darkness and Light* (1993) -, a certa altura, o narrador sugere que a luminosidade e o colorido das ruas da Califórnia – visitada pelo escritor e sua esposa - com seus outdoors e luminosos, causam deslumbramento. Mas para o europeu recém chegado, a propaganda massiva atordoava com sua mistura de valores dissonantes: produtos do mercado e frontispícios de igrejas e templos. Carros, hambúrgueres, religiões e Deus, tudo transformado em mercadoria e tornado imagem:

---

<sup>15</sup> Esta é a forma mais simples de ironia verbal: “o elogio antifrástico no lugar da censura” (MUECKE, 1995, p.78).

sociedade do espetáculo. Espetáculo que Huxley desaprovou assim que percebeu a sua superficialidade<sup>16</sup>. Logo, parecia querer que o leitor caísse no mesmo engodo, oferecendo-lhe um título sugestivo sem que houvesse alguém a lhe prevenir: “não seria melhor se você esperasse para ver esse mundo novo?”.

### **3.3 – Espaço determinante**

Conforme se acredita, àquilo que é colocado em primeiro plano dá-se uma relevância que ascende aos demais elementos. Assim, do título à abertura do terceiro capítulo, essa ascendência é do espaço. A atmosfera criada pela descrição espacial serve para dizer a que veio o autor, inclusive a natureza do ambiente revela-se já nos dois primeiros parágrafos da obra. Tal relevância condiz com a função determinante que cabe ao espaço, mais precisamente ao ambiente, na formação das personagens desse romance. Para constatar essa evidência, basta que confrontemos um habitante da civilização novo-mundista, Mustafá, por exemplo, com John, nascido e criado na Reserva de Selvagens. Logo suas características serão justificadas pelos costumes a que foram submetidos, cada qual em seu mundo.

Numa obra, o espaço encobre múltiplos sentidos, pois a atmosfera que decorre dele transforma-o em algo transcendente, já que não é só de paisagens que ele se compõe. No AMN, a ênfase recai sobre a ambientação, evidenciando a intenção do autor em reforçar a caracterização das personagens, e a natureza do espaço é social, pois enfatiza os costumes e os modos de ser dos habitantes. Assim, se o espaço incide sobre os costumes, ele não é mera peça decorativa, mas possui um valor funcional indiscutível.

---

<sup>16</sup> O processo ocorrido com John – do entusiasmo à decepção – é muito semelhante ao que ocorrera com o próprio Huxley quando da sua primeira visita aos EUA (Los Angeles), em 1926. A princípio, ficou bastante entusiasmado com a “vitalidade” americana; em poucos dias, porém, percebeu que essa vitalidade limitava-se às diversões vazias, como as festas e o automobilismo: “What is known as ‘night life’ flourishes... And nowhere, perhaps is there so little conversation... Hence there appears to be even more vitality in the Americans than there really is. It is all movement and noise, like the water gurgling out of a bath – down the waste. Yes, down the waste”, afirmara desiludido (in BEDFORD, 1973, pp. 175-176).

### 3.3.1 - Imagem sintética do mundo

*Lasciate ogni speranza voi ch'entrate.*  
Dante

Os exageros a que foi levado o mundo imaginado por Huxley é uma espécie de aproximação microscópica vertiginosa, num contra-senso aos efeitos de um binóculo invertido, que distancia a imagem e, conseqüentemente, a diminui. O futuro é um tempo ainda distante de nós - algo parecido com o objeto visto pelo binóculo invertido. No entanto, o autor não diminui suas feições, pelo contrário, as amplia. O efeito conseguido é interessante e significativo: geralmente só visualizamos os contornos do que está muito distante (632 d.F), logo *não devemos nos precipitar* sobre sua verdadeira feição. O que Huxley faz é justamente ironizar um mundo que valoriza a aparência, que é só contorno. A ironia - recurso que *inverte* o sentido – mantém o ironista afastado, mas, usada como um binóculo invertido, aproxima o objeto e desnuda sua essência por trás das aparências.

Mas como foi possível contrariar os efeitos do binóculo, aumentando o que necessariamente diminuiria? Este efeito espacial (imagético) insólito foi obtido por meio da temporalidade da narrativa: apesar de ser um tempo futuro, ele foi narrado como passado. O que passou não vive mais, logo pode ser imobilizado pela memória e avaliado com prudência, isto é, sem precipitação.

A maneira como somos apresentados ao universo do mundo novo revela uma intenção perscrutadora, que parte da aparência em busca da essência. Assim, o que se coloca em primeiro plano é o frontispício de um edifício descrito como um quadro estático, sem recorrência explícita a verbos, já que a única forma é nominal (“acachapado”, *squat* no original) e a função, adjetiva:

Um edifício cinzento e acachapado, de trinta e quatro andares apenas. Acima da entrada principal, as palavras **Centro de Incubação e Condicionamento de Londres Central** e, num escudo, o lema do Estado Mundial: **Comunidade, Identidade, Estabilidade** (HUXLEY, 2001, p.33).<sup>17</sup>

---

<sup>17</sup> No original: “A squat grey building of only thirty-four stories. Over the main entrance the words, CENTRAL LONDON HATCHERY AND CONDITIONING CENTRE, and, in a shield, the World State’s motto, COMMUNITY, IDENTITY, STABILITY (HUXLEY, 1947, p.07).

Esse parágrafo inicial sintetiza a essência do mundo novo, através de algumas palavras fundamentais que a imagem sem vida nos apresenta: “cinzento” (*grey*), “incubação” (*hatchery*), “condicionamento” (*conditioning*), “mundial” (*world*) e o lema “Comunidade, Identidade, Estabilidade” (*Community, Identity, Stability*), cuja alusão do autor ao slogan da Revolução Francesa é assinalada por Courtney Campbell (1997). Há que se considerar ainda a locação: Londres.

Neste primeiro momento, temos uma espécie de câmera fixa mostrando e prenunciando a ausência de vida pela ausência de verbos. Com o desenvolvimento da narrativa, o leitor compreenderá o tom pessimista (“cinzento”) que antecipa a falta de vida, pois verificará que o que é “produzido” nesse “Centro de Incubação e Condicionamento” é uma existência mecânica e artificial, contraposta à vida natural da Reserva.

Se o leitor soubesse que esse primeiro parágrafo sintetiza o mundo que está por ser descortinado, perceberia, desde já, a intenção irônica de Huxley, contrapondo essa imagem inicial “cinzenta” ao título promissor da obra. Mas essa descoberta se fará aos poucos, pelo menos até o fim do segundo capítulo, onde o leitor poderá ter uma noção maior das intenções do sistema que governa esse mundo.

Somente ao fim da leitura, perceberá o poder de síntese dos parágrafos iniciais, mais extensos, porém tão significativos quanto a frase-verso com que Oswald de Andrade abre suas *Memórias Sentimentais de João Miramar*: “Jardim desencanto” (1971, p.13). Assim como Huxley, Oswald sugere algo “admirável” - o Jardim, o Éden - para imediatamente acinzentá-lo - com o desencanto, o anti-Éden (cf. MESQUITA, 1987, p.60). Entretanto, no AMN, o desencantamento não é tão direto, mas também se expressa por meio de um narrador que, conforme nos conduz por aquele mundo adentro, vai deixando marcas das suas impressões na narrativa, atestando a confluência entre o espaço exterior e o seu estado interior.

O mundo em que Huxley nos introduz é este onde o espaço físico descrito (a aparência) deve revelar a atmosfera (a essência). Assim, avisados, entramos no edifício que representa o sistema regente do Estado Mundial. Nesse segundo parágrafo, o

recurso preponderante na descrição é a sinestesia e o conteúdo daquela face externa é uma extensão do já anunciado: ausência de vida, desencanto.

A enorme sala do andar térreo dava para o norte. Apesar do verão que reinava para além das vidraças, apesar do calor tropical da própria sala, era fria e crua a luz tênue que entrava pelas janelas, procurando, faminta, algum manequim coberto de roupa, algum vulto acadêmico pálido e arrepiado, mas só encontrando o vidro, o níquel e a porcelana de brilho glacial de um laboratório. À algidez hibernal respondia a algidez hibernal. As blusas dos trabalhadores eram brancas, suas mãos estavam revestidas de luvas de borracha pálida, de tonalidade cadavérica. A luz era gelada, morta, espectral. Somente dos cilindros amarelos dos microscópios lhe vinha um pouco de substância rica e viva que se esparramava como manteiga ao longo dos tubos reluzentes (HUXLEY, 2001, p.33).<sup>18</sup>

A evocação visual é quase tátil: luz fria, crua, morta e espectral, o brilho glacial da porcelana e a algidez hibernal do ambiente. O tom concessivo (“Cold for all the summer beyond the panes, for all the tropical heat of the room itself...” ) contrapõe a aparência externa e a essência: o verão que reinava e o calor tropical dão-nos a sensação de alegria e acolhimento, mas o que encontraremos é a frialdade nas relações de um mundo degradado e desumano, sem vida. Tal quadro sinaliza a projeção huxleyana na obra, que adiante apresentará a frustração e a impotência de John diante dessa civilização, numa extensão do pessimismo huxleyano provocado por constantes decepções com a humanidade.

Assim, nos dois parágrafos iniciais do AMN, as impressões são percebidas quase que de imediato, sem o controle da razão, e a realidade apreendida parece ser a da superfície das coisas. Essa espécie de câmera que nos conduz e entra no edifício seria um narrador em terceira pessoa ou não há ninguém narrando? Qual é a posição dessa câmera-narrador? A que distância ela (e) nos coloca do narrado? Veremos que a carga significativa das poucas, mas densas, caracterizações acusam juízos de valor incompatíveis com a “desumanidade” de uma câmera. Obviamente, existe um autor

---

<sup>18</sup> No original inglês: “The enormous room on the ground floor faced towards the north. Cold for all the summer beyond the panes, for all the tropical heat of the room itself, a harsh thin light glared through the windows, hungrily seeking some draped lay figure, some pallid shape of academic goose-flesh, but finding only the glass and nickel and bleakly shining porcelain of a laboratory. Wintriness responded to wintriness. The overalls of the workers were white, their hands gloved with a pale corpse-coloured rubber. The light was frozen, dead, a ghost. Only from the yellow barrels of the microscopes did it borrow a certain rich and living substance, lying along the polished tubes like butter, streak after luscious streak in long recession down the work tables” (HUXLEY, 1947, p.07).

implícito, com a intenção de que a história se conte a si mesma. Objetividade que se trai pela valoração implícita.

O tempo pretérito na descrição do mundo novo ainda sugere um caráter de revivescência do passado, condizente com a expressão das percepções por meio de sinestésias, natural no processo de evocação da memória e da recordação, reforçando uma hipótese autobiográfica já detectada por Adorno: o AMN seria o “sedimento do pânico” huxleyano diante da América.

### 3.3.2 - A Luz que ilumina e desencanta

No segundo parágrafo, uma enorme sala nos é descrita (“dava para o norte”) e notamos uma diferença expressiva: o “cinzento” do primeiro parágrafo (“edifício cinzento”) pode ser simplesmente um aspecto físico, mas que permite ao leitor o significado maior que destacamos. Agora, nesse parágrafo, o adjetivo “enorme” é notadamente significativo: tanto o tamanho, quanto o “poder” da sala são enormes.

Como vimos, a presença de um narrador faz-se sentir na relação concessiva entre o calor tropical do verão e a frialdade do ambiente, representada pela luz tênue, fria; luz que é personificada, já que *procura* e está *faminta* por um vulto pálido e arrepiado; o brilho glacial do vidro, do níquel e da porcelana, em suma, a “algidez hibernal” da luz e da atmosfera, contrariando o calor tropical da própria sala. Essa algidez estende-se ainda por outros qualificativos que podem conotar assepsia: blusas *brancas*, “*luvas de borracha* pálida, de tonalidade cadavérica”<sup>19</sup>. Por fim, matéria e atmosfera fundem-se numa sinestesia: “A luz era *gelada*, morta, *espectral*”<sup>20</sup>. O que representaria esta luz?

A face externa desse edifício sombrio - apresentada no primeiro parágrafo - antecipa o luto invocado pela face interna que, paradoxalmente, a luz intensa ofuscará até à cegueira, à escuridão, à nulidade e ao aniquilamento da vida. O *conteúdo* dessa *forma* é gélido, pálido, morto, *espectral* - representa uma ameaça - e,

---

<sup>19</sup> A passagem em inglês é: “The overalls of the workers were white, their hands gloved with a pale corpse-coloured rubber” (HUXLEY, 1955, p.01). Embora os tradutores tenham escolhido “blusas”, no lugar de “aventais” ou “macacões” (*overalls*), isto não interfere em nossa interpretação.

<sup>20</sup> No original: “The light was frozen, dead, a ghost” (IDEM, p.01).



significativamente, toda essa frieza, desumanidade, vem personificada na luz. A palidez, o apagado da face cinérea, não seria a falta do brilho encantador? A ausência de fulgor, de aura, não leva ao desencanto, pelo desencantamento?<sup>21</sup>

O sistema do AMN é herdeiro do Esclarecimento, produto da filosofia iluminista, e o seu ideal “é o sistema do qual se pode deduzir toda e cada coisa” (ADORNO & HORKHEIMER, 1985, p.22). Essa forma de controle sobre o real é o que garante na civilização novo-mundista a tão venerada Estabilidade, sinônimo de Felicidade. Dominar e controlar foram as maneiras encontradas pelo homem para afastar o medo do desconhecido, daquilo que ainda se encontrava na escuridão e não podia ser visto: a luz esclarece tudo<sup>22</sup>. Para isso, é necessário o cálculo que possibilita a previsão, logo, o número que dá a medida exata “tornou-se o cânon do Esclarecimento”.

O impulso dominador, além de se justificar pelo afastamento do medo, poderia ainda encontrar respaldo na cultura religiosa do Ocidente: “E criou Deus o homem à sua imagem [...] macho e fêmea os criou. [...] e Deus lhes disse: ...enchei a terra, e *sujeitai-a*; e *dominai* sobre... todo animal que se move sobre a terra. [...] E viu Deus quanto tinha feito, e eis que era muito bom...” (GÊNESIS 1:2, grifos nossos).

Nossos tempos são ainda mais sombrios porque a evolução da técnica (e do esclarecimento) permite conjecturas assustadoras sobre o uso que se pode fazer dela. O domínio técnico, norteado pelo pragmatismo e pelos insaciáveis interesses do mundo capitalista, é o que desperta o receio de alguns para com a manipulação genética cujas possibilidades aparecem no AMN. Tratar a obra sob o viés do termo weberiano, dilatado pela releitura dos frankfurtianos, é expressar o “desconforto perante o avanço implacável da ciência” (PIERUCCI, 2003, p.163).

Na *Dialética do Esclarecimento*, de Adorno e Horkheimer, pode-se ler: “O programa do esclarecimento era o desencantamento do mundo” (1985, p.19). Como vimos anteriormente, o tema do AMN “não é o avanço da ciência em si; é esse avanço na

---

<sup>21</sup> Obviamente, aludimos ao conceito weberiano de “desencantamento” (*entzauberung*). Na passagem em questão, há que se distinguir os termos “desencanto” e “desencantamento”, sob as ressalvas que Antonio Flávio Pierucci apresenta em seu estudo sobre as ocorrências do conceito em Weber (ver PIERUCCI, 2003). A nossa intenção é sugerir que o “desencantamento” (ou “desmagificação”) do mundo (*Entzauberung der Welt*) é responsável pela quebra do encanto e pela perda da admiração.

<sup>22</sup> Trata-se de um truísmo pueril: temos medo do escuro. Esse trauma vem se resolvendo desde a origem do Cosmos: *Fiat Lux!*. A Luz afasta a escuridão, clareia um ambiente que poderia ser hostil, até que o homem enxergue e *meça* esse ambiente para dominá-lo, acentuando um processo que torna tudo idêntico e mais facilmente manipulável, como o exército de gêmeos do AMN.

medida em que afeta os seres humanos” (HUXLEY, 2001, p.25), ou seja, quando suas potencialidades degeneram em barbárie, comprovando que algo está errado com as operações racionais. Logo, a crítica huxleyana incide sobre a razão humana corrompida, que aponta uma irracionalidade no comportamento.

Há muito tempo o verdadeiro temor tem sido sobre a incontornabilidade desse movimento que leva do medo à vontade de poder, a busca do conhecimento que leva à dominação, pelo cálculo e pela previsão dos fenômenos naturais. A razão fundada na dominação é um fator de coerção e o domínio sobre a natureza é paralelo ao domínio social, como veremos na produção seriada do mundo novo. Por essas e outras, o desencantamento com o presente faz parte do nosso tempo.

Para Max Weber, o que diferenciava o Ocidente do Oriente era a noção de progresso, e o motor do progresso é a racionalidade, a razão, que possui duas faces: uma instrumental, que articula meios para se chegar ao fim (*techné*); e uma essencialista, que questiona os motivos que levam a se querer chegar a determinado fim. No Ocidente, a racionalidade é instrumental e a predominância do seu impulso calculista gera um progressivo desencantamento do mundo: “a calculabilidade surge... como o operador específico do desencantamento... momento da racionalização do mundo” (WEBER, 1993, p.161). Desaturizado, o mundo perde o seu encanto, o seu feitiço, a sua magia: Admirável Mundo Novo = Jardim desencanto.

Além desses aspectos, o mundo do futuro apresentado por Huxley é um mundo norteado pelo finalismo. Este é o lado mais forte da doutrina utilitarista, da qual o AMN está repleto. A qualidade e o valor de uma ação estão vinculados à sua utilidade ou tendência em conduzir os homens à felicidade. Conforme um dos mentores da ideologia novo-mundista, Jeremy Bentham, o homem está sujeito ao domínio de dois “senhores soberanos: a dor e o prazer”. Para ele, “o princípio da utilidade reconhece esta sujeição e a coloca como fundamento desse sistema, cujo objetivo consiste em construir o edifício da felicidade através da razão e da lei” (1974, p.09). Mustafá Mond, o mentor da civilização novo-mundista, afirma que a felicidade é o soberano bem. Esta afirmação convicta vincula-se ao ideal pragmático do Sistema que entende que somente pessoas felizes são estáveis e vice-versa, quer dizer, a insatisfação gera a instabilidade. Portanto, todos os meios devem ser usados para se atingir o fim: manter a estabilidade.

A partir disso, a estabilidade funda-se no controle total, do embrião ao indivíduo adulto. Esse domínio não perde de vista as causas da tão perniciosa instabilidade. Pode-se inferir daí que a Felicidade depende do controle sobre tudo que desestabiliza: no AMN, são as emoções e os instintos. Assim, o sistema buscou eliminar esses fatores de desestabilização: não pode haver amor, emoção, sentimento, logo, não pode haver vida, pois estar vivo é reagir. Huxley reconhecia esse truísmo, por isso apresentou pequenos sinais de vida no mundo novo, possibilitando a instabilidade de alguns personagens, numa evidente ironia para com um sistema behaviorista que é falho e não dá conta de tudo.

Assim, aquele edifício de trinta e quatro andares, com sua enorme sala térrea, tem a marca do luto, e no conteúdo, não a morte, mas a incipiente vida, efêmera, só um espectro dela, diminuto, visível somente pelo microscópio, vida nua que ficará à mercê de um regime totalitário, para o qual os embriões - aquelas substâncias “ricas e vivas” - fulguram como as futuras engrenagens do sistema.

Fica evidente, assim, que o edifício que representa o espaço central dessa história é extremamente maior que a “vida” que o habita. A vida é pequena demais neste mundo e parece só existir nesse estágio embrionário, ficando à disposição do arbítrio de seus manipuladores soberanos, tal quais as vidas nuas em estados de exceção. A opressão sobre esta vida será descrita nas ações que se seguem, configurando um processo em que ela será condicionada até atingir um estágio de identidade com o corpo cadavérico da Comunidade: essa vida inicial será mortificada, e a morte “sobreviverá” estável.

Há uma evidente oposição entre vida e morte sintetizada nas linhas dos dois primeiros parágrafos, ou melhor, a substância viva e rica é colocada na intersecção entre a vida e a morte. E, desde o princípio, o embate é injusto: a morte está sendo representada por um Mundo, dirigido por um sistema poderoso; enquanto a vida está limitada à lâmina do microscópio, frágil, inerte e à mercê de um deus: a Razão. No mundo externo, a vida só é sugerida timidamente na insatisfação de Bernard e de Helmholtz e no desejo incontido de Lenina. Vem se juntar a eles o estranhamento de John, produto de um meio distinto. Mas, mesmo estas vidas, frágeis e impotentes, serão sufocadas pelo sistema, aniquiladas pelas estratégias do biopoder estatal.

Pode-se afirmar, portanto, que o valor do espaço na narrativa fornece os índices para o andamento do enredo e, como veremos, justifica a parca caracterização dos personagens. Não só pelo fato de situar e ditar as condições em que eles vivem, mas também porque a forma de apresentar o espaço inicialmente, por meio de descrições, causa a sensação de imobilidade característica de um mundo que se mostrará sem vida.

Outro valor atribuído à descrição inicial que imobiliza é a sugestão de que o mundo narrado não só é possível, mas é-nos apresentado como dado, em potência. Esta potência (ou possibilidade de produzir mudanças) não se explicita no primeiro parágrafo sem verbos, estático, mas está gravada na escolha significativa dos vocábulos que compõem a descrição. Já no segundo parágrafo, a descrição continua, mas ganha um pouco de vida na presença tímida dos verbos e a potência que era apenas possibilidade vai se revelando como potência no sentido de *poderio*. Assim, a narrativa configurará um mundo que se destaca pela mortificação da vida, esvaziada da sua dimensão humana e do seu brilho, revelando apenas o que restou e foi “apagado”, tornado cinza (s).

A face cinzenta do edifício central é a *face* desse “Admirável mundo novo”: cinza é o edifício; cinza será sua atmosfera. Cinza! Mistura de luz e trevas, esclarecimento e ignorância. Trata-se de um equilíbrio tonal entre razão e desrazão, resultando nesse matiz embaçado. Cinzas é também o que resta depois do terror, é o aniquilamento, o luto (pelo que se perdeu), o apagado, sem vida, sem brilho, sem aura, desencantado, fosco. “Cinza, caro amigo, é toda a *teoria*”, como dissera Mephisto. Desse mundo exala a “moral cinzenta do fatalismo”, conforme expressão de Bosi ao se referir a Aluisio Azevedo, “cinza como o cotidiano do homem burguês, cinza como a eterna repetição dos mecanismos do seu comportamento...” (BOSI, 1988, p.187).

O Edifício Central é o *centro* desse Universo, cuja locação maior é Londres. No interior desse prédio encontra-se a Inteligência Suprema que cria, produz e governa o Universo. Essa Inteligência é uma espécie de “Deus de prótese<sup>23</sup>”. Trata-se do homem-deus, o homem contemplado pelo fogo prometéico, orgulhoso e envaidecido de seu

---

<sup>23</sup> Essa expressão foi usada por Freud: “O homem ...tornou-se uma espécie de ‘Deus de prótese’ (...) ele próprio quase se tornou um deus” (FREUD, 1997, p.44.).

saber e de seu poder, levando às últimas conseqüências a ordenação divina presente no *Gênesis*: dominai e sujeitai.

Assim, a abertura do romance nos apresenta a origem desse Mundo Novo: *onde e como é* a sua gênese e *quem* são os deuses que o criaram e produziram. E mais: como eles sujeitam, dominam e manipulam “tudo que se move sobre a terra”, do embrião à morte. Esses homens-deuses do “Centro de Incubação e Condicionamento” resolveram, em algum momento irrevelado, transformar o mundo velho em mundo novo e o entusiasmo do D.I.C para com os procedimentos e, principalmente, para com os resultados, expressa-se sempre por essas palavras: “Esse é o espírito que me agrada!<sup>24</sup>”. Uma satisfação que, curiosamente, aproxima-se do juízo divino: “Ele viu que era bom”.

Outro aspecto interessante é notarmos que a renovação (mundo novo) ou a criação de um outro mundo, que julgamos ser melhor que o existente, é chamada de Utopia. Utópico é o pensamento que idealiza uma outra realidade, organizada conforme um desejo prévio, posto que não satisfeito com o caos em que se encontra. Utópico é também o gênero em que se inscreve esse tipo de romance escrito por Huxley e pode ter sido utópico o projeto que engendrou o mundo criado pelo “Centro de Incubação e Condicionamento”. Portanto, é sobre esse projeto “utópico” que Huxley verte sua crítica, fundamentado na epígrafe de Berdiaeff. Sob este viés, repetimos, o AMN não é uma forma de resistência?

A rejeição muitas vezes é característica da condição de estrangeiro, na qual o europeu Huxley se encontrou<sup>25</sup>, e o tratamento dado à realidade pode sugerir uma resistência, já que o distanciamento é o que possibilita um olhar mais apurado sobre o engodo da imagem, da aparência. Nesse ponto, o termo “alienado” pode ser usado de duas formas: tanto para indicar aquele *que está alheio* ao processo de sedução e se rende, como para sugerir - no caso da obra - *que se fique alheio* a esse processo alienatório, ou seja, que se aliene da alienação. Logo, o distanciamento do narrador é um apelo à sobriedade da consciência como uma espécie de baluarte da resistência.

---

<sup>24</sup> HUXLEY, 2001, pp.39 e 43. No original: “That’s the spirit I like!”.

<sup>25</sup> Sua primeira visita aos Estados Unidos foi em 1926: foi a Los Angeles, Chicago e New York (ver cronologia in BEDFORD, S., 1973a, p.387).

Nesse ponto, podemos aproximar a sugestão huxleyana do pensamento adorniano. A crítica huxleyana pretende valorizar a consciência como uma arma contra o processo alienatório, cuja sutileza foi afastada, no AMN, pela sua total exibição. Adorno certamente apontaria nesse processo uma feição ideológica mais capciosa do que se supunha, conforme nos esclarece Gabriel Cohn:

Para ele a ideologia não se reduz a um sistema de idéias ou representações culturais, não é uma característica de tal ou qual modalidade de consciência social. É, antes de mais nada, um processo complexo, articulado em muitos níveis, dos quais as idéias e as representações são apenas as formas mais acabadas e, portanto, mais diretamente acessíveis à experiência cotidiana. A ideologia é ideologia, ou seja, aparência socialmente necessária, precisamente porque a consciência que produz nos integrantes da sociedade se atém à sua forma já acabada – a única que aparece. Essa forma acabada é produto de um processo complexo, mas não aparece como produto e sim como dado original e, no limite, natural. A eficácia da ideologia reside na sua capacidade para vedar o acesso aos resultados da atividade social como produtos, mediante o bloqueio da reflexão sobre o modo como foram produzidos (COHN, 1986, p.11).

No AMN, a ideologia é *produzida* pelo minucioso condicionamento humano, é parte do espírito do simples ser vivente. Já Adorno nos ensina que “sua falsidade lhe é intrínseca, não resulta de qualquer instrumentalização por terceiros” (COHN, 1986, p.12). No entanto, embora no universo novo-mundista note-se a intencionalidade ostensiva de todo o processo, os indivíduos, que sabem como tudo é feito, aceitam tudo como natural, já que a eficácia do processo legitima-se justamente nessa aceitação<sup>26</sup>.

Mais ao fim desse trabalho, veremos melhor como a ideologia opera sobre a vida desses “vivos sem palavras”. Por hora, basta frisar que nossa realidade não está muito longe disso, pois não *aceitamos* a ideologia como natural, *achamos* que é natural, daí o maior problema, reconhecido por Adorno: o processo todo é apagado do produto final e o que resta é uma “falsa experiência social”, tolhendo o reconhecimento da própria determinação.

De qualquer maneira, pode-se aceitar a criação huxleyana como uma forma literária de apresentar o funcionamento do processo, pois no mundo real ele não se evidencia, ou seja, está imbricado no modo de vida capitalista, inspirado no *american way of life*, cujas evoluções foram apreendidas pela intuição huxleyana e projetadas, pela sua imaginação, ao futuro.

---

<sup>26</sup> “Tal é a finalidade de todo o condicionamento: fazer as pessoas amarem o destino social de que não podem escapar”, são as palavras do DIC (HUXLEY, 2001, p.47).

### 3.3.3 – Linhas de produção da “felicidade”

Conforme vamos adentrando nesse mundo, todas essas idéias vão tomando forma e se fortalecendo, como veremos depois na análise dos personagens. Antes, porém, vejamos os espaços que se apresentam dentro do espaço maior cuja descrição já analisamos. Cada um deles comporta uma função que justifica a força e o poder sugeridos na apresentação inicial do espaço maior. No interior do Edifício Central, somos conduzidos por diversas salas onde o processo de produção é dividido conforme as especialidades. A racionalização desse espaço e as linhas de produção são alusões claras ao taylorismo e ao fordismo, respectivamente.

Um pouco antes, porém, de o narrador descrever a primeira sala, ele nos apresenta - mediante “uma breve descrição” feita pelo D.I.C. - o “moderno processo de fecundação”. Tal procedimento merece especial atenção por ser o registro da manipulação genética praticada nesse mundo fictício, portanto, vale a pena transcrever toda a passagem em que é explicado:

...falou-lhes primeiro, naturalmente, da sua introdução cirúrgica - “a operação suportada voluntariamente para o bem da Sociedade, sem esquecer que proporciona uma gratificação de seis meses de ordenado”; continuou com uma exposição sumária da técnica de conservação do ovário, seccionado no estado vivo e em pleno desenvolvimento; passou a considerações sobre a temperatura, a salinidade e a viscosidade ideais; fez alusão ao líquido em que se conservavam os óvulos desprendidos e maduros; e... mostrou-lhes até como se retirava esse líquido dos tubos de ensaio; como o fazia cair gota a gota sobre as lâminas de vidro, especialmente aquecidas, para preparações microscópicas; como os óvulos que ele continha eram inspecionados com vistas a possíveis caracteres anormais, contados e transferidos para um ambiente poroso; como esse recipiente (...) era mergulhado em um caldo tépido contendo espermatozóides que nele nadavam livremente – “na concentração mínima de cem mil por centímetro cúbico”, insistiu -; e, como, ao cabo de dez minutos, o vaso era retirado do líquido e seu conteúdo, novamente examinado; como, se ainda restassem óvulos não fecundados, era ele mergulhado uma segunda vez e, se necessário, uma terceira; como os óvulos fecundados voltavam às incubadoras; onde eram conservados os Alfas e os Betas até seu acondicionamento definitivo em bocais, enquanto os Gamas, os Deltas e os Ípsilons eram retirados ao fim de apenas trinta e seis horas para serem submetidos ao Processo Bokanovsky (HUXLEY, 2001, pp.35-36).

O processo descrito acima não passa de uma forma grosseira de fecundação artificial, cujos detalhes, sabemos que são diferentes dos que Huxley imaginara, pois, hoje, o espermatozóide é injetado no óvulo e este é reintrojetado no ovário de uma mulher. Todavia, deixa bastante claro a seleção genética ao mencionar que os óvulos

eram “inspecionados com vistas a possíveis caracteres anormais”. Que estes óvulos fossem introduzidos ou não num ovário, nesse primeiro momento, essa seleção está bem próxima das intenções terapêuticas defendidas por muitos geneticistas atuais: por exemplo, seria uma forma de evitar o nascimento de um bebê com deficiências congênitas. No AMN, entretanto, a seleção dos melhores genes estava relacionada à perfeição que se esperava de cada gene para compor cada casta. Logo, não ocorria devido a cuidados humanitários e, sim, devido aos interesses pragmáticos do Estado.

O fragmento que citamos apenas menciona aquilo que chamamos de clonagem e que, nesse universo fictício, recebe o nome de Processo Bokanovsky. Prosseguindo em sua explanação, o Diretor explica para um dos estudantes - curioso ao ouvir o nome do procedimento - que se trata de um processo onde o ovo “reage germinando”. Conforme o Diretor:

Um ovo, um embrião, um adulto – é o normal. Mas um ovo bokanovskizado tem a propriedade de germinar, proliferar-se: de oito a noventa e seis germes, e cada um destes se tornará um embrião perfeitamente formado, e cada embrião, um adulto completo. Assim se consegue fazer crescerem noventa e seis seres humanos em lugar de um só, como no passado. Progresso. [...] “Noventa e seis gêmeos idênticos fazendo funcionar noventa e seis máquinas idênticas” (HUXLEY, 2001, pp.36 e 38).

Novamente, ele exporá um procedimento distinto do que se faria hoje. Ele diz que o desenvolvimento é interrompido várias vezes, detendo “o crescimento normal e, paradoxalmente, o ovo reage germinando em múltiplos brotos” (Ibidem, p. 36). Diz ainda que na exposição desses ovos aos raios X duros, durante oito minutos, “um pequeno número morria, outros, os menos suscetíveis, dividiam-se em dois; a maioria proliferava em quatro brotos; alguns, em oito; todos eram reenviados à incubadoras, onde os brotos começavam a desenvolver-se” (Ibidem, p.37). Daí em diante, eles eram submetidos ao frio e à interrupção do crescimento, ao que reagiam germinando, “brotos de brotos de brotos”, num “aperfeiçoamento prodigioso em relação à natureza” (Ibidem, p.37). Estes comporão o futuro exército de gêmeos idênticos que farão funcionar as máquinas do Estado.

Tudo isso se passa na “Sala de Fecundação”, onde se encontram as incubadoras e os tubos de ensaio numerados, protegidos por uma porta térmica. Neste espaço já surge a primeira aproximação com o mundo da indústria: “Ouvia-se um leve rumor de



máquinas” (HUXLEY, 2001, p.37). Esse rumor aludindo ao espaço de uma indústria, mais a linha de montagem e de produção em série que será descrita, sugerem que o exército de gêmeos idênticos tomarão as ruas como os modelos *Ford T* o fizeram no início do século.

Em seguida, temos o “Depósito de órgãos”, de onde vinham, por meio de elevadores, as placas de peritônio de porca cortadas na dimensão exata. Na “Sala de Enfrascamento” a agitação era harmoniosa e a atividade ordenada, cujo cuidado para com a rotulação de cada embrião, relacionada à sua função social, era primoroso. “Bzzz, clique!”, outra alusão ao maquinário industrial: as placas de peritônio eram pegas pelo Forrador de Bocais que as acomodavam nestes, seguindo num imenso transportador até chegarem aos Matriculadores (do tubo para recipiente maior, incisão no peritônio, colocação da mórula, solução salina transvasada), passavam aos Rotuladores (hereditariedade, data de fecundação, grupo Bokanovsky, identificação detalhada), depois para a “Sala de Predestinação Social”: “Oitenta e oito metros cúbicos de fichas de papelão” (...) “Contendo todas as informações necessárias”, “Postas em dia todas as manhãs” (HUXLEY, 2001, p.40).

Descendo uma escada, sob uma penumbra densa, a temperatura ainda tropical, chegamos ao “Depósito dos embriões”. Aqui, Huxley convoca as sensações do leitor novamente pelo uso significativo de sinestésias: obscuridade quente e abafada, visível e rubra, “como as pálpebras fechadas numa tarde de verão”. E a mecanização continua evidente: “Um zumbido, um ruído de máquinas agitava levemente o ar” (Ibidem, p.42). Ligava-se à “Sala de Predestinação” por uma escada rolante que conduzia garrafões descarregados por “três fantasmas vermelhos”. Dali até à “Sala de Decantação”, cada bocal, acomodado em porta-garrafas, percorria um espaço num tempo pré-determinado. Nesse percurso de espaço e tempo definidos, muita coisa era feita aos bocais até que chegassem à “Sala de Decantação” onde teriam uma “existência independente”.

Huxley traça um paralelo entre o natural e o artificial, da gestação ao nascimento: o embrião desenvolve-se artificialmente no seu leito de peritônio<sup>27</sup> assim como no útero

---

<sup>27</sup> Peritônio parietal: membrana serosa que reveste, internamente, as cavidades abdominal e pélvica.

da mãe; nutre-se de pseudo-sangue<sup>28</sup>; é estimulado com placentina<sup>29</sup> e tiroxina<sup>30</sup>; injetado numa tubeira a cada doze metros; recebe doses gradativas de extrato de pituitária<sup>31</sup>; é submetido a circulação materna artificial, instalada em cada bocal; gira em bomba centrífuga que mantém o líquido em movimento acima da placenta; tem tendência à anemia; e sofre sacudidas para *familiarização com o movimento*.

Após esse evidente processo de gestação, no momento do “nascimento”, fala-se em perigo do *trauma da decantação*<sup>32</sup>. A “decantação” é o princípio da existência independente, ou seja, o embrião é desligado desse processo assim como o feto é desligado fisicamente da mãe na hora do parto, quando sofre o *trauma do nascimento* (primeira separação). São tomadas precauções para reduzir esse trauma (“adestramento apropriado do embrião no bocal”).

Seguem-se ainda as provas onde o sexo é escolhido e há um sistema de rotulagem que os classifica assim: Machos = T / Fêmeas = 0 (círculo) / Neutras = ?. A fecundidade é um incômodo: deixa-se desenvolver apenas 30% dos embriões femininos, os outros recebem dose de hormônio sexual masculino e tornam-se neutros, estéreis<sup>33</sup>.

Já não restam dúvidas quanto ao domínio humano sobre a natureza, principalmente quando o especialista Henry Foster (Henry Ford) afirma: “O que nos leva por fim... a deixar o domínio da simples imitação servil da natureza para entrar no mundo muito mais interessante da invenção humana” (HUXLEY, 2001, p.44). Deixa claro ainda que eles “não se contentavam com incubar simplesmente os embriões: isso, qualquer vaca era capaz de fazer (...) Nós também predestinamos e condicionamos. Decantamos nossos bebês sob a forma de seres vivos socializados...” (Ibidem, p.44). Em seguida, fala do condicionamento ao calor (os futuros mineiros) e do amor à servidão, o segredo da felicidade e da virtude (Cf. pp.47-48).

---

<sup>28</sup> Regulado na bomba, sua circulação mais lenta fornece menos oxigênio e mantém o embrião abaixo do normal. Trata-se do condicionamento para as funções sociais “inferiores”, conforme a casta.

<sup>29</sup> Funções metabólicas de transferência de substâncias e de secreção endócrina.

<sup>30</sup> Aminoácido natural da tireóide com ação hormonal.

<sup>31</sup> Hipófise: funções importantíssimas, reguladoras das atividades de outras glândulas endócrinas.

<sup>32</sup> HUXLEY, 2001, p.43. Atente-se ainda ao significado do verbo decantar: separar, livrar, purificar, transvazar-se, desaguar. No caso: ser expelido, “nascer”.

<sup>33</sup> Certamente, trata-se do primeiro cuidado para o controle de natalidade e a manutenção do equilíbrio populacional. Posteriormente, as mulheres usarão um cinto com o sugestivo nome de “malthusiano”.

No segundo capítulo, somos levados ao 5º andar, onde se encontram os berçários: as “Salas de Condicionamento Neopavloviano” (Ibidem, p.51). Nestas salas, são apresentados os procedimentos e as intenções do condicionamento, e também são expostos o método hipnopédico, sua origem e processo (Ibidem, pp.56-57). Num dos dormitórios são dadas lições de “Sexo Elementar” e de “Consciência de Classe”, aplicadas hipnopedicamente: oitenta meninos e meninas rosados dormem e, sob os travesseiros, o murmúrio das lições (Ibidem, p.60).

A hipnopedia é um dos recursos fundamentais nesse processo de manipulação das mentes, junto com as caixas de som que continuam transmitindo mensagens durante a vigília<sup>34</sup>. Em *Retorno ao Admirável Mundo Novo*, Huxley aproxima os métodos hipnopédicos da civilização novo-mundista das palavras do Ministro do armamento de Hitler, Albert Speer: “Através de artifícios técnicos como o rádio e o alto-falante, oitenta milhões de pessoas foram privadas da liberdade de pensar. Desta maneira foi possível sujeitá-las ao desejo de um homem...” (HUXLEY, c1959, p.69). E o próprio Huxley observa que, na sua obra AMN, “os que receberam ordens eram muito menos críticos que os seus semelhantes nazistas, muito mais submissos à ‘elite’ dirigente” (Ibidem, p.70). Vale lembrar que o AMN foi escrito antes da subida de Hitler ao poder.

Tais procedimentos hipnopédicos confirmam a verdade do célebre pensamento de Marshall McLuhan: “o meio é a mensagem”. A lavagem cerebral operada pelo método hipnopédico e pela repetição de lemas no AMN se dá através de meios que McLuhan disse serem “prolongamentos tecnológicos do sistema nervoso”. Segundo Huxley, essa sugestão verbal só obtém êxito se as palavras forem “sem razão”, “o tipo de palavras que não requer qualquer raciocínio para serem compreendidas, mas podem ser sorvidas em bloco pelo cérebro adormecido”, pois “a atividade intelectual é inconciliável com o sono” (Ver HUXLEY, c1959, p.146).

---

<sup>34</sup> Na adaptação do AMN (1998) para a televisão, vê-se uma cena em que os trabalhadores, enquanto produzem em série, ficam ouvindo ininterruptamente as seguintes frases transmitidas por sistemas de som: “Trabalhar é divertido. Quanto mais trabalhamos, mais coisas podemos comprar. Coisas novas. Odeio coisas velhas. Quero tudo novo. Jogar fora é melhor do que consertar. Se quebrou, não conserte. Você trabalha pesado, dá sempre o melhor de si. Faz a sua parte. Quando seu dia de trabalho termina, você quer tudo o que a vida pode oferecer”. Trata-se evidentemente de mensagens sugestivas para incentivar o consumismo.

No AMN, todo o aparato tecnológico e científico é usado para introjetar no espírito de seus indivíduos a idéia de que são felizes. Conforme observação de Stephen Jay Greenblatt, “the creatures of this world are doomed to be happy. No other kind of life is possible or imaginable” (1968, p.97). Logo, ante esse sistema manipulador, é inevitável pensarmos nas palavras de Marcuse que se ajustam perfeitamente ao quadro que se apresentou:

Basta-nos evocar a idéia de um Estado de bem-estar totalitário, que há muito deixou de ser tão abstrata e especulativa, para perceber que aqui as necessidades humanas são mais ou menos satisfeitas, mas de tal maneira que os seres humanos, tanto na sua existência privada quanto na sua existência social, *são administrados do berço ao túmulo*. Caso ainda se possa falar de felicidade, trata-se tão somente de *uma felicidade administrada* (MARCUSE, 2001, p.114, grifos nossos).

Esse mundo que manipula todas as instâncias da vida humana requer uma excessiva especialização e o que se percebe nas dependências do Edifício Central é o saber especializado sendo venerado. A importância desses conhecimentos funcionais instaura-se a partir dos interesses do Estado. Huxley nos fala, em um de seus ensaios, sobre a primeira metade do século XX ter sido a era dos engenheiros técnicos; a segunda, a dos engenheiros sociais; e, ainda, que o século XXI seria a era dos Administradores Mundiais, “do sistema científico das castas e do *Admirável Mundo Novo*” (HUXLEY, c1959, p.52). Levanta ainda questões éticas:

Ai de nós, a instrução superior não é precisamente uma certeza de virtude superior, ou de superior sabedoria política. E a estes receios originados por causas morais e psicológicas devem acrescentar-se receios de índole puramente científica. Podemos nós aceitar as teorias nas quais os engenheiros sociais assentam a sua prática, e em cujos termos eles justificam a sua condução dos seres humanos? (Ibidem, pp.52-53).

Embora essa passagem apresente incoerências com o posicionamento huxleyano favorável à eugenia, nota-se sua preocupação ética. Huxley externou várias vezes seus receios quanto à especialização excessiva, assim como seu avô, Thomas Huxley<sup>35</sup>. A

---

<sup>35</sup> Ver HUXLEY, 1985, pp. 11 a 21, onde ele sugere uma educação que integre os conhecimentos e não os limite às especializações. Ele fala em construir pontes entre as diversas áreas de conhecimento. Outro que se preocupou consideravelmente com isso foi C.P.Snow, cuja obra *As duas culturas* versa justamente sobre o lamentável desinteresse e desprezo das ciências naturais para com as humanas e vice-versa. O curioso é que Huxley não cita Snow, e este não cita o avô de Huxley, Thomas, cuja ressalva sobre o assunto o antecedeu. Snow reclama o tempo

pergunta com a qual a passagem acima termina aproxima-se bastante da que foi feita por Max Weber: “Qual a posição pessoal do homem de ciência perante sua vocação?” (WEBER, 1993, p.29). Veremos mais adiante que esse tipo de questionamento está entre as discussões sobre biopolítica.

Weber também temia o progresso inexorável da ciência em mãos nada éticas, dirigidas por interesses capitalistas, e vinculava ainda a essa inexorabilidade a necessidade de especialização: “... jamais um indivíduo poderá ter a certeza de alcançar qualquer coisa de verdadeiramente valioso no domínio da ciência, sem possuir uma rigorosa especialização” (Ibidem, p.24). Para ele, a especialização, o progresso da ciência e o domínio técnico da natureza não podiam ser evitados, pois “o trabalho científico está ligado ao curso do progresso” (Ibidem, p.28).

O AMN apresenta um mundo onde os homens - através da ciência e da técnica - assumem o controle do que, hoje, são possibilidades, colocando-os na condição de produtor de outros homens (clonagem), sob os influxos de uma vontade de poder ilimitada. Para Martin Heidegger, a própria técnica era uma das conseqüências inevitáveis da vontade de poder. Como ainda veremos, o que Huxley fez, assim como Heidegger, foi apontar os aspectos transcendentais da técnica, ou seja, o que vai “para além do seu caráter utilitário e instrumental, não mais como algo posto à disposição do fazer humano, mas como um destinamento do ser” (GIACÓIA in LOPARIC). Esse “destinamento” age sobre a transformação da natureza humana, ao mesmo tempo em que utiliza meios que impedem o homem de salvaguardar aquilo que o caracteriza como humano: a possibilidade de poder não poder.<sup>36</sup>

Oswaldo Giacóia Jr., numa síntese da exposição de Zeljko Loparic sobre Heidegger, nos diz o seguinte:

A técnica é essa vontade de poder que transforma toda a natureza, inclusive a natureza humana. Ora, nesse sentido, essa total reificação e manipulação de todos os entes, inclusive do próprio

---

todo de nunca ter encontrado alguém que valorizasse isso e chega a dizer o seguinte: “Já disse antes que essa divisão cultural não é apenas um fenômeno inglês...” (SNOW, 1995, p.35). A proposta que ele faz é exatamente a que Thomas e, depois, Aldous fizeram: “Só existe um meio de sair de tudo isso: naturalmente, é repensar a nossa educação” (SNOW, p.37).

<sup>36</sup> Conforme Hannah Arendt, nem o positivismo, nem o pragmatismo e nem o behaviorismo aceitaram “a possibilidade de ‘transformar a natureza humana’”, apenas o totalitarismo procurou fazê-lo (ver ARENDT, 1997, p.396).

homem, pela produção e consumo tecnológico, acaba transformando o homem - da antiga posição de senhor da natureza – em objeto da sua própria atividade técnica. E isso ameaça reduzir, em dignidade e em valor, a própria figura do humano no mundo. O humano acaba por assumir a mesma condição dos objetos técnicos em geral. (Ver LOPARIC, 2006)

Quanto ao universo propriamente literário, qual gênero teria levantado essas questões com mais propriedade do que a ficção científica? Obras do porte do AMN permitem reflexões e promovem discussões éticas, por exemplo, acerca dos limites entre o humano e a técnica. Em tempos de evolução no campo da engenharia genética, realça-se a importância dessas obras, não apenas pelas discussões promovidas, mas também pelo grau de racionalidade que contém: alguns fatos corroboram a legitimidade de suas preocupações.

Dentre os fatos técnicos, podemos destacar, por exemplo, a “super ICSI”, uma técnica que supera a já existente injeção intracitoplasmática de espermatozóide num óvulo, que fora criada por pesquisadores belgas em 1992. A “super ICSI” tem a ajuda de um microscópio que aumenta 6000 vezes a visualização do espermatozóide, enquanto a anterior aumentava apenas 400 vezes. Esse poder de visualização possibilita a identificação das possíveis alterações genéticas, ou melhor, as “falhas” presentes no espermatozóide, permitindo a seleção dos melhores espermatozoides, os “embriões de qualidade” (ver COLLUCCI, 2006). Obviamente, o movimento inicial nesse sentido se dá em busca de melhores condições de existência. Mas, sob este mesmo intuito humanitário, quais seriam os possíveis projetos biopolíticos?

Dentre as diversas obras que se inspiraram no AMN, podemos destacar o filme *Gattaca – A experiência genética*, de 1997, cujo tema aproveita, de forma interessante, idéias huxleyanas sobre a seleção dos melhores e sobre a função social vinculada à casta genética. No filme dirigido por Andrew Niccol, a sociedade é composta pelos “válidos” (frutos de um planejamento genético) e pelos “inválidos” (concebidos de forma natural). Obviamente, as melhores oportunidades estão reservadas aos primeiros, enquanto aos “inválidos” resta a discriminação.

A personagem Vincent Freeman – um “inválido”, representado pelo ator Ethan Hawke – desde criança sonha em ser astronauta, desejo impossível de ser realizado na sua condição (além dos problemas cardíacos que tem). Através de um “contrabandista” de identidades genéticas, conhece Eugene (= eugenia), um nadador muito famoso que

ficara paraplégico após uma tentativa de suicídio. Vincent se submete a vários tratamentos e operações para poder assumir a identidade de Eugene, tendo, inclusive, que carregar sempre consigo frascos com o sangue e a urina do nadador, devido aos constantes testes de identidade que são feitos. Assim, Vincent consegue burlar o sistema de identificação e ser admitido no projeto *Gattaca*, que só envia ao espaço aqueles que são modelos de perfeição genética: inteligentes, fortes e perfeitamente saudáveis.

São interessantes, também, as duas epígrafes que abrem o filme: “Consider God’s handiwork: who can straighten what he hath make crooked?” (Ecclesiastes: 7, 13); e “I not only think that we will tamper with Mother Nature, I think Mother wants us to” (Willard Gaylin). A segunda é verdadeiramente uma anulação da primeira e uma confirmação de que o homem assumiu o papel de “senhor da Natureza”, o “deus de prótese” de que falara Freud. Daí em diante, pode-se esperar tudo. O filme, no entanto, tem uma intenção muito louvável: sugere o tempo todo que o ser humano comum é capaz de superar as dificuldades, sem que, para isso, tenha que ser “melhorado” geneticamente ou estar preso a determinados padrões. Afinal, Vincent é *Freeman*.

*Gattaca* e *Admirável Mundo Novo* são reflexões interessantes sobre os caminhos a que a engenharia genética pode nos conduzir. Os novos conhecimentos trazidos pelo sequenciamento do genoma humano carregam, como todas as descobertas científicas, o estigma dicotômico do bem e do mal: geram esperanças de cura para muitas doenças, mas também possibilitam situações indesejáveis de uso, independente de estarem nas mãos de um Estado totalitário (AMN) ou sob o domínio de corporações privadas (*Gattaca*). Em ambas as obras, fica evidente a intenção de “consertar” a natureza em busca de uma “perfeição” que conduza à “felicidade”.

### **3.3.4 - O modelo fordista: de automóveis a cromossomos**

David Harvey, em *A condição pós-moderna: uma pesquisa sobre as origens da mudança cultural*, faz uma breve exposição do que seja o *regime de acumulação* e o *modo de regulamentação social e política* a ele associado, por meio de uma escola de pensamento conhecida como “escola da regulamentação”, a que ele atribui a virtude de

nos incitar a considerar “o conjunto total de relações e arranjos” que participam do processo de acumulação. Ele diz que o problema do sistema capitalista é “fazer os comportamentos de todo tipo de indivíduos... assumirem alguma modalidade de configuração que mantenha o regime de acumulação funcionando” (1996, p.117).

A materialização do regime de acumulação se dá por meio de normas, hábitos, leis, etc, que garantem o funcionamento do processo e que dão nome ao próprio modo de regulamentação. Segundo Harvey, nem mesmo a “mão invisível” do mercado conseguiu garantir a estabilidade do crescimento, por isso sempre houve alguma intervenção do Estado ou de outras instituições - religiosas, políticas, culturais, etc (ver 1996, p.118). As pressões exercidas pelo Estado ou por essas instituições podem ser diretas (“como a imposição de controles de salários e preços”) ou indiretas (“como a propaganda subliminar que nos persuade a incorporar novos conceitos sobre as nossas necessidades e desejos básicos na vida”).

No AMN, conforme Adorno ressalta, “a esfera político-econômica enquanto tal perde importância” (2001, p.94), notadamente quando todos estão de barriga cheia e “felizes”. Por isso não há menção à base econômica da civilização novo-mundista. No entanto, ainda que não seja patente, pode-se perceber que a sociedade é regida por uma economia capitalista, já que se fala em consumir coisas novas e descartar as velhas, além das menções à criação de novas necessidades, como aquelas que envolvem os esportes e seus acessórios. A disseminação desse espírito consumista fica evidente em algumas passagens da obra, como nesta em que o D.I.C explica, por exemplo, o motivo que levava os bebês a serem expostos a um tratamento de eletrochoque ao se aproximarem das flores:

As flores do campo e as paisagens, advertiu, têm um grave defeito: são gratuitas. O amor à natureza não estimula a atividade de nenhuma fábrica. Decidiu-se que era preciso aboli-lo, pelo menos nas classes baixas; abolir o amor à natureza, mas não a tendência a consumir transporte. Pois era essencial, evidentemente, que continuassem a ir ao campo, mesmo tendo-lhe horror. O problema era encontrar uma razão economicamente melhor para o consumo de transporte do que a simples afeição às flores silvestres e às paisagens. Ela fora definitivamente descoberta.

- Nós condicionamos as massas a detestarem o campo – disse o Diretor, em conclusão -, mas, simultaneamente, as condicionamos a adorarem todos os esportes ao ar livre. Ao mesmo tempo, providenciamos para que todos os esportes ao ar livre exijam o emprego de aparelhos complicados. De modo que elas consumam artigos manufaturados, assim como transporte. Daí esses choques elétricos (HUXLEY, 2001, p.55).



Estas considerações de “alta política econômica” esclarecem e justificam a confecção e o consumo do supérfluo. O condicionamento psicológico atende a economia novo-mundista assim como a propaganda de produtos o faz em nosso mundo real: a conduta é condicionada pela repetição exaustiva e pela indiferenciação dos consumidores que, independentemente do poder econômico, são convencidos de que podem e merecem adquirir certo produto, que se fosse verdadeiramente necessário, dispensaria os recursos de persuasão e convencimento da propaganda. A idéia de adquirir coisas novas para dar giro à produção e ao consumo fica patente nessas palavras de Mustafá para John: “Aqui não queremos saber de coisas antigas [...] Queremos que amem as novas” (HUXLEY, 2001, p.267).

A disposição e o percurso racionalizado dos embriões deixam claro a alusão às linhas de montagem dos automóveis que Ford idealizara e realizara. Portanto, o modelo de produção no AMN é evidentemente fordista e, além disso, sua filosofia rege o modo de vida dessa civilização. A educação fordista se comprova quando o trio debilitado (Bernard, Helmholtz e John) aguardava a chegada do Administrador Mundial na sala deste e o Selvagem olhava, curioso, os livros da estante, tomando um deles nas mãos: “Tomou-o e abriu-o. MINHA VIDA E MINHA OBRA, POR NOSSO FORD. O livro havia sido publicado em Detroit, pela Sociedade para a Progação do Conhecimento Fordiano” (HUXLEY, 2001, p.266).

Huxley tinha uma forte convicção de que a humanidade caminhava para regimes totalitários, pois o mundo parecia, cada vez mais, exigir uma superorganização que só parecia possível através dos métodos peculiares de privação, dessubjetivação, indiferenciação e atomização que produzem as massas dóceis e manipuláveis. No AMN, esse padrão é alcançado por meio de um sistema estatal-capitalista, com forte inspiração nos governos fascista e bolchevista, ambos com raízes socialistas.

A aproximação que Huxley fizera entre o socialismo e o capitalismo não foi esdrúxula, conforme se pode ver nesse fragmento de Harvey:

A direita e a esquerda desenvolveram sua própria versão de planejamento estatal racionalizado (com todos os seus atavios modernistas) como solução para os males a que o capitalismo estava tão claramente exposto, em particular na situação dos anos 30. Foi esse tipo de história intelectual e política confusa que fez Lenin louvar a tecnologia de produção taylorista e fordista enquanto os sindicatos da Europa Ocidental a recusavam... (HARVEY, 1996, p.123).

Essa franca aceitação de Lenin ao sistema fordista, mais a presença, no AMN, de uma personagem chamada Lenina - que inclusive aceita o sistema sem opor resistência - permite uma interpretação que realça a crítica huxleyana ao regime comunista, notadamente depois da experiência soviética sob o totalitarismo de Joseph Stalin. Entretanto, Huxley não nos descreve uma Lenina antipática e totalmente obediente. Mas, o que nos importa por hora é que essa relação de Lenin com o fordismo estabelece um totalitarismo comunista sob economia capitalista. Essa aproximação atende às intenções huxleyanas de criticar os dois regimes, mais precisamente a *política* socialista e a *economia* capitalista.

Os procedimentos descritos na linha de “produção” dos seres novo-mundistas são muito parecidos com os que se descreve sobre o processo de produção dos automóveis, do qual se destacam os princípios de administração elaborados por F.W. Taylor e registrados no seu tratado de 1911, *Os Princípios da Administração Científica*, que se tornou “o marco da racionalidade corporativa burocrática” (cf. HARVEY, 1996, pp.121 e 129).

A própria organização estrutural da fábrica, proporcionando a racionalização no processo produtivo, como pudemos ver no tópico anterior, ostenta os princípios tayloristas. Mas, conforme Harvey, esses procedimentos não eram exclusividade fordista, pois a tendência já se havia estabelecido em outras áreas e se consolidara “depois da onda de fusões e de formação de trustes e cartéis no final do século” (ver 1996, p.121). A distinção que Harvey verifica entre o taylorismo e o fordismo, tornando este último especial, constata-se nessa passagem:

O que havia de especial em Ford era a sua visão, seu reconhecimento explícito de que produção de massa significava consumo de massa, um novo sistema de reprodução da força de trabalho, uma nova política de controle e gerência do trabalho, uma nova estética e uma nova psicologia, em suma, um novo tipo de sociedade democrática, racionalizada, modernista e populista (HARVEY, 1996, p.121).

Do tipo de sociedade mencionada acima, até mesmo o termo “democrática” poderá ser mantido, já que a repressão no AMN não era percebida; o “populista” também, pois Ford tinha um apelo popular inquestionável na civilização novo-mundista (veja-se a reação dos indivíduos quando Mustafá, “nosso Ford”, surgia). O que estes

novos métodos de trabalho ocasionou foi o despontar de um novo tipo de homem, transformado em sua natureza por um processo que dissolve a subjetividade e padroniza o comportamento.

Outro aspecto revelador sobre o AMN são os propósitos do “dia de oito horas e cinco dólares” que Ford introduzira em 1914. Para Harvey, a intenção não era somente disciplinar o trabalhador à nova modalidade de produção, mas, sobretudo – e aqui a identificação com o AMN – era “dar aos trabalhadores renda e tempo de lazer suficientes para que consumissem os produtos produzidos em massa que as corporações estavam por fabricar em quantidades cada vez maiores” (HARVEY, 1996, p.122).

O endeusamento de Henry Ford pela civilização novo-mundista não era infundado se consideramos que ele realmente tentou, sozinho, dar conta da crise geral, que se estendera conseqüentemente à sua empresa por ocasião dos acontecimentos de 1929: aumentou os salários dos seus trabalhadores achando que isso aumentaria a demanda produtiva e recuperaria a economia do país. Tal atitude confirma a imagem quase “divina” que fazia de si mesmo, dada uma importância empresarial que supostamente resolveria problemas político-econômicos.

Huxley deixa bem claro o monopólio exercido pelo Estado sobre “todas as facetas da atividade corporativa”, basta que pensemos em Mustafá, “nosso Ford”, *the controller*, como a sua personificação. Conforme Harvey nos diz, “o fordismo dependia da assunção pela nação-Estado de um papel muito especial no sistema geral de regulamentação social” (1996, p.130). Ele está se referindo às intervenções estatais, no pós-guerra, sobre as negociações de contratos trabalhistas que barganhavam salários e benefícios com a manutenção da produtividade, dependendo dos operários aceitarem as condições de trabalho. No AMN, Huxley colocara o Estado não apenas como um parcial provedor das condições mínimas, mas como um exclusivo controlador e mantenedor do bem-estar social, ou seja, uma alusão à estatização comunista.

Diante dessas observações, é impressionante o fato de Harvey não ter, sequer, citado a condição de vida novo-mundista, já que ela representa muitos dos aspectos que ele mesmo descreveu no processo de consolidação do fordismo. A apreensão huxleyana, ou melhor, a sua capacidade de observação proporcionou a composição de

um universo que, segundo Harvey, só tomaria impulso após 1945, mas que aparecem na ficção huxleyana de 1931. Para que isso fique claro, transcrevemos algumas passagens de Harvey que comprovam a percepção huxleyana:

...o fordismo do pós-guerra tem de ser visto menos como um mero sistema de produção em massa do que como um modo de vida total. Produção em massa significava padronização do produto e consumo de massa, o que implicava toda uma nova estética e mercadificação da cultura... (1996, p.131).

Em seguida

O fordismo do pós-guerra também teve muito de questão internacional [...] Foi consolidado e expandido no período de pós-guerra, seja diretamente, através de políticas impostas na ocupação (ou, mais paradoxalmente, no caso francês, porque os sindicatos liderados pelos comunistas viam o fordismo como a única maneira de garantir a autonomia econômica nacional diante do desafio americano), ou indiretamente, por meio do Plano Marshall e do investimento direto americano subsequente [...] o progresso internacional do fordismo significou a formação de mercados de massa globais e a absorção da massa da população mundial fora do mundo comunista na dinâmica global de um novo tipo de capitalismo...

Tudo isso se abrigava sob o guarda-chuva hegemônico do poder econômico e financeiro dos Estados Unidos, baseado no domínio militar [...] Assim, a expansão internacional do fordismo ocorreu numa conjuntura particular de regulamentação político-econômica mundial e uma configuração geopolítica em que os Estados Unidos dominavam por meio de um sistema bem distinto de alianças militares e relações de poder (Ibidem, pp.131 e 132).

Como pode ser observado, Huxley captara o tal modo de vida engendrado pelo modelo fordista de produção, que padronizava os produtos (no AMN, os indivíduos), estimulava o consumo e mercantilizava a cultura. A expansão do fordismo por meio do imperialismo americano (poderio econômico e militar) está subentendida na divisão do globo em dez regiões sob o controle do Estado Mundial (“regulamentação político-econômica mundial e uma configuração geopolítica”).

Aquilo que Harvey descreveu (os sindicatos comunistas aderindo ao modelo fordista e, antes, o louvor de Lenin a ele) simplesmente é satirizado por Huxley que imaginou um mundo governado por um totalitarismo comunista sob economia capitalista. E mais: as extrapolações de Mussolini e Stalin permitiam imaginar medidas extremadas para o condicionamento humano como as que aparecem no livro, e apontavam, ainda, na direção do que estava por vir: as experiências nazistas, que admitiriam o paralelo huxleyano entre automóveis e cromossomos.

Como destaca Harvey, os benefícios do fordismo não atingiam a todos e os insatisfeitos produziam “sérias tensões sociais e fortes movimentos sociais”:

Essas desigualdades eram particularmente difíceis de manter diante do aumento das expectativas, alimentadas em parte por todos os artifícios aplicados à criação de necessidades e à produção de um novo tipo de sociedade de consumo. Sem acesso ao trabalho privilegiado da produção de massa, amplos segmentos da força de trabalho também não tinham acesso às tão louvadas alegrias do consumo de massa. Tratava-se de uma fórmula segura para produzir insatisfação (1996, p.132).

A fórmula, que o sistema novo-mundista contrapusera a esta, fora fabricar a satisfatória servidão e dar poder de compra a toda a população: segredos para consolidar a estabilidade social, indiferente à agressão à vida humana. É interessante pensarmos nas pressões diretas e indiretas mencionadas por Harvey: no AMN, é patente a pressão exercida pelas mensagens hipnopédicas que tanto estimulam o consumismo, quanto convencem cada tipo de consumidor a aceitar e estar satisfeito com sua posição funcional e social, ou seja, além de se manter a máquina de vendas girando pelo estímulo ao consumo, afasta-se qualquer possibilidade de insatisfação com a própria capacidade de compra de cada um.

A manipulação e o condicionamento, desde o embrião, possibilitaram, na civilização do AMN, uma solução para algo que sempre fora problemático na relação entre indústria e operário: “o problema perpétuo de acostumar o trabalhador a sistemas de trabalho rotinizados, inexpressivos e degradados nunca pode ser completamente superado” (HARVEY, 1996, pp.128-129). No AMN, não existe esse problema, assim como não existem sindicatos, mesmo porque os indivíduos não abririam mão da estabilidade social por privilégios “pessoais”, lembrando que um dos pilares do lema triádico é COMUNIDADE, sentimento coletivo que se mantém pela completa profilaxia social e pelo afastamento de tudo que individualiza o ser.

Mas, este sistema que adapta tão perfeitamente os indivíduos parece ter eliminado um aspecto presente no real cenário capitalista: a competição. Talvez, até isso seja explicado por Harvey: “Os mercados de trabalho tendiam a se dividir entre o que O’Connor (1973) denominou um setor ‘monopolista’ e um setor ‘competitivo’ muito mais diversificado em que o trabalho estava longe de ter privilégios” (1996, p.132).

Logo, no AMN, a adesão ao setor “monopolista” garantiu a eliminação da competitividade. Mesmo entre os funcionários - dentro das dependências do Edifício Central -, o espírito competitivo não faz sentido já que cada um exerce sempre o mesmo cargo, pois foram “produzidos” para realizar operações específicas e especializadas: o trabalhador das minas ama a sua função e a sua casta social e não almeja o posto do seu superior. Obviamente, tal aspecto contraria o curso real do espírito que perpassa todas as relações no mundo capitalista atual. Entretanto, a competitividade, no mundo imaginado por Huxley, acarretaria um estado de espírito oposto ao que o sistema pregava: a estabilidade individual e, logo, coletiva.

Portanto, o espírito do admirável mundo novo é o espírito de um “modernismo fordista”, conforme nomeara Harvey, opondo-o à posterior fase de acumulação flexível (a partir de 1973) e que ele chamará de “pós-modernidade flexível”. Ao sintetizar essas tendências opostas, Harvey elabora uma tabela em que podem ser percebidos alguns dos aspectos presentes no AMN: “homogeneidade / divisão detalhada do trabalho, alienação, propósito, poder do Estado, Estado do bem-estar social, mercadoria, produção / autoridade, centralização / totalização, administração operacional, produção em massa, racionalidade técnico-científica, utopia, trabalho especializado / consumo coletivo, intervencionismo estatal, permanência” (ver HARVEY, 1996, p.304, Tabela 4.1). Os termos são tão claros que dispensam explicações.

A única observação que deve ser feita é que, a partir desse quadro de aspectos modernistas e pós-modernistas, o AMN encaixa-se no modernismo, mas veremos, ao fim desse trabalho, que Huxley parecia um pós-modernista *avant la lettre*, porque, além de outras coisas, ele percebeu e projetou para um tempo futuro – que agora é o nosso – aquilo que Harvey insiste em atribuir ao pós-modernismo: uma “profunda mudança na estrutura do sentimento” (1996, p.65) <sup>37</sup>.

Mas até então, estamos falando de uma estrutura de sentimento regida praticamente por um novo modelo econômico que, por si só, com as intervenções persuasivas das instituições, foram suficientes para consolidar essa modalidade de

---

<sup>37</sup> Iná Camargo e Maria Elisa Cevalco, no prefácio à obra de Fredric Jameson – *Pós-Modernismo: a lógica cultural do capitalismo tardio* – lembram-nos que o atual terceiro estágio do sistema capitalista, batizado de globalização, abarca todas as instâncias - da Natureza ao Inconsciente - não permitindo que se fale em algum lugar “fora do sistema” (cf.prefácio in JAMESON, 1996, p.05).

comportamento social. Huxley, entretanto, vai além e estabelece um paralelo muito pertinente entre a produção seriada e homogeneizada de automóveis pelas linhas de produção fordistas e a seriação e homogeneização de seres humanos, não apenas ideologicamente, mas, sobretudo, geneticamente. A manipulação genética, que é sugerida no tópico anterior, segue um processo que alude à produção dos automóveis, com seus aspectos de racionalização inscritos no modelo taylorista.

Neste ponto, vale refletir sobre os paralelos: Ford buscava economia e lucro, haja vista a simplificação em se produzir objetos idênticos (todos os modelos T eram pretos) o que agilizava o processo e aumentava a produção. No AMN, além das mercadorias serem fabricadas sob esse modelo fordista, os próprios indivíduos eram. Fica claro, com isso, o pensamento de Huxley acerca de um sistema capitalista que “produz” indivíduos ideologicamente e que poderia muito bem, no futuro, produzi-los geneticamente.

Sem sombra de dúvida, é essa temática a mais atual, dadas as possibilidades engendradas pela engenharia genética nos últimos tempos, notadamente a partir da apresentação ao mundo, em fevereiro de 1997, de Dolly, a ovelha clonada. Tal fato científico adquire contornos assustadores quando associado a ideologias e projetos extravagantes como os da seita dos raelianos, fundada em 1975 por Claude Vorilhon (autodenominado Rael) que, junto com a química Brigitte Boisselier, dirige a empresa *Clonaid*, cujos serviços de clonagem custavam, à época do seu lançamento, em torno de US\$ 200 mil.

O ano de 2002 foi fértil em anúncios polêmicos: os raelianos noticiaram o nascimento de um bebê clonado, e o médico italiano Severino Antinori anunciou mais três mulheres grávidas de fetos clonados. Devido à falta de evidências, tais anúncios foram vistos com ceticismo pela comunidade científica. Antinori, que agora diz dedicar-se apenas à clonagem terapêutica e às técnicas de reprodução para casais inférteis, só desistira da clonagem reprodutiva devido à “forte oposição ética e baixos resultados. Afinal, só tivemos 3% de sucesso”, disse ele (in COLLUCI, 2006).

Com o AMN, Huxley amalgamou e sugeriu duas possibilidades a partir da engenharia genética: a produção de seres idênticos que atenderiam perfeitamente as necessidades de produção capitalista, já que agiriam como “robôs”, sendo muito menos

problemáticos, posto que condicionados a aceitarem suas condições de trabalho; e, também, seres programados para aceitarem o sistema político, portanto, como dissera Michel Foucault, “úteis e dóceis”. Esta última possibilidade traz inúmeras características dos movimentos totalitários nos quais o AMN fora inspirado.

### **3.3.5 – Entre o velho e o novo mundo**

O espaço ainda é dividido geograficamente por dois mundos que se opõem pela moral e pelos costumes. Para o narrador, o julgamento dos valores se dá a partir das balizas firmadas pela supremacia do Estado Mundial. Assim, o mundo que se opõe a este, que chamamos “civilizado”, é o mundo da Reserva de Selvagens, localizada no Novo México. Trata-se de uma área de exclusão, onde são mantidos os seres indesejados, tal qual as favelas ou coisas do tipo em nossas cidades. Embora não se esclareça como isso se dá, percebe-se que a única imposição do mundo civilizado à Reserva é de ordem espacial, delimitando fronteiras, já que não há nenhuma ingerência de outra espécie.

Esse mundo à parte tem, para a civilização, um valor exótico, sendo inclusive opção de viagem no período de férias (Bernard leva Lenina para lá). A sensação que fica quando dessas relações extravagantes é que o outro é tratado como um animal de zoológico. De qualquer forma, a importância desse espaço para a narrativa reside na determinação do caráter de uma das personagens centrais, John, que habituado aos costumes da Reserva fará oposição ao sistema vigente na civilização.

A forma de governo da Reserva não é mencionada, mas a impressão que nos deixa é a de uma tribo primitiva que concentra valores esquisitos, absorvidos de várias sociedades. Como o seu valor para a narrativa se dá pelos costumes que formaram a personagem John, entende-se que em sua descrição sobressaíam os hábitos que enfatizam as diferenças entre os dois mundos.

Podemos imaginar também que a Reserva seja uma alusão a um velho mundo multifário que contrasta com os valores bem definidos do mundo novo. Como Huxley projetou a sua civilização para um tempo futuro, isso enfatiza o caráter passadista da Reserva. Podemos notar nisto uma crítica aos valores decadentes do velho mundo



européu, os quais Huxley dispôs de forma confusa, misturando elementos numa composição insólita, como se o fato de terem ficado no passado fixasse seus aspectos a ponto de poderem ser julgados.

No prefácio de 1946, Huxley lamenta sua falha por ter colocado o selvagem John diante de duas alternativas apenas: “uma vida de insanidade na Utopia ou a vida de um primitivo numa aldeia de índios, vida esta mais humana em alguns aspectos, mas, em outros, pouco menos estranha e anormal” (HUXLEY, 2001, p.22). No entanto, isso parece ter sido suficiente para a crítica que pretendia fazer e para o efeito que queria causar: mesmo reconhecendo alguns aspectos mais humanos na Reserva, estava, através da obra, rejeitando tanto os seus valores tradicionais decadentes, quanto os valores desumanos do novo mundo.

O modelo ideal para Huxley seria aquele que viria a apresentar em sua verdadeira utopia, *A Ilha*, de 1962, cujo sistema seria descentralizador e a ciência seria aplicada para produzir indivíduos livres, conforme ele sugere com essa terceira alternativa:

Nessa comunidade, a economia seria descentralista e georgista, e a política, kropotkiniana e cooperativista. A ciência e a tecnologia seriam usadas como se, a exemplo do sábado, tivessem sido feitas para o homem, e não (como no presente e ainda mais no Admirável Mundo Novo) como se o homem tivesse de ser adaptado e escravizado a elas (HUXLEY, 2001, p.23).

Tal passagem aponta a descentralização e mantém a aplicação dos recursos científicos e tecnológicos. De qualquer forma, o Huxley de 1931 mostra-se, mesmo nas oposições estabelecidas no AMN, dividido entre rejeições e inclinações para com um e outro dos mundos: da Reserva, considera certos sinais de humanidade e rejeita as “anormalidades”; quanto à civilização, abomina o totalitarismo, tem certa atração pelos avanços científicos e tecnológicos, mas rejeita o uso que se faz deles.

Há uma ênfase do narrador para com as extravagâncias da Reserva, cuja religião o autor considera “um misto de culto da fertilidade e de ferocidade de *Penitentes*” (HUXLEY, 2001, p.22), contrastando com a *Cerimônia de Solidariedade* freqüentada por Bernard Marx às quintas-feiras<sup>38</sup>. Os contrastes continuam nos paralelos entre o

---

<sup>38</sup> Ver HUXLEY, 2001, pp.113 à 121. Na verdade, a composição huxleyana sugere o mal que há não só na ignorância dos penitentes, mas também na racionalização pragmática da Cerimônia de solidariedade. O apelo implícito está em resgatar, assim como nos frankfurtianos, uma razão emancipadora que afaste o medo, sem levar à

conceito de comunidade da Civilização e o da Reserva e, respectivamente, entre a obsessiva assepsia e a imundície, entre o abandono dos velhos utensílios e a reforma deles, entre o consumo de uma droga sintética (Soma) sem reações adversas e a horrível ressaca causada por uma planta alucinógena (Peyote), e assim por diante. Os efeitos desses contrastes parecem sintetizados nesta passagem em que Bernard Marx, um civilizado visitante da Reserva, dialoga com John, o habitante selvagem:

- Para mim é tão difícil de compreender, de reconstruir – dizia Bernard – Como se vivêssemos em planetas diferentes, em séculos diferentes. Uma mãe, e toda esta sujeira, e os deuses, a velhice, a doença... – Sacudiu a cabeça – É quase inconcebível. Não chegarei nunca a compreender, a menos que você me explique.
- Que explique o quê?
- Isto. – indicou o pueblo. – Aquilo. – E dessa vez era a casinha fora da aldeia. – Tudo. Toda a sua vida (...) Desde o começo. Desde a época mais afastada que você pode recordar (HUXLEY, 2001, p.161).

Essa incompreensão soaria bem na boca de um solidário, a quem as contradições do mundo contemporâneo causariam indignação e revolta. Mas, na boca de Bernard, fruto reificado e egoísta do capitalismo, o tom é de ojeriza e asco quando profere as palavras “mãe”, “deuses”, “velhice” e “doença”. Porém, essa repulsa do civilizado não será diferente da repulsa que John sentirá diante de certos aspectos da civilização para onde será levado pelo casal de turistas.

Se observarmos a consideração de Huxley pelos sinais de humanidade na Reserva e a rejeição pelo uso que se faz da ciência e da técnica na civilização, confrontando-as com o fato de John ser um representante da poesia (magia e humanização) nesse universo, comprovaremos que Huxley via, mesmo, o mundo como “desmagificado”, e que sua obra não deixa de ser uma representação literária do conceito weberiano, já que nele tudo é dominado por meio da previsão: “Equivale isso a despojar de magia o mundo. Para nós não mais se trata, como para o selvagem que acredita na existência daqueles poderes, de apelar a meios mágicos para dominar os espíritos ou exorcizá-los, mas de recorrer à técnica e à previsão” (WEBER, 1993, pp.30-31).

---

dominação, e que se encontra na fronteira entre esses dois mundos “insanos” que Huxley contrapôs: a ilha de Pala, onde o homem foi reconciliado com a natureza.

O que o sistema novo-mundista faz é justamente isso: desconsiderar totalmente qualquer instância misteriosa fora da sua própria instância de dominação. E o apelo de Huxley ao humano se dá pelo fato de manter instâncias que o sistema não previu e não controlou totalmente, aquilo que “não tem governo, nem nunca terá”: o desejo de Lenina e as “angústias metafísicas” de Marx e Helmholtz. Isto dignifica algumas experiências humanas que os “arrogantes behavioristas” desprezaram, gerando falhas no sistema. Estas “falhas” são responsáveis pelas poucas reações contrárias ao sistema, embora não sejam suficientes para alterar o panorama do que está muito bem enredado.

### **3.4 - As Personagens: verossimilhança**

*Não são indivíduos, mas idéias que lutam entre si.*  
Nietzsche

O ponto de contato entre o leitor e o mundo representado na obra são as personagens, pois é com elas que muitas vezes se identifica, projetando seus afetos e pensamentos. Por meio delas, entra no universo criado e vivencia sua atmosfera, seus valores e seus costumes, permitindo o encontro com uma outra realidade, cuja verdade se restringe ao mundo imaginado pelo autor com quem estabeleceu um pacto de aceitação dos limites.

Mesmo reconhecida essa importância, Antonio Candido nos alerta para o erro de acreditarmos que a personagem é o essencial do romance, sendo que há outros aspectos que lhe dão vida. Esses outros aspectos são os elementos que estruturam o romance e que, juntamente com as personagens, formam um contexto. A força e a eficácia de uma obra dependem, portanto, da relação coerente entre esses elementos, assim como a força e a eficácia de cada um dos elementos depende dessas mesmas relações. Assim, o bom autor é aquele que tece com precisão essa trama de inter-relações, considerando a necessidade que se estabelece entre elas (Cf. CANDIDO, 1985, pp.54-55).

Quando essas partes estão bem relacionadas, dizemos que o efeito é o de verossimilhança interna, já que as situações do enredo não precisam necessariamente ter uma correspondência pura com o mundo real externo, embora parta da possibilidade

de comparação entre eles. Portanto, muitas vezes o leitor sucumbe à tentação de aproximar o mundo fictício do mundo real, principalmente porque os elementos que compõem o enredo são aproveitados da realidade. Entre outras coisas, o que difere uma personagem de uma pessoa de carne e osso é que aquela nunca corresponde fielmente a esta. Só a criação ficcional possibilita uma caracterização mais complexa, pois a pessoa real ao nosso lado sempre se nos apresenta fragmentada, nunca em sua completude.

O romancista tem necessidade de selecionar aspectos do real para criar um mundo próprio, que contenha leis próprias, às quais as personagens obedecerão. Candido nos diz que a personagem é a “realização das virtualidades” do autor, mas não uma projeção sua, pois há modificação, transfiguração da vida. Logo, “o princípio que rege o aproveitamento do real é o da modificação” (1985, p.67).

Com efeito, mesmo não se tratando de transplantar um ser da realidade para as páginas de um livro, a “personagem deve dar a impressão de que vive, de que é como um ser vivo”. Por isso, não cabe ao leitor julgá-la a partir das suas próprias experiências no mundo real externo. O que ele precisa fazer é “entrar” na personagem a ponto de vivenciar aquelas situações, naquele mundo, com aquelas leis e sob aquelas condições. A partir daí, tentar imaginar como ele reagiria em cada situação.

Ainda que não seja do interesse da crítica literária investigar a fidelidade do autor para com o real na criação de suas personagens, os sinais de semelhança podem contribuir para a compreensão dessas personagens. Por outro lado, a idéia da transposição de um ser real para um ser fictício, além de problemática devido às dificuldades na constatação das evidências, não deve influir na valoração da obra. No entanto, nada impede o crítico de perceber que houve um modelo externo que sofreu modificações, admitindo que há uma oscilação entre a “transposição fiel de modelos” e a “invenção totalmente imaginária”, sendo estes os dois limites da criação da personagem (Ver CANDIDO, 1985, p.70).

No AMN, o autor trabalhou com esses dois pólos da criação. Porém, para avaliar esse procedimento, não podemos perder de vista as tendências do gênero em que se enquadra: a sátira. Neste gênero, as personagens costumam ser “planas”, ou seja, conforme a tipologia de Forster, elas são tipificadas, apresentando sempre os mesmos

traços, podendo ser reconhecidas sempre que surgem<sup>39</sup>. Embora esta tipologia possa parecer ultrapassada, não dando conta da singularidade das personagens kafkianas e beckettianas, por exemplo, ela é pertinente no tratamento das personagens do AMN que parecem ter sido elaboradas sob seus moldes, já que atendem, inclusive, às peculiaridades do gênero satírico.

Deixando de lado as especificidades das personagens “redondas” (ou de natureza), que são mais complexas e profundas, limitemo-nos às “planas” (ou de costumes), nos quais se encaixam as personagens do AMN. O que é significativo nesse caso é a conclusão a que chega Candido sobre essa família: “pode-se dizer que o romancista ‘de costumes’ vê o homem pelo seu *comportamento* em sociedade, pelo tecido das suas relações e pela visão normal que temos do próximo” (1985, p.62).

Se considerarmos a intenção crítica presente no AMN, veremos que Huxley avaliou aquela sociedade não só pelos seus métodos peculiares, mas sobretudo pelo comportamento dos seus indivíduos. A forma crítica que encontrou para satirizar a sociedade capitalista do seu tempo, desfazendo suas aparências, foi ironizar o comportamento e os valores de seus indivíduos. Tipificá-los foi uma maneira de enquadrá-los num padrão de comportamento reinante e desprezível, através de suas caricaturas. Daí, a simples exposição de seus comportamentos, que devem servir de suporte para a caracterização psicológica, feita pelo leitor<sup>40</sup>.

Talvez, uma das maneiras de avaliar as personagens do AMN, quanto às intenções de Huxley, seria observar quais delas são, de alguma forma, satirizadas. As que fogem à crítica implícita na caricatura, poderiam ser consideradas as que mais se aproximam dos valores do autor ou, pelo menos, dos que são respeitados por ele. Essa distinção valorativa fica evidente nas personagens Helmholtz e Mustafá, por exemplo. Seus comportamentos e considerações são sempre apresentados com certo respeito e suas personalidades são fortes e equilibradas, não sendo nunca ridicularizadas.

Por outro lado, o escárnio para com as demais personagens indica um distanciamento de valores entre elas e o autor. Mesmo assim, nesse grupo encontra-se

---

<sup>39</sup> “Ele é a idéia, e a única vida que possui irradia-se das bordas dessa idéia e das cintilações que provoca ao colidir com outros elementos no romance” (FORSTER, 1969, p.54).

<sup>40</sup> “...reconhecidas pelo olho emocional do leitor, não pelo olho visual, pois este só nota a repetição de um nome próprio” (FORSTER, 1969, p.55).

aquela que nos desperta alguma simpatia: John, o Selvagem. Por que Huxley teria querido provocar esse sentimento no leitor? Além disso, por que simpatizamos com essa personagem? Estas perguntas são pertinentes já que fornecem aspectos importantes da caracterização dessas personagens, além de apontarem os valores que o autor cultua e os que rejeita, apontando seu posicionamento crítico e moralista, implícito já na escolha da abordagem irônica e satírica.

Antes de analisarmos algumas personagens, prevenimos que o tratamento dado a elas demanda uma explicação - para que não haja interpretações equivocadas - sobre as concepções de “indivíduo” e “sujeito” que adotamos e que destoarão do tratamento dado pelo próprio narrador. Em nossa análise, a palavra “indivíduo” será usada apenas como sinônimo básico de “indiviso”, como um exemplar, uma unidade separada, mas *não autônoma*. Nesta acepção, ele deverá diferir completamente da noção de “sujeito”, que adquire o conceito daquele que tem liberdade para escolher e para reger a sua própria conduta, através da sua singularidade. Em suma, indivíduo é um exemplar que difere do sujeito pela ausência de autonomia. Com efeito, em nosso trabalho não se falará em supressão do indivíduo, mas, sim, do sujeito.

### **3.4.1 - Idéias encarnadas**

*... e no Novo Mundo, ser homem significa ser solitário.*  
Georg Lukács

O desprezo de Huxley por uma categoria que se deixa mortificar e se submete à vontade alheia, estende-se à supervalorização das aparências, sendo quase uma constante em seus romances, que sempre procuram desvelar a hipocrisia nas relações sociais e a degeneração do que ele julgava ser os verdadeiros valores. No AMN, não é o caso de haver hipocrisia nas relações, elas até são bastante transparentes, mas, o que se nota é a atitude de um narrador que se coloca como uma espécie de juiz perante um mundo que é aparência. Assim, quem narra deixa escapar, pelo discurso narrativo, sinais de distanciamento crítico e isto se comprova, às vezes, pelo tom irônico ao se referir a algumas personagens.

A primeira personagem a ser introduzida é o “Diretor de Incubação e Condicionamento” ou **D.I.C.**, como será denominado daí em diante. Trata-se de um exemplar representante da ortodoxia do sistema, a quem a manutenção do processo é o que mais importa. Seu entusiasmo para com os procedimentos e resultados chega a ser patético e revela-se na constante aprovação ao fim de cada exposição do processo: “Esse é o espírito que me agrada!”. Sua descrição física é-nos apresentada assim:

...alto e um tanto magro, mas teso... Tinha o queixo alongado e os dentes fortes, um pouco proeminentes, que seus lábios grossos, de curva acentuada, mal podiam encobrir quando não estava falando. Velho? Jovem? Trinta anos? Cinquenta? Cinquenta e cinco? Era difícil dizer. Aliás, não vinha ao caso... (HUXLEY, 2001, p.35).

Suas características psicológicas não são descritas, cabe ao leitor inferi-las, assim como as das demais personagens. Mas, a intenção irônica de Huxley sobre essa caricatura do profissional bitolado é percebida no tom veemente que o D.I.C impõe ao seu discurso sobre algo que, para ele, é notável e, para nós, desprezível, não fazendo jus ao seu tom elogioso. Um dos casos é o acento que se deduz no momento em que o narrador, que assumira as palavras do Diretor pelo discurso indireto livre, profere a palavra “Progresso” ao fim da explanação sobre o Processo Bokanovsky. Está muito claro que o narrador desdenha esse “progresso” referente à clonagem que resulta em “noventa e seis gêmeos idênticos”, enquanto o Diretor encara este “sucesso” biogenético com o entusiasmo de sempre.

Quando apresenta a “Sala de Fecundação”, o narrador o trata como “o grande homem”, pois era assim que era visto pelos alunos aos quais conduzia pessoalmente na visita às várias dependências do prédio. Porém, esse “grande homem” é rebaixado sutilmente pela descrição física que, embora o apresente como alto e teso, mostra-o também como um dentuço. Ora, a dentição saliente juntamente com o seu caráter bitolado simboliza, paradoxalmente, um mentecapto, cuja extrema racionalidade aponta a irracionalidade<sup>41</sup>.

---

<sup>41</sup> A ironia aqui é usada como figura de retórica, isto é, “censurar por meio de um elogio irônico ou elogiar mediante uma censura irônica”, ou ainda: “como algo que ‘diz uma coisa mas significa outra’...e como um modo de ‘zombar e escarnecer’” (Ver MUECKE, 1995, p.31 e 33).

A ironia é fortalecida ainda pelo fato do narrador desconsiderar essas “qualidades” veneradas pelos alunos, já que sua posição distanciada possibilita uma análise mais apurada de um ser cuja aparência não engana. Assim, o descaso do narrador fica implícito na descrição desses alunos, “muito jovens, rosados e bisonhos” e cuja humildade, ao seguirem os passos do Diretor, é “um tanto abjeta”. Não se trata de uma personagem com o qual simpatizamos, já que o processo desumano de condicionamento lhe é tão admirável. Além do mais, embora seja tão rígido com relação às normas, cometeu um deslize no passado, tendo um caso amoroso com uma Beta-menos chamada Linda, com quem tivera um filho, John. Mãe e filho chamam-no Tomakin.

Notamos, já de início, que Huxley desmascara a hipocrisia quando expõe o erro cometido por uma personagem apresentada (aparência) como um rigoroso cumpridor dos padrões estabelecidos pelo sistema. Essa conduta aparentemente irrepreensível deve servir de exemplo aos demais indivíduos que o têm como uma espécie de superego, conforme vimos na passagem da repreensão de Fanny sobre o relacionamento quase exclusivo de Lenina com Henry Foster:

É tão terrível continuar tanto tempo assim com um único homem, diz Fanny, (...) E você sabe como o D.I.C. se opõe a tudo o que for intenso ou muito prolongado (...) E, além disso, é preciso pensar no Diretor. Você sabe como ele dá importância (...) o mais estrito respeito pelas convenções (HUXLEY, 2001, pp.74 e 75).

**Henry Foster** é outra personagem que representa um modelo para os demais. “Falava muito depressa, tinha os olhos azuis e vivos (...) Seu riso era sagaz e triunfante” (HUXLEY, 2001, pp.39 e 43). Plenamente satisfeito com a função que exerce de especialista em incubação e com os resultados obtidos, é o responsável pela produção em série, por isso seu nome é parecido com o de Henry Ford. Está sempre com as estatísticas na ponta da língua e sente enorme prazer em citar algarismos, ou seja, é um típico representante do número enquanto “cânon do conhecimento”.

Seu entusiasmo contagiante agrada muito ao D.I.C e seu espírito competitivo sabe o que o Estado espera dele e o faz muito bem. Tal competitividade não se caracteriza pela disputa com os outros seres dessa civilização, mas se apresenta na determinação em bater os recordes de algumas outras regiões do Estado Mundial,



como Cingapura e Mombasa, que, devido à qualidade dos ovários de negras e às condições climáticas, conseguem alcançar um número invejável de indivíduos adultos originados a partir de um único ovário: “não obstante, nós temos a intenção de ultrapassá-los... Um dia havemos de vencer!”, exclama em desafio (ver HUXLEY, 2001, p.39). No entanto, Foster não pode ser considerado uma personagem muito importante, pois não desencadeia nenhuma ação na narrativa, onde aparece poucas vezes, sempre em contato com Lenina, sua eventual amante, ou com o Diretor-Adjunto de Predestinação, ambos revelando seu desprezo por **Bernard Marx**.

Este último é um Alfa-Mais, especialista em condicionamento (Hipnopedia). Não é aceito pelos demais por causa de suas diferenças: apesar de ser um Alfa-Mais, tem oito centímetros a menos que o padrão desta casta, sua estatura é típica das castas inferiores. “Não gosta de Golfe-Obstáculo” e “passa a maior parte do tempo sozinho” (HUXLEY, 2001, p.79). Há uma desconfiança de que se enganaram e puseram álcool no seu pseudo-sangue. Ele mesmo receia que isto tenha acontecido.

Portanto, sua solidão se dá pelo fato de não ser aceito pelos demais, isolando-se e agindo sempre defensivamente. Como sempre espera ser rejeitado, apresenta certa timidez, cujo reflexo acaba intensificando a desconfiança dos outros. É infeliz consigo mesmo: “Ser” é um martírio. “Dava a impressão de ser um homem perseguido”. O temor crônico pelo desdém levava-o a ser arrogante e egocêntrico diante de seus inferiores. Alimenta um sentimento de autopiedade, pois o erro no bocal pode realmente ter ocorrido.

No texto, a primeira menção a Bernard já o mostra sendo desprezado: Henry Foster e o “Diretor-Adjunto de Predestinação” dão-lhe as costas, desviando-se “daquela reputação desagradável” (HUXLEY, 2001, p.67). Em seguida, quando aqueles falavam de Lenina de forma “vulgar”, ele empalidece, deixando entrever os seus ciúmes, o seu ódio, a sua impotência<sup>42</sup>. E, ainda que de forma sutil, o descontentamento diante de atitudes que são naturais naquele meio, sinaliza sua insatisfação e rebeldia. Num primeiro momento, essa insatisfação desperta nossa simpatia por ele, pois seu incômodo parece ser o nosso. No entanto, a insatisfação e a rebeldia mostrar-se-ão,

---

<sup>42</sup> “Bernard os odiava. Mas eles eram dois, eram grandes, eram fortes” (HUXLEY, 2001, p.81).

com o desenrolar da narrativa, simples resultado da condição solitária em que se encontra.

O seu freqüente descontentamento quase nos faz acreditar que seria um verdadeiro revolucionário, mas essa imagem é desfeita conforme o conhecemos. Assim, Huxley vai desmerecendo seu caráter rebelde, mostrando que não se trata de um protesto moral ou intelectual, mas, sim, pessoal. Além disso, essa face egocêntrica da rebeldia não é suficiente para que seus atos fortaleçam a resistência necessária ao embate com o sistema. Logo, a personagem revela-se um fraco, um covarde. Mas, está longe de ser um idiota: ao viajar com Lenina para a Reserva de Selvagens, descobre sinais do passado nada exemplar do D.I.C.

É interessante observar que a mudança de ânimo do leitor para com ele aponta certa complexidade da personagem, pois a maioria permanece no mesmo padrão previsível de comportamento. Esse caráter simpático ao leitor será transferido à personagem John, que surgirá na metade do livro. Essa alteração do foco de atenção foi considerada por Carvalho como prejudicial à unidade de ação do romance (1969, p.130). Nós, entretanto, não acreditamos que isso venha a enfraquecer a unidade de ação, mesmo porque o verdadeiro Bernard não é simplesmente atirado de chofre na face do leitor: a revelação se dá gradualmente conforme vamos conhecendo a personagem, cujas motivações mostram-se coerentes.

Richard Gerber enxerga na troca dos protagonistas um truque necessário às intenções de Huxley: primeiro, o presente (Bernard) visita o passado (John); depois, o passado encontrará o presente. Essa alternância acentua o contraste e possibilita o conflito entre os valores de um mundo e de outro, sendo essa a dramatização pretendida pela obra (ver 1955, pp.124-125). Se lembrarmos que Huxley realmente faz questão de confrontar os aspectos de um ambiente com o de outro, fica mais pertinente essa visada de Gerber: "The deepening of the theme and the preparation for a more dramatic conflict leads to a change of protagonists" (1955, p.125).

Mesmo quando Huxley desvia nossa atenção de Bernard a John - que passa a ser a figura central na história - ele mantém um ponto com o qual podemos nos identificar, já que tanto um quanto o outro diferem daquele mundo desumanizado. Logo, não se

quebra o elo de indignação do leitor, mesmo que este elo seja representado por figuras substituídas no decorrer do enredo.

Existe ainda uma lógica na relação entre John e Bernard que vai além da atitude interessada deste. O egoísmo de Bernard é comum a muitas pessoas e não o impede de fazer amizades, como veremos adiante em sua relação com outro personagem, Helmholtz Watson. O que deve ser considerado é que Huxley seria primário se estabelecesse a relação entre essas três personagens somente em função de interesses pessoais. Há um ponto em comum entre eles que possibilita a amizade: sentem-se solitários. E essa solidão nasce de um problema também comum: a diferença.

Quando Bernard e John conversam – ainda na Reserva – o Selvagem reclama do profundo sentimento de solidão: “Só, sempre só – dizia o jovem” (HUXLEY, 2001, p.176). “Essas palavras despertaram um eco doloroso no espírito de Bernard. Só, só...” (Ibidem, p.176). Logo em seguida, John revela o motivo da solidão: “Se uma pessoa é diferente, é fatal que se torne solitária. A gente é tratado de um modo abominável” (Ibidem, p.176). Essa diferença se acentuará por meio de um sentimento que, mais uma vez, será comum entre os três: o incômodo diante da civilização.

A importância de Bernard na história se dá não apenas por representar uma outra nota dissonante nesse universo padronizado, mas, sobretudo, porque parte dele o convite para que John vá para a Londres civilizada, fato que possibilitará o significativo contraste entre o mundo velho e o mundo novo.

Podemos dizer ainda que Bernard tenha sido imaginado a partir de um modelo real – Karl Marx – e que o autor o tenha desfigurado, mantendo, no entanto, um sinal do personagem histórico<sup>43</sup>. Sua apresentação mostra a dubiedade da relação do autor com o modelo real: Huxley cria uma personagem que revelará características nada apreciáveis como a covardia, a pusilanimidade e a traição, além de utilizar meios suspeitos para conseguir o que quer. E mesmo perdendo a simpatia do leitor, no desfecho da obra o autor o bonifica com um exílio invejável numa ilha, sem deixar de

---

<sup>43</sup> Claude Bernard, cuja linha materialista fora seguida por Pavlov, poderia ter inspirado o seu prenome. O cientista fora mencionado na obra *Contraponto* (1928), onde é citada uma passagem sua que fala sobre um universo onde todas as coisas se harmonizam, idéia que pode se aproximar, coincidentemente ou não, da noção de “Estabilidade” no AMN (para verificar tal passagem, ver HUXLEY, 1987a, p.37).

evidenciar a superioridade inscrita na condescendência desse ato. Assim, é no mínimo irônico que o maior expoente do pensamento revolucionário seja descrito como um ser desanimado e fraco<sup>44</sup>.

Talvez, a imagem que Huxley fazia de Karl Marx esteja sintetizada na passagem em que o narrador diz que “o êxito subiu à cabeça de Bernard... e reconciliou-o completamente com um mundo que, até então, achara muito pouco satisfatório. Enquanto esse mundo reconhecesse sua importância, a ordem das coisas parecia-lhe boa... mas recusava a abandonar o direito de criticar essa ordem” (HUXLEY, 2001, p.199). Para o autor, a presença dessa figura histórica nesse mundo não teria nada de insólito, pois Marx não questionava a ciência e a técnica, numa espécie de aceitação dos pressupostos burgueses de dominação da natureza por meio do trabalho.

Conforme o critério huxleyano de seguir a biotipologia de Willian Sheldon nas caracterizações, o “pequeno corpo delgado” e a “fisionomia melancólica” de Bernard correspondem ao seu temperamento covarde, colocando-o, física e psicologicamente, entre os seres inferiores. Ele próprio “não está muito certo de sua superioridade” (HUXLEY, 2001, p.98).

Em contrapartida, temos **Helmholtz Watson**, um ideal de Alfa-Mais, cuja compleição física já o diferencia bastante de Bernard, como podemos perceber nessa descrição:

Era um homem de poderosa compleição, peito amplo, ombros largos, maciço e, no entanto, de movimentos vivos, elástico e ágil. O pilar redondo e sólido do pescoço sustentava uma cabeça admiravelmente bem formada. Os cabelos eram escuros e crespos, as feições fortemente pronunciadas. A seu modo vigoroso e enfático, era belo e tinha bem o ar (como sua secretária não se cansava de repetir) de um Alfa-Mais até o último centímetro. Por profissão, era professor do Colégio de Engenharia Emocional (Seção de Redação) e, no intervalo de suas atividades educativas, trabalhava como Engenheiro em Emoção. Escrevia regularmente para o Rádio

---

<sup>44</sup> Sabemos que Huxley não concordava com a leitura social e com os métodos propostos pelo marxismo: “Ainda em oposição aos historiadores científicos, nega-se Huxley a colocar os destinos da humanidade em termos de fatos econômicos e revoluções sociais. O homem econômico é para ele uma abstração quimérica, ainda mais absurda por parecer tão positivista. Comparar sistemas econômicos como capitalismo e comunismo em suas relações com a realidade social no mundo moderno é questão destituída de interesse, porque ambos se apóiam num artigo de fé comum, que é a idolatria do progresso industrial e da organização, e ambos conduzem a efeitos idênticos: por um lado o provável nivelamento de rendimentos num padrão de prosperidade coletiva razoavelmente elevado, ou seja, uma universalização da burguesia, decorrência esta de méritos, em si, duvidosos; por outro lado, a crescente centralização do poder nas mãos das minorias governantes, tudo resultando na progressiva redução da liberdade individual, na estandardização do homem, no aviltamento dos valores espirituais e numa estultificação geral da vida” (LINKE, 1987b, pp.178-179).

Horário, compunha cenários para filmes sensíveis e tinha o dom de criar slogans e versinhos hipnopédicos.

“Competente” – tal era o veredicto dos chefes a seu respeito. “Talvez... um pouco competente demais” (HUXLEY, 2001, p.101).

Sua extrema competência e seu excesso mental causavam a mesma sensação que Marx tinha pela deficiência física. Sentia-se só, mas não pelo complexo de inferioridade peculiar em Marx, e sim pelo excesso de capacidade. Além disso, o advérbio de intensidade presente no julgamento dos chefes sobre Helmholtz dá a entender que, talvez, na sua produção também tenha ocorrido uma falha: “competente *demais*”. Conforme o próprio narrador, “o que esses dois homens tinham em comum era a consciência de serem individualidades<sup>45</sup>” (HUXLEY, 2001, p.101).

Entretanto, o homem subversivo surgiria de repente. Antes, ele seguia à risca os padrões de comportamento do sistema: era campeão de Pelota-Escalátor, amante infatigável e um homem de comitês eminentemente sociável. Até que percebesse que “o esporte, as mulheres e as atividades comunais não eram, no que lhe dizia respeito, senão coisas de secundária importância. Na realidade, interessava-se por outra coisa. Mas pelo quê? Pelo quê?” (HUXLEY, 2001, p.102). A ênfase dessa pergunta revelava um homem em dúvida, incomodado com a pressão de um excesso mental que não fluía a contento. Apesar disso, não perde o equilíbrio, tendo sempre um ar de superioridade e não se abalando diante das circunstâncias.

Embora Helmholtz não tenha tanta importância para a história quanto Bernard, o modo elevado de nos ser apresentado enfatiza a condição deplorável deste. A distinção sobressai nas situações em que Bernard demonstra seu egocentrismo, lamuriando-se de sua condição, enquanto Helmholtz esbanja generosidade dando-lhe toda a atenção. Acentua-se também nas inúmeras passagens em que Bernard chora como uma criança medrosa, enquanto Helmholtz mantém-se sereno.

A inércia de Bernard é desta monta e se realça pela prontidão de Helmholtz que, em vez de ficar falando sobre sua insatisfação, age. A simpatia despertada por Helmholtz deve-se, entre outras coisas, à cena em que se une a John para incitar os trabalhadores a não receberem a cota diária de Soma. “Mas, vocês gostam de ser

---

<sup>45</sup> Lembremos que, aqui, o termo “individualidades” corresponde a sujeitos com pensamentos autônomos.

escravos? (...) Vocês não querem ser livres, ser homens?”, grita John para a multidão reunida, numa passagem que passamos a transcrever:

E, abrindo uma janela que dava para o pátio interno do Hospital, pôs-se a atirar para fora, aos punhados, as caixinhas de comprimido de soma.

Por um instante, a multidão cáqui ficou muda, petrificada de assombro e horror diante do espetáculo daquele sacrilégio inaudito.

- Ele está louco – murmurou Bernard, com os olhos arregalados. – Vão matá-lo. Vão...

Um grande grito se elevou subitamente do meio da multidão; uma onda de movimento impeliu-a, ameaçadora, para o lado do Selvagem.

- Que Ford o ajude! – disse Bernard, e desviou os olhos.

- Ford ajuda a quem ajuda a si mesmo. – E com uma risada, uma verdadeira risada de exultação, Helmholtz Watson abriu caminho através da turba.

- Livres, livres! – bradava o Selvagem, e com uma das mãos continuava a atirar o soma ao pátio, enquanto, com a outra, esmurrava os rostos indistinguíveis de seus assaltantes. – Livres! – E eis que, de súbito, aparece-lhe Helmholtz ao seu lado. – Ah, meu bom Helmholtz! – também esmurrando. – Enfim, homens! – e, nos intervalos, também atirando o veneno pela janela a mancheias...

Urrando, os Deltas avançaram com furor redobrado.

Hesitante, conservando-se à margem da batalha, Bernard pensou: “Eles estão perdidos” e, movido por um impulso repentino, correu para a frente em seu auxílio; depois reconsiderou e deteve-se; envergonhado, avançou novamente; reconsiderou outra vez, e ali estava numa agonia de indecisão humilhada... (HUXLEY, 2001, pp.260-261)

Enquanto Bernard vivenciava essa indecisão, os policiais entraram no local pulverizando vapores de soma e atirando com pistolas de água, carregadas com um anestésico poderoso. Um deles, irritado com a “tagarelice” de Bernard, esguicha sobre ele o anestésico, fazendo com que bamboleasse e depois desabasse no chão. Acalmados os ânimos, o sargento “convidou” os rebeldes a o seguirem, ameaçando-os com a pistola caso não atendessem. Esfolados pela luta, John e Helmholtz assentiram à ordem do policial. Nesse intervalo, porém

Reanimado e tendo recuperado o uso das pernas, Bernard escolheu esse momento para dirigir-se à porta o mais discretamente possível.

- Eh! O senhor aí! – chamou o sargento...

Bernard virou-se com uma expressão de inocência ultrajada. Escapar? Nem sonhara com semelhante coisa.

- Se bem que eu não consigo imaginar para que diabo poderá precisar de mim – disse ele ao sargento.

- O senhor não é amigo dos detidos?

- Bem... (HUXLEY, 2001, p.263)

Estes são os sinais dos temperamentos de Bernard e de Helmholtz. Certamente, simpatizamos com o segundo que, no rol das personagens ambíguas, consegue ser o mais neutro. O seu gosto pela solidão tem uma motivação diversa da de Bernard e sugere uma proximidade com Huxley, que confirmara esta tendência tendo se retirado para o deserto num momento de sua vida: o “Nada” lhe produzia sensações interessantes e a claridade ofuscante do deserto o maravilhava (ver *Aldous Huxley: Darkness and Light*, 1993).

O primeiro nome da personagem foi inspirado em Hermann Von Helmholtz, um dos mais representativos cientistas do século XIX<sup>46</sup>. Já o sobrenome parece proceder do psicólogo norte-americano John Broadus Watson que rejeitara os métodos psicológicos introspectivos e fundara o Behaviorismo, uma interpretação mecanicista da vida humana, baseada no condicionamento e na Fisiologia<sup>47</sup>.

Sabemos que a técnica utilizada pelo Estado novo-mundista é behaviorista e, na obra, Huxley a colocou sob o alvo da sua crítica já que atende às necessidades desumanas desse Estado. Sobre esse sistema, temos as seguintes informações:

O sistema behaviorista de Watson combinou o Pragmatismo de William James, o Funcionalismo Psicológico de Dewey, o método experimental de Psicologia animal de Yerkes e o Condicionamento de Pavlov, e desenvolveu-se a partir de quatro princípios básicos: determinismo, empirismo, reducionismo e ambientalismo. Watson considerou o seu sistema psicológico aquele em que, “dado um estímulo, a Psicologia poderá prever qual é a resposta. Ou, por outro lado, dada a resposta, poderá especificar a natureza do estímulo efetivo” (CABRAL & NICK, 2001, p.324).

---

<sup>46</sup> Qual seria a relação de Huxley com esse cientista? Bem, sabemos que o escritor travou uma longa batalha contra a cegueira que o acometera na adolescência. Embora tenha escrito o AMN (1931) antes de se submeter ao tratamento que o curaria (1939), acreditamos que conhecesse os estudos de Helmholtz que podem ter auxiliado na cura, advinda gradativamente por meio de exercícios propostos pelo Dr. Bates, um inimigo dos óculos que achava que todo olho doente tinha momentos de sanidade. Esse tratamento implicava na acomodação do olho à luz e Helmholtz, o cientista, inventara, em 1850, o oftalmoscópio. Com ele, observava o processo de acomodação do olho humano na percepção de objetos a distâncias variadas do observador e em diferentes graus de iluminação. Talvez suas descobertas e seu *Manual de óptica fisiológica* tenham servido posteriormente aos experimentos do Dr. Bates, mas provavelmente foram consultadas antes pelo curioso Huxley.

<sup>47</sup> Jerome Meckier confirma a procedência do primeiro nome, mas, quanto ao sobrenome, sua hipótese é outra: “Helmholtz Watson’s name, a curious amalgam of Hermann Ludwig Von Helmholtz (1821-1894), the German scientist, and Sir William Watson (1858-1935), an English poet, seems to imply that science and art are now united, but innocuously so, in the job of furnishing slogans for the state” (MECKIER, 1969, p.181). É interessante essa hipótese que une ciência e arte, mas o trabalho de Helmholtz (personagem) tanto envolve a poesia (arte), quanto o condicionamento (versinhos hipnopedicos), por isso não descartamos a nossa hipótese sobre o nome do psicólogo norte-americano. Além do mais, Huxley vinha fazendo constantes menções ao behaviorismo.

A meta do Behaviorismo, ainda, “é a previsão e o controle do comportamento”. Decorrente dos estudos sobre o comportamento reflexo, efetuados por Ivan Petrovich Pavlov, esse método de estímulo e resposta pode ser observado claramente no AMN quando o D.I.C. leva os jovens estudantes para uma visita às “Salas de Condicionamento Neo-Pavloviano”. Nestas salas, eles presenciam o momento em que bebês são condicionados a odiarem rosas e livros, para que, no futuro, abominem a literatura e não se deslumbrem com a gratuidade da beleza: “Elas crescerão com o que os psicólogos chamavam de um ódio ‘instintivo’ aos livros e às flores. Reflexos inalteravelmente condicionados. Ficarão protegidas contra os livros e a botânica por toda a vida”, diz o D.I.C. (HUXLEY, 2001, p.54).

A relação entre os nomes se dá ainda pelo fato de Helmholtz Watson ser professor do Colégio de Engenharia Emocional, onde sua função, entre outras coisas, é a de compor versos hipnopédicos, eficiente método de condicionamento. De mais a mais, além da intenção de Huxley em questionar esse sistema tão em voga no início do século (Pavlov ganhou o prêmio Nobel em 1904), há uma sugestão de que o behaviorismo seja uma teoria imperfeita, visto que outras “extensões da experiência humana” (a fantasia e o desejo) podem abalar o condicionamento. É interessante, por exemplo, pensarmos que o contato de Helmholtz com a poesia também o levava ao questionamento dos valores impostos pelo sistema.

Outra personagem dissonante é **Lenina Crowne**, uma enfermeira excepcionalmente bonita, “pneumática” como se diz. Sua disposição sexual é muito popular e sua volubilidade se revela no caso que mantém com Foster, sem perder o interesse por Bernard, estendendo-se depois a John.

Lenina e sua melhor amiga, Fanny Crowne, representam a futilidade percebida na constante preocupação com a aparência, característica da sociedade de consumo. Essa veneração à aparência é reforçada pela sua assídua presença no vestiário feminino que é uma espécie de salão de estética corporal, cheio de vapores, massageadores e perfumadores; e também na descrição minuciosa das suas vestimentas, ou seja, a vaidade feminina implícita na preocupação com as roupas. Ademais, a frivolidade se evidencia na intercalação do diálogo medíocre delas com os



sérios e profundos ensinamentos de Mustafá Mond, como podemos ver nessas passagens:

A volta à cultura. Isso mesmo, à cultura. Não se pode consumir muita coisa se se fica sentado lendo livros.

- Estou bem assim? – perguntou Lenina. Sua blusa era de tecido de acetato verde-garrafa, com pele de viscosa verde nos punhos e na gola.

- Oitocentos adeptos da Vida Simples foram ceifados pelas metralhadoras em Golders Green.

(...)

Um short de veludo cotelê verde e meias brancas de lã de viscosa, dobradas logo abaixo do joelho.

- Depois houve o célebre Massacre do Museu Britânico. Dois mil entusiastas da cultura envenenados com sulfeto de dicloretila.

Um boné de jóquei, verde e branco, protegia os olhos de Lenina; seus sapatos eram de um verde vivo e muito lustrosos.

(...)

- Perfeita! - exclamou Fanny com entusiasmo. Não podia resistir por muito tempo ao encanto de Lenina... (HUXLEY, 2001, pp.84 e 85).

As atitudes de Lenina indicam que ela era instigada pelo que lhe era negado. Uma das coisas que a atraía em Bernard, por exemplo, era que a timidez que o rebaixava, a elevava, parecendo uma homenagem ao seu poder<sup>48</sup>. É interessante notar que Lenina, apesar de volúvel, sabe o que quer e não se inibe diante das prescrições do sistema, porém, essa desinibição demonstra mais incoerência do que coragem. Mas, sua instabilidade é coerente com as preocupações fúteis que tem. Ficamos com sua sugestiva superioridade em relação a Marx: à palidez amorfa de Bernard, respondia a fertilidade de Lenina que precisava usar o cinto malthusiano. Ademais, havemos de atentar para o seu interesse por ele, que a rejeitava pela sua vulgaridade. Ora, que relação é esta entre Lenin e Marx, que a aproximação huxleyana sugere?

Apesar de Lenina (Lenin) afastar-se de Foster (Ford) e aproximar-se de Bernard (Marx) é no mínimo curioso o julgamento que ela faz deste último:

“Estranho, estranho, estranho”, tal o juízo formado por Lenina acerca de Bernard Marx. Tão estranho, na verdade, que durante as semanas seguintes ela se perguntou mais de uma vez se não deveria mudar de idéia a respeito de suas férias no Novo México e dar preferência a ir ao Pólo Norte com Benito Hoover. (...) Benito, pelo menos, era normal. Ao passo que Bernard... (HUXLEY, 2001, pp.123 e 124).

---

<sup>48</sup> “O rosto pálido de Bernard ruborizou-se. ‘Por que será?’, perguntou-se ela, espantada e, ao mesmo tempo, sensibilizada com essa estranha homenagem ao seu poder” (HUXLEY, 2001, p.92).

Henry ainda comparava Bernard Marx a um rinoceronte, a quem não se pode ensinar habilidades e que não reage de maneira adequada ao condicionamento (Cf.HUXLEY, 2001, p.124). Não haveria nesse juízo a sugestão de que Marx não passa de uma vultosa figura histórica (um rinoceronte) cuja inabilidade não permite efetivar as promessas da teoria socialista, enquanto o espírito capitalista de Ford é mais empreendedor e prático? Não sugere que sua resistência ao modo de vida capitalista (reação inadequada ao condicionamento) para nada serve, já que o considera “bastante inofensivo”?

Mais instigante ainda é a propensão de Lenina em viajar com Benito Hoover. Ora, esta figura aproxima, pelo nome, o totalitarismo e o interesse de classes, pois Benito Mussolini fora ditador e Herbert Hoover - republicano que ocupara a Casa Branca de 1928 a 1932 - acentuara a crise de 1929 justamente por ter sido contrário à planificação econômica que prejudicaria os interesses particulares de fazendeiros e empresários.

Ademais, a importância de Lenina para a história deve-se, principalmente, ao seu relacionamento com John, o Selvagem. Seu comportamento diante dessa personagem comprovará a sua atração pelo proibido, pelo negado, levando às margens da incoseqüência. Se isto acontece com ela, podemos dizer que se trata de mais uma falha desse sistema que não foi tão bem sucedido, conforme percebemos nos casos de deslize do D.I.C., na insatisfação de Bernard e de Helmholtz, nas orelhas grandes de George Edzel<sup>49</sup> e, notadamente, na necessidade de ingerir “Soma” para restabelecer o equilíbrio.

A personagem **John**, o Selvagem, assume o foco de atenção a partir da metade do livro e se torna a principal, não só por ser o catalisador de uma pequena revolta, mas principalmente pelo seu inconformismo perante os costumes e valores da civilização, fazendo dele um adversário direto, simbolizando um dos extremos no embate do velho mundo com o novo. Essa oposição se dá desde sua chegada à civilização, mas o momento culminante e mais significativo é o seu confronto dialógico com Mustafá Mond nos capítulos finais.

Trata-se de uma personagem confusa, devido à criação que se deu numa espécie de mistura entre o velho e o novo mundo. Sua mãe, Linda, é uma Beta-menos que foi

---

<sup>49</sup> “Teria ele recebido uma gota a mais de paratireóide no metro 328?” (HUXLEY, 2001, p.91).

abandonada na Reserva pelo D.I.C., seu pai. Os costumes de Linda eram totalmente contrários aos valores da Reserva. Condição à prática sexual livre e até obrigatória na Civilização, foi considerada uma prostituta e era constantemente agredida pelos Selvagens. Assim, como produto da Civilização, Linda educou John conforme seus costumes civilizados, açulando a imaginação do jovem com suas saudosas lembranças. Ao mesmo tempo, ele manteve forte contato com os valores da Reserva, cujas crenças eram uma mistura curiosa de Cristianismo com Paganismo.

Outro aspecto relevante de sua formação é que foi um leitor assíduo das peças de William Shakespeare, tendo decorado inúmeras passagens, às quais recorria conforme o sentimento que lhe aflorava<sup>50</sup>. Embora o próprio Huxley tenha reconhecido a infundada racionalidade de um discurso que nem mesmo o conhecimento das obras shakespearianas justificaria, esta característica de John tece uma bela apologia à Poesia, abalando a ferrenha proibição de livros no Mundo Novo, o que nos remete à expulsão dos poetas na *República* platônica .

O veto à Literatura sempre trouxe em seu bojo um efeito indesejado aos proibidores: a tentação do interdito. O desejo despertado pelo objeto proibido acaba, muitas vezes, por valorizá-lo. Foi justamente esse o efeito que os livros causaram em Guy Montag, o bombeiro que cumpria seu insólito papel de incinerar livros, em *Fahrenheit 451*, de Ray Bradbury. Após inúmeras incinerações, ele se pergunta sobre os motivos que levavam algumas pessoas a desafiar a ordem estabelecida, escondendo em suas casas os objetos proibidos. Afinal, que prazer era esse o suscitado pela leitura? Na civilização novo-mundista isso não ocorre, pois somente o Administrador Mustafá Mond possui livros, que ficam escondidos. Logo, essa civilização vive um estágio mais avançado de banimento da Literatura.

Mas, o contato de John com a literatura disruptora e a sua abstenção do Soma fizeram-no o elemento mais apropriado para um embate com o sistema, não fosse a sua excêntrica formação. Na condição de estrangeiro, os hábitos e costumes do novo lugar lhe são estranhos, havendo, assim, uma profunda discordância entre ele e esse espaço. Esta inadaptação – que será fatal no caso de John – confirma-se nas

---

<sup>50</sup> ‘Um dia... entrou em casa e achou no chão do quarto de dormir um livro que nunca tinha visto. Era um livro grosso, que parecia muito antigo.(...) o livro intitulava-se Obras completas de William Shakespeare. (...) Foi Popé quem o trouxe. Estava numa das arcas da Kiva do Antílope...’ (HUXLEY, 2001, p.169).

constantes indagações que faz a Bernard, Lenina, Helmholtz e, finalmente, a Mustafá. A certa altura de sua conversa com este último, o narrador parece assumir seu sentimento de não-pertencimento nessa passagem: “Em Malpaís, sofrera porque o haviam excluído das atividades comunais do pueblo; na Londres civilizada, sofria porque nunca podia fugir dessas atividades comunais, nunca podia estar sossegado e só” (HUXLEY, 2001, p.284).

John seria um herói trágico, não fosse o caráter patético e entediante da sua vã insistência verborrágica, imprecando contra um mundo que anula as possibilidades de esforço moral. A condição involuntária faz dele uma vítima desarmada ante a realidade inexorável. Mesmo assim, ele assume a ambigüidade que vem caracterizando outras personagens, que nos comovem por algum motivo e nos enojam por outros. Nele, a indignação é comovente, mas a ingenuidade é cansativa, logo, sua condição trágica é asfixiada pelo enfado, configurando um vago melodrama.

Curiosamente foi deixado livre pelo sistema, pois não representava perigo: seu discurso era inconsistente e ele só servia como um espécime exótico vindo da Reserva. Pode-se ainda perguntar a que serviu o caráter organizador da literatura na vida de John. Entre outras coisas, para realçar o poderio do sistema, já que este não foi vencido pelo Selvagem. Isto aconteceu devido ao imenso desencontro entre os mundos. Os versos de Shakespeare e o universo mental de John não encontraram eco naquela civilização. A organização operada pela literatura não reconheceu nenhum elo externo a que pudesse se unir e se fortificar.

Além disso, o poder de organizar o mundo interno, atribuído à Literatura, teria acentuado a sua lucidez perante os absurdos daquela civilização, sendo, portanto, um intensificador da sua insatisfação, da sua náusea final. Esse descompasso incontornável levou-o ao suicídio, pois a Literatura não tranqüiliza e acalma o espírito, pelo contrário, ela o revolve, despertando reflexões.

Os recursos que o autor dera a John são frutos de uma formação bivalente: a insanidade da penitência ou a “sanidade” da Literatura. Como a magia desta não lhe serviu no mundo desencantado da civilização, aliás, serviu-lhe apenas para redimensionar a ensandecedora desumanidade dela, restou-lhe o outro recurso para a re-afirmação da vida: o autoflagelo que, paradoxalmente, resultou em suicídio.

Para John, o sofrimento lembrava-o que estava vivo. Sentir os membros dolentes era não se render a um processo de alienação que transformava o corpo numa extensão da máquina. O trabalho alienado pela mais-repressão anestesia e deserotiza o corpo, a ponto do homem tornar-se um autômato, sem vida. A dor da alma também preserva a dimensão humana, por isso reclamava o direito de ser infeliz. Infeliz na “sanidade” do universo particular que concebia.

Numa discussão com Mustafá sobre a existência e a necessidade de Deus, o Administrador lhe diz:

- ...nós não somos índios. Um homem civilizado não tem porque suportar seja lá o que for de seriamente desagradável. [...] Toda a ordem social ficaria desorganizada se os homens se pusessem a fazer coisas por iniciativa própria.
- E o desprendimento, então? Se tivessem um Deus, teriam um motivo para o desprendimento.
- Mas a civilização industrial somente é possível quando não há desprendimento. É necessário o gozo até os limites impostos pela higiene e pelas leis econômicas. Sem isso, as rodas cessariam de girar (HUXLEY, 2001, p.286).

Esta passagem é muito expressiva, pois destaca a disparidade das convicções. Além disso, se tivéssemos que afirmar qual das duas personagens reflete os valores do autor, ficaríamos divididos. Porém, essa dúvida pode ser dirimida se considerarmos o conservadorismo de Huxley, o que, nessa passagem, nos levaria a afirmar que ele fala pela boca de John.

Mas, em 1931, ele mesmo não assumiria isso. Nesse período, ainda que os germens do misticismo já estivessem latentes em seu espírito, a razão os sufocava até o limite do ceticismo e o seu autocontrole seria justificado somente como questão de sobrevivência, nunca em função de um desprendimento religioso, como se pode atestar nessa sua declaração: “It is not the hope of heaven that prevents me from leading what is technically known as a life of pleasure; it is simply my temperament” (HUXLEY in DERBYSHIRE, 2003).

As palavras de Mustafá revelam ainda uma aberração do capitalismo de consumo que acena para o indivíduo com uma felicidade que pode ser produzida. Essa produção se dá por meio do conforto e da eliminação das coisas desagradáveis. Ocorre que ela tem seu preço, não só financeiro, mas, sobretudo, humano, como veremos mais adiante quando aproximarmos a ideologia novo-mundista da teoria freudiana presente no *Mal-*

*estar na Civilização*: o não-desprendimento sugerido pelo Administrador seria a repressão que Freud identificou como necessária ao processo civilizatório. O preço, inclusive, mostra-se bastante elevado nessa civilização justamente pelo fato de seus membros não perceberem a perda, configurando uma completa nulidade do humano.

Sob esses aspectos, John seria o único que deveria renunciar a tudo que o impede de usufruir o tal conforto, pois os indivíduos da civilização estão devidamente adaptados a ponto de não precisarem renunciar a nada, pelo menos conscientemente. O conceito de vida para o Selvagem difere completamente do desses indivíduos e o que para eles é conforto, para John é extremo desconforto. Portanto, o destino do Selvagem está selado pela sua inadaptação. Seu fracasso se deve ao mesmo motivo pelo qual o imigrante europeu provavelmente seria mal-sucedido caso resistisse ao modo de vida americano.

Na seqüência do diálogo anterior, Mustafá condena a castidade sugerida pelo Selvagem como uma das paixões e paixão significa instabilidade, inconvenientes:

- Mas eu gosto de inconvenientes.
- Nós, não. Preferimos fazer as coisas confortavelmente.
- Mas eu não quero conforto. Quero Deus, quero a poesia, quero o perigo autêntico, quero a liberdade, quero a bondade. Quero o pecado.
- Em suma – disse Mustafá Mond -, o senhor reclama o direito de ser infeliz.
- Pois bem, seja – retrucou o Selvagem em tom de desafio. – Eu reclamo o direito de ser infeliz (HUXLEY, 2001, p.290).<sup>51</sup>

O “conforto” venerado por essa civilização está vinculado à idéia de Estabilidade, mantida à custa da abominação das paixões e dos apetites, fator que se aproxima de alguns preceitos da *República* platônica, de onde os poetas - irrigadores daquilo que deveria permanecer seco – foram expulsos. O combate aos apetites, no AMN, tem seu ato simbólico no sinal T feito sobre o estômago, sede dos apetites, das paixões. Torna-se muito significativo ainda observar que este T - referente ao modelo T fordiano - é a

---

<sup>51</sup> Essa passagem é muito significativa para a nossa realidade: em reportagem recente sobre a Finlândia (2006), feita por um programa da TV Record, perguntada sobre como é viver nesse país, uma mulher disse que era tranquilizador viver num lugar onde tudo é previsível, isso lhe dava certa segurança. Por outro lado, o seu marido, tal qual o nosso John, disse que, às vezes, sentia falta de surpresas, de coisas imprevisíveis. A Finlândia, assim como a Noruega, a Suécia, a Dinamarca e outros lugares onde o I.D.H. é elevado e ninguém passa por necessidades *materiais*, o índice de suicídio é altíssimo.

última letra do alfabeto hebraico (TAV ou TAU) que, antigamente, era representada como uma cruz:

[...] e lahweh lhe disse: “Percorre a cidade, a saber, Jerusalém, e assinala com uma cruz (o Tav) a testa dos homens que estão gemendo e chorando por causa de todas as abominações que se fazem no meio deles”. Ouvi que dizia aos outros: “Percorrei a cidade atrás dele e feri. Não mostreis olhar de compaixão nem poupeis a ninguém. Velhos, moços, virgens, crianças, mulheres, matai-os, entregai-os ao exterminador. Mas não toqueis ninguém daqueles que trouxeram o sinal da cruz” (Ezequiel 9, 4-6).

Ora, a persignação cristã é feita na maioria das vezes como sinal de afastamento de algo indesejado. O texto bíblico nos fala que ele deve ser feito sobre a testa dos “que estão gemendo e chorando por causa de todas as abominações que se fazem no meio deles”. Embora, no AMN, o sinal T, que substituíra a Cruz, não seja feito com essa intenção protetora, há que se considerar a seqüência do texto e observar que o sinal feito sobre a testa marcava um grupo de eleitos que sobreviveriam ao castigo. No AMN, os costumes que fogem às normas do sistema são considerados abominações, e aqueles que as praticam fogem ao círculo protegido dos eleitos. John está fora desse círculo e é mantido na civilização como objeto de experiência.

- Fui falar com o Administrado esta manhã – disse, por fim, o Selvagem.
- Para quê?
- Para perguntar se eu não poderia ir com vocês para as ilhas.
- E o que disse ele? – perguntou vivamente Helmholtz.
- Não consentiu.
- Por que não?
- Disse que queria continuar a experiência. Mas diabos me levem – acrescentou o Selvagem, com súbito furor -, diabos me levem se eu continuar a servir de objeto de experiências (HUXLEY, 2001, pp.292-293).

Helmholtz e Marx tinham sido condenados ao exílio por contrariarem a doutrina do deus Ford, através de atitudes que, para essa comunidade, eram abomináveis, por esse motivo estavam sendo excluídos do círculo dos eleitos. O texto bíblico fornece mais uma passagem – agora do livro do Apocalipse – que permite outro paralelismo por meio do sinal eletivo: “Esse gritou em voz alta aos quatro anjos que haviam sido encarregados de fazer mal à terra e ao mar: ‘Não danifiquéis a terra, o mar e as árvores, até que tenhamos marcado a frente dos servos de Deus’”. (Ap.7,2). E ainda:

“Disseram-lhes, porém, que não danificassem a vegetação da terra, nem o que estivesse verde e as árvores, mas somente aos homens que não tivessem o selo de Deus sobre a fronte” (Ap. 9,4).

Mas, por que o sinal cristão é sobre a fronte e o novo-mundista é sobre o estômago? Certamente porque a fronte é a sede da razão e da escolha. No AMN, no entanto, o indivíduo não tem escolha e é apenas instinto - como comprova os métodos pavlovianos de condicionamento – portanto não necessita proteger os pensamentos, mas sim os apetites. Logo, o sinal sobre o estômago.

Desde o início, John fora colocado em condições nada agradáveis: sua vida na Reserva era atribulada, assim como continuou sendo na Civilização, com o agravante do confronto com a extremada desumanização. John Derbyshire nos diz que Huxley “had, in fact, a well-developed sense of the absurd, and that conviction that the universe is radically weird” (2003). Esse incômodo do autor está refletido, de certa forma, também no Selvagem. Sua situação deplorável foi assumida pelo próprio Huxley naquele prefácio de 1946, onde reconhece o dilema em que colocou sua criatura (ver HUXLEY, 2001, pp.22 e 23).

No entanto, esse lamento de Huxley soa bastante cínico, pois John – assim como Mustafá – pode ser considerado fruto da sua auto-ironia, tão sutil por permitir duas interpretações plausíveis. A primeira se apoiaria na linha de raciocínio de Carey: John não passa de um arauto do conservadorismo huxleyano, colocado na obra apenas como um ponto de tensão, um remédio para sanar o mal da alienação, um pobre coitado que nem sequer sabe o que fazer e que, por isso mesmo, limita-se a contrapor à frieza do mundo racionalizado, o calor passional de Shakespeare. Mas John não tem apenas essa função para o autor. Sua fragilidade é própria do herói moderno, muitas vezes chamado de “anti-herói”. Segundo Daiches, a modernidade criou condições de vida tão boas que tornaram o heroísmo impossível, posto que desnecessário (ver 1958, pp.106 e 108).

No AMN, é justamente o contraste entre as reivindicações do Selvagem e o estágio de “perfeição” daquela civilização que o tornam patético, “the modern fool”. Para Daiches, afinal, “the struggle against temptation, the battle between good and evil within the soul, the achievement of self-mastery – all this becomes otiose in a state of perfect



adaptation” (Ibidem, p.107). Portanto, os valores, as reclamações e as imprecções de John não fazem sentido no mundo “perfeito” da civilização e o sarcasmo de Huxley torna-se evidente através dessas irônicas palavras de Mustafá:

- Meu jovem amigo, a civilização não tem nenhuma necessidade de nobreza e de heroísmo. Essas coisas são sintomas de incapacidade política. Numa sociedade convenientemente organizada como a nossa, ninguém tem oportunidade para ser nobre ou heróico. É preciso que as coisas se tornem profundamente instáveis para que tal oportunidade possa apresentar-se. Onde houver guerras, onde houver tentações a que se deva resistir, objetos de amor pelos quais se deva combater ou que seja preciso defender, aí, evidentemente, a nobreza e o heroísmo terão algum sentido (HUXLEY, 2001, p.287).

Podemos até imaginar o tom do Administrador ao se dirigir ao Selvagem. Esse “meu jovem amigo” soa com uma superioridade aviltante, própria do novelista moderno que, segundo Daiches, retorna ao herói tratando-o como um idiota, sem o tom afetoso que Cervantes, por exemplo, dedicara a D.Quixote, cuja busca de uma vida “cheia de glória” também destoava muito daquilo que a sociedade de sua época valorizava (ver DAICHES, 1958, pp.108 e 109).

Diante das palavras seguras de Mustafá, novamente perguntamos: Qual das duas personagens estaria representando o pensamento do autor? Como justificar essa passagem se acolhermos completamente a interpretação de Carey? As duas personagens saíram da imaginação de Huxley, cujos sinais são notados em ambas: o conservadorismo de John e o tom consciente do Administrador. Na mesma medida, ambas possuem características que desagradam o leitor: a pateticidade do primeiro e a frieza do segundo. Por isso acreditamos que se trata de uma brilhante auto-ironia huxleyana, que certamente acaba aproximando mais o autor do Selvagem ao sugerir esses pensamentos: “De que forma homens, com os meus valores, podem sobreviver nesse mundo? Como nos tornamos ridículos!” É o que, provavelmente, ele poderia estar pensando.

Derbyshire (2003) observou esses questionamentos que perpassam a obra de Huxley e os limitou a uma “lifelong question”: “How should we live?”. A resposta huxleyana parece ter sido dada no livro de ensaios *O Despertar do Mundo Novo* (*Ends and Means*, de 1937), quando o misticismo já havia brotado completamente e Huxley assumira os preceitos do Budismo, adotando o princípio da não-violência. Mas, como já

frisamos, o sentido místico estava latente desde sua juventude, conforme nos descreve seu amigo Huston Smith, numa espécie de depoimento que se encontra na introdução do livro *Huxley e Deus* (HUXLEY, 1995, pp.11-18).

Acontece que essa resposta – subjacente na obra de 1931 e ostensiva na de 1937 – perdeu o contato com a realidade atual, conforme nos alerta o mesmo Derbyshire:

The reason for the current irrelevance of most of Huxley's thinking is that, over the past fifty years, the Western world's educated middle classes have arrived at an answer of their own that satisfies the great majority of them fairly well, and this answer implicitly repudiates most of Huxley's ideas (2003).

Com isso, fica ainda mais clara a situação do Selvagem na civilização e ambos, ele e o seu criador, vêm-se sob o mesmo infortúnio: suas vozes ecoam no deserto. Aparentemente, uma das intenções da obra parece ter sido apresentar os comportamentos que levariam a esse infortúnio. Por conseguinte, retoma-se também uma das funções da personagem John na obra: representar alguns dos valores, retrógrados ou não, que nós ainda cultivamos. Ainda segundo Daiches: “Sometimes, even, these nostalgic figures rise to a sad dignity, for they are pale shadows of the lost hero, with no place in the modern world” (1958, p.110).

Embora a obra esteja repleta de “momentos não analisados”, derivados da “visão de mundo desbotada que Huxley tanto deplora”, como afirmara Adorno (2001, p.112), há um valor nas contestações de John, que se reforçam na sua condição de estrangeiro, ou seja, a daquele que critica a nova terra por ser “capaz de notar suas faltas” e, ao contestá-las, reclamar mudanças (cf. ENRIQUEZ, 1998, p.59). O que Adorno reclama, com certa razão, é da rigidez dos conceitos apresentada no discurso da obra:

Se mesmo o ‘selvagem’ não encontra, para a sua aventura religiosa e para a escolha do sofrimento, nenhuma outra justificação além do fato de ter sofrido, dificilmente pode contradizer seu entrevistador, que acha mais racional, para curar-se da depressão, tomar *Soma*, a panacéia que leva à euforia” (ADORNO, 2001, p.109).

De qualquer forma, até mesmo essa argumentação frouxa é uma característica preocupante numa geração acrítica e assimilada. Existe a probabilidade de que a sociedade atual julgue irrelevantes as inquietações de Huxley, assumindo uma atitude que celebre o modo de vida do AMN, conforme hipótese aventada pelo próprio autor, através da personagem Mustafá Mond, ao rebater as acusações do Selvagem sobre a degradada condição dos indivíduos novo-mundistas:

- Degradá-lo de que posição? Como cidadão feliz, laborioso, consumidor de riquezas, ele é perfeito. Naturalmente, se o senhor escolher um critério de avaliação diferente do nosso, então talvez possa dizer que ele foi degradado (HUXLEY, 2001, p.285).

Vemos nessa passagem um dos grandes valores da obra huxleyana, pois é justamente sobre isso que entendemos estar direcionada a sua crítica: à possibilidade de que os homens se tornem tão assimilados e infantis, que não percebam as perdas sofridas, dado o estado de felicidade forjado pela falsa consciência. A infantilização, em nossa sociedade, caracteriza-se pela incapacidade crítica e, conseqüentemente, pelo fato de se eleger sempre um outro para pensar por nós e ditar as regras para nossas vidas. Como disse Lenina a certa altura: “Nosso Ford amava as criancinhas” (HUXLEY, 2001, p.130) e a filosofia novo-mundista prega que “todos são felizes se agirem como crianças” (ver SANTEE, 1988, p.80).

A celebração desse modo de vida tem no personagem **Mustafá Mond** o seu maior apologista, por isso deixamos sua análise por último, já que ele representa a encarnação do espírito novo-mundista. A origem de seu nome não se evidencia como no caso das outras personagens<sup>52</sup>. O mais próximo a que chegamos de uma possível influência refere-se a um poema com que Huxley epigrafa sua obra *Contraponto* (1928) e que se chama “Chorus Sacerdotum”, contido numa obra maior intitulada *Mustapha*, de 1609. O autor é Fulke Greville (ou Lord Brooke) e diz:

O wearisome condition of humanity!  
Born under one law, to another bound;  
Vainly begot and yet forbidden vanity;  
Created sick, commanded to be sound.

---

<sup>52</sup> Seria uma verdadeira profecia se Huxley estivesse imaginando uma espécie de “controle” do mundo árabe sobre o Ocidente. O único nome histórico, do período, que encontramos, foi o de Mustafá Kemal Atatürk, que fora um político e general turco nascido em 1881 e morto em 1938, mas não vimos relação entre ele e o personagem.

What meaneth nature by these diverse laws?  
Passion and reason, self-division cause.” (GREVILLE apud BEDFORD, 1973, p.201).<sup>53</sup>

Daiches nos diz que esse poema reflete uma mente dividida (*divided mind*), típica do sentimento de conflito de Greville, que não combinava “gentlemanliness with assurance of salvation” (ver 1960a, p.201). Para seus olhos “surprisingly modern”, essa combinação – própria de uma vida cristã ingênua – era apenas um meio para o homem suportar os problemas da vida. Se analisarmos o posicionamento de Mustafá, perceberemos que ele se mostra superior à ingenuidade da fé pregada por John, e fica evidente que ele não acredita que nessa civilização a fé e o cavalheirismo possam ter qualquer valor ou possam garantir a salvação. Atitude muito parecida com a que Greville apresenta em seus versos, segundo Daiches:

This seems to have been Greville’s attitude, and he is thus one of the first figures in English literature for whom the “new philosophy” not only “called all in doubt” but suggested the kind of problem by which Aldous Huxley was tormented in his early novels [...] he (Greville) did not know to reconcile that knowledge with that belief (DAICHES, 1960a, p.202).

Greenblatt vai mais longe e diz que essas linhas de Greville expressam “the basic problem of all of Huxley’s characters” (1968, p.95). Logo, o teor do poema permite uma aproximação com a personagem que - como espírito do mundo novo - endossa os métodos que julga serem favoráveis à melhoria da condição humana. A humanidade dividida entre leis e valores díspares é instável e por isso vive em triste condição (“Oh wearisome condition of humanity!”). O tom queixoso do poema se dirige a uma humanidade que necessita de *estabilidade*, exatamente o objetivo supremo da civilização novo-mundista.

Quanto ao sobrenome da personagem, talvez seja uma alusão ao empresário britânico Alfred Moritz Mond (1868-1930) cuja iniciativa de promover a participação operária na administração de suas indústrias fora denominada “mondismo”. Essa figura histórica também fora mencionada na obra *Contraponto*, numa passagem em que Mark Rampion mostra, a Dennis Burlap, um de seus quadros – chamado “*Fósseis do Passado e Fósseis do Futuro*” – no qual figura “uma grotesca procissão de monstros”,

---

<sup>53</sup> Esses versos são citados também em uma das conferências que Huxley proferiu em Santa Bárbara, Califórnia, em 1959 (Cf.HUXLEY, 1985, p.128).

numa mistura surreal de animais pré-históricos com “rostos de contemporâneos eminentes”, entre eles Alfred Mond (ver HUXLEY, 1987a, pp.230-231).

Mustafá é o “Administrador Residente da Europa Ocidental” (*The Resident Controller for Western Europe*), um dos dez administradores mundiais (*one of the Ten World Controllers*). Vale refletir sobre a opção dos tradutores brasileiros por “Administrador” em vez de “Controlador”. Se considerarmos a atmosfera “fordista” do mundo novo e o fato do próprio Huxley ter falado em “administradores do mundo”, torna-se incontestável a escolha. No entanto, apenas ressaltaremos que o termo original “Controller” possui um valor que, além de não se afastar do termo escolhido pelos tradutores, atinge um valor mais próximo dessa figura dominante num regime totalitário: como veremos, ele exercerá o *controle* e o *domínio* não somente sobre os demais, como também sobre si mesmo, já que abdicará de certas “paixões” para atender à razão.

Fisicamente, era um “homem de estatura média, cabelos pretos, nariz adunco, lábios vermelhos e carnudos, olhos muito escuros e penetrantes”, dono de uma “voz forte e profunda” (HUXLEY, 2001, pp.66 e 67). A forma como é apresentado, o tom equilibrado e sedutor que é dado à sua presença, a ênfase e a superioridade das suas palavras contrapostas às de John, revelam uma figura desconcertante, posto que também ambígua (“Passion and reason, self-division cause”).

Não fosse a significação do seu embate moral com John, não passaria de mais uma personagem, assim como o D.I.C., que surge para explicar o desenvolvimento da civilização. A diferença é que o D.I.C. esclarece sobre o processo científico de condicionamento e Mustafá reforça-o com pequenas lições sobre os motivos que levaram o sistema a adotá-lo, eliminando tudo o que fosse desagradável.

Sua primeira aparição, repentina, interrompe as explicações do D.I.C. sobre uma época em que as diversões sexuais, entre os jovens, eram proibidas. É saudado efusivamente pelo Diretor, “com todos os dentes à mostra” (HUXLEY, 2001, p.66)<sup>54</sup>. O tratamento que lhe é conferido, além de destacar a sua posição superior, enfatiza a importância de Henry Ford nesse mundo, já que o título “Sua Fordeza” (*His Fordship*) é

---

<sup>54</sup> No original: “smiling with all his teeth, effusive” (HUXLEY, 1947, p.37).

sinônimo de excelência e magnitude<sup>55</sup>. Tamanha veneração condiz com a personagem mais influente do romance. Para Adorno, Mustafá “encarna a consciência mais articulada que o AMN tem de si mesmo” (ADORNO, 2001, p.108), pois possui amplo conhecimento dos valores e tradições do velho mundo, sendo, no entanto, o maior porta-voz que há nesse mundo novo.

Suas primeiras palavras são para lembrar aos estudantes uma frase inspirada de Ford: “A História é uma farsa<sup>56</sup>”. E nesse momento, sua mão agita-se, espanando a poeira acumulada pelos componentes históricos: a mão poderosa do Estado eliminando a Memória. Ao perceber o olhar preocupado do D.I.C. - a quem chegara rumores de que possuía “velhos livros proibidos” - tranqüilizou-o dizendo, “em leve tom jocoso”, que não corromperia os jovens. Mas, seria *ele* um “corrompido”?

Um aspecto que merece ser mencionado - embora seja analisado melhor no tópico sobre o tempo - é que exatamente após a saudação inicial feita pelo D.I.C., assim que viu o Administrador, a narrativa interrompe a sua linearidade pela sugestão de simultaneidade temporal. Como a sensação de simultaneidade é ocasionada pela alternância de situações e diálogos em espaços distintos e, além disso, como esses diálogos e situações estão relacionados pela mesma essencial influência, podemos imaginar que a presença de Mustafá Mond - desencadeadora da simultaneidade - sugere sua ascendência ideológica sobre todos os indivíduos e todos os recantos daquela civilização. Assim, como ele representa o sistema do Estado Mundial, significa que *este* domina tudo.

O momento mais significativo da obra é aquele em que Mustafá conversa com John. No encontro entre os dois “mundos”, temos a oportunidade de obter respostas a algumas perguntas que talvez fizéssemos, e de confirmar a impossibilidade de uma reação à altura, pois a convicção de Mustafá anula o espírito insurrecto e inconsistente de John, que chega a reconhecer a importância de certas inovações da civilização, como nesta passagem: “- Naturalmente... existem coisas que são muito agradáveis. Toda essa música no ar, por exemplo...” (HUXLEY, 2001, p.266).

---

<sup>55</sup> “Rapazes, atenção. Eis o Administrador; eis Sua Forzeza Mustafá Mond”. E os “olhos dos estudantes que o saudaram quase saltavam das órbitas ...O saber ia chegar-lhes diretamente da fonte. Diretamente da boca do próprio Ford!” (HUXLEY, 2001, p.67).

<sup>56</sup> No original: “History is bunk” (HUXLEY, 1947, p.38). Trata-se de uma distorção da célebre frase de Karl Marx: “A História se repete como farsa”. Ou seja, mais um amálgama insólito operado por Huxley: Ford e Marx em um só.

Num dos momentos da discussão, quando falam sobre a felicidade, Mustafá - numa atitude que soa generosa - diz ter abandonado a sua felicidade em prol da felicidade dos outros:

- Então, por que motivo o senhor não está numa ilha?
- Porque, no fim das contas, preferi isto – respondeu o Administrador. – Deram-me a escolher: ser mandado para uma ilha, onde poderia continuar dedicando-me à ciência pura, ou ser administrador no Conselho Supremo, com a perspectiva de ser promovido oportunamente a um posto de Administrador. Escolhi isto e abandonei a ciência. – Depois de um pequeno silêncio, acrescentou: - Às vezes lamento haver renunciado à ciência. A felicidade é uma soberana exigente, sobretudo a felicidade dos outros. Uma soberana muito mais exigente do que a verdade, quando não se está condicionado para aceitá-la sem restrições (...) Enfim, o dever é o dever. Não podemos consultar as nossas preferências pessoais. Interesso-me pela verdade, gosto da ciência. Mas a verdade é uma ameaça, a ciência é um perigo público. Ela é tão perigosa hoje quanto foi benfazeja no passado (HUXLEY, 2001, p.276).

Existem certos aspectos interessantes que aproximam essa personagem do seu criador. Huxley teve que abrir mão de dois desejos: a ciência e o serviço militar junto ao exército britânico na Primeira Guerra, ambos por causa da cegueira, o que o acabou levando ao engajamento na literatura. Contudo, tanto na vida real como na literatura, continuou admitindo seu gosto pela ciência, como comprova as próprias palavras do Administrador, que também se mostra interessado pela verdade, soberana exigente para a qual não estava preparado (a cegueira), embora menos exigente que a felicidade, “sobretudo a felicidade dos outros”. O que isto significaria na vida do autor?

Se traçarmos um paralelo entre a ciência abandonada pela personagem e pelo autor, podemos inferir que a adoção da literatura pelo autor corresponda à admissão da personagem no Conselho Supremo. Deve-se ressaltar também que Mustafá foi a única personagem – além de John - que apresentou um contato com a literatura, pois havia estudado a Bíblia, Shakespeare, História, Filosofia (todos os livros esquecidos) e a única também que tinha liberdade de escolha (“escolhi isto e abandonei a ciência”). A sua liberdade de escolha corresponde à liberdade que a literatura oferece ao autor: suas idéias são pessoais e podem ser disseminadas nas suas obras, do alto posto do “Conselho Supremo”, como lhe convier.

A fala de Mustafá nos desperta sentimentos ambivalentes para com a personagem. Essa ambivalência é do próprio Huxley. A ironia sutil, sobre a qual falamos antes, permanece na crítica ambígua a esse mundo: na verdade o AMN não é

bom, mas não é felicidade que os homens buscam quando dominam a natureza e manipulam os semelhantes? Ou seja: sacrificaram a Verdade à “felicidade”. Douglas Hewitt também nota esse tom irônico quando lança perguntas constrangedoras ao leitor:

Mustapha Mond... explains the reasoning behind the brave new world and we see that every one of us has gone some way down the slope towards the easy nightmare. If we would not deny tranquillizing drugs for the deranged, would we deny them to the intensely worried? To the slightly upset? To anyone who feels less than totally relaxed? If we do not drive fallen women out into the snow, do we tolerate extramarital sexual activity? Do we condone promiscuity? Do we find celibacy suspect? Do we encourage sexual experimentation from an early age? If we believe in giving our children the right background, do we see that they do not make the wrong kind of friends? Do we make them aware of what will be expected of them? Do we prepare them for a role in life? Do we reward or punish them? Do we effectively condition them? But most of us have at one time or another tried in some specific way to bring about a world that seems if not brave and new at least less miserable and old (HEWITT, 1988, p.90).

Estes questionamentos servem-nos, inclusive, para rever certa interpretação que se faz sobre Mustafá: muitos apontam a incoerência entre o fato de ele ser a voz de Huxley no romance, sendo que este pretendia uma crítica àquele tipo de vida. As palavras de Mustafá para John, a respeito da felicidade, são irônicas: ele as defende, mas elas incomodam o leitor e não por causarem repulsa, ao contrário, por causarem identificação: como ele pode se identificar com essas palavras? Isso acontece justamente porque se sente responsável, através de suas atitudes descuidadas, por essa espécie de mundo que se constrói a cada minuto.

As palavras finais de Hewitt nos permitem, mais uma vez, afirmar que o mundo representado na obra não foi inventado pelo autor e, sim, é determinado por nossas atitudes, ou seja, a literatura não defende nem o bem, nem o mal, ela simplesmente os encontra na vida. Como enfatiza Derbyshire (2003): “So do we, so do we”.

Portanto, a ironia não se dá mais como no caso do D.I.C., personagem antipática. Agora, a ironia é do narrador para com a condição humana nesse mundo, que “cuida que se ganha em se perder”, como diria o poeta. Mustafá ironiza porque reconhece a perda. John diz que tudo lhe parece “absolutamente horrível” e ele concorda: “Sem dúvida. A felicidade real sempre parece bastante sórdida em comparação com as supercompensações do sofrimento [...] A felicidade nunca é grandiosa” (HUXLEY, 2001, p.269). Para ele é irônico o fato dos homens terem manipulado todas as esferas em



busca de felicidade, quando o resultado foi o aniquilamento da vida. Por isso percebe-se um tom de lamento pela escolha que fez: “Às vezes lamento haver renunciado à ciência [...] Ela é tão perigosa hoje quanto foi benfazeja no passado” (Ibidem, p.276). Lembremos ainda o que Adorno dissera sobre o paradoxo de Huxley, um liberal benthamiano: desejava o desenvolvimento, mas os resultados o desagradavam.

A atitude do Administrador diante da Literatura e da Ciência tem certa proximidade com a posição do próprio Huxley. Ainda que Mustafá defenda o afastamento dos livros, essa postura atende aos ditames da razão, pois ele reconhece e aprecia a beleza dos clássicos. Quanto à Ciência, evidentemente a renúncia foi corroborada pela sua perigosa potencialidade.

Olga Lana Cardoso, em seu ensaio “A Ciência e os Cientistas na obra de Aldous Huxley”, aponta o paradoxo que há entre o desejo que Huxley tinha de se dedicar à ciência e as restrições a ela, encontradas em suas obras (ver 1977, p.211). Os cientistas são sempre ridicularizados, apresentados como seres reclusos, alheios ao mundo real, desde as primeiras novelas até o máximo sarcasmo em *O Macaco e a Essência*, de 1949.

O pendor para a Ciência e para a Literatura pode ser atribuído à sua própria hereditariedade, como também ao ambiente em que fora criado. No volume que seu irmão Julian organizou em sua memória, um dos que contribuíram, David Cecil, diz o seguinte: “We hear much these days about the two cultures, scientific and literary, now competing for the attention of man’s spirit. Is it possible to be at home in both? The answer is that Aldous Huxley managed to be so. He was equally at ease with Dante and with Darwin” (in HUXLEY, Julian, 1965, p.14).

A ficção científica certamente foi a forma que encontrou para se divertir nos dois campos. Cardoso (1977) alerta-nos que Julian Huxley – no mesmo volume citado acima – faz questão de esclarecer que as referências feitas por Aldous sobre fatos científicos eram devidas ao seu próprio interesse de pesquisador e não aos ensinamentos do mesmo Julian, que fora um biólogo de renome.

Mas, diante de uma possível escolha entre a Literatura e a Ciência, Aldous afirmou que preferia ter sido Faraday a ter sido Shakespeare. Na verdade, isso não passa de mais uma de suas tiradas irônicas, pois a idéia é de que lhe parecia mais fácil

ser um homem de Ciência do que de Letras. O valor sublime que este pensamento concede a estas tem, ao mesmo tempo, um sabor amargo por sugerir que a Ciência tem ajudado os governantes a oprimirem as massas, enquanto as Humanidades percebem, registram e expressam essa opressão. Daí o fato de John (a Literatura) ter ficado com o lado insalubre da moeda, enquanto Mustafá (a razão científica) permaneceu no lado menos suscetível e oprimido.

Outra espécie de auto-referência implícita na obra confirma-se ainda na menção da ilha para onde Bernard Marx seria mandado, exílio *invejado* por Mustafá:

- Dir-se-ia que vão cortar-lhe a cabeça – comentou o Administrador, quando fecharam a porta. – Ao passo que, se tivesse a mínima parcela de bom senso, compreenderia que esse castigo é na realidade uma recompensa. Vai ser mandado para uma ilha, isto é, para um lugar onde conhecerá o mais interessante conjunto de homens e mulheres existentes em qualquer parte do mundo. Todas as pessoas que, por esta ou aquela razão, adquiriram demasiada consciência de sua individualidade para poderem adaptar-se à vida comunitária; todas as pessoas a quem a ortodoxia não satisfaz; que tem idéias próprias e independentes; todos aqueles, numa palavra, que são alguém. Quase lhe tenho inveja, Sr. Watson.  
Helmholtz riu (HUXLEY, 2001, p.275).

Esta ilha a que se refere é a mesma descrita na sua obra de 1962, *A Ilha*. Eis a ambigüidade da personagem: que homem é esse que se representa como o Administrador de um mundo repleto de abomináveis absurdos e, ao mesmo tempo, engrandece uma utopia cujo conteúdo é verdadeiramente admirável, onde todos “são alguém”? Por isso, acreditamos que o “espírito” do autor está esparso em Helmholtz, John e Mustafá: três personagens com as quais simpatizamos por algum motivo e antipatizamos por outros. Os dois últimos, principalmente, mostram o seu sentimento ambivalente perante as conquistas e as perdas com o “progresso”<sup>57</sup>.

Além disso, o “pânico” do autor diante do poderio americano, que força (va) as pessoas a se anularem, imobilizou-o: seu pessimismo se reflete na imobilidade de John, que não encontra meios para reagir. Ainda assim, há uma significação louvável nisso tudo: Huxley atribui à Literatura o valor de ser uma das armas contra a desumanização,

---

<sup>57</sup> Um fato interessante é que, no último capítulo, consta que um cineasta chamado Darwin Bonaparte teria realizado um filme a ser projetado nas melhores salas de cinema sensível da Europa Ocidental, sob o título “O selvagem de Surrey”(ver HUXLEY, 2001, p.303). Huxley nasceu exatamente no condado de Surrey, na Inglaterra. Logo, esta ocorrência, mais a sua reação após a primeira visita aos EUA, parece uma intenção do autor em relacionar sua vida à de John.

não só de John (e Shakespeare) contra aquele sistema, mas também da sua própria literatura (o livro AMN) contra esse sistema.

Dessarte, através de John e de Mustafá, o escritor nos ofereceu apenas duas opções nada aprazíveis: a estagnação ou o avanço rumo à desumanização. Esta parece ser a “lifelong question” da ética, cuja solução se torna premente a cada passo em direção à clonagem eugênica, à desumanização, ao *Admirável Mundo Novo*.

Temos ainda outras personagens de menos importância: a já citada Fanny Crowne, “uma jovem extremamente cordata”, de dezenove anos, que trabalhava na “Sala de Enfrascamento” e que sempre estava trazendo a amiga Lenina para os trilhos do sistema, repreendendo seus abusos; Benito Hoover, mistura curiosa do ditador Mussolini com o republicano Herbert Hoover e fruto da ironia huxleyana, que lhe concede a característica de ser um “bom gênio notório”, a quem a realidade, sempre risonha, dispensava o uso do Soma; Polly Trotsky, uma criança inocente que aparece em uma cena muito curta; as enfermeiras do berçário neopavloviano, sempre perfiladas como soldados, com seus cabelos assepticamente cobertos por toucas brancas e seus uniformes de linho branco de viscose; e, por fim, temos aqueles que participam com Bernard da “Cerimônia de Solidariedade”, um grupo singular composto por George Edzel, Morgana Rotshchild, Fifi Bradlaugh, Joana Diesel, Clara Deterding, Tom Kawaguchi, Sarojini Engels, Jim Bokanovsky e Herbert Bakunin.

Este último grupo não aparece senão na reunião de quinta-feira, e sua implicação talvez resida no fato de que os personagens históricos sugeridos pelos nomes tenham sido colocados à margem da história, embora tenham sido lembrados. A fusão de todos em um, estimulada pela Cerimônia, insinua uma proximidade ideológica entre as figuras de Marx, Engels, Bakunin, Rotshchild e Diesel que, no mínimo, é insólita. Reconhecemos certos aspectos comuns entre os três primeiros, mas qual seria a intenção em “igualá-los” ao herdeiro de uma dinastia de banqueiros e a um industrial que alcançara prestígio nos Estados Unidos com a invenção dos motores de combustão?

Na verdade, são apenas reflexos do todo da obra: Huxley ironizou o confronto entre socialistas e capitalistas, unindo-os em torno de uma Cerimônia extravagante. O livro já trabalha com elementos dos dois planos, levados ao extremo e, aparentemente,

com um predomínio dos ideais capitalistas: os socialistas teriam se rendido a Ford (vide Lenin), o que sugere a distribuição das benesses do capitalismo a todos os operários, ao seu “aburguesamento”.

Northrop Frye desenvolve uma tipologia que classifica a personagem quanto ao grau de importância. Fala-nos também que o enredo “consiste em alguém fazer alguma coisa” que só pode ser feita em conformidade com as condições oferecidas pelo universo fictício (1973, p.39). Quanto ao AMN, vimos quais foram as condições dadas pelo ambiente para que seus indivíduos fizessem ou não as coisas que podiam ou não ser feitas, e analisamos ainda a diferença de comportamento entre alguns deles.

São justamente essas diferenças conceituais entre as personagens que determinam sua importância no desenrolar dos fatos. Assim, John, Bernard, Helmholtz, Lenina, Linda e Mustafá apresentam certas características da dimensão humana, tais como os ciúmes, o desejo, a indignação, a covardia, a coragem, a ambição, enfim, aspectos que os enquadrariam na 4ª classificação de Frye (1973, p.40), aproximando-os de nós. Essa proximidade é que nos permite e nos leva a tecer juízos de valor sobre eles.

Já as personagens D.I.C., Henry Foster, Fanny Crowne e Benito Hoover têm uma participação coadjuvante na narrativa. Conforme a classificação de Frye, estas pertenceriam ao 5º tipo (Ibidem, p.40), pois aderem completamente ao sistema, sendo tipificadas e colocadas numa linha inferior à das que demonstram possuir alguma forma de “consciência”, sob condições de extrema escravidão “ideológica”, juntamente com toda a casta produzida para ser “massa”.

O mundo da ficção não é aquele que é, mas o que pode ser. Na obra, os elementos estão dispostos de forma a garantir a coerência dos comportamentos. Assim, dadas as condições de condicionamento a que foram submetidos, Foster, Fanny, Benito, Lenina, Bernard e Helmholtz são exatamente o que deveriam ser: os três primeiros não apresentam falhas do sistema, portanto atendem perfeitamente às expectativas de conduta; Lenina, cuja “produção” também foi perfeita, apresenta um desvio que foge um pouco à média: certo exclusivismo sexual incoseqüente. No entanto, mesmo que ela permaneça mais tempo que o recomendável com alguns parceiros, não deixa de trocá-los; e os dois últimos também agem coerentemente.

Entretanto, Greenblatt esperava um maior desenvolvimento do personagem Helmholtz, para que fosse uma alternativa ao extremado contraste entre John e Mustafá, e uma pessoa que encontrasse sentido na criatividade e na poesia (ver 1968, p.99). No entanto, não podemos nos esquecer que essa sua incapacidade de ver sentido na poesia também é consequência de um “excesso mental” que se mostra inútil nessa civilização, e atende também à intenção de Huxley (reconhecida por Greenblatt) de acentuar o declínio da Arte naquele universo. No fim das contas, somente Helmholtz e John assumem corajosamente uma postura contrária ao sistema. Mas o que podem dois contra o Todo?

Em consonância com nossas intenções de revitalização da obra, consideramos as condições de vida e o comportamento das personagens como os pontos que merecem maior atenção. O intuito óbvio é sugerir que se olhe para essa civilização novomundista atentando para os sinais que se encontram na nossa. Certamente não são idênticas, mesmo porque muitos aspectos não coincidem, no que concordamos com Derbyshire: “To be sure, we maintain our democracy, religion is still alive, and our inclination to join up in pairs and raise our own children seems to be ineradicable” (2003).

Mas bem analisado, Huxley parece ter errado na dose e em ter sido positivista ao descrever aquele mundo como algo linear e consequente, pois havemos de concordar que, quanto às previsões, a dominação e o condicionamento, hoje, existem sob formas menos diretas: por exemplo, o que tem mais influência sobre a formação de nossas crianças, o ambiente familiar ou a televisão? As liberdades sexuais conquistadas tanto acenaram com benefícios consideráveis, quanto acentuaram a falência da instituição familiar que, mesmo que não deva ser sacralizada, deve-se admitir que ainda parece a melhor forma de estruturar uma sociedade. A religião, realmente, sobreviveu, mas parece cada vez mais um “aparelho ideológico”. Além disso, a democracia sob essas condições é no mínimo questionável: de que adianta tanta liberdade democrática quando a situação econômica não viabiliza escolhas? Obviamente, não estamos criticando a liberdade e, sim, a falta de excelência de condições para que haja igualdade no seu usufruto.

Logo, alguns efeitos nos indivíduos são consideráveis e, a partir desses indivíduos que compõem a coletividade e, por conseguinte, configuram a existência de uma sociedade, nota-se o quanto a humanidade tem caminhado rumo à desumanidade, o quanto as pessoas têm perdido da sua dimensão propriamente humana, ou seja, sua possibilidade de pensar por si só, de sentir por si só e de perceber o quanto são manipuladas, ensejando um domínio maior e mais inquietante.

Afinal, quando refletimos sobre a condição atual, não constatamos a desproporção entre os lados que se chocam? Qual a proporção de Fannys, Fosters e Benitos e a de Johns em nossa sociedade? Huxley não estaria desmascarando os ardis que acentuam a desigualdade de forças? Mesmo que discordemos dos que crêem, realmente, que a cultura da elite seja superior à cultura das massas, não se pode negar que há uma ligação entre a perda da autonomia crítica acarretada por esta última e o prejuízo para a condição humana. O engano está em relacionar cultura de massa com cultura popular, das camadas menos favorecidas, esquecendo-se que muitos filhos da elite ouvem música “comercial” e se regozijam com os enlatados americanos. Se não acreditássemos que há prejuízo, não reivindicaríamos educação de *qualidade* para todos.

Afora o equívoco de acreditar que os valores tradicionais são antídotos para todo esse processo, o que deve ser considerado é que Huxley apreendeu mudanças de comportamento e de valores que não trazem apenas benefícios à condição humana, e esta postura preventiva para com os possíveis resultados nos é necessária, muito mais do que uma vã discussão sobre otimismo e pessimismo.

Portanto, a convergência entre nossas possíveis reações com as das personagens, sob aquele contexto social, atende às leis do verossímil, já que eles são peças ordenadas num mundo de regras e não de liberdades plenas. Enquanto “produtos” da razão cartesiana tardia, a previsibilidade de suas ações e reações surge da manipulada “docilidade” de suas compleições físicas e psíquicas, sendo dedutível também o “espírito” *conformado* de cada um. É esse entrosamento das personagens com a situação imaginada o que possibilita a “verdade” da obra.

### 3.4.2 - As instâncias libertadoras aniquiladas

*O objetivo da educação totalitária nunca foi insuflar convicções,  
mas destruir a capacidade de adquiri-las.*  
Hannah Arendt

A constante evocação dos versos shakespearianos, feita por John, nos momentos de inefável emoção, sugere que a Poesia é uma doadora de sentido, dotada do poder de nomear, como o próprio texto afirma: “As fórmulas mágicas estavam de seu lado, a magia explicava e dava ordens” (HUXLEY, 2001, p.172). Há ainda uma outra passagem em que esse poder é evidenciado pelo autor: John, questionando Mustafá sobre a proibição da poesia shakespeariana, e tendo como resposta o fato de que o sistema não quer que “ninguém seja atraído pelas coisas antigas”, “sobretudo quando são belas”, faz uma careta e exclama – “Bodes e macacos!”. A observação do narrador acerca dessa reação é significativa: “somente nas palavras de Otelo podia encontrar um veículo adequado para seu desprezo e seu ódio” (HUXLEY, 2001, p.267). Deste modo, John recorre constantemente a Shakespeare, o mestre dos sentimentos humanos mais diversos, para tentar dar sentido a cada sentimento ou sensação provocada por circunstâncias específicas.

Quando Lenina e Bernard encontraram John pela primeira vez na Reserva, havia ocorrido um ritual para fazer vir a chuva e crescer o trigo. Neste ritual, uma vítima era açoitada. John reclamava por não o terem aceitado como vítima, pois acreditava que suportaria mais chicotadas que a outra, o que teria agradado ainda mais “a Pukong e a Jesus”. As palavras que encontrou para “nomear” a sua rejeição foram buscadas no *Mercador de Veneza*: “Eu lhes desagradava por causa da minha tez” (HUXLEY, 2001, p.155).

Sentia ódio pelo amante de sua mãe, Popé, e o desejo de matá-lo externou-se através das palavras de Hamlet

Quando ele estiver embriagado a dormir, ou em sua cólera,  
Ou no incestuoso prazer de seu leito... (Ibidem, p.172)

O enlevo e a hesitação diante da beleza do corpo adormecido de Lenina encontraram nome em *Tróilo e Cressida* e *Romeu e Julieta*

Seus olhos, seus cabelos, suas faces, seu porte, sua voz,  
Deles disserta em tua fala; oh, e de sua mão,  
Em comparação com a qual todo branco é tinta...

Podem pousar na alva maravilha que é a mão querida de Julieta  
E furtar a graça imortal de seus lábios...

Ousaria profanar com sua mão indigna aquele santuário sagrado. (Ibidem, p.185 e 186)

O descaso diante das invenções da civilização fica evidente numa passagem em que o Chefe do Posto de serviço Meteorológico fala sobre o “Foguete Verde de Bombaim”:

- Mil duzentos e cinquenta quilômetros por hora... Que acha disso, Sr. Selvagem?  
John achou que era muito bonito.  
Entretanto – acrescentou -, Puck era capaz de dar uma volta ao redor da Terra em quarenta minutos<sup>58</sup>.

A recorrência aos versos é contínua, tanto nas conversas com Lenina, quanto nos momentos em que não encontrava argumentos para rebater as colocações de Mustafá. Considerado o valor da poesia nessas circunstâncias, há que se apontar ainda os efeitos do puritanismo de certas passagens shakespearianas na formação dos valores de John. É, por exemplo, a virgindade valorizada em alguns versos, juntamente com seus conflitos edípicos, que tornam John um ser dividido entre a atração e a rejeição às investidas de Lenina.

Aquilo que Martin Heidegger chamou de “poder adâmico” foi conferido a John por Shakespeare e a própria condição de rejeitado do Selvagem, na Reserva, com sua subsequente ida para a Civilização, podem, até certo ponto, simbolizar a expulsão de Adão, cujo poder de nomear, conferido por Deus, o acompanhou no mundo decaído. Este mundo também pode ser a Civilização novo-mundista em oposição à natureza “paradisíaca” da Reserva. Seguindo o pensamento de Carey sobre a “divinização” da

---

<sup>58</sup> Essa colocação fora extraída de *Sonho de uma noite de verão* (HUXLEY, 2001, p.200).



cultura aristocrática, podemos pensar que Huxley “endeusou” Shakespeare, já que os seus versos outorgaram tal poder a John, como Deus havia feito com sua criatura.

Para Alfredo Bosi (1977), o poder de nomear é o fundamento da linguagem e, por extensão, da poesia. Lembra-nos justamente desse poder que foi dado ao primeiro homem, conforme nos conta o livro do Gênesis, assim como sua importância na Grécia antiga, onde Homero e Hesíodo eram considerados os educadores da juventude. No AMN, entretanto, a poesia não ecoa de forma alguma nos corações e mentes dos indivíduos e os pronunciamentos poéticos de John tornar-se-iam patéticos, não fosse a necessidade que os move.

O desencontro entre o discurso poético do Selvagem e as fórmulas ideológicas da Civilização revela, pela linguagem, o afastamento do homem das experiências essencialmente humanas, acusando os efeitos de uma sociedade dividida em classes (castas), segundo nos explica Bosi:

...a poesia já não coincide com o rito e as palavras sagradas que abriam o mundo ao homem e o homem a si mesmo. A extrema divisão do trabalho manual e intelectual, a Ciência e, mais do que esta, os discursos ideológicos e as faixas domesticadas do senso comum preenchem hoje o imenso vazio deixado pelas mitologias. É a ideologia dominante que dá, hoje, nome e sentido às coisas (BOSI, 1977, pp.141-142).

Esta passagem, ao revelar as mazelas da nossa civilização contemporânea, atinge, em cheio, o discurso ideológico do Estado novo-mundista como resultado da desaturação da poesia. A linguagem do AMN resulta de uma necessidade restrita: Utilidade. O que vem por trás desse conceito dita e limita o vocabulário daqueles indivíduos, que foram condicionados aos interesses econômicos do sistema. Este acredita que a distribuição das benesses capitalistas, conforme a necessidade condicionada de cada casta, satisfaz e abrandava os espíritos, mantendo-os estáveis. Para tanto, não pode haver insatisfação nem ocasional, nem gerada por alguma falha do sistema. Por isso, todos devem estar empregados para poderem produzir e consumir o mesmo produto de seus trabalhos. Desta forma, todo o existente deve justificar sua existência pela utilidade.

A obsessão pela estabilidade racionalizou todas as ações e todos os pensamentos: o utilitarismo é o sentido dado pela ideologia dominante. Atrás dele vem

a especialização acadêmica, o taylorismo, a cristalização da hierarquia social. Sob essas condições, a poesia fica relegada “à estranheza e ao silêncio” e a sua natural e necessária “inutilidade” adquire o sentido pejorativo que os utilitaristas lhe conferem. Não quer dizer, com isto, que ela deixa de existir, mas, como lamenta Bosi, a ingenuidade poética não consegue “concorrer com a indústria & o comércio” e acaba passando de “marginal a alcoviteira ou inglória colaboracionista” (BOSI, 1977, p.142). Logo, “essas formas estranhas pelas quais o poético sobrevive, em um meio hostil ou surdo, não constituem o ser da poesia, mas apenas o seu modo historicamente possível de existir no interior do processo capitalista”(Ibidem, p.143).

Essa nova condição da poesia e do poeta no mundo moderno é metaforizada no texto de Charles Baudelaire, “Perda da auréola”, publicado pela primeira vez em 1869:

- Ora, ora, meu caro! O senhor! Aqui! Em um local mal afamado – um homem que sorve essências, que se alimenta de ambrósia! De causar assombro, em verdade.

- Meu caro, sabe do medo que me causam cavalos e veículos. Há pouco estava eu atravessando o bulevar com grande pressa, e eis que, ao saltar sobre a lama, em meio a este caos em movimento, onde a morte chega a galope de todos os lados ao mesmo tempo, minha auréola, em um movimento brusco, desliza da minha cabeça e cai no lodo do asfalto. Não tive coragem de apanhá-la. Julguei menos desagradável perder minhas insígnias do que me deixar quebrar os ossos. E agora, então, disse a mim mesmo, o infortúnio sempre serve para alguma coisa. Posso agora passear incógnito, cometer baixezas e entregar-me às infâmias como um simples mortal. Eis-me, pois, aqui, idêntico ao senhor, como vê!

- O senhor deveria ao menos mandar registrar a perda desta aureóla e pedir ao comissário que a recupere.

- Por Deus! Não! Sinto-me bem aqui. Apenas o senhor me reconheceu. De resto, entedia-me a dignidade. Além disso apraz-me o pensamento que um mau poeta qualquer a apanhará e se enfeitará com ela, sem nenhum pudor. Fazer alguém ditoso – que felicidade! Sobretudo alguém que me fará rir! Imagine X ou Y! Não, isto será burlesco! (BAUDELAIRE in BENJAMIN, 1989, p.144).

O poeta já não tinha mais ilusões sobre a sua própria poesia. Assumira a perda aurática em sua obra, como resultado de uma dissensão cruel entre a exigência de uma produção mercadológica e a saudade de uma aura. O oportunismo daquele que prefere perder as “insígnias” a ter os ossos quebrados, já se instalara sob os influxos da industrialização no fim do século XIX. O que vemos, em pleno século XX, é essa situação exacerbada pela sociedade de consumo.

No AMN, o ser da poesia, sustentado na sua função de doadora de sentido e no seu poder de nomear as coisas, sobrevive apenas em John, que cresceu num ambiente

insólito, mas que manteve contato com a experiência humana e com a natureza, longe dos influxos ideológicos da civilização capitalista. Nesta, a poesia atende às características mencionadas acima, ou seja, é compelida pelo utilitarismo capitalista a ser uma colaboracionista do sistema. Seu incomodado representante é Helmholtz Watson, “Engenheiro em Emoção”, que “escrevia regularmente para o Rádio Horário, compunha cenários para filmes sensíveis e tinha o dom de criar *slogans* e *versinhos hipnopédicos*” (HUXLEY, 2001, p.101, segundo grifo nosso). De mais a mais, esse corpo cindido da poesia evidencia-se no vocabulário e na retórica do maior representante do sistema: Mustafá Mond. Ele é a síntese comprobatória de que o poder original da linguagem foi diluído pelos interesses dominantes, conforme o pensamento de Bosi nos adverte:

Furtou-se à vontade mitopoética aquele poder originário de nomear, de com-preender a natureza e os homens, poder de suplência e de união. As almas e os objetos foram assumidos e guiados, no agir cotidiano, pelos mecanismos do interesse, da produtividade; e o seu valor foi-se medindo quase automaticamente pela posição que ocupam na hierarquia de classe ou de status, os tempos foram ficando – como já deplorava Leopardi – egoístas e abstratos. “Sociedade de consumo” é apenas um aspecto (o mais vistoso, talvez) dessa teia crescente de domínio e ilusão que os espertos chamam “desenvolvimento” (ah! poder de nomear as coisas!) e os tolos aceitam como “preço do progresso” (BOSI, 1977, p.142).

A linguagem foi limitada ao ato da comunicação diária, tornou-se mero veículo de ordenação, comando e alienação. A coisificação do ser humano originou uma linguagem maquínica e impessoal que parece servir somente às relações de interesse e não mais às relações humanas, praticamente inexistentes. No AMN, a linguagem é a da produção e os termos mais comuns são: quantidade, economia, qualidade, produção, utilidade, controle...

Muitas das partes naturais que compunham o corpo da Natureza foram substituídas pelas engrenagens artificiais que compõem a Máquina da produção. Enquanto uma instância divina parecia dominar as leis que regiam aquele mundo natural, justificando o teocentrismo que vigorara até o período Medieval, nesse novo “cosmos” antropocêntrico é o homem que domina o próprio homem. Portanto, assim como para os desígnios divinos, para esse novo “deus de prótese” a sua criatura necessita de uma linguagem, só que agora ela é orientada pelos novos nomes e

sentidos dados pela ideologia da eficácia e da produtividade. O processo engendrado pelo homem no seu anseio de dominação tornou-o escravo de si mesmo, descrevendo um arco progressivo de desumanização.

O confronto entre a linguagem adâmica e a linguagem reificada no AMN, ainda que aponte esse horizonte desalentador, sinaliza a capacidade libertária da linguagem poética, cujo poder humanizador revela-se através das reações de alguns personagens. Isso pode ser verificado em alguns aspectos que corroboram os efeitos de humanização próprios da Literatura, como nos lembrou Antonio Candido num ensaio maravilhoso, intitulado *O direito à Literatura*<sup>59</sup>. Nesse ensaio, o professor defende o direito à literatura como um direito essencial a todo ser humano, devendo ser colocado no rol dos bens incompressíveis, ou seja, dos que não podem ser negados a ninguém, como a moradia, o alimento, as roupas, etc, por assegurarem a sobrevivência física em níveis decentes. Assim, a literatura - e a fruição da arte de uma forma geral - está entre os bens que asseguram a integridade espiritual, uma necessidade profunda do ser humano que não sendo satisfeita leva-o à desorganização pessoal ou, no mínimo, à frustração mutiladora. Conforme as palavras de Candido

Vista deste modo a literatura aparece claramente como manifestação universal de todos os homens em todos os tempos. Não há povo e não há homem que possa viver sem ela, isto é, sem a possibilidade de entrar em contacto com alguma espécie de fabulação. Assim como todos sonham todas as noites, ninguém é capaz de passar as vinte quatro horas do dia sem alguns momentos de entrega ao universo fabulado. O sonho assegura durante o sono a presença indispensável deste universo, independentemente de nossa vontade [...] podemos dizer que a literatura é o sonho acordado das civilizações. Portanto, assim como não é possível haver equilíbrio psíquico sem o sonho durante o sono, talvez não haja equilíbrio social sem a literatura. Deste modo, ela é fator indispensável de humanização e, sendo assim, confirma o homem na sua humanidade, inclusive porque atua em grande parte no subconsciente e no inconsciente. [...] A literatura confirma e nega, propõe e denuncia, apóia e combate, fornecendo a possibilidade de vivermos dialeticamente os problemas. [...] Isto significa que ela tem papel formador da personalidade, mas não segundo as convenções; seria antes segundo a força indiscriminada e poderosa da própria realidade (CANDIDO, 1995, pp.242 e 243).

Os indivíduos do AMN são mutilados em sua dimensão humana, por isto são apresentados como coisas. A extinção da viviparidade, do contato com uma mãe, do convívio familiar, junto com a proibição dos livros, priva o indivíduo dos traços essenciais do ser humano, que são a capacidade de reflexão, a aquisição do saber, o

---

<sup>59</sup> Ver CANDIDO, A., 1995, pp.235 a 264.

afinamento das emoções, o senso de beleza, enfim a configuração da complexidade humana. Com efeito, os personagens huxleyanos correspondem a esse vazio em que se encontra o indivíduo mutilado.

Mais um fator alienante é o equilíbrio forjado pelo consumo do “Soma”. A obrigatoriedade de ingerir essa droga sintética é outro elemento que confirma a fabulação como uma espécie de necessidade vital incontornável. Ela comprova a necessidade de fantasiar, já que o Estado a proporciona através do incentivo ao seu uso, ciente talvez dos prejuízos de um colapso psíquico coletivo. Por outro lado, num paralelo com nossa realidade, é instigante que as pessoas sejam estimuladas a resolver seus problemas (complexidade humana) ingerindo drogas como o Prozac, por exemplo. No mundo moderno, que impõe a velocidade e “ensina” a impaciência, o tratamento químico, com suas drogas milagrosas, coloca-se acima do tratamento psicológico, que exige mais tempo, paciência e, sobretudo, algo insuportável: o conhecer-se a si mesmo. Os rebentos desse mundo não suportariam assumir seu próprio vazio.

A fabulação proporcionada pelo Soma não é livre, nem tem o valor da imaginação e da capacidade reflexiva, próprias do contato com a Literatura, mas é, sim, uma fabulação provocada pelo êxtase colorido da droga, que envolve sobretudo as *sensações* e não o *pensamento*, como podemos ver nessa situação vivida por Lenina e Foster:

Fazendo evoluções de five-step com os outros quatrocentos pares no salão da Abadia de Westminster, Lenina e Henry dançavam, entretanto, em outro mundo – o mundo quente, cheio de cores vivas, o mundo infinitamente acolhedor criado pelo soma. Como todos eram bons, e belos, e deliciosamente divertidos! (HUXLEY, 2001, p.112).

Esta passagem confirma o uso da droga como uma espécie de fuga necessária ao aparelho psíquico, que não suporta o tempo todo o princípio de realidade, como nos ensinou Freud. No entanto, a fuga pela droga está longe de ser saudável a esse aparelho, além de alienar o seu usuário. No AMN, ela ainda corrobora um processo de mutilação da subjetividade, como nos lembra Maria Rita Kehl: “No momento exato do consumo, nada falta para o sujeito e é como se, nesse momento, ele não precisasse

falar e nem pensar [...] como se o sujeito desaparecesse nessa hora [...] deixando uma espécie de corpo que funciona [...] um corpo organismo sem subjetividade” (KEHL, 2005). Ela nos diz também que “não existe vida sem sujeito”. Daí o corpo cadavérico da civilização novo-mundista, composta por simples corpos ambulantes, “videntes sem palavra”.

Qualquer semelhança com o atual universo das Raves, festas onde o Ecstasy e o LSD são consumidos ao embalo da música eletrônica (sintética como no AMN), não é pura coincidência. Ora, aniquilou-se a dimensão subjetiva, eliminou-se a literatura e com ela a fabulação, pois o Estado previa os resultados se ela fosse libertada: perda do equilíbrio social, ou melhor, da Estabilidade. Mas, apesar do sistema abafar a fantasia natural, substituindo-a pela fantasia produzida, Huxley sugere a instância essencialmente humana daqueles seres através do incômodo de Helmholtz, quando ele pergunta a Bernard:

- Você nunca teve a sensação de ter em si alguma coisa que, para se exteriorizar, espera somente que você lhe dê a chance? Uma espécie de força excedente que você não esteja utilizando, algo assim como aquela água toda que se precipita na cachoeira em vez de passar pelas turbinas? (HUXLEY, 2001, p.103).

Helmholtz não reconhece sua dimensão humana natural, já que foi artificialmente condicionado. Não reconhecendo, não sabe exatamente do que se trata e vemo-lo, logo em seguida, falando em “sensação de ter alguma coisa importante a dizer”, sem saber o que é. Certamente essa sensação está coerentemente relacionada ao seu excesso mental e poderíamos justificá-la apenas com isto. Mas, não é sugestivo o fato de Helmholtz escrever poesias? Lidar constantemente com as palavras? Não seria ele um testemunho da racionalidade abafando a livre fantasia criadora? Ele não está reclamando, sem o perceber, a liberdade de fantasiar que foi tolhida pelas “turbinas” do sistema? Se o sistema representa a Razão, Huxley não estaria, através do conflito desse personagem, reconhecendo as próprias limitações e reclamando a libertação de sua estética das amarras da sua poderosa razão? Como ainda veremos, não é a primeira vez que Huxley alude às suas próprias limitações literárias.

O menosprezo pela literatura, a que são condicionados os seres do AMN, como reforço na produção de alienados, pode ser reconhecido, ainda, nessa passagem em que o Administrador ensina os jovens:

- Os velhos, nos tristes dias de outrora, renunciavam, retiravam-se, dedicavam-se à religião, passavam o tempo lendo e pensando, pensando! (...) Atualmente, tal é o progresso, os velhos trabalham, os velhos copulam, os velhos não têm um instante, um momento de ócio para furtar ao prazer, nem um minuto para se sentarem a pensar; ou se, alguma vez, por um acaso infeliz, um abismo de tempo se abrir na substância sólida de suas distrações, sempre haverá o soma, o delicioso soma... (HUXLEY, 2001, p.90)

Nota-se a escolha retórica das palavras, atendendo os interesses dominantes. Vemos o passado, época em que os velhos liam e pensavam, ser caracterizado como “tristes dias”, assim como o tom dado ao “pensando” tem um caráter pejorativo que ridiculariza o ato de pensar. Da mesma forma, o tempo ocioso que possibilita a reflexão e a fantasia é tratado como um “acaso infeliz”, um “abismo”. Por outro lado, o adjetivo que acompanha a solução para esses “males” é positivo: o “delicioso” soma. Diante dessas circunstâncias, por mais que se peque em acusar uma intencionalidade subjacente a esse estado de coisas, é no mínimo intrigante o fato de existir um processo alienatório contribuindo para a “produção” de uma mentalidade consumista, destituída de capacidade de reação crítica.

Outra possibilidade de reação nasceria da incompletude, do desejo que não se sacia. Mas, a sua irrupção parece muito dificultada nessa civilização onde todas as necessidades são prontamente satisfeitas. Com isso, o sistema planifica a dimensão desejante do indivíduo, redirecionando-a ao consumo necessário à manutenção do modelo econômico. No AMN, o cuidado para com o impulso desejante encontra sua metáfora exemplar nessa passagem em que Mustafá diz:

Reprimido, o impulso transborda, e a inundação é sentimento: a inundação é paixão; a inundação é loucura até: tudo depende da força da corrente, da altura e da resistência do dique. O curso de água não contido flui tranqüilamente pelos canais que lhe foram destinados, rumo a uma calma euforia (HUXLEY, 2001, p.77).

Esta é a teoria metaforizada que também determina a conduta de cada ser. O Administrador, em seguida, exemplifica, ou seja, mostra a teoria na prática:

(O embrião tem fome; dia após dia, a bomba do pseudo-sangue faz, sem parar, suas oitocentas voltas por minuto. O bebê decantado berra; imediatamente uma enfermeira chega com uma mamadeira de secreção externa. O sentimento está à espreita nesse intervalo de tempo entre o desejo e sua satisfação. Reduza-se esse intervalo, derrubem-se todos esses velhos diques inúteis.)

- Felizes jovens! Nenhum trabalho foi poupado para lhes tornar a vida emocionalmente fácil, para os preservar, tanto quanto possível, até mesmo de ter emoções (Ibidem, p.77).

Nessa passagem, a distância entre o desejante e o desejado é eliminada para que não sejam gerados sentimentos e emoções desestabilizadores. Se refletirmos um pouco, veremos que no mundo capitalista real, a racionalização da existência explicita-se na auto-renúncia dos indivíduos, que precisam controlar emoções e sentimentos a fim de alcançarem posições na sociedade. As inúmeras protelações do desejo criam um espaço de insatisfação e vazio que precisam ser preenchidos. Mais uma vez o sistema capitalista proporciona “satisfações” ao desejante e mantém a si mesmo: pela fetichização da mercadoria.

Enquanto o desejo motivador de emoções é controlado pela sua plena e imediata satisfação, como vimos acima, no universo do consumo o procedimento é inverso: o fetiche da mercadoria é proporcional à exclusão do consumidor, ou seja, quanto mais ele é afastado da mercadoria, mais ela o atrai. Esse poder de atração é incrementado ainda pela imagem do objeto, não só através de sua massiva exposição por meio de propagandas, mas também pela sua aparência embelezada, com designers impecáveis. Por isso a aparência é necessária ao funcionamento do capitalismo. Se todos tivessem consciência dessa atitude perversa do mercado, seria a essência e não a aparência que ficaria à mostra e assim, quem sabe, o sistema ruiria.

Conforme vimos no exemplo do Administrador sobre o impulso reprimido, podemos dizer, ainda, que se trata de um fato verdadeiro para a teoria psicanalítica. Na metáfora criada por Mustafá, a água representa o desejo e os velhos diques podem ser traduzidos como a velha moral repressiva, o interdito. O obstáculo que se interpõe entre o desejo e sua satisfação adia a realização do desejo e provoca ainda mais desejo, que se transforma em paixão, emoção, sentimento, psicanaliticamente, afeto. A água que fica no dique, ou seja, o desejo que não transborda, é representação e o que escapa é afeto. Daí nasce o afeto por uma representação que adquiriu significado. O sentimento



ficar “à espreita” quer dizer que o afeto fica esperando um momento para se ligar a outra representação, encontrar uma significação.

O intervalo entre o desejo e sua satisfação quando reduzido ou anulado – como pretende o Administrador – não permite que a representação encontre um significado. Sem espaço para a significação, o indivíduo não é sujeito. No AMN, só há indivíduo - no sentido de corpo separado de outro - e não sujeito, pois não há espaço para a singularidade, a subjetivação. Por isso fizemos uma ressalva sobre a nossa aceção de sujeito e indivíduo no tratamento da obra. Se Lenina, por exemplo, pudesse escolher ficar com um homem só, ela seria um sujeito. Embora ela sinta desejo, inscrevendo-se numa dimensão diferente da média, trata-se de um espaço de liberdade que não se consoma por que o sistema não permite.

No livro *Figuras do feminino na canção de Chico Buarque*, Adélia Bezerra de Meneses parte de uma pergunta “irrespondida” de Freud: “Was will das Weib?” ou “O que quer a mulher?”. Esta pergunta remete ao desejo feminino e, por extensão, ao desejo humano: “desejo que não tem objeto que o cumule, que o sacie, que o satisfaça (...) o desejo é irremediável” (MENESES, 2001, pp.145 e 146). O desejo possui um dinamismo peculiar, que ela ilustra com uma imagem apresentada por Françoise Dolto:

Conhecem o jogo do “mexe-mexe”? O mexe-mexe é um retângulo em que figuram letras do alfabeto inscritas em pequenos quadrados móveis. O conjunto se parece com palavras cruzadas. Porém existe um vazio, um quadrado vazio, sem letra, um buraco, uma ausência, uma carência de letra, uma carência de quadrado.

Graças a esse vazio, a essa carência, podem-se movimentar as outras letras, uma de cada vez, e assim formar palavras. Isto funciona graças a esse vazio. Todo o jogo do mexe-mexe funciona em torno dessa carência (DOLTO apud MENESES, 2001, p.146).

Nessa passagem, Dolto nos mostra - como observa Meneses - que para se produzir o movimento psíquico é necessário o sentimento da falta, do vazio. Portanto, o desejo possui dois aspectos que lhe são inerentes: a insaciabilidade e a percepção da falta. Estes aspectos surgem no AMN apenas nos indivíduos “falhos”, graças ao descaso behaviorista pelas instâncias propriamente humanas. No caso, Bernard, Helmholtz e Lenina são falhos: nos dois primeiros, uma insuficiência e um excesso mental, respectivamente e, nesta, um... mistério (Was will das Weib?).

A manipulação física e o direcionamento psicológico do indivíduo em prol das intenções do sistema são representados em várias obras de ficção, das quais destacamos *Laranja Mecânica (A Clockwork Orange)*, escrita em 1962 por Anthony Burgess. A obra, levada às telas do cinema, com roteiro e direção de Stanley Kubrick, foi fortemente influenciada pelo AMN e contém uma passagem que se aproxima muito dele pelos critérios de condicionamento utilizados.

Alex Large, um delinqüente juvenil, adepto da ultraviolência, foi para a cadeia após ter violentado uma velha. Certo político, pretendendo lançar um projeto que lhe rendesse votos, contrata cientistas (especialistas) para aplicarem um método inovador, que será chamado de “Sistema Ludovico”: afastar a violência através da exposição à violência. O que fazem é condicionar Alex a sentir-se mal diante de qualquer manifestação de agressividade e de sexualidade, por meio de uma combinação de drogas e exposição de imagens.

Numa fase comprobatória deste condicionamento para o bem, o jovem é exposto a situações específicas diante de um público curioso: é agredido e humilhado por outro jovem e quando vai agredi-lo, sente-se mal e tem que se conter. Depois, oferecem-lhe uma bela jovem nua e o desejo é novamente afastado pelas náuseas. O jovem está apto a retornar à sociedade, e ele pergunta ao político se agira bem e este lhe diz que maravilhosamente. O que nos interessa são os comentários deste político sobre o método e as subseqüentes objeções de um padre. O político diz:

- Veja bem, senhoras e senhores, o paciente é impelido para o bem, paradoxalmente, por ser impelido para o mal. A intenção de agir com violência é acompanhada por uma forte sensação de desconforto físico. Para anulá-la, o paciente precisa mudar para uma atitude diametralmente oposta. Alguma pergunta?

- Escolha – interrompe o padre – o rapaz não tem escolha, na verdade, tem? O interesse próprio, o medo da dor física levaram-no a esse grotesco ato de auto-humilhação! A sua falsidade ficou evidente! Ele deixa de ser um malfeitor, mas deixa também de ser uma criatura capaz de escolhas morais!

- Padre, isso são sutilezas – rebate o ministro – Não estamos preocupados com motivos, com éticas elevadas, mas apenas com a diminuição da criminalidade (aplausos) e com a solução para a superlotação de nossas prisões. Ele será o seu verdadeiro cristão, pronto a oferecer a outra face, pronto a ser crucificado em lugar de crucificar. Profundamente enojado pela idéia de matar até mesmo uma mosca! Redenção, alegria ante os anjos de Deus... O importante é que funciona! (Transcrito do filme de KUBRICK, 1971).

Alex sente desejo, tal qual Lenina. Mas, ele é impedido por uma sensação física indesejável. Com Lenina, não há sensação física, mas psicológica. Na verdade, parece que o desejo dela é maior que a consciência, pois é estimulado pelos obstáculos. Essa atração pelo difícil comprova-se no seu interesse por Bernard – um rejeitado, um anormal – logo, deveria oferecer resistência. Depois, sentir-se-á atraída por John, mais anormal ainda. O interdito inerente à situação de cada um desses dois homens estabelece um distanciamento. Distanciamento necessário para que fiquem auratizados e despertem a admiração de Lenina. Com os outros homens isso não ocorre porque são iguais, idênticos, fáceis, portanto. Neles não há obstáculo, logo não há espaço vazio necessário para criar um intervalo que propicie um desejo: desejo e satisfação são imediatos.

Essa contigüidade irrespirável entre os fios do tecido social não dá espaço para o movimento, para a tensão, para o conflito, por isso a estabilidade é eterna, a estaticidade é mortal, sem vida. Trata-se de uma organização e não de um organismo vivo, aliás, o corpo social e individual é inorgânico - estado de tensão zero - parecendo em estado de Nirvana, como um filho de Thanatos<sup>60</sup>. O Estado totalitário só alcançou a Estabilidade ao aniquilar a vida, pois a instabilidade própria da vida, inscrita na complexidade humana, impede a realização do objetivo soberano. A moldagem e formatação do corpo social exigiram a bioregulação de cada corpo individual. Ao fim deste trabalho, veremos que a biopolítica moderna tem se mostrado como a formatadora da vida nua, num anseio implícito de superorganização social: o pavor huxleyano.

Voltando à metáfora do Administrador, notamos a positividade de alguns termos e a explicitação de outros, por exemplo: a liberação e a permissividade dos prazeres, cuidadosamente proporcionadas pelo sistema, remetem à tranqüilidade eufórica, e o Administrador não deixa de valorizar o esforço do Estado que não poupou trabalho para proporcionar uma vida emocional feliz. Nesses trechos, tranqüilidade e felicidade estão

---

<sup>60</sup> “Se o desejo supremo dos seres humanos for o equilíbrio, o repouso, a paz, o imutável, somente Thánatos ou a morte poderá satisfazer tal desejo e produzir verdadeiro prazer [...] Por isso é tão potente, mais poderoso do que Eros, que nos força a viver” (CHAUÍ, 1984, pp.63 e 64). O estado nirvânico, neste caso, não é a paz enquanto relaxamento da tensão, como diz Adélia – tratando da canção *Deus lhe pague*, de Chico Buarque - é a “paz da morte, do nada afinal atingido, a volta ao silêncio. Não a paz como pólo dialético da tensão, e, portanto, um dos pólos da vida, mas o aniquilamento, a paz de Tánatos” (MENESES, 2000, p.86).

vinculadas ao que foi feito e à positividade do resultado que deve ser valorizado. Depois, os afetos, as pulsões, fluem por canais “que lhes foram destinados”, ou seja, o estado *escolheu* o alvo dessas pulsões, o destino - como nos procedimentos eugênicos - de cada ser. Assim, o indivíduo não tem escolha própria; Lenina não tem escolha própria.

O processo *artificial* de gestação e a posterior “decantação” do bebê, tem estreita relação com a situação *natural* do nascituro: os nenês vivíparos são nutridos constantemente enquanto se acham no útero materno. O seu nascimento representa a primeira separação, percebida somente quando já não satisfaz seu desejo imediatamente: existe um espaço entre ele e a mãe, e isto implica num intervalo maior entre a fome e a nutrição. No caso do bebê decantado, as enfermeiras do AMN não permitem que haja intervalo entre a fome e a nutrição. Esse procedimento anula o estabelecimento de afetividade (Eros) com um corpo ausente e anula também a necessidade (Ananke) que move a vida e, com ela, o impulso vital. Como se vê, o estado soberano é o mantenedor (*manu tenere*), ele tem “nas mãos” o indivíduo. Esta é a situação em que se encontra cada um no AMN, portanto explica suas idiossincrasias e justifica a caracterização que lhes foi dada pelo autor.

O fato dos indivíduos aceitarem o mundo novo como dado funda-se ainda na “harmonia” criada entre eles e o mundo. O sentido da vida foi-lhes “embutido”: Comunidade, Identidade, Estabilidade. Esta natureza produzida pelos vários meios e métodos apontados até agora, dá-nos sinais assustadores de realização pela potencialidade dos avanços científicos, cujo poder de manipulação vai da dimensão biológica à psíquica, eliminando, com isso, qualquer possibilidade de transformação da sociedade, já que o sujeito histórico, o “agente da revolução”, só existe objetivamente em potência, tendo desaparecido subjetivamente. No AMN, o desenvolvimento, a satisfação das necessidades e a adaptação orgânica estão profundamente enraizados, minando qualquer capacidade de conscientização para a libertação, perpetuando, portanto, a servidão<sup>61</sup>.

---

<sup>61</sup> Cf. MARCUSE, 1977, pp.30 e 31, onde o autor fala sobre a exigência de se estabelecer um princípio de realidade que crie necessidades instintivas diferentes, configurando uma sociedade verdadeiramente livre. Para Marcuse, esta só será possível a partir de uma “nova sensibilidade”, em que homens e mulheres têm “consciência de serem humanos, ternos, sensíveis...” (p.36).

Cada membro, nesse mundo, é como a personagem robotizada dos versos de Chico Buarque, em “Cara a cara”:

Tenho um peito de lata  
E um nó de gravata  
No coração...  
Tenho um metro quadrado  
Um olho vidrado  
E a televisão  
Tenho um sorriso comprado  
À prestação...  
Tenho o passo marcado  
O rumo traçado sem discussão  
Tenho um encontro marcado  
Com a solidão...<sup>62</sup>

No AMN, cada um tem seu “encontro marcado com a solidão”, o passo é “marcado” pelo sistema, cujo rumo imposto não é discutido. O rompimento com esse rumo, conforme Meneses esclarece, “implicaria o indivíduo ficar ‘cara a cara / com o que não quer ver’”, ou seja, a “necessidade de romper com a sensibilidade enrijecida, adequada / ajustada (e formada) por e para esse universo” (MENESES, 2000, p.87).

O caráter asfíxiante do mundo criado por Huxley se dá pela inexistência do espaço para o desejo, condição *sine qua non* para o impulso utópico, transformador e libertário. O indivíduo não percebe a falta, logo não sente necessidade de romper com nada. E o primeiro passo para o processo de “esvaziamento” das consciências é a anuência das vítimas. Aos poucos o sistema vai produzindo a felicidade e, obviamente, toda essa manipulação não se dá assim por estágios distintos, mas sim de forma dialética, operando tudo ao mesmo tempo: esvaziamento, alienação e aceitação.

Nesse caso, o poder da dialética reside na sua força lógica: é a coerência da lógica que convence a massa acrítica e atomizada, possibilitando a ocorrência de movimentos totalitários. Segundo Hannah Arendt, esses movimentos só poderiam ser retardados pela liberdade do homem que “equivale ao fato de que os homens nascem e que, portanto, cada um deles é um novo começo e, em certo sentido, o início de um mundo novo” (1997, p.518). Mas, essa fonte de liberdade que contradiz e contraria as “forças superiores” inerentes às leis da Natureza, deve ser eliminada - como de fato o é

---

<sup>62</sup> BUARQUE, C. *Chico Buarque de Hollanda*, Philips R765106L, Rio de Janeiro, 1970.

no AMN - já que nele não existe nascimento natural, apenas a naturalidade de um processo artificial alimentado pela ideologia utilitarista.

Dessa forma, a eliminação das instâncias libertadoras, no AMN, atende à necessidade do sistema totalitário de aniquilar qualquer fonte de libertação do indivíduo. Assim, para Arendt, o perigo das ideologias não reside tanto no “risco de ser iludido por alguma suposição geralmente vulgar e sempre destituída de crítica”, mas, sobretudo, “o de trocar a liberdade inerente da capacidade humana de pensar, pela camisa-de-força da lógica, que pode subjugar o homem quase tão violentamente quanto uma força externa” (1997, p.522).

Além dessa subjugação da liberdade humana, o processo de “produção” e de condicionamento desses indivíduos - privando-os do espaço do desejo - resulta numa forma de existência que contraria o bom senso das pessoas “normais”, fazendo com que se confundam e desmereçam a verossimilhança interna pela externa. Entretanto, nem esta garante a segurança da sensatez, pois, mesmo no mundo da realidade, algumas verdades parecem mentir e fingir como na ficção, de tão inacreditáveis que se mostram.

Assim, apesar da realidade atual não conseguir extinguir completamente a força da vida, que resiste, criando novas formas de subjetivação, nada impede de pensarmos que a verdade da condição tecnocientífica, que não pára de “progredir”, possa tornar verdadeiro o que ainda se encontra no universo da ficção. A literatura que critica as formas de aniquilamento da vida possui o seu valor, pois, expondo o absurdo aos nossos espíritos, incita-nos a resistir e a afirmar a vida em toda a sua plenitude. Essa literatura, que estimula a reflexão, amadurece o espírito da mesma forma que a sua privação o infantiliza. O ser humano amadurecido é aquele que tem consciência de sua liberdade, e a prática da liberdade se dá no ato de escolher, de agir e reagir que promove a subjetivação.

### 3.4.3 - Um “mau-intimismo” oportuno

*E assim é que se comportam as vitelas no curral.*  
Chico Buarque

Os resultados alcançados pelo sistema novo-mundista, a partir do aniquilamento das instâncias da fantasia e do desejo, já seriam suficientes para justificar o comportamento padronizado de seus indivíduos. Entretanto, no terreno propriamente literário, o assunto requer um pouco mais de atenção acerca do “mau-intimismo”. O diagnóstico de Rosenfeld sobre a falta de simpatia (rever p.26 neste texto) será confirmado e o “vazio” das personagens será legitimado como sendo literariamente providencial naquele mundo integralmente administrado.

O processo de composição das personagens deve ser entendido para que se justifique a modéstia nas suas caracterizações. O conhecimento dos critérios huxleyanos pode ser buscado na obra *Contraponto* (1928), onde o autor se auto-retrata na personagem Philip Quarles, que mantém um caderno de anotações sobre suas reflexões literárias e formais, ou seja, sobre sua técnica de ficção. Essas reflexões seriam uma espécie de metalinguagem literária, muito interessantes para podermos entender como Huxley encarava a criação de suas personagens e, também, para confirmarmos o seu reconhecimento acerca das próprias faltas, ainda que concordemos com Greenblatt a quem esse reconhecimento “not exorcize the faults expressed” (1968, p.77).

As passagens abaixo, retiradas desse caderno de notas, corroboram essas colocações:

O romance de idéias. O caráter de cada uma das personagens deve se achar, tanto quanto possível, indicado nas idéias das quais ela é porta-voz. Na medida em que as teorias são a racionalização de sentimentos, de instintos, de estados de alma, isto é praticável. O defeito capital do romance de idéias é que somos obrigados a pôr em cena pessoas que têm idéias a exprimir, o que exclui mais ou menos a totalidade da raça humana, - à parte apenas 0,01 por cento. Aqui a razão pela qual os romancistas verdadeiros, os romancistas natos não escrevem tais livros. Mas, ora! Eu nunca pretendi ser um romancista nato (HUXLEY, 1987a, p.322).

Em seguida

O grande defeito do romance de idéias é que ele é uma coisa artificial, arranjada. Necessariamente, porque as pessoas capazes de desenvolver teses formuladas de maneira adequada não são bem reais; são levemente monstruosas. Torna-se um tanto cansativo, com o andar do tempo, viver com monstros (Ibidem, p.322).

Quanto a essas passagens, Hoffman nos diz:

At first glance, the notion that ideas might take precedence over characters in a novel seems no less than monstrous; and of this reaction Quarles is himself aware [...] But Huxley has often demonstrated in his novels the fact that ideas may possess qualities which are comparable with those which animate persons – and this particularly in a period of time when ideas are not fixed, calculated, or limited by canons of strict acceptance or rejection. Ideas, as they are used in Huxley, possess, in other words, dramatic qualities (HOFFMAN, c1948, pp.189-190).

Essas observações permitem um diálogo com aqueles que desmerecem a obra de Huxley, atitude que parece prescrever regras de composição literária, desconsiderando, muitas vezes, o que move o escritor a assumir determinada forma de criação. R.C.Churchill, por exemplo, lamenta que se deixe perder a graça e o *insight* do melhor dos romances de idéias porque eles parecem apenas repositórios de idéias, dado que, como obras de arte, parecem não suportar comparações com os grandes escritores (ver 1986, p.293).

Muitos críticos formam seus juízos através do cotejo de autores que consideram canônicos. Assim, Huxley ficaria inseguro diante de D.H.Lawrence ou de um escritor como Turgenev que dissera: “I have never taken *ideas* but always *characters* for my starting point” (in CHURCHILL, 1987, pp.294-295). A esta observação, Churchill contrapõe uma outra citada em *Novelists on the novel*: “I never attempted to ‘create a character’ if in the first place I had in mind an idea and not a living person” (Ibidem, p.295). Nota-se que os pontos de partida são distintos: Turgenev preocupava-se com as relações pessoais de suas personagens, enquanto Huxley era movido pelas idéias, tal qual sua personagem Philip que, para Hoffman, “finds a much greater charm in ideas than in persons” (c1948, p.190). Ora, o que importa – e Churchill alerta para isso – é a habilidade de cada escritor em se expressar dentro do registro que melhor lhe convém. Para ele:



...the distinction between the literary artist and the journalist still holds true. At the same time, we must not forget the significance of James's failure in the theatre and the relative failure of most of his later "dramatic" novels; Shaw's "novel-drama" has a similar limitation as literary art" (CHURCHILL, 1986, p.296).

Claro que as faltas cometidas por outros escritores não devem compensar as de Huxley, mas, certamente, elas redimensionam a questão. Em *Contraponto*, quando Philip e sua esposa, Elinor, retornam de um jantar com Mr. Sita Ram, há uma discussão, no táxi, sobre sentimentos que acaba se ampliando para o seu caráter enquanto romancista. Estas passagens também são muito significativas, inclusive pelo teor biográfico que contêm<sup>63</sup>. Vejamos algumas:

Porque, no mundo ordinário e cotidiano dos contatos humanos ele parecia curiosamente um estranho que se sentisse mal entre os seus semelhantes, que achasse difícil ou impossível entrar em comunicação com quem quer que não falasse a sua linguagem nativa de idéias. Emocionalmente era um estrangeiro (HUXLEY, 1987a, p.89).

Elinor diz:

- Tu és como um macaco do lado super-homem da humanidade. És quase humano, como os pobres chimpanzés. A única diferença está em que eles procuram elevar-se ao pensamento com suas sensações e instintos, ao passo que tu procuras descer com o teu intelecto. Quase humano. Estás em equilíbrio instável, bem no limite, meu pobre Phil.(Ibidem, p.90)

Em seguida

- Ah! Phil – dizia ela – se tu fosses um pouco menos super-homem, que belos romances havias de escrever!  
Philip concordava com Elinor, um tanto pesaroso. Tinha bastante inteligência para conhecer seus defeitos.(...) Elinor quisera que Phil perdesse aquele hábito de impessoalidade e aprendesse a viver pelas intuições, sensações, instintos, da mesma maneira que vivia pela inteligência.(Ibidem, p.91)

Tais exemplos nos mostram que aquilo que são consideradas "fragilidades" estéticas não são resultados de descuido na composição de seus romances. Ciente dessas deficiências, mas, ao mesmo tempo, de sua inevitabilidade, Huxley parece ter procurado uma forma de expressão que melhor se harmonizasse com sua "quase-

---

<sup>63</sup> No período de 1925-26, Huxley e sua esposa, Mary Nys, viajaram pela Índia. Quando retornaram, Huxley começou a escrever *Contraponto*, em outubro de 1926 e terminou somente em maio de 1928, devido a algumas interrupções (BEDFORD, 1973a, p.387).

humanidade”. Portanto, havemos de concordar com Rosenfeld que fala em falta de simpatia e de calor, problema que parece vincular-se ao que Bosi chamou “mau-intimismo”.

Na verdade, Huxley elaborou sua composição de forma bastante interessante: adotou um foco narrativo “behaviorista”, considerando o comportamento como uma fonte de captação psíquica. Tal foco narrativo requisita a participação e a sensibilidade do leitor. O critério de composição das personagens parte ainda da biotipologia desenvolvida pelo psicólogo americano Willian Herbert Sheldon e consiste no seguinte:

...busca estabelecer correlações entre a morfologia externa do corpo e os múltiplos e complexos componentes da personalidade individual, tais como os psicológicos (temperamento) e éticos (caráter), as aptidões intelectuais, físicas e fisiológicas, as formas de expressão artística e de comportamento social e até as tendências patológicas do organismo.<sup>64</sup>

Para essa visão, “a morfologia corporal depende de diferentes tendências que atuam com intensidade *variável* no desenvolvimento de cada organismo”, dividindo-se em três: a endomorfia, a mesomorfia e a ectomorfia<sup>65</sup>. Huxley aplaude o trabalho de Sheldon e diz que o seu sistema

...ajuda-nos a ver que as diversas variações genéticas entre tipo físico e temperamento – relações entre psique e caráter – sempre foram intuitivamente entendidas por dramaturgos e ficcionistas. Nenhum dramaturgo é idiota o bastante para colocar a personalidade de um Falstaff no corpo de um Cássio.<sup>66</sup>

Essas associações entre tipo físico e personalidade estão totalmente ultrapassadas, mas, no período, vigoravam, conquistando inclusive intelectuais respeitáveis. Trata-se, evidentemente, de mais um traço de cunho aristocrático e conservador que dá azo a todo tipo de preconceito racial e social. Huxley, no entanto, as adotou como critério de composição e torna isso evidente nesta passagem:

---

<sup>64</sup> Verbete BIOTIPOLOGIA. In: BARSÁ CD.

<sup>65</sup> BARSÁ (grifo nosso). As características de cada tendência encontram-se tanto no verbete “Biotipologia”, da *Barsa*, quanto no próprio Huxley, em *A situação humana*, p.76 e nas pp.147 à 149. Bernard Marx, por exemplo, seria um “ectomorfo extremo”, que é aquele que pensa muito, mas age pouco ou age apenas debilmente.

<sup>66</sup> HUXLEY, 1985, p.75. E cita a passagem shakespeariana para ilustrar:

*Quero ter ao meu redor homens gordos,  
De cabelos alisados, que dormem toda a noite.  
Aquele Cássio tem um ar esquálido e faminto,  
Pensa demais: homens assim são perigosos.* (Julio César, Ato I, cena II.)

Peguem, por exemplo, um poeta do qual gosto muito, Chaucer, e leiam o prólogo dos *Canterbury Tales*. Ficarão surpresos com a quantidade de características psíquicas que transparecem nas detalhadas descrições do tipo físico de cada personagem do poema. É um exemplo extraordinário do quanto pode ser feito com um mínimo de análise psicológica mas um máximo de alusão à diferença física entre as pessoas. Temos uma idéia bastante boa de quem essas pessoas são, simplesmente porque houve uma descrição admiravelmente vívida de suas características externas (HUXLEY, 1985, p.76).

Como simpatizava com essa vertente científica que aproxima e relaciona a compleição física às idiossincrasias psicológicas, suas personagens são produzidas respeitando-se essas relações. A única vida que os seres planos do AMN possuem irradia-se de uma única idéia: Estabilidade social. A uniformização dos seres - que os aproxima de um indistinto rebanho - é a busca de uma única identidade propiciando ao governo a facilidade na manutenção e na condução.

O indivíduo que sofre esse tipo de condicionamento, muito provavelmente agirá dessa forma e não terá conteúdo, aliás, a nulidade de conteúdo já é predeterminada. Adorno, no primeiro momento do seu ensaio sobre Huxley, de certa forma aponta essa condição: o poder da experiência espontânea foi esgotado e anulado pela coisificação dos homens que perderam a “individuação”, logo não há elementos-surpresa nas experiências e as reações são previsíveis e controladas (ADORNO, 2001, p.93). Este fato, de antemão, confirma o caráter plano e a previsibilidade das personagens.

Apesar de bidimensionais, essas personagens se tornam densas a partir das idéias que mobilizam, e correspondem à intenção que orienta o romance. Contudo, o “vazio” condenado por alguns críticos é legitimado por estas palavras do professor Antonio Candido:

O que é possível dizer para finalizar, é que a natureza da personagem depende em parte da concepção que preside o romance e das intenções do romancista. Quando, por exemplo, este está interessado em traçar um panorama de costumes, a personagem dependerá provavelmente mais da sua visão dos meios que conhece, e da observação de pessoas cujo comportamento lhe parece significativo. Será, em consequência, menos aprofundado psicologicamente, menos imaginado nas camadas subjacentes do espírito, - embora o autor pretenda o contrário. Inversamente, se está interessado menos no panorama social do que nos problemas humanos, como são vividos pelas pessoas, a personagem tenderá a avultar, complicar-se, destacando-se com a sua singularidade sobre o pano de fundo social (CANDIDO, 1985, p.74).

Quanto ao AMN, especificamente, esse providencial esclarecimento do professor adquire maior abrangência quando o complementamos com essas observações de Greenblatt:

*In Brave New World* the few true human beings who have managed to resist Progress are deviants from the majority of society [...] It is clearly not possible to be human and part of the system at the same time, for the essence of man is seen by Huxley as creativity, free will, recovery of natural passion, and these are heresies which the Brave New World has suppressed (1968, p.98).

Eliminar o espaço entre o desejante e o desejado, anular a capacidade de escolha, abominar o contato com o mundo da literatura foram, como vimos, algumas das medidas tomadas pelo sistema novo-mundista para impedir a formação daquilo que consideramos propriamente humano. Por isso, essa obra huxleyana, em específico, não pode ser avaliada sob o mesmo prisma daquelas em que as personagens são representações humanas próximas de nós. Richard Gerber deixou isso mais ou menos claro quando escreveu:

*Brave New World* is not a novel of characters, but this does not really matter in this case since it is the very point the book wants to make that in a future world there will not be any individuals who can be called characters. They are only variations of a pattern (1955, p.123).

Huxley imaginou um futuro em que a desumanização seria fruto de um processo deliberado de padronização do “vazio”, em que as pessoas seriam “produzidas” por uma sistemática convencionalização dos comportamentos, fosse através da manipulação genética e/ou do condicionamento psicológico. A presença de indivíduos dissonantes naquele universo fictício tem seu parâmetro em nossa realidade, além de satisfazer a própria necessidade de conflito que moveria o enredo. Entretanto, a luta inglória, desses poucos capazes de resistir ao sólido sistema, também faz parte do nosso universo real.

Greenblatt nos diz que Huxley – assim como Orwell, com *1984* – não estava interessado no que aconteceria no futuro, mas sim com o que acontecia naquele momento (ver 1968, p.96). Se isto é verdade, fica claro que o mundo que temos hoje foi trazido pelos trilhos observados por Huxley naquele período. Assim, mesmo sem intenção, a obra adquire um tom profético inquestionável e o que Harry Blamires dissera

sobre ela, pontua a passagem dos traços daquele mundo pelos trilhos que o ligam até nós: “The accuracy of the forecasting is still worrying” (1974, p.457).

Um dos fatores de desumanização e robotização que padronizaram os indivíduos novo-mundistas é a exploração típica do sistema capitalista, inscrita naquilo que Marcuse chamou de “mais-repressão”, ou seja, um fenômeno que exige cada vez mais renúncia por parte do indivíduo, em busca de maior produtividade e lucro para o patrão. Conforme Roberto Schwarz:

Todo operário sabe que é explorado. O que talvez não saiba é que esta exploração é da natureza do sistema capitalista [...] Entretanto, não é fácil compreender esta exploração [...] Noutras palavras, a classe trabalhadora – hoje – sustenta as forças da repressão, que a oprimem, e a classe capitalista, que a explora (SCHWARZ, 1978, pp.55-60).

Esta condição do operário é proporcional à sua consciência e à sua capacidade de contestação desse processo. Logo, quanto mais “esvaziados”, menos capazes. A situação descrita por Schwarz só não se iguala integralmente à representada no AMN porque, neste, a violência é tão sutil e capciosa que a vítima literalmente não a percebe, pelo contrário, a aceita com “felicidade”, como podemos notar nessa passagem em que se descreve o condicionamento ao calor:

Túneis quentes alternavam-se com túneis resfriados. O resfriamento estava ligado ao desconforto sob a forma de raios X duros. Quando chegavam a ponto de serem decantados, os embriões tinham horror ao frio. Ficavam predestinados a emigrarem para os trópicos, a serem mineiros, tecedores de seda de acetato e operários de fundição. Mais tarde, seu espírito seria formado de maneira a confirmar as predisposições do corpo.

- Nós os condicionamos de tal modo que eles se dão bem com o calor – disse o Sr. Foster em conclusão. – Nossos colegas lá em cima os ensinarão a amá-lo.

- E esse – interveio sentenciosamente o Diretor – é o segredo da felicidade e da virtude: amarmos o que somos obrigados a fazer. Tal é a finalidade de todo o condicionamento: fazer as pessoas amarem o destino social de que não podem escapar (HUXLEY, 2001, p.47).

Nota-se a efetivação da realidade apontada por Schwarz, aprimorada ainda por um método mais eficaz, que elimina a consciência do operário da sua condição de explorado. Tais indivíduos estão completamente reificados, o que impossibilita e descarta qualquer possibilidade de revolta coletiva, como sugere o texto de cunho marxista.

Para Adorno, a concepção das personagens huxleyanas - criadas como seres integralmente racionalizados - é um “desenvolvimento total simplista” que, por não apresentar nenhuma contradição interna, agride a verossimilhança (Cf. ADORNO, 2001, p.111). Concordamos em parte com essa ressalva adorniana, principalmente se levarmos em conta a insatisfação de Marx e Helmholtz, o que deveria ocasionar maior complexidade psicológica.

No entanto, o sistema, consciente da constituição histórica e não natural do valor das coisas, amolda a condição existencial de cada um às suas necessidades, e se não consegue calar totalmente esses seres, ao menos consegue que suas vozes não façam sentido para os outros explorados. Como já frisamos, de uma forma geral, os seres do mundo novo são *coisas*, não são humanos. São quase os “replicantes”, sem emoções e projetados para imitarem seres humanos, conforme vemos no filme *Blade Runner*, de Ridley Scott<sup>67</sup>.

No AMN, todos - exceto John - são moldados pelo condicionamento, igualados nos valores e nos padrões comportamentais. Essa igualdade sufocante permite que o leitor preveja a reação de cada personagem: são efetivamente planas e previsíveis como todo *tipo* deve ser. Mesmo a repetição maquinal do discurso as automatizam, dando-lhes um caráter robótico, iniciado pelo processo de produção em série que as igualam a coisas. O próprio vocabulário escolhido pelo narrador é significativo, pois remete à coisificação:

- Ponham as crianças no chão.  
Os bebês foram *descarregados*. (HUXLEY, 2001, p.52, grifo nosso)<sup>68</sup>

Outra passagem, mais adiante:

O ruído leve das máquinas agitava ainda o ar rubro do *Depósito* de Embriões. As turmas podiam ir e vir, uma face purpúrea substituir outra: majestosamente e sem cessar, os transportadores

---

<sup>67</sup> Adélia Bezerra de Meneses escreveu um artigo sobre esse filme. Para ela, “a grande questão do filme é a criação de uma história de vida para cada um dos replicantes, aquilo que Freud chamaria de ‘o romance familiar’ de cada um” (MENESES, A.B. “*Blade Runners* somos todos nós”, 1995, p.126.). No filme, uma das maneiras do policial Deckard descobrir se o seu interlocutor era um andróide, era pedindo que este lhe falasse de sua família, pois replicantes não tinham família e nem memórias, suporte essencial da identidade. No AMN, também não há família e, além disso, vivem num eterno presente que não possibilita o estabelecimento de memórias, como veremos no tópico sobre o tempo.

<sup>68</sup> No original: “‘Put them down on the floor.’ The infants were unloaded” (HUXLEY, 1947, p.23).

continuavam avançando pouco a pouco, com sua *carga* de futuros homens e mulheres (Ibidem, p.67, grifo nosso).<sup>69</sup>

As palavras “descarregados” (*unloaded*), “depósito” (*store*) e “carga” (*load*), embora possuam várias significações, no contexto de linha de produção em que se inserem, adquirem uma conotação que rebaixa os seres à condição de produtos, coisas. A repetição maquínica dá ainda um tom caricatural às personagens que servem de instrumentos à intenção maior de Huxley: ridicularizar e satirizar a sociedade de consumo como um todo. Logo, a parca caracterização psicológica se justifica também pela própria definição do gênero “sátira”, como sendo uma composição onde os “tipos” são ridicularizados a partir de suas idéias e do seu comportamento.

No entanto, o que os críticos pareciam esperar era que as personagens encarnassem o drama humano e o traduzissem pela sua força e não que representassem idéias que despertam *nos* leitores a sua dose dramática. Ou seja, a carga dramática deve estar *na* personagem e não apenas *no* leitor que a vê acionada pelas idéias que aqueles representam. Sob esse prisma, realmente a profundidade dramática inexistente, aliás, só existe através da interferência do leitor que, refletindo sobre as possibilidades futuras, requisita o drama para si. No entanto, apesar das críticas, o efeito da sátira é notório e esse processo é natural já que se trata de uma vertente da ironia: “a compaixão e o medo não se suscitam na arte irônica: refletem-se da arte para o leitor” (FRYE, 1973, p.46).

Outros fatores que ajudam a “esvaziar” as consciências, no AMN, é a constância das mensagens hipnopédicas, que não está muito distante do que vemos hoje em dia: cada vez mais as pessoas estão sendo guiadas pelo pensamento do outro e as repetições tornam-se “verdades”, numa sombria efetivação das intenções de Joseph Goebbels – Ministro da Informação e Propaganda de Hitler: “‘Cem repetições, três noites por semana, durante quatro anos’, pensou Bernard Marx, que era especialista em hipnopédia. ‘Sessenta e duas mil repetições fazem uma verdade. Imbecis!’” (HUXLEY, 2001, p.81).

---

<sup>69</sup> No original inglês: “The faint hum and rattle of machinery still stirred the crimson air in the Embryo Store. Shifts might come and go, one lupus-coloured face give place to another; majestically and for ever the conveyors crept forward with their load of future men and women” (HUXLEY, 1947, p.37).

Na atualidade, o político, o pastor, o padre, o apresentador de televisão, todos são venerados como pessoas aurizadas pela fama e pelo suposto “esclarecimento”, sendo escolhidos para pensarem pelos outros. Considerando-se que a educação da maioria é de baixíssima qualidade e que o ato de pensar tem sido “exorcizado” da esfera humana, o que se vê é um exército movido por um só código: consumir. O maior império dos últimos tempos, os Estados Unidos da América, parece ditar esse vezo nocivo ao resto do mundo colonizado, quando atentamos para as palavras do subsecretário americano de defesa, Paul Wolfowitz, mentor de George W. Bush: “Os povos não querem saber de cultura, querem saber de consumo”.

Como vimos, o vazio e a mediocridade dos consumidores inveterados são caricaturizados na fala das personagens femininas do AMN, preocupadíssimas com a beleza física e interessadíssimas no catálogo de novos lançamentos. Sempre o que importa é a maquiagem, a aparência das coisas. A “morte” nessa civilização está prefigurada no tom monocórdico que não altera a paisagem externa e nem a interna, mantendo o que se chama “Estabilidade”. A monotonia se instaura através da abominação do diferente e a diferença é o pecado capital que ameaça romper os diques impostos pelo condicionamento.

A extrema submissão desses seres agride a lógica de quem vislumbra outras dimensões no ser humano. Perguntamo-nos, em princípio, onde fica a vontade e o desejo que sempre foram catalisadores da insurreição? Acreditamos, durante muito tempo, que não é possível limitar o ser humano a uma condição de extrema coisificação. Afinal, ele é muito complexo e misterioso para que se deixe forjar tão completamente. No entanto, assustamo-nos quando percebemos um forte paralelo entre as previsões das teorias presentes no livro e muitos aspectos da nossa civilização.

Sendo assim, os seres novo-mundistas podem muito bem ser designados como Hannah Arendt o fez ao falar dos sobreviventes dos campos de extermínio: “homens inanimados, que já não podem ser compreendidos psicologicamente”, por isso a sua existência, quando confrontada com o “mundo psicologicamente humano (ou inteligivelmente humano)”, mostra-se tão fantasiosa e inacreditável quanto a



“ressurreição de Lázaro”. Para Arendt ainda, “o que o bom senso e as ‘pessoas normais’ se recusam a crer é que tudo seja possível” (ver 1997, p.491).

Portanto, o que acontece nessa obra em especial é algo muito significativo: a “falta de simpatia” huxleyana não interferiu em nada, pois, além do vazio das personagens ter se mostrado perfeitamente verossímil, a escolha de um foco narrativo *distanciado* atende às intenções críticas. Essa técnica - que Bosi denunciou em Veríssimo como sendo uma espécie de fuga da psicologia dos personagens - limita a visão do leitor à exterioridade das ações e dos gestos que, para Huxley, porém, eram suficientes à sugestão de sua complexidade, mesmo porque o grau de comprometimento do gênero satírico é menor que o do praticado por nosso escritor gaúcho. Nesse caso, podemos parafrasear Mendilow e dizer que “somos meros espectadores; podemos apenas conjecturar sobre seus motivos a partir de suas ações e comportamento; não podemos ter uma evidência direta do interior de suas mentes” (MENDILOW, 1972, p.130).

### **3.5 - Foco Narrativo: a distância crítica**

Wayne C. Booth nos mostra, em sua *Retórica da Ficção*, que as discussões sobre o que é um bom romance atravessaram anos de crítica literária. Os critérios para a sua determinação mostraram-se arbitrários até que perdessem a força. Aparentemente, o embate crucial se deu na dicotomia entre *mostrar* e *contar*, tão cara aos primeiros críticos<sup>70</sup>.

No labirinto formado pelas inúmeras e inextrincáveis divergências em que havia se enredado a crítica literária, Huxley atende a uma tendência mais moderna da crítica: aquela que valoriza o *mostrar*, a *Cena* e não o *Sumário*. Esta escolha caracteriza-se, curiosamente, por “ausência de paixão”, “impessoalidade”, “pura forma”. Requer do autor que ele seja objetivo, distanciado, desapaixonado, irônico, neutral, imparcial e impessoal e que o seu leitor seja assim também. A obra ainda deve levantar perguntas

---

<sup>70</sup> A distinção entre o *mostrar* e o *contar* encontra-se bem definida na citada obra de Booth. Vale lembrar que a *Cena*, onde predomina o discurso direto, restringe a ação, apresentando-a num tempo presente e próximo do leitor (Cf. BOOTH, 1980). Muitos críticos a elegeram como a forma de narrar por excelência, pois o afastamento do autor sugere que a história se conta a si mesma, anseio de objetividade e impessoalidade.

e não trazer respostas, pois estando o leitor preparado para “aceitar o caráter inconcludente da obra; aceitaria as ambigüidades da vida...” (BOOTH, 1980, p.56). Esse tipo de ficção é considerado mais “cerebral”. Portanto, seu caráter reflexivo convoca o leitor ao raciocínio crítico, à análise do que lhe é mostrado, sem a influência de um narrador comentarista.

O foco narrativo é o principal recurso da narração, já que a posição da qual os elementos são vistos acaba determinando os limites espaciais e temporais e a caracterização das personagens. Alguns escritores consideravam a onisciência dos narradores tradicionais um prejuízo para a verossimilhança, pois o total conhecimento de um ser humano não condiz com a realidade. Com isso, a partir do século XIX, os escritores optaram pela eliminação da onisciência e adotaram um foco narrativo que mostra (*showing*) a cena. Mesmo assim, essa escolha focal não garantiu a objetividade tão desejada. Booth, por exemplo, desenvolve a teoria de “autor implícito”, cuja imagem esconde-se nos bastidores da narrativa.

Independente dos sinais do autor na narrativa, os romancistas modernos parecem ter se esforçado na busca da maior objetividade possível, de tal forma que a história se contasse a si mesma. Essa preocupação está no cerne das discussões acerca da “realidade” na literatura e não há inovação nenhuma se considerarmos a valoração atribuída por Aristóteles, no século IV a.C., à narrativa homérica cujo autor pouco intervinha, deixando as cenas às suas personagens.

De qualquer maneira, os estudiosos buscaram observar a posição do narrador nas obras literárias e, dentre eles, temos Jean Pouillon, cuja tipologia estabelece a ocorrência de uma “visão por detrás”, uma “visão com” e uma “visão de fora”, sendo esta última a que melhor caracteriza o AMN:

A visão “de fora” apercebe simultaneamente “a conduta enquanto materialmente observável”, “o aspecto físico da personagem” e o “meio em que ela vive”. Esta visão “de fora” só se interessa pelo comportamento, pelo aspecto físico e pelo meio na medida em que revelam um “dentro”, isto é, uma psicologia (BOURNEUF & OUELLET, 1976, p.113).

A passagem acima se coaduna perfeitamente ao critério de caracterização dos personagens huxleyanos, além de confirmar o modelo de aprendizagem aplicado aos indivíduos na civilização novo-mundista, cujas técnicas behavioristas determinavam o

comportamento de cada um. A definição de “Psicologia” para John B. Watson – que desenvolvera o Behaviorismo - era a seguinte: “Um ramo experimental e puramente objetivo da ciência natural. A sua meta é a previsão e controle do comportamento... Parece ter chegado o momento em que a Psicologia deve rejeitar toda e qualquer referência à consciência” (CABRAL & NICK, 2001, p.40).

Essa definição aspira à objetividade de um método que examina o “materialmente observável” e que pretende prever e controlar o comportamento, ajustando-se à escolha de um foco narrativo que espera, através da focalização do “aspecto físico”, da “conduta” e do “meio em que ela vive”, salientar o comportamento (*behavior*) e a psicologia (dentro) que se revela a partir dos meios mencionados. Em suma, a técnica adotada por Huxley atende às suas próprias expectativas: o Behaviorismo considera o comportamento, que no AMN é controlado em busca da administração da felicidade; e o foco behaviorista destaca a materialidade exteriormente observável que sugere a interioridade, conforme os critérios da Biotipologia de Newman que tanto entusiasmavam Huxley.

Assim, o foco narrativo no AMN enquadra-se em uma das visões fenomenológicas de Pouillon, a VISÃO DE FORA, em que o narrador limita-se a descrever o que acontece, compreendendo a técnica derivada da psicologia comportamental que elimina qualquer referência à vida psíquica. Falando “de fora”, não podemos penetrar nos pensamentos, nas intenções e nas emoções dos agentes (Cf. LEITE, 1994, pp.20-21). No entanto, existem passagens em que o narrador do AMN recorre ao discurso indireto e à leitura do pensamento, como este abaixo:

Um dos estudantes levantou a mão. Embora compreendesse perfeitamente que não se podia permitir que pessoas de casta inferior desperdiçassem o tempo da Comunidade com livros e que havia sempre o perigo de lerem coisas que provocassem o indesejável descondicionamento de alguns de seus reflexos... enfim, ele não conseguia entender o referente às flores. Por que se dar ao trabalho de tornar psicologicamente impossível aos Deltas o amor às flores? (HUXLEY, 2001, p.54).

Nesta passagem, os limites entre a fala da personagem e a do narrador se confundem um pouco e denunciam certa onisciência do narrador, cuja presença acusa-se na mescla narrador / personagem inscrita na pergunta final em discurso indireto livre. A simples presença da interrogação sugere o elemento afetivo ou emocional da

personagem diante da situação que vivencia. Portanto, significa que o narrador não analisa apenas o conteúdo do discurso da personagem, mas também a expressão ou o modo de dizê-lo<sup>71</sup>. O propósito dessa escolha é o de reforçar a ingenuidade do estudante perante as intenções do sistema, pois, como vimos anteriormente, esses estudantes eram “bisonhos” e isto depreciava o grande valor que atribuíam à figura do D.I.C., incrementando a ironia do narrador para com ele.

O mesmo efeito irônico é conseguido na passagem em que o narrador assume a pergunta de Bernard que fugia covardemente, quando o tumulto ocasionado por John foi desfeito pela ação policial:

- Eh! O senhor aí! – chamou o sargento...  
Bernard virou-se com uma expressão de inocência ultrajada. Escapar? Nem sonhara com semelhante coisa (HUXLEY, 2001, p.263).

Há ainda passagens em que o pensamento da personagem é revelado pelo narrador, como esta em que Lenina entra num elevador “cheio de homens que vinham dos Vestiários dos Alfas”:

Eram rapazes amáveis, pensou, enquanto retribuía os cumprimentos. Rapazes encantadores! Contudo teria preferido que as orelhas de George Edzel não fossem tão grandes (teria ele recebido uma gota a mais de paratireóide no metro 328?). E, olhando para Benito Hoover, não pôde deixar de lembrar-se que ele, sem roupa, era realmente demasiado peludo (HUXLEY, 2001, p.91).<sup>72</sup>

Novamente os discursos se confundem. Mas, apesar da escolha do discurso indireto, pressupomos a elaboração feita pela personagem nos adjetivos que caracterizam os rapazes (*dear / charming*) e, especialmente, no tom que os advérbios

---

<sup>71</sup> A maior objetividade, porém, seria alcançada se optasse apenas pela análise do conteúdo através do discurso indireto. Com isto o narrador mostraria um distanciamento maior entre sua posição e a do personagem, despersonalizando o discurso, pois o discurso indireto livre deixa-nos a meio caminho entre a subjetividade e a objetividade.

<sup>72</sup> Esse parágrafo no original: “They were dear boys, she thought, as she returned their salutations. Charming boys! Still, she did wish that George Edzel’s ears weren’t quite so big (perhaps he’d been given just a spot too much parathyroid at Metre 328?). And looking at Benito Hoover, she couldn’t help remembering that he was really *too* hairy when he took his clothes off” (HUXLEY, 1947, p.60).

conferem aos juízos de Lenina, revelando seus sentimentos para com Edzel e Hoover (*so big e too hairy*)<sup>73</sup>.

Reaproveitando as categorias estabelecidas por Pouillon, Maurice-Jean Lefebve aponta na “visão de fora” uma influência do cinema, característica do séc.XX. Além de acreditar que toda visão é convenção e que todo narrador finge, para ele a “visão de fora” é uma expressão da “desconfiança do homem moderno na sua capacidade de apreender um mundo caótico e fragmentado, em que não consegue situar-se com clareza” (LEITE, 1994, p.22). Desse modo, o autor apenas nos apresenta o mundo de fora, sem tentativas de concluir nada já que não se sente seguro para tanto.

No fim do capítulo sobre o ponto de vista, Bourneuf e Ouellet concluem sobre como é inútil o julgamento antecipado de um ou outro modo de narração: não há que se falar em superioridade ou inferioridade de técnica narrativa. Esta se vincula tanto ao gênio individual do autor, quanto aos fatores culturais e sociológicos, como, por exemplo, os adventos do cinema e da televisão, que transformaram nossa visão de mundo e conseqüentemente as técnicas utilizadas pelos escritores, que muitas vezes trabalham como roteiristas (Cf. BOUERNEUF & OUELLET, 1976, p.129), como foi o caso de Huxley, que contribuiu com os roteiros de *Orgulho* e *Jane Eyre* para Hollywood.

### 3.6 – Efeitos do Tempo

*Antes, o futuro era apenas a continuação do presente e avistavam-se transformações no horizonte. Mas agora o futuro e o presente se fundiram.*  
Stalker, Andrei Tarkovski

A.A. Mendilow, conforme afirmara seu prefaciador, Dionísio de Oliveira Toledo, percebeu que sua época “via a conquista do espaço pelo tempo” (1972, p.XV). Mas, logo em seguida, Toledo recorre às lições de alguns estruturalistas para sugerir a inversão dessa fórmula: “a conquista do tempo pelo espaço”. Atualmente, podemos dizer, tranqüilamente, que as duas categorias estão imbricadas de tal forma a ponto de

---

<sup>73</sup> Mais uma vez a expressão do modo de falar e pensar serve para aprimorar a caracterização do personagem, já que o tom de Lenina é peculiar à sua vulgaridade e ao seu constante interesse sexual: “A Jovem era muito popular e, numa ou noutra ocasião, havia passado a noite com quase todos eles” (HUXLEY, 2001, p.91).

desiludir qualquer disputa entre elas, como veremos adiante na nova categoria de “telespaço”.

De qualquer maneira, o tratamento com o tempo é a maior preocupação do romancista, seja lá qual for a forma e o modo que escolhe para sugerir-lo. Mendilow nos fala de uma “obsessão do século XX pelo tempo” e explica os motivos que levaram a essa obsessão. Em resumo, a atual absorção do tempo está intrinsecamente relacionada à perda de segurança e à “frenética busca de algo que substitua as antigas certezas” esfaceladas por um mundo que se fragmentou “todo em pedaços, sem nenhuma coerência” (MENDILOW, 1972, p.8). Para os romancistas, “a simetria estática do antigo enredo autônomo não pode mais ser imposta sobre o amorfo dinâmico da vida, a qual eles sentem mais como um fluir variável do que como um ser imutável” (Ibidem, pp.8-9).

A mudança na percepção do tempo - redimensionado por certos aspectos da modernidade - manifestou-se na obra literária que buscou novas formas de representá-lo e de expressar essas sensações. No que concerne a essa atitude, há toda uma implicação do mundo moderno que atribui um valor distinto ao tempo, e esse novo valor é mediado pela esfera do consumo. Huxley, assim como todo romancista, cuidou de tratar o tempo em suas duas instâncias principais: representação da atmosfera do período e simulação da passagem temporal no nível da narrativa<sup>74</sup>.

Por outro lado, mesmo consciente das dificuldades e da importância dessa categoria, o romancista tem em mãos um privilégio maior que o de seus colegas pintores, escultores e músicos, pois, no romance, os efeitos de duração, alternância, causalidade, etc, que se inscrevem na e pela sucessão temporal, “prestam-se mais prontamente à exploração por parte do escritor” (cf.MENDILOW, 1972, p.33).

Sendo assim, a liberdade conferida ao romancista permite que ele brinque com o tempo, contrariando o que disse o físico Marcelo Gleiser por meio de um jogo verbal, a partir de algo seriamente paradoxal: “ninguém consegue se lembrar do futuro” (GLEISER, 2005, p.9). Claro que fez isso simplesmente para nos dizer que “o tempo

---

<sup>74</sup> Henry James refere-se constantemente à preocupação e ao esforço do romancista no tratamento do tempo: “...o lado de maior dificuldade e, portanto, de maior dignidade que consiste em dar a impressão de duração, de lapso e acumulação do tempo. Do meu ponto de vista, este é, em conjunto, o problema mais duro que o artista tem de enfrentar na ficção” (JAMES apud MENDILOW, 1972, p.19).

anda sempre avante”, no entanto, sob a pena do escritor esse tempo pode ser encolhido, distendido, lembrado, antecipado, em suma, fica à mercê de sua necessidade criativa.

O AMN foi escrito em 1931, mas, para Huxley, a história ocorreria por volta de 2531, ou seja, seiscentos anos depois<sup>75</sup>. Logo, trata-se evidentemente de uma projeção para o futuro, em conformidade com o privilégio da arte de poder inventar um futuro no passado. Essa possibilidade ganha ainda contornos significativos quando o gênero em que se inscreve a obra é a ficção científica, pois uma das suas qualidades é descrever mundos futuristas, onde o potencial humano é ampliado com o auxílio de novos recursos tecnológicos e científicos.

Bourneuf e Ouellet nos dizem que “há sempre um desajuste entre o momento em que o leitor toma conhecimento da história e o momento em que a aventura se passa ou é contada” (1976, p.192). Além do descompasso entre o tempo da leitura e o tempo narrado, o fato de contar o futuro como passado acaba influenciando no significado da obra para cada leitor, em cada época. Os leitores de 1932 sentiam-se mais próximos de certos aspectos que nós, em função da atmosfera ainda impregnada por acontecimentos como a Primeira Guerra, a quebra da bolsa, etc, que determinaram a composição da obra. Entretanto, hoje conseguimos testemunhar alguns resultados daquilo que para os leitores do passado pode ter soado como exageros de um escritor de ficção científica.

No prefácio escrito em 1946, o próprio Huxley admitiu que “um livro desse tipo só poderá nos interessar se suas profecias derem a impressão de poderem, concebivelmente, vir a realizar-se” (HUXLEY, 2001, p.24). Para a crítica literária esse não deve ser o maior interesse e o artista não deveria produzir movido por essas preocupações. No entanto, a expectativa que vai sendo alimentada no leitor ocasiona novas significações.

No AMN, o tempo futuro de 632 d.F nos é relatado como algo que já aconteceu e esse tempo pretérito nos distancia daquele cotidiano, indicando que estamos num mundo narrado. Significativamente, Huxley manipula recursos narrativos e joga com a

---

<sup>75</sup> “Tudo considerado, a Utopia parece estar muito mais perto de nós [...] Nessa época, eu a projetei para daqui a seiscentos anos” (HUXLEY, 2001, p.31).

potencialidade do discurso e suas possibilidades temporais, tornando o passado, que é futuro, presente. Essa inversão temporal trabalha não só com a possibilidade de um efeito prospectivo, mas, sobretudo, com a instigante reversão temporal.

Conforme Gleiser (2005), “as leis da mecânica não distinguem entre ir avante ou para trás” e citando o exemplo da filmagem de uma bola que se desloca da direita para a esquerda, leva-nos a entender que as leis da física são reversíveis temporalmente, mas não permite dizer que essa reversão ocorrerá sempre. Por isso, Gleiser esclarece que a complexidade do sistema concilia essas leis quando nos explica que a bola é “um sistema extremamente simples”, cuja “trajetória para a direita ou para a esquerda é essencialmente a mesma”.

No outro extremo, ele nos fala sobre a complexidade de um sistema-omelete, cuja reversão em ovo depende da probabilidade de que todas as suas moléculas “se realinhem em um ovo” e para que isso aconteça há uma probabilidade tão pequena que é quase impossível:

Quase mas não totalmente. Para tal, seriam necessárias incontáveis interações entre as moléculas de clara e gema seguindo instruções extremamente específicas: seria necessário um princípio organizador que pudesse contrariar o fato que desordem tende a aumentar, um princípio capaz de transformar desordem em ordem. Um desses princípios é justamente a arte; outro é a ciência. Ambas dão expressão à necessidade que temos de integrar nossa experiência do mundo com quem somos (GLEISER, 2005, p.9).

A importância dessa passagem para nós reside em dois aspectos: um é obviamente a menção à arte como ordenadora do caos; o outro, é citá-la como expressão da nossa necessidade de integração com o mundo. Quando essa expressão une arte e ciência, como no caso da ficção científica, as operações temporais surtem um efeito ainda mais próximo das nossas sensações atuais. A aproximação ocasionada pela manipulação discursiva no tratamento temporal da obra se dá sob um esforço de presentificação da atmosfera novo-mundista. Conforme Mendilow, “Na maioria das vezes o pretérito em que os eventos são narrados é transposto pelo leitor para um presente fictício, enquanto sente-se qualquer matéria expositiva como um passado em relação a esse presente” (MENDILOW, 1972, p.106).

A troca de tempo operada por Huxley não é igual à de Joyce, Proust ou Virginia Woolf, pois eles realizam essa troca no tratamento da corrente de consciência dos



personagens, enquanto Huxley não se imiscui na interioridade dos seus. A troca no AMN é na exterioridade mesmo, fundindo acontecimentos passados, com uma sensação de presente, sobre algo que deveria ser futuro. Além disso, a convergência de todos os espaços pela ilusão de simultaneidade, traz esses espaços para perto do leitor e os eventos distintos que ocorrem em cada um deles são ainda amalgamados pelo tema que reina no todo da obra e que reverbera na mente do leitor como algo realmente presente, já que se trata de uma atmosfera capitalista contígua à nossa.

Kant afirma, em sua *Crítica da Razão Pura* (1781), que Espaço e Tempo são apenas sentidos e não conhecidos em si mesmos, sendo intuídos pela sensibilidade e conceituados pelo entendimento. Ele chega à conclusão de que não conhecemos as coisas em si mesmas, mas é como fenômeno que as conhecemos e estes são objetos de nossas representações (Cf. NUNES, 1999, p.47). Portanto, as categorias de espaço e tempo não passam de representações da nossa sensibilidade delimitada e organizada pelos nossos pensamentos, em suma, são frutos da nossa subjetividade. Isso certamente comprova as experiências interiores, subjetivas, vividas pelas personagens dos escritores citados acima.

No AMN, por outro lado, os reflexos do tempo deveriam ocasionar uma perturbação geral e não individual e idiossincrática. O tempo que domina a civilização novomundista é narrado como se a subjetividade fosse coletiva, ou melhor, desfazendo a antinomia dessa expressão, o tempo é percebido e vivido objetivamente por todos.

A extremada organização, refletindo o fim dos equívocos e dos transtornos e o desaparecimento da “ambigüidade das ações coletivas”, sinaliza ainda uma sociedade que conseguiu instaurar uma “glória estática”, já que o antagonismo individualizante cede lugar à plena reciprocidade das consciências. Com efeito, a linearidade e a estaticidade do tempo, na obra, apontam a organização de um mundo que entrou nos trilhos. Com isso, segundo Benedito Nunes:

A sociedade se torna intersubjetiva e a inquietação da consciência se aplaca na medida comum que une a vontade à razão, o desejo aos objetos, os valores à sua realização. O tempo não mais se move na escala subjetiva da preocupação, em que o presente inquieto é sorvido pela imagem de possíveis modos de ser, ainda não cumpridos, que se alinham no futuro distante. Nas utopias, que são também ucronias, tudo se resolve num presente estático, linear, que vai de um ponto a outro ponto de um mesmo espaço social fechado. O tempo, que se detém, reverte à categoria do espaço (1969, p.28).

A relação subjetiva ante as categorias de espaço e de tempo mostra-se transformada no AMN: a intersecção destas categorias é alcançada também pelo “desdobramento espacial do tempo da história projetado na sucessão do discurso<sup>76</sup>”. O que Huxley faz em sua obra é exatamente privilegiar o desdobro do espaço para sugerir a passagem do tempo. Tanto é assim que as indicações temporais são mínimas no texto. Uma coisa é a sensação do fluir do tempo que ele ocasiona no leitor; outra é a proximidade que existe entre essa sensação e a percepção que temos, hoje, da passagem do tempo<sup>77</sup>.

Confirmando a tese de que o AMN é fruto do “sedimento do pânico” sentido por Huxley, acreditamos na intenção que teve de representar suas impressões. E o mundo com o qual se deparou apresentava sinais evidentes de uma ordenação alicerçada pela instância do consumo, cuja exacerbação, operada pelo livro, resultaria num mundo tão bem ordenado, que se mostrara potencialmente dado, fixo, imutável. Os sinais de sua imutabilidade estão inscritos na homogeneidade de cada uma de suas partes, como se, ao expor uma, todas as outras já estivessem sendo mostradas.

Huxley pretendia uma presentificação dos acontecimentos. Sendo assim, tanto nos retrospectos quanto nas passagens prospectivas buscou uma forma para atingi-la. No capítulo 8, por exemplo, há um longo *flashback*. John e Bernard caminham juntos quando este lhe pede que conte toda a sua vida, desde a época mais remota que possa recordar. Nesse instante, só percebemos que o que está sendo narrado é algo anterior ao tempo em que se encontram John, Bernard e o próprio narrador, porque no diálogo entre os dois primeiros ficou subentendido que John atenderia ao pedido de Bernard, ou seja, o pedido e o teor do discurso de John são os únicos índices de que fomos levados a uma outra época, já que o autor mantém o verbos sob o mesmo registro temporal.

A certeza, entretanto, se dá apenas pelo estranhamento, quando observamos a presença de outras personagens, distantes dessa cena em que se encontram John e Bernard. Caso contrário, a compreensão ficaria comprometida, pois Huxley mantém tudo sob o registro do Pretérito. Esta manutenção do tempo verbal, mesmo quando a

---

<sup>76</sup> Ver conceito de “Simultaneidade” in NUNES, 1988, p.81.

<sup>77</sup> No AMN, o tempo é tratado exteriormente, mantendo-se na esfera da perspectiva behaviorista do autor, que deu o mesmo tratamento ao espaço. Essa uniformidade focal sobre espaço e tempo atinge exatamente o objetivo de registrar os efeitos da exterioridade sobre a interioridade dos personagens, realçando, como já apontamos anteriormente, a função do espaço enquanto ambiente determinador das ações.

história volta no tempo ou é projetada ao futuro, é o que presentifica o narrado. Isto só é possível porque o narrador abandona a dramatização pelo discurso direto e assume, por meio do discurso indireto livre, a infância de John:

Fazia muito calor. Tinham comido muitas tortillas e milho doce. Linda disse-lhe: “Vem te deitar, Nenê”. Deitaram-se juntos na cama grande. “Canta”. E Linda cantou... Cantou: “No meu estreptococo alado / Voa a Banbury-T” e “Adeus, bebezinho, em breve serás decantado”. Sua voz tornou-se cada vez mais indistinta...

Houve um ruído forte e ele acordou sobressaltado. Um homem estava em pé ao lado da cama, enorme, pavoroso. Dizia qualquer coisa a Linda, que ria (HUXLEY, 2001, p.162).<sup>78</sup>

Sabemos, pela seqüência que acompanhávamos com a leitura, que é John quem está contando seu passado a Bernard e que ambos se encontram em 632 d.F., data que, para o narrador, é passado. Por isso, ele usa o *Past Simple* e o *Past Perfect*, para registrar fatos passados que ocorreram antes do que já era passado (“It was very hot” – “they had eaten”). Sem a noção de discurso indireto livre, ou seja, com o narrador assumindo o ato narrativo de John, haveria um descompasso nessa constância temporal.

Assim, o narrador apenas assumiu o discurso de John sem privá-lo totalmente da sua autonomia, presente na subjetividade que se reflete nas adjetivações (*enourmous*, *frightening*). Desta forma, a retrospectiva continua numa mesma perspectiva temporal, enredada no mesmo campo onde se inscreve a noção de simultaneidade que torna todas as ocorrências presentes. E a volta ao presente da narrativa só é notado pelo despertar de Bernard que se dá por meio de um ponto em comum com John: “Só, sempre só – dizia o jovem” (HUXLEY, 2001, p.176). A volta ao presente das personagens permanece, para o narrador, sob o registro verbal do passado.

Essa ocorrência do flashback tem ainda um outro valor: a justificação do caráter de John. Como podemos ver em *Mendilow*, os eventos do passado não têm, para o romancista, interesse em si mesmos. Este os considera apenas como “*point de repère* para o retrato do personagem conforme ele é no presente do romance. A reação, não a

---

<sup>78</sup> O parágrafo no original inglês: “It was very hot. They had eaten a lot of tortillas and sweet corn. Linda said, ‘Come and lie down, Baby.’ They lay down together in the big bed. ‘Sing’, and Linda sang. Sang ‘Streptocock-Gee to Banbury-T’ and ‘Bye Baby Banting, soon you’ll need decanting.’ Her voice got fainter and fainter... There was a loud noise, and he woke with a start. A man was standing by the bed, enourmous, frightening. He was saying something to Linda, and Linda was laughing” (HUXLEY, 1947, pp.125-126).

ação, é importante; o passado é visto do presente e à luz do presente...” (MENDILOW, 1972, p.247). Portanto, além da curiosidade de Bernard ser justificável, a lembrança do passado, por John, tem um efeito determinante de sua personalidade, para o presente em que se encontra.

Num outro capítulo, o décimo terceiro, há uma breve antecipação do futuro, novamente sem variação no tempo verbal. Lenina encontra-se no laboratório operando um tratamento de “Sucedâneo de Paixão Violenta” em alguns embriões e o narrador nos descreve a cena assim:

Um tratamento de S.P.V., na verdade! Ela teria rido se não estivesse a ponto de chorar. Como se já não tivesse bastante P.V. ao natural! Suspirou profundamente enquanto enchia a seringa. “John”, murmurou para si mesma. Depois: “Meu Ford, será que eu dei a injeção de doença do sono a este aqui, ou não?” Simplesmente não conseguia lembrar-se. Afinal, decidiu não correr o risco de dar-lhe uma segunda dose e avançou ao longo da fileira para o bocal seguinte. (Vinte e dois anos, oito meses e quatro dias *depois*, um jovem e promissor Alfa-Menos, administrador em Muanza-Muanza, morria de tripanossomíase – o primeiro caso em mais de meio século.) Suspirando, Lenina recomeçou seu trabalho (HUXLEY, 2001, p.230).<sup>79</sup>

As palavras que abrem o discurso são rechaços à sugestão que Foster havia lhe feito, segundos antes, para que ela mesma se submetesse ao um tratamento de S.P.V. extraforte, por que vinha rejeitando seu convite para ir ao cinema sem dar nenhuma justificativa plausível. Portanto, são pensamentos dela, que o narrador apresenta de forma indireta livre. A autoria de Lenina comprova-se ainda no tom sugerido pelos sinais exclamativos. Em seguida, o narrador usa o discurso direto para apresentar-nos uma pergunta feita diretamente por ela.

Por fim, entre parênteses, apenas para indicar a intercalação de uma informação, o narrador revela a onisciência de quem se encontra numa fase temporal posterior ao narrado, pois narra como se estivesse vendo o futuro. Apesar da dimensão futura, o tempo que a registra é o pretérito (*was*), que, unido ao infinitivo (*to die*), assume a expressão do que vai acontecer: “was to die”. Normalmente, a expressão temporal

---

<sup>79</sup> O parágrafo no original inglês: “A V.P.S. treatment indeed! She would have laughed, if she hadn’t been on the point of crying. As though she hadn’t got enough V.P. of her own! She sighed profoundly as she refilled her syringe. ‘John,’ she wondered, ‘have I given this one its sleeping sickness injection, or haven’t I?’ She simply couldn’t remember. In the end, she decided not to run the risk of letting it have a second dose, and moved down the line to the next bottle. (Twenty-two years, eight months, and four days from that moment, a promising young Alpha-Minus administrator at Mwanza-Mwanza was to die of trypanosomiasis – the first case for over half a century). Sighing, Lenina went on with her work (HUXLEY, 1947, p.188).

“depois” (*from that moment*) exigiria o que chamamos, em nossa língua, de futuro do pretérito como indicativo de hipótese, previsão, ficando assim: depois, o jovem *morreria* (*would die*) de tripanossomíase. No entanto, se escolhesse essa forma (*would die*), estaria registrando o acontecimento como incerto. A comprovação disso é o próprio fato dos tradutores optarem por “morria” (a certeza do indicativo) e não “morreria” (a incerteza do futuro).

Numa passagem onde o D.I.C. acompanha os jovens estudantes pelas dependências do edifício central, dando-lhes lições sobre o processo de formação e condicionamento, há mais uma enfática priorização do presente. Ele diz: “Amanhã [...] os senhores entrarão no trabalho sério. Não terão tempo para generalidades. Enquanto isso...” (HUXLEY, 2001, p.34)<sup>80</sup>. Aqui, o tempo verbal, tanto em Português quanto em Inglês, é o Futuro (“entrarão” = “you’ll be setting” / “terão” = “won’t have”). No entanto, nota-se que o “amanhã” (*tomorrow*), aqui, não é literal. Trata-se apenas de um reforço figurado para que detenham a atenção sobre o presente, o “enquanto isso” (*meanwhile*) é o que importa. Além do mais, o futuro do presente (*you’ll be settling* e *you won’t have*) – diferentemente do futuro do pretérito (condicional) - possui o valor de certeza (entrarão / terão) que aproxima o fato como algo já dado, certo.

Outra face da relação temporal operada por Huxley é o efeito de condensação que sintetiza o tempo, tornando-o denso, mas fácil de abarcar. Tanto é assim que o autor não precisou de um longo decurso temporal para dar uma ampla idéia da atmosfera em que aqueles indivíduos vivem. O tempo de duração da aventura, por exemplo, limita-se a poucas semanas e essa compactação temporal sugere, nos moldes da amostragem do todo pelas partes, a síntese de um mundo que não mudará nem com o passar do tempo.

Essa mesma compactação ocorre pelos efeitos de simultaneidade resultantes do entrelaçamento entre tempo e espaço. A simultaneidade sugerida pela narrativa tem nesta passagem sua ocasião exemplar:

---

<sup>80</sup> No original: “To-morrow [...] you’ll be settling down to serious work. You won’t have time for generalities. Meanwhile...” (HUXLEY, 1947, p.08).

Nas quatro mil salas do Centro, os quatro mil relógios elétricos deram simultaneamente quatro horas. Vozes desencarnadas ressoaram, saindo dos pavilhões dos alto-falantes (HUXLEY, 2001, p.67).<sup>81</sup>

A própria escolha lexical ostenta a simultaneidade. Espaço (salas) e tempo (relógios) estão sincronizados pela mesma hora (quatro). As vozes “desencarnadas”, ou seja, mecânicas e artificiais, representam o predomínio da técnica e a supremacia da máquina, símbolo desse mundo automatizado. Este mundo e seu sistema ecoam suas vozes e transmitem suas mensagens aos quatro mil cantos desse universo. Sinal do poderio e da abrangência da filosofia capitalista fordiana. As categorias de tempo-espço foram dominadas pelo sistema que as homogeneizou, refletindo a estabilidade e reforçando a mesmice, intensificada pela sincrônica aparição de inúmeros seres idênticos das castas inferiores de Deltas, Gamas e Ipsilons, cujos embriões foram submetidos ao processo Bokanowsky (noventa e seis seres idênticos a partir de um único óvulo inseminado).

O terceiro capítulo inteiro apresentará a simultaneidade temporal numa troca sucessiva de espaços, onde cada uma das ações está interligada. As cenas podem ser identificadas pela presença das personagens. Assim, no jardim, estão o DIC, Mustafá e os alunos; Foster e o Diretor-Adjunto estão no vestiário masculino; e no vestiário das moças, Lenina e Fanny Crowne. Se marcássemos as cenas com as letras A, para a cena do DIC; B, para a cena de Foster; C, para a cena de Lenina; e D, para algumas passagens em que o narrador entra, teríamos a seguinte alternância evidenciando a concomitância temporal:

ABABACACACACACACACABCABACABACBACACACACACABDABDACADC  
ADACADCACACACACAC...

---

<sup>81</sup> No original: “In the four thousand rooms of the Centre the four thousand electric clocks simultaneously struck four. Discarnate voices called from the trumpet mouths” (HUXLEY, 1947, p.37). Como já foi dito quando tratamos dos personagens, a simultaneidade sugerida nessa passagem veio imediatamente após a primeira aparição do Administrador Mundial, espírito encarnado do sistema. E também, a partir daí, o narrador alterna situações que dão continuidade à idéia de simultaneidade.

As falas de cada cena estão interligadas pela mesma temática, repetindo e reforçando aquela intenção de nos revelar as teorias do condicionamento e da predestinação social sendo vivenciadas na prática. Portanto, Mustafá segue dando lições aos alunos, falando sobre passado e presente, e a ideologia revelada em suas teorias é ilustrada pelas cenas de Foster e Lenina, os quais representam o produto acabado daquelas experiências condicionadoras. Tudo isso transcorre numa sucessão de quadros em que a duração é puramente exterior, sem nenhuma menção ao passar do tempo que acaba sendo sentido pela própria série alternada de diálogos e espaços diversos. Essa redução realizada pela narrativa abrevia tudo em um só instante que condensa, intensifica e revela o poderio do sistema<sup>82</sup>.

Durante a apresentação das cenas alternadas, muitos aspectos importantes do mundo novo vão sendo revelados ao leitor, além de sua alternância representar, de certa forma, a celeridade e o ritmo frenético da modernidade, ampliados também através da predominância do discurso direto. O ritmo dos dois capítulos iniciais do livro, entretanto, é mais lento por causa da estaticidade acarretada pela descrição do prédio, das suas dependências e do processo de produção. Sua lentidão sugere também maior cuidado e atenção para com este “lado” do mundo, de onde tudo é gerado.

De uma forma geral, a história se desenrola numa sucessão de fatos que não são amplamente delimitados temporalmente, mas que designam intervalos numa certa seqüência cronológica, contribuindo para o sentimento de escoamento do tempo que ocorre em todos os espaços simultaneamente. Esta noção de um presente contínuo é percebida, por exemplo, quando o narrador resolve focalizar sua câmera sobre a parte externa do edifício central, lugar no qual vinha sendo mostrado o processo de formação de cada ser. A sugestão é de que o tempo não pára e enquanto os especialistas dedicam-se à produção em série de novos indivíduos, lá fora algo acontece no mesmo instante. Assim inicia o capítulo 3:

---

<sup>82</sup> Antonio Candido (1992) fala-nos sobre a “descontinuidade cênica” que caracteriza os romances *Memórias sentimentais de João Miramar* e *Serafim Ponte Grande*, de Oswald de Andrade. Ressalta ainda a “tentativa de simultaneidade, que obcecou o modernismo” e Haroldo de Campos (in ANDRADE, 1971, p.XLII) assinala uma “estética do fragmentário”, percebida na destruição da frase e na sintaxe descontínua, recursos que fogem do âmbito huxleyano que se limitou à ruptura da seqüência discursiva por meio da desorganização dos parágrafos. Como nos lembra o mesmo Haroldo (in ANDRADE, 1971, p.XLII), “a senha é simultaneísmo”. Huxley não experimentou os malabarismos estilísticos de nosso Oswald, mas alcançou seu efeito de simultaneidade por meio de uma montagem de fragmentos (no caso diálogos) revezados, misturando, como vimos, situações que ocorrem em espaços distintos.

Lá fora, no jardim, era a hora do recreio. Nus, sob o suave calor do sol de junho, seiscentos ou setecentos meninos e meninas corriam sobre a grama, soltando gritos agudos, ou jogavam bola, ou se acocoravam silenciosamente em grupos de dois ou três entre os arbustos em flor. As rosas desabrochavam, dois rouxinóis cantavam seu solilóquio nas ramagens, um cuco emitia gritos dissonantes entre as tílias. O ar modorrava ao murmúrio das abelhas e dos helicópteros (HUXLEY, 2001, p.63).<sup>83</sup>

O parágrafo bem podia ser iniciado pela locução temporal “enquanto isso”. Esta idéia de continuidade é reforçada ainda pelos verbos no pretérito imperfeito (“corriam, soltando gritos”, “jogavam”, etc), que, em Inglês, mantém a sugestão de ações que vinham se desenrolando independentemente do que acontecia no espaço anterior (“were running, playing, squatting”). O efeito durativo desse tempo verbal eterniza a cena e propõe a continuidade ininterrupta de um estado de coisas. No mais, a descrição do espaço sugere uma atmosfera amena, harmônica e feliz, que acaba surtindo um efeito de abrandamento sobre o aspecto assustador do ambiente interno.

Como se viu, resta ao romancista escolher uma das maneiras de representar as situações temporais concretas: cronometricamente ou psicologicamente. No AMN, o domínio do foco externo limita nosso olhar aos caprichos de uma espécie de câmera. Portanto, a vivência temporal não é internalizada. As personagens são atiradas no tempo, cuja sensação de passagem é ocasionada, sobretudo, pelo deslocamento espacial, mas que apresenta também algumas situações que alternam passado, presente e futuro, por meio dos retrospectos e antecipações que expusemos. A exterioridade do tempo narrado predomina e o ritmo do tempo narrativo vai sendo marcado pela escolha temporal do autor e pela alternância espacial.

Os fatos históricos e as ocorrências significativas para aquela civilização são marcados por datas bem definidas. Assim, temos, por exemplo, a informação de que a “Guerra dos Nove Anos” começou em 141 d.F. e o primeiro emprego oficial da hipnopedia foi em 214 d.F. Outras menções conferem valores a determinadas conquistas daquela civilização, como na passagem em que o narrador apresenta o caso

---

<sup>83</sup> No original: “Outside, in the garden, it was playtime. Naked in the warm June sunshine, six or seven hundred little boys and girls were running with shrill yells over the lawns, or playing ball games, or squatting silently in twos and threes among the flowering shrubs. The roses were in bloom, two nightingales soliloquized in the boskage, a cuckoo was just going out of tune among the lime trees. The air was drowsy with the murmuro f bees and helicopters” (HUXLEY, 1947, p.33).



do pequeno Reuben: “O caso do pequeno Reuben ocorreu apenas vinte e três anos depois do lançamento do primeiro modelo T de nosso Ford” (HUXLEY, 2001, p.57).

Quanto à data-base em que se desenrolam os acontecimentos no AMN (632 d.F.), o mais importante é a indicação d.F, pois o “F” de Ford acentua a importância dessa figura a ponto de constituir um marco temporal, já o ano em si é aleatório como costuma ser em todas as ficções que projetam um futuro distante. No mais, além da indicação do ano, sabemos que a história ocorre no verão: “Apesar do verão que reinava para além das vidraças...” e “sob o suave calor do sol de junho” (HUXLEY, 2001, pp.33 e 63, respectivamente).

Sabemos ainda que ação pressupõe movimento, sendo este primordial para sugerir a temporalidade. Benedito Nunes nos diz que “quando o espaço é dominante, a temporalidade é virtual, e que, quando o tempo é dominante, a espacialidade é virtual” (1988, p.11). Não quer dizer com isso que os dois elementos se anulam, pelo contrário, existe uma “mútua permeabilidade” entre os dois, exemplificado no fato da fruição das artes visuais demandar a sucessão de percepções e a das temporais requerer certa espacialidade. Quanto a essa “mútua permeabilidade”, interessa-nos o seu valor para o mundo contemporâneo, em que o poder da imagem determina uma nova percepção da relação espaço-tempo.

### **3.6.1 – Tempo do espetáculo**

*A aparência é substancial e a substância é nula.*  
Machado de Assis

Essas poucas observações, sobre o tratamento dado ao tempo nessa obra, são suficientes para reforçarem o desejo de Huxley de tornar presentes as angústias do futuro, além de exprimirem, de forma bastante precisa, um sentimento que nos assola atualmente: vivemos um contínuo presente. Essa sensação tem sido analisada por especialistas de diversas áreas.

Eugênio Bucci, jornalista e crítico de televisão, num curso ministrado através da TV Cultura, sob o título “Ver Tv de olhos fechados”, chamou-nos a atenção sobre a ubiquidade dos meios de comunicação de massa influenciando sobre a nossa apreensão do

tempo e do espaço, além de confirmar as observações de Fredric Jameson sobre os efeitos de uma nova fase do capitalismo.

Na primeira aula, intitulada “Era do Espetáculo”, evidencia-se a teoria de Guy Debord quando Bucci fala sobre a imagem, enquanto espetáculo, exercendo sua tirania sobre nós. A era da imagem substituiu a era da palavra, e o discurso de Bucci permite inferir que a capacidade de abstração ou o exercício da reflexão emancipadora, ocasionado, por exemplo, pelo contato com a literatura, foram aniquilados pela supremacia da imagem que requisita, sobretudo, os sentidos, minimizando o uso da razão. O que se percebe, portanto, é o uso predominante dos sentidos, num movimento contrário àquilo que o Iluminismo propunha e que pensadores como Platão e Descartes esperavam: a verdade só é atingível pelo raciocínio.

Por outro lado, Bucci nos diz que, no mundo contemporâneo, “a abstração é uma prática proibida, é a nova bruxaria da nossa civilização” e o “pensamento abstrato é um crime hediondo”. A partir daí, mostra-nos que na sociedade atual impera o mero entretenimento, cuja maior vedete é a imagem: ela é muito mais sedutora do que a palavra, pois não exige esforço do raciocínio. Além disso, todas as relações políticas, econômicas e sociais passam pela supremacia da imagem, que tem como maior objetivo vender algo a alguém. Assim, desde o sabonete, à informação e ao candidato político, tudo virou objeto de consumo e deve exercer sua atração pela imagem.

O uso cada vez maior da imagem extrapola o valor da visão enquanto sentido que garante a verdade das coisas: acredita-se mais e mais no que se vê. Logo, a imagem tem um poder duplamente preocupante: seduz para o consumo e chancela a “verdade”, ampliando o poder persuasivo das mensagens verbais repetidas milhares de vezes e assegurando as “ficções” criadas pelos sistemas totalitários. A repetição exaustiva de imagens e bordões constroem padrões ideológicos de comportamento.

No capitalismo avançado, o atributo de “alma do negócio” tradicionalmente conferido à propaganda foi tão extremado que se atualiza, a cada instante, o aforismo de Guy Debord: “O espetáculo é o *capital* em tal grau de acumulação que se torna imagem” (1997, p.25). Tal pensamento, junto a outro em que diz que “o espetáculo não é um conjunto de imagens, mas uma relação social entre pessoas, mediada por imagens” (Ibidem, p.14), leva-nos a perceber a abrangência do capital sobre todas as

instâncias da vida moderna, como a ideologia novo-mundista que abarca a totalidade de espaços e tempos.

As regras do consumo passam a valer para quase todas as esferas da vida humana, influenciando inclusive na aceção que se tem de cidadão, já que os seus direitos são trabalhados como se fosse um objeto de consumo, de desejo. Segundo Bucci, a dimensão do consumidor devorou a dimensão do cidadão a quem tudo é mercadoria, transformando-se, ele mesmo, em mercadoria, o que nos lembra o “eu lírico” drummondiano que se assume em *Eu, etiqueta*: Onde terei jogado fora / Meu gosto e capacidade de escolher (...) / Sou gravado de forma universal (...) / Já não me convém o título de homem / Meu nome novo é Coisa / Eu sou a coisa, coisamente (DRUMMOND, 1994, pp.85-87). O registro desse “eu lírico” trata do mesmo processo de reificação a que está submetido o cidadão a que se refere Bucci, pois ambos são “fabricados” pela racionalização capitalista.

Como os meios de comunicação da indústria cultural dominam o espaço visual, imputa-se, principalmente, a eles o poder e a responsabilidade sobre a recepção e o fortalecimento da ideologia capitalista. O que Bucci destaca dessa condição é o fato de que a ubiquidade das imagens, ampliada por meios de comunicação como a televisão e a Internet, espalha o debate, que antes era público, sobre uma massa acrítica, engendrando o que ele chama de “telespaço público”.

O aspecto mais importante para nós e que advém dessa “Era do espetáculo”, do entretenimento e da imagem que impera e impõe o mesmo espaço, ao mesmo tempo e em todos os lugares do planeta, é certamente a nova percepção sobre o tempo que se instaura a partir daí:

Não basta mais a gente pensar apenas na imagem ao vivo. É preciso pensar que a imagem ao vivo constitui uma instância na qual os acontecimentos têm lugar; uma instância capaz de alterar a temporalidade dos acontecimentos originários e de transformar o tempo linear em bolhas de tempo, em gerúndio, que não se esgotam. (*Ver TV de olhos fechados*)

O tempo presente, eternizado por todas essas circunstâncias, foi, de certa forma, representado nas sugestões de simultaneidade apresentadas no AMN mediante as operações discursivas que mostramos. Assim, a obra mostra-se como a apreensão

intuitiva e racional de várias tendências que viriam a formatar o mundo dali para frente. Logo, existem elementos na obra que se aproximam da nossa realidade temporal e diagnosticam uma unidade de sentido que se perfaz sob os influxos do capitalismo e da vontade de poder. Esses aspectos entronaram a imagem como a suprema operadora de milagres e como objeto de culto:

E sem dúvida o nosso tempo... prefere a imagem à coisa, a cópia ao original, a representação à realidade, a aparência ao ser...Ele considera que a ilusão é sagrada, e a verdade é profana. E mais: a seus olhos o sagrado aumenta à medida que a verdade decresce e a ilusão cresce, a tal ponto que, para ele, o cúmulo da ilusão fica sendo o cúmulo do sagrado (FEUERBACH apud DEBORD, 1997, p.13).

Essas observações de Ludwig Feuerbach legitimam a crítica huxleyana que se propôs a desmascarar as aparências tão necessárias à perpetuação do consumismo e ao conseqüente fortalecimento do capitalismo. Tais considerações confirmam, ainda, o fato de a violência física ter sido substituída pela tirania da imagem, inúmeras vezes mais persuasiva e convincente. O Sr. George W. Bush, por exemplo, utiliza muitos meios sutis e alguns ostensivos no seu processo de soberania: para a dominação externa, impõe seu poderio militar e econômico, próprios do movimento imperialista; para a interna, aliena através de discursos ideológicos patrióticos e pseudodemocráticos, sustentados pela avalanche de imagens oferecidas em filmes, seriados enlatados, telejornais, etc.

O Estado Mundial novo-mundista também exercia sua violência psíquica através do cinema sensível e da música sintética que apelava, significativamente, somente aos sentidos. Enfim, os novos tempos redirecionam nossa atenção sobre a obra e reconfiguram o universo de interpretações possibilitadas por ela. Devemos prestar atenção, portanto, nos rumos que o mundo tem tomado e nos motivos escusos que o impulsionam, por isso precisamos reagir aos sinais que prefiguram um mundo nada admirável.

### 3.6.2 – Tempo de distopias

*La utopía se ubica entre el martillo del futuro y el yunque del presente.*  
Fred L. Polak

Jerzi Szacki, em *As Utopias ou a Felicidade imaginada*, apresenta as situações em que o conceito de utopia é utilizado: como fantasia, como ideal ou como experimento<sup>84</sup>. Muitas utopias podem surgir da tentativa de se dar respostas para questões do tipo: “Como seria a sociedade caso não existisse a propriedade privada?”, seria, por exemplo, a pergunta de Thomas Morus. Quanto a Huxley, acreditamos que faria a pergunta que Szacki atribui a Francis Bacon: “Como ela seria se os métodos científicos fossem utilizados de forma generalizada?” (ver SZACKI, 1972, pp.11-12).

As questões que mobilizam a imaginação do escritor e o levam a criar utopias sugerem que “há sempre uma profunda dissonância entre a utopia e a realidade”:

O utopista não aceita o mundo que encontra, não se satisfaz com as possibilidades atualmente existentes: sonha, antecipa, projeta, experimenta. É justamente este ato de desacordo que dá vida à utopia. Ela nasce quando na consciência surge uma ruptura entre o que é, e o que deveria ser; entre o mundo que é, e o mundo que pode ser pensado. (SZACKI, 1972, pp.12-13).

A utopia, portanto, parte da ruptura com a continuidade de um estado inaceitável de coisas, alimentada pelo desejo de *melhoria*, muitas vezes norteada por um ideal moral e social. Então, como Huxley poderia ser considerado um utopista? São os habitantes do AMN que consideram aquele mundo melhor e não o seu autor, portanto não há uma sugestão de que ele seja um projeto positivo.

Quando os herdeiros do “princípio Esperança” falam em utopia, estão a falar num impulso em direção a um mundo melhor, a partir das potencialidades latentes no seu presente. Quando Adorno fala em utopia de Huxley, só pode estar tratando da obra enquanto gênero utópico e não como desejo do autor. Mas, quer dizer então que não há um desejo de mudança por parte de Huxley? É neste ponto em que as coisas devem

---

<sup>84</sup> No primeiro caso, nos diz que pode significar fantasia, quimera, “projeto cuja realização é impossível”; no sentido de “ideal”, pode ser usado para conceituar a “visão de uma sociedade melhor sem que se leve em conta a questão da chance que tem de ser realizada”; e, no terceiro caso, o de “experimento”, parte das idéias de Ernst Mach, que teria aproximado o utopista social do cientista que imagina a realização de certa experiência a fim de tentar vislumbrar suas conseqüências (Ver SZACKI, 1972, pp.3-12).

ficar claras: Huxley não propôs nada, mas o tom com que se refere ao modo de vida do AMN deixa implícita a rejeição àquele estado de coisas e essa rejeição indica um desejo de melhora.

O que ocorre ainda com a obra de Huxley é que ela aceita classificações que não se anulam: é uma utopia negativa (distopia) e também poder ser considerada uma anti-utopia. O motivo dessas classificações se deve, primeiro, ao fato da obra apresentar uma sociedade que nem para o autor é ideal, ao contrário, sua imagem incomoda, não atrai e não encoraja, sendo, portanto, uma distopia. Depois, porque o sistema novomundista eliminou as possibilidades utópicas, fato que reforça o seu caráter distópico: como desejar um mundo onde a perspectiva de mudança não existe? Portanto, reafirmamos: por trás do mundo sombrio descrito por Huxley há o desejo de um mundo melhor, embora ele não apresente uma solução na obra, conforme Szacki observa:

Devemos indagar, é claro, sobre as relações entre este tipo de atividade crítica e o pensamento utópico. Em um aspecto a diferença é evidentemente considerável. O criador da utopia negativa não engaja imediatamente, em geral, o seu próprio sistema de valores. Pelo menos, não precisa engajá-lo. Lendo o livro de Huxley podemos dizer com certeza somente que o autor é antitotalitário. Além disto pode ser tanto conservador como liberal, social-democrata ou um 'belo espírito' (*pieknoduch*) apolítico [...] O escritor ocupa-se não dos próprios ideais, mas com os dos demais (SZACKI, 1972, p.118).

Quanto a ser otimista ou pessimista, Pierre Furter (1974, p.133) nos diz que R.Ruyer chegou a supor a existência de um “homo utopicus”, raciocínio que permite pressupor também a existência de um “homo distopicus”. Longe de querer atribuir um caráter conatural (ou mesmo congenial) a esse tipo, limitamo-nos a crer que Huxley não era, mas estava “distopicus”. Pois a utopia - como a distopia - pode muito bem ser sazonal, visto que se a sua função é “manifestar aos outros que o real não se esgota no imediato”, sendo o real “muito mais do que está totalmente presente” (Ibidem, p.146), então há uma potencialidade tanto positiva quanto negativa, sendo a distopia, uma projeção desta segunda potencialidade do real.<sup>85</sup>

---

<sup>85</sup> Quanto ao pensamento que determina a positividade ou a negatividade das utopias, K.Danziger realizou uma pesquisa na África do Sul estudando a “correlação entre a representação que alguém tem do seu futuro e do futuro em geral e a sua participação no poder de decisão. O autor chega à conclusão que numa sociedade como a sul-africana aonde (sic) dominam as formas repressivas e a exclusão de segmentos inteiros da população, nem as condições existem para um pensamento utópico” (FURTER, 1974, p.154).

No caso de Huxley, devemos, porém, considerar o que mais influenciou a orientação do seu pensamento para elaboração de uma distopia, já que não se trata de uma reação exclusiva. A atmosfera do período engendrou um ceticismo geral por parte dos escritores, notadamente os ingleses, conforme podemos verificar nessa passagem de Esteban Pujals:

El período en el que aparecieron los novelistas citados era de gran inestabilidad. Después de una paz costosa y deficientemente conseguida, sobreviene un descenso de ideales que se encadena con la depresión económica de finales de los años veinte, y surgen de pronto los totalitarismos europeos, que perturbaron la conciencia mundial con una amenaza continua. En la esfera del espíritu, la alegría y frivolidad – sin duda enraizadas en la desesperanza – que siguieron a la Primera Guerra Mundial son sustituidas por una actitud de duda e incertidumbre, por un criticismo exacerbado que suscita reservas ante los problemas éticos, sociales y políticos del momento, de suerte que ni el estallido de la Segunda Guerra Mundial despierta al pueblo inglés, hasta que el desastre de Dunquerque le descubre la gravedad del peligro. El individualismo, la frivolidad, el criticismo investigador y científico de este período se manifiestan en las obras de Lawrence, Joyce, Virginia Woolf y Aldous Huxley, a las que deberíamos añadir las narraciones noveladas de George Orwell (1988, pp. 662-663).

Além do ceticismo inglês, há o descrédito do pensamento utópico nos Estados Unidos, confirmado pelo estudo de D. Riesman num trabalho em que

...demonstrava como a ideologia do “American way life” forjada pelo capitalismo na passagem do século e que o “New Deal” teve que aceitar apesar de não o desejar, esvaziou o entusiasmo utópico do século passado. Em vez do poder utópico que caracterizaria os pioneiros da “Nova Fronteira”, se expandiria um clima geral de apatia e de cinismo (FURTER, 1974, pp.129-130).

Portanto, houve essa época sombria cujos acontecimentos agiram sobre o ânimo geral. Uma época em que as catástrofes das Guerras e seus efeitos econômicos parecem ter extrapolado os limites da suportabilidade e assinalado, no espírito de alguns, a marca do mais profundo ceticismo para com a racionalidade humana. A partir daí, a humanidade passou a produzir as distopias, cujo sinal prospectivo é pessimista e não otimista como o das utopias.

O que caracteriza a distopia, portanto, é a inversão do otimismo para com as possibilidades humanas num discernimento pessimista sobre elas. Assim, para o distopista, o homem é guiado por uma vontade de poder nefasta e suas potencialidades são dirigidas para o mal. Como “medida de todas as coisas”, “deus de prótese”,

extrapola seu domínio sobre a natureza até atingir o próprio homem: *homo homini lupus*. Diante disso, o mundo projetado para o futuro é pior e não melhor que o presente.

Contudo, não podemos dizer que o salto da utopia à distopia se deu repentinamente: as mudanças históricas foram se refletindo no espírito dos homens, até que os resultados históricos sombrios se refletissem em suas obras. Logo, era certo que a concepção de felicidade se alterasse, já que os desejos humanos iam se aprimorando conforme a sociedade evoluía materialmente. Isto se desenvolveu até que os valores humanos fossem invertidos pelo capitalismo de consumo que valoriza a posse acima de tudo.

Um erro gravíssimo seria igualar os ideais de Huxley aos de Platão ou aos de um Francis Fukuyama. Embora o AMN possa ser aproximado, sob certos aspectos, do projeto platônico e do mundo neoliberal de Fukuyama, há a sensível diferença de ser apresentado sob um tom pessimista, irônico e distópico que atestam sua rejeição. A descrição que Platão faz de sua república, ao contrário, possui um tom otimista, da mesma forma que a tese de Fukuyama sobre o neoliberalismo democrático como estágio final do desenvolvimento da humanidade. Na conclusão desse trabalho, falaremos um pouco mais sobre a relação entre Fukuyama e AMN.

Quanto a Platão, nos reportamos a Benedito Nunes que, ao tratar da *República*, destaca aspectos que encontramos no AMN, como, por exemplo, a “idealização aristocrática da *polis*” e, principalmente, o “princípio segundo o qual a *totalidade* se opera”. Para que façamos a devida aproximação, vejamos antes o que Nunes diz:

Na República de Platão, o todo social reproduz, nas suas três camadas constitutivas – governantes, guardiães e trabalhadores – hierarquicamente ordenadas, o todo da alma humana, que tem no ápice a razão, no meio os sentimentos e embaixo os instintos. A harmonia social, que depende da justiça coletiva, reflete a harmonia interna entre as partes da alma de cada indivíduo (1969, p.29).

No AMN, igualmente, o corpo social (o todo) tem suas partes divididas em castas hierarquicamente ordenadas. Estas castas também podem ser triadicamente sintetizadas segundo a análise feita por Nunes, ou seja, podem-se discernir, na estrutura social, os governantes que ocupam o ápice, encarnando a suprema *Razão* (o



D.I.C. e Mustafá Mond); os que estão no meio e “guardam” para que os métodos sejam mantidos com precisão, apresentando falhas porque possuem certos *sentimentos* (Bernard Marx e Helmholtz Watson); e, finalmente, os que compõem a base da pirâmide, os trabalhadores das castas inferiores, cujos *instintos* mais aflorados requerem uma cota considerável de Soma (os Ipsílons) .

A influência da *República* se acusa ainda na própria concepção platônica de política: para o filósofo ateniense, política é “a arte de governar os homens com o seu consentimento” (ARANHA & MARTINS, 1986, p.222). Não se trata, evidentemente, de uma democracia, desprezada por Platão que julgava o povo um mero emissor de opiniões (*doxa*). O sistema novo-mundista, além de desenvolver com precisão essa arte, também não é democrático e, sim, totalitário.

O que devemos ressaltar é que Platão trabalha sobre o material humano existente, enquanto Huxley - com a imaginação alimentada pela evolução da técnica e da ciência - projeta um mundo onde esse material é fabricado e moldado conforme as necessidades e diretrizes do sistema. A diferença de funções no AMN segue o princípio platônico de que, sendo diferentes, as pessoas devem ocupar funções distintas na sociedade; no AMN, entretanto, essas diferenças são produzidas genética e psicologicamente. Tal temática fora retomada, como vimos, pelo filme *Gattaca* e veremos ainda que coincide com as estratégias biopolíticas de dar forma à vida em sociedade.

Dentre as medidas tomadas no AMN, destacamos ainda a eliminação da propriedade e da família e a eugenia, porque estas providências também seriam adotadas pela sofocracia platônica a fim de garantir a estabilidade da República, já que os interesses inapropriados de posse e os laços de família poderiam ocasionar, juntamente com a degenerescência oriunda dos cruzamentos genéticos, um processo social conturbado. Além disso, da mesma forma que ocorre no romance huxleyano, onde a educação é estatizada e idêntica, no diálogo platônico as crianças deveriam ser criadas pelo Estado e até os vinte anos todas mereceriam a mesma educação.

Numa divisão interessante que remete à alma, Platão divide as funções sociais conforme o cidadão tenha a “alma de bronze” (sensibilidade grosseira), “de prata” (virtude da coragem) ou “de ouro” (os mais notáveis). Estes últimos seriam instruídos na arte de dialogar e de pensar, através do conhecimento da Filosofia, que elevaria a alma

até o conhecimento mais puro. Podemos fazer uma alusão, neste caso, ao diálogo mais consistente dos que mantiveram contato com a Literatura no AMN, ou seja, ambos, Platão e Huxley, demonstram seu mais profundo elitismo intelectual nessas passagens. Vale lembrar também que a literatura sofria a censura no AMN pelos mesmos motivos que Platão censurara os poetas: os seus efeitos “desequilibrariam” a alma.

### **3.6.3 – Huxley: modernidade ou pós- modernidade?**

No início do século XX, o modernismo tem como uma das características essenciais a mudança concernente ao tratamento do tempo e do espaço. A teoria da relatividade e as descobertas freudianas sobre o inconsciente foram somente alguns dos aspectos que estremeceram a concepção tradicional da realidade. A multiplicidade de sensações que se oferece à ordenação cerebral não poderia mais ficar ao encargo de uma visão que separa os fragmentos do real em compartimentos bem delimitados. Rosenfeld diz: “Em cada instante, a nossa consciência é uma totalidade que engloba, como atualidade presente, o passado e, além disso, o futuro, como um horizonte de possibilidades e expectativas” (ROSENFELD, 1996, p.80).

O reconhecimento dessa relatividade não deve, portanto, se apresentar no romance moderno apenas como tema, mas, sobretudo, deve ser assimilado pela própria estrutura da obra, através de uma nova técnica de composição, para que se valorize em termos estéticos. Esta nova técnica é o elemento essencialmente diferenciador em comparação à arte tradicional.

No AMN, vimos que o efeito buscado por Huxley foi o de presentificação dos acontecimentos, por meio de algumas discontinuidades e pelo simultaneísmo, cujo efeito de estranhamento se expande, também, aos objetos e recursos futurísticos que equiparam o espaço, por alguns neologismos e pela manipulação da tecnologia e da ciência, características próprias do gênero de ficção científica no qual a obra se enquadra.

Embora Huxley não tenha buscado, por exemplo, o radicalismo sintático e estilístico das criações de James Joyce, utilizou procedimentos básicos do novo

tratamento estrutural da narrativa, considerando-se a confusão temporal que ele alcança ao conservar o tempo verbal e manipular o discurso: “A narração torna-se assim padrão plano em cujas linhas se funde, como simultaneidade, a distensão temporal (ROSENFELD, 1996, p.81).

Assim, tanto na composição dos personagens, quanto na técnica narrativa, notamos o acautelamento que o divide entre as seduções da modernidade e os valores da tradição. O resultado é uma revolução estilística bem comportada, nada que rompa escandalosamente com os padrões anteriores, mantendo-o, assim, dividido entre o clássico e o moderno. Derbyshire, por exemplo, nos lembra a resistência de Huxley para com as novidades estilísticas:

Aldous Huxley stood aside from these large general trends. Though no Victorian in habits or beliefs, he never entered whole heartedly into the spirit of modernism. The evidence is all over the early volumes of these essays. *Ulysses*, he declares in 1925, is “one of the dullest books ever written, and one of the least significant” (2003).

Logo, o máximo a que chega a técnica huxleyana é certo afastamento do narrador que pretende respeitar a autonomia da personagem, não desaparecendo totalmente, como ocorre quando é “substituído pela presença direta do fluxo psíquico”, mas camuflando-se no ato de ceder à personagem a liberdade para manifestar a atualidade de suas lembranças ou projeções. Talvez, tenha perdido, com isso, um pouco do vigor estético, pois a presença do intermediário, de um narrador que se quer totalmente ausente, acusa-se na imposição de uma ordem lógica da oração, imprimindo coerência à seqüência dos acontecimentos e reforçando a lei de causa e efeito, ou melhor, o encadeamento entre as causas e as conseqüências.

Tal método ordenador do discurso destoa da intenção temática de representação do caos, da fragmentação, da desordem, como se sinalizasse a permanência e a aceitação da ordem do mundo narrado. Talvez este seja um dos sinais que afastem Huxley dos moldes radicais do vanguardismo, pois sua incompleta adesão às modificações operadas pela vanguarda reforça seu posicionamento indefinido: ele não rompe completamente com a ordem das coisas, atitude típica de um espírito que talvez não perceba o próprio conservadorismo.

Huxley, portanto, limitou sua adesão aos recursos narrativos modernos, conservando a perspectiva do romance tradicional, mas não deixando, contudo, de operar alguns malabarismos na narrativa que controvertem a costumeira ordem. A lógica não é esgarçada a ponto de causar a perplexidade do leitor como em *Ulysses*, mas também não deixa de causar certo estranhamento no leitor mais bem comportado. Portanto, isso é o máximo a que chega sua forma narrativa a fim de representar a desordem do mundo moderno: a simultaneidade quer sugerir a celeridade e a valoração do tempo.

Um outro aspecto da modernidade seria que a obra revela um inconformismo com a realidade de sua época, ou seja, assume “a modernidade como realidade conflitiva e com espírito crítico” (SUBIRATS, 1986, p.19). Mas, o que nos interessa é saber como o autor reagiu a esse conflito. Seu afastamento dos valores tradicionais da Reserva, por exemplo, configura uma atitude de vanguarda, crítica. No entanto, a crítica tecida à civilização novo-mundista revela um homem preso aos valores dos quais pretende se afastar, acusando assim o conservadorismo.

Quanto a isso, Derbyshire nos diz que “In his thirties, in fact, Huxley comes across as something of a Young Fogey” (2003). Logo, sua essência parece ser reacionária com pretensões progressistas, própria da educação num ambiente familiar onde pairava o “brilho dourado” da teoria otimista de Herbert Spencer acerca do progresso (ver HUXLEY, 1985, p.103) e a rejeição aristocrática aos ideais marxistas.

Tamanha ambigüidade no posicionamento também foi analisada por Subirats ao tratar dos movimentos modernistas de vanguarda: o impulso inicial e os objetivos eram louváveis, mas a forma acabou por redundar em acomodação à ideologia que pretendiam combater: nem sempre ela atendeu às intenções de representar a precariedade do indivíduo no mundo moderno.

Roberto Schwarz alerta-nos para a contigüidade possível entre progresso técnico e conteúdo social reacionário, estabelecendo uma combinação que “torna ambígua a noção de progresso” (1978, p.43). A intenção de Huxley foi criticar o progresso que já vinha se desenhando na sociedade e que hoje atinge matizes mais acentuados. Um progresso que primava e ainda prima pela irracionalidade, ou mais precisamente, pelo mau uso da razão.

Esse progresso, apenas material, representava, na verdade, uma perda (retrocesso) espiritual. Assim, as observações de Schwarz e Subirats sobre o caráter ambíguo das vanguardas servem também para analisarmos a obra de Huxley que pretendeu enfrentar os conflitos modernos com espírito crítico. Antes, porém, vejamos algumas considerações de Subirats:

O conflito do desenvolvimento econômico-tecnológico, e o sentimento geral de uma ausência de valores vitais na cultura, suscita precisamente aquele impulso de ruptura e inovação que define de maneira essencial a modernidade. Pois a modernidade é a figura de uma cultura crítica que tem que constantemente questionar-se a si mesma; a modernidade só existe como projeto emancipador por aqueles que hoje a negam em sua opressora positividade (1986, p.20).

Aqui a modernidade é conceituada na sua mais ampla concepção: questionadora de si mesma. Esta dimensão conceitual permite-nos incluir entre os verdadeiros espíritos modernistas aqueles que não descuidam, por um instante, do seu próprio processo criativo ou aqueles que, mais naturalmente, apenas transferem para sua obra a sua verdadeira essência modernista. No entanto, escapar aos influxos da alienação nem sempre é tarefa fácil e mais de um ser humano já se viu obrigado a reavaliar suas palavras e ações; quanto à forma, então, já vimos o que dissera Lukács. No mais, mesmo os frankfurtianos, conforme Olgária Matos, “sabem que aderir à razão é tarefa difícil” (1993, p.31).

A temática contestadora e o estilo cinematográfico presentes no AMN garantem a esta obra huxleyana um lugar no Modernismo, mas a sua posição incômoda revela um paradoxo que se instaura a partir daquilo que o professor Bosi chamou, ao tratar do realismo na literatura, de uma “dialética de revolta e impotência a que tantas vezes se tem reduzido a condição do escritor no mundo contemporâneo”, a ponto de desvelar o estigma de uma postura realista “depositária de desencantos e, o mais das vezes, conformista” (cf. BOSI, 1988, p.187). Que o AMN seja um “depósito de desencantos” não restam dúvidas, mas isso não quer dizer que o seu autor estivesse conformado.

Se Huxley não tivesse apresentado o AMN sob um registro desmistificador e irônico, haveríamos de acreditar que ele se embevecia com aqueles usos tecnológicos, com aquela administração técnica das coisas, legitimando uma concepção apolítica de poder. Embora John - que vimos ser uma projeção huxleyana - não impreque contra o

maquinismo dominante na civilização, fica implícita a sua rejeição a ele. A não ser que se entenda que haja uma aceitação velada.

Com efeito, o paralelo “homem-coisa” traçado por Huxley, na descrição da produção em série, inclui o maquinismo como um dos alvos da sua crítica, por relacionar a decadência humana ao processo de mecanização, atitude próxima das de Simmel e Spengler que, segundo Subirats, “viam no maquinismo um princípio de desintegração cultural e de empobrecimento”, enquanto “os movimentos artísticos revolucionários do pós-guerra celebraram precisamente sua chegada como uma força racional, democrática, suscetível de igualar socialmente as classes e de liberar o homem das pesadas fadigas da sobrevivência” (1986, pp. 26 e 29).

Novamente, vemos Huxley na indecisão, cujo determinante parece ser a atmosfera ambigüamente moralista e progressista de sua formação. E o resultado desse embaraço toma a forma da ambigüidade que perpassa todo o AMN, cuja leitura pode instalar o leitor nesse mesmo impasse: afinal, a civilização novo-mundista é boa ou má? Obviamente, consideramo-la como má, no entanto, nada garante que alguns leitores, menos críticos, não vejam naquele universo um sonho de realização. É justamente essa ambivalência do livro que nos permite uma leitura que, além de apresentá-lo como resistência àquele estado de coisas, pode apontar a esse tipo de leitor desavisado os perigos impercebidos. Obviamente, talvez a obra fosse mais contundente se radicalizasse um dos extremos<sup>86</sup>.

Ainda que o AMN possua várias características modernistas, o tratamento que dá a certos aspectos o aproxima de uma vertente pós-moderna. O conceito de pós-modernismo enfrentara dificuldades quanto à delimitação temporal, despertando polêmicas e gerando uma “polissemia irritante”, conforme Sérgio Paulo Rouanet (1987, p.229). Alguns acreditam que nem há porque se falar em pós-modernismo, já que para tanto haveria de se considerar uma ruptura que não houve em relação ao modernismo. Entretanto, como precisamos de um critério para justificar a hipótese levantada acima, recorreremos a Fredric Jameson - teórico supremo do pós-modernismo - que servirá de

---

<sup>86</sup> Para David Bradshaw, “a grande ambivalência do livro é que, na metade do trabalho, enquanto escrevia o livro, ele ficou na dúvida se queria fazer uma sátira do demônio americano. O que ele realmente queria era apresentar um projeto, mas ele também não teve pulso para isso. Penso que, de uma certa forma, seu medo das massas e seu desejo de fazer alguma coisa por elas, de mudar radicalmente a sociedade britânica está refletido no livro” (*Aldous Huxley: Darkness and Light*, 1993).

baliza a nossas reflexões, complementadas ainda pelo estudo de Perry Anderson (1999).

Jameson nos diz, entre outras coisas, que o pós-modernismo é uma reação específica “a formas canônicas da modernidade”, cuja agressividade e subversão “escandalizaram e chocaram nossos avós” (1995, p.17). Como isso não esclarece muita coisa, ele se propõe a esboçar alguns modos de expressão da pós-modernidade, considerando seus dois traços mais significativos: o pastiche e a esquizofrenia. Assim, precisamos observar se esses traços aparecem no AMN.

Ele diferencia o pastiche daquilo com o qual o costumam confundir: a paródia. Ambos envolvem a imitação de outros estilos, mas, pela paródia, os modernistas eram capazes de desenvolver um estilo próprio e inconfundível, porque ainda existia a categoria de sujeito individual, com sua visão singular do mundo, possibilitando um estilo próprio para expressá-la (cf. JAMESON, 1995, p.19). No caso do pastiche, a prática do mimetismo é neutra, “sem as motivações ocultas da paródia, sem o impulso satírico, sem a graça, sem aquele sentimento ainda latente de que existe uma *norma*”. Os escritores contemporâneos não são mais capazes de inventar um estilo, o que restou foi o pastiche, imitação dos estilos mortos. Assim, os estilos mais singulares já foram inventados e as possibilidades de combinação já se esgotaram (ver *Ibidem*, pp.18 e 19).

Sérgio Paulo Rouanet, apoiando-se em Jameson, ao falar do pastiche nas artes plásticas pós-modernas (Warhol, Rauschenberg, Lichtenstein), expõe características que aproximam Huxley dessa vertente, embora com certas ressalvas:

O pastiche pop é niilista, dessacralizador e, por isso mesmo, ou eminentemente crítico ou eminentemente conformista, conforme se queira ver na obra uma denúncia da sociedade de massas, que arrasta para seu campo gravitacional o *Schöne Schein* da estética clássica, ou uma capitulação diante dessa mesma sociedade de massas (ROUANET, 1987, p.253).

Essa imagem do pastiche nos é amplamente reveladora: Huxley foi realmente taxado por muitos como niilista e sua obra denuncia e dessacraliza, pelo sarcasmo, a sociedade de massas, mas ela pode ser considerada pastiche? Embora Huxley tenha sofrido influências (e ninguém é imaculado nesse sentido), através das suas novelas e

dos seus ensaios, percebe-se a originalidade do seu pensamento e a busca pessoal por uma forma de expressão. Ele é o primeiro a assumir a motivação exercida pelas obras de H.G.Wells sobre o AMN, porém, sob sua pena, o progresso e o materialismo científico são recebidos com uma atitude completamente diferente, já que ironiza o otimismo daquelas obras (ver GREENBLATT, 1968, p.95). Assim, mesmo que imite, incorpora sempre suas “idiossincrasias e singularidades”, logo, parodia.

Quanto ao segundo traço, o da esquizofrenia, há uma específica relação com o tempo, dentro do que é chamado de “textualidade”. A esquizofrenia deve ser compreendida como um “distúrbio do relacionamento entre significantes” (cf. JAMESON, 1995, p.22). A ligação disso com o tempo é que a relação humana com a temporalidade (passado, presente e memória) é entendida como um efeito da linguagem:

Porque a linguagem possui um passado e um futuro, porque a frase se instala no tempo, é que podemos adquirir aquilo que nos dá a impressão de uma experiência vivida e concreta do tempo. Mas já o esquizofrênico não chega a conhecer dessa maneira a articulação da linguagem, nem consegue ter a nossa experiência de continuidade temporal tampouco, estando condenado, portanto, a viver em um presente perpétuo, com o qual os diversos momentos de seu passado apresentam pouca conexão e no qual não se vislumbra nenhum futuro no horizonte [...] Por outro lado, o esquizofrênico vivencia mais do que nós, e com nitidez, uma experiência muito mais intensa de um definido instante do mundo... (JAMESON, 1995, p.22).

Nós não temos uma visão indiferenciada quando miramos o mundo exterior. Atentamos para esse ou aquele objeto e, conforme o projeto que estamos traçando, selecionamos os referentes. A visão do esquizofrênico é indiferenciada do mundo presente e nada agradável: as “continuidades temporais são quebradas, a experiência do presente torna-se assoberbante e poderosamente vívida e material” (JAMESON,1995, p.23). O que Jameson destaca desse processo é o fato do significante tornar-se mais material, “mais vívido em termos sensórios”, ou seja, literal: “Um significante que perdeu seu significado se transforma com isso em imagem” (Ibidem, p.23).

No AMN, não se trata de identificar uma escrita esquizofrênica do próprio Huxley, mas de se pensar a relação do indivíduo novo-mundista com a temporalidade e com a imagem. Naquele universo, os contatos são intensificados pela exacerbação das



sensações e pela impossibilidade de fantasiar (ausência poética), o que remete a uma literalização dos conceitos, perdendo-se a capacidade de explorar a plurissignificação das palavras<sup>87</sup>.

Se nos guiarmos pela demarcação temporal sugerida por Jameson, Huxley está longe de ter sido um pós-modernista: para começo de conversa, a primeira vez que se usou o termo “pós-moderno” em literatura foi em 1934, por Federico de Onis, “numa antologia da poesia espanhola e hispano-americana” (ver ROUANET, 1987, p.254). Além disso, a configuração do cenário pós-moderno se deu a partir da década de 50, com seu auge a partir de 70<sup>88</sup>. Logo, quanto à periodização, o AMN definitivamente não se enquadra, mas e quanto à forma e ao conteúdo temático? Ou, conforme expressão de Anderson, “o que se pode dizer dos seus contornos?”.

Levando-se em conta o campo “triangulado” em que Anderson insere o pós-modernismo e o período que ele abarca (de 50 a 80), verificam-se no AMN antecipações de certas condições engendradas nesse período. Isso já constitui uma característica do fenômeno pós-moderno, que “está muito mais próximo de uma noção *ex ante*, uma concepção que brotou antecipadamente das práticas artísticas que veio a retratar” (ANDERSON, 1999, p.109).

Na década de 30 (gestação e nascimento do AMN), a aristocracia e a burguesia ainda não haviam recebido o tiro de misericórdia e nem dado lugar ao “aquário de formas flutuantes” em que Anderson coloca administradores, gerentes, auditores, projetistas, ou seja, “funções do universo monetário que não conhece rigidez social ou identidade fixas” (1999, p.101). No entanto, há algo desse universo no AMN: “o século XXI, calculo, será a era dos *Administradores do Mundo*, do sistema científico das castas

---

<sup>87</sup> Parece, realmente, que existe algum tipo de distúrbio que caracteriza indivíduos incapazes de perceber o sentido conotativo de certas palavras, mas se trata de um distúrbio patológico. O que assusta é a verificação de um fenômeno que ocorre com muitos jovens que não conseguem fruir todos os prazeres proporcionados pela linguagem poética por não apreenderem a sua riqueza imagética, devido a uma escassa ou ineficaz educação para a poesia, além dos efeitos perniciosos de um sistema que desumaniza, aniquilando a sensibilidade e realçando a razão pela exigência de praticidade num mundo utilitarista. Assim, a poesia, muitas vezes, perde seu valor, apontando para algo que vimos acontecer no AMN.

<sup>88</sup> Ver, em Perry Anderson, o excelente exame sobre a evolução do fenômeno, que justificaria sua confirmação: “Só na virada dos anos 70 o terreno estava preparado para uma configuração totalmente nova”. Apesar de considerar o trabalho de Jameson como o que contém os indicadores da maioria das mudanças, ele ressalta que precisa de alguns reajustes para ser mais preciso. Sugere, então, que o pós-modernismo seja visto como um campo cultural com “três novas coordenadas históricas”: o destino da ordem dominante; os efeitos da evolução tecnológica; e as mudanças políticas no período (Cf. ANDERSON, 1999, pp.100 a 109).

e do *Admirável Mundo Novo*”, conforme Huxley previra (ver c1959, p.52, primeiro grifo nosso).

A segunda condição, para Anderson, deve-se à evolução da tecnologia, da qual ele ressalta a invenção da televisão, como um “salto qualitativo no poder das comunicações de massa”: antes, imagem de máquinas; agora, máquina de imagens (cf. ANDERSON, 1999, pp.104-105). Como vimos, a imagem e a aparência ocupam um lugar de destaque no universo novo-mundista, determinando comportamentos que se põem em contato com as observações feitas por Debord, em 1968. No AMN, vemos Huxley “imaginando” o uso *doutrinário* da imagem (cinema sensível) e do som (música sintética e hipnopédia) numa espécie de “lobotomia cultural”.

A terceira coordenada está nas mudanças políticas que resultariam no “cancelamento das alternativas políticas” (ANDERSON, 1999, p.108). No AMN, a forma de governo está dada: um totalitarismo sob economia capitalista de consumo. Considerado o fato de se tratar de um Estado Mundial, que se divide apenas em 10 regiões administradas, pode-se muito bem traçar um paralelo com a condição pós-moderna do capitalismo avançado: uma economia *global* não mais divisível em espaços nacionais relativamente protegidos. Esse foi o duro significado do advento do capitalismo multinacional assinalado por Jameson (Cf. ANDERSON, 1999, pp.108-109).

Além desses pontos de contato, temos outro mais contundente e inclusive mais significativo para a apreciação de Jameson, por isso o retomamos: o tempo. Este é um dos temas capitais da pós-modernidade, que nos interessa acima de tudo:

o desaparecimento do sentido da história, o modo pelo qual o sistema social contemporâneo como um todo demonstra que começou, pouco a pouco, a perder a sua capacidade de preservar o próprio passado e começou a viver um presente perpétuo, em uma perpétua mudança que apaga aquelas tradições que as formações sociais anteriores, de uma maneira ou de outra, tiveram de preservar (JAMESON, 1995, p.26).

Diante do que analisamos com relação ao tempo, notadamente quanto à forma de determinar a existência dos seres do novo mundo, podemos constatar a ocorrência do que Jameson disse acima. A clara e ostensiva intenção daquele sistema em apagar (“espanar”) os registros históricos, serviu como agente da “amnésia histórica” daqueles indivíduos, além da sensação de eterno presente que isso impõe. Assim como fazem

conosco os meios de comunicação, com sua avalanche de novas informações a cada segundo, impossibilitando-nos de refletir sobre o dado anterior: antes de nos indignarmos com mais um escândalo de corrupção ou coisa do tipo, atiram-nos uma catástrofe ambiental ou uma festividade qualquer.

Jameson questiona, ainda, sobre o valor crítico da nova arte, dizendo que a velha modernidade funcionava em oposição à sociedade, enquanto a pós-modernidade, em certos aspectos, reitera, repercute e reproduz a lógica do capitalismo de consumo (ver JAMESON, p.26). O AMN realmente reproduz esta lógica, mas, constatado o seu valor crítico, não podemos dizer que ela a reitera e a abona.

Ao final do texto, Jameson afirma que nada do que enumerou é novo, pois caracterizou “a modernidade propriamente dita”. E pergunta: “Afim, o que é novo nisso tudo? Precisaríamos realmente de um conceito de pós-modernidade?”. Se pensarmos em termos de periodização, ou seja, em rupturas radicais entre períodos, ele rebate dizendo que essas rupturas “não envolvem em geral mudanças completas de conteúdo, mas sobretudo a reestruturação de um certo número de elementos anteriormente existentes...” (1995, p.25).

Tal observação sugere o lugar de Huxley na modernidade “propriamente dita” ou, se quisermos, na pós-modernidade, já que os dois traços destacados por Jameson - “a transformação da realidade em imagens e a fragmentação do tempo em uma série de presentes perpétuos” – estão presentes no AMN, que anuncia a ascensão do espetacular e dá ensejo a discussões sobre o “fim da História” e a “morte da Utopia”.

## IV. FICÇÕES, FATOS E TEORIAS

### 4.1 – Povo marcado, povo feliz?

*Vocês que fazem parte dessa massa  
Que passa nos projetos do futuro...*  
Zé Ramalho

No caminho que o homem tem trilhado a fim de alcançar a “felicidade”, parece ter encontrado apenas “mal-estar”. A anelada passagem do “reino da necessidade” para o “reino da liberdade” vem sendo minada pela raiz, já que o agente da transformação tem sido adaptado “organicamente” ao processo de exploração, através de métodos cuja rede dialética tem se mostrado muito bem entrelaçada, numa coerência lógica enganosa que impõe antolhos, encobrendo novas possibilidades.

Os frankfurtianos deram inúmeras provas de estarem conscientes da complexidade dessa situação. Embora não tenham aprofundado o valor do AMN, os momentos em que assumem os sintomas da civilização são os que mais podem iluminar a obra huxleyana. Herbert Marcuse, por exemplo, deixou-nos reflexões relevantes, como esta:

A complexidade cada vez maior da estrutura social tornará certas formas de regulamentação inevitáveis; a liberdade e a solidão podem vir a constituir luxos anti-sociais, acarretando verdadeiros inconvenientes. Em conseqüência, pode emergir, por seleção, uma reserva de seres geneticamente apropriados para aceitar realmente um modo de vida regulado e abrigado num mundo de abundância, mundo poluído, em que todos os caprichos e fantasias da natureza terão desaparecido. Então, o animal domesticado nas fazendas e a cobaia de laboratório, em regime e ambiente controlados, tornar-se-ão autênticos modelos para o estudo do homem (MARCUSE, 1977, p.32).

Afora o fato da liberdade e da solidão ser um “luxo anti-social” no AMN, a aproximação entre “reserva de seres geneticamente apropriados para aceitar” e “animais domesticados nas fazendas” servindo de modelos, remete-nos à obra de Peter Sloterdijk – *Regras para o parque humano* – e, por extensão, inevitavelmente à *Fazenda Modelo*, que Chico Buarque escrevera em 1974. No momento, falaremos brevemente sobre os vários pontos de contato entre esta obra buarquiana e o AMN,

traçando um paralelo entre uma datada situação brasileira e uma admissível situação mundial. Mais adiante, nos momentos finais do texto, faremos uma aproximação com certos aspectos da obra de Sloterdijk.

A observação de determinados pontos na obra de Chico é necessária para realçar o aspecto mais comum nos regimes de dominação: o condicionamento. Quanto a isso, não há diferença de intenções entre um regime autoritário de direita e um totalitário de esquerda, por isso Huxley não depositava confiança em nenhum dos dois. Ao mesclar suas características num único mundo administrado, mostrou que os métodos alienadores servem tanto a um quanto a outro, já que os agentes são motivados pelos mesmos desejos de poder e de dominação.

A passagem da *Fazenda Modelo* para o *Admirável Mundo Novo* configura uma inquietante evolução nos métodos de condicionamento: a eliminação da violência física. Entretanto, essa “evolução” se mostra paradoxal quando vista sob o aspecto cronológico, já que há uma distância temporal considerável entre o mundo descrito por Chico, em 1974, e o imaginado por Huxley, em 1931. Esta particularidade só faz acentuar a acuidade do escritor inglês e a relevância de sua obra, pois em se considerando que a passagem do tempo costuma trazer inovações, deve causar admiração a sagacidade de Huxley ao prever uma evolução que seria mais coerente com um ano posterior ao que se encontrava. Na verdade, isso é apenas o ponto que diferencia a reação imediata perante um acontecimento datado e vivenciado de uma reação mediada pela intuição que se projeta ao futuro.

Na obra de Chico, a agressão física está presente porque realmente existia nos porões da ditadura militar em 1974, pois fazia parte das técnicas de inibição e persuasão desse regime. Por outro lado, a não-agressão física no AMN destoa de um período perpassado por regimes totalitários extremamente violentos, causando estranhamento lógico. Porém, esse destom do registro huxleyano merece cada vez mais elogios conforme o tempo avança, dado o valor incontestável que a obra adquire para a contemporaneidade.

A relação proporcional inquietante que Huxley consegue estabelecer entre a diminuição dos métodos violentos e o aumento da alienação dos homens tem se mostrado cada vez mais atual com o passar do tempo. Antes de ser um sinal de

melhoria, a ausência de violência deve ser considerada um sinal de mais-alienação, pois, quando havia agressão, as pessoas “reagiam” ainda que apenas com a indignação e o medo. Sem ela, os homens se iludem com um sistema que aparenta ser democrático e livre, como se não houvesse contra o que lutar: a aviltante aceitação é proporcional à evolução dos métodos alienadores.

Enquanto na *Fazenda Modelo*, “por toda a volta há cercas que eletrocutam, alfândegas que revistam, cães que estraçalham e guardas com ordens para atirar” (BUARQUE, 1974, p.129), no AMN, Mustafá afirma que “governar é deliberar, e não atacar. Governa-se com o cérebro e com as nádegas, nunca com os punhos” (HUXLEY, 2001, p.83). Essa mudança nos métodos era quase uma convicção huxleyana: “num futuro imediato, há alguma razão para acreditarmos que os métodos punitivos de 1984 cederão lugar aos reforços e manipulações do *Admirável Mundo Novo*” (HUXLEY, c1959, p.60).

Essas diferenças entre Huxley, Orwell e Chico se devem às experiências de cada um deles: Huxley nunca esteve muito próximo da repressão ditatorial como estes últimos estiveram. Como mero espectador, ele teve certa tranqüilidade para entrever os sinais que indicavam rumos diferentes: “As Lenin and Hitler recede into history, the idea that a civilized nation can descend so deep into a totalitarianism maintained by fear seems less and less plausible. Huxley’s dystopia, by contrast, is all too plausible”, como observou Derbyshire recentemente (2003).

Esse aspecto amplia ainda mais o alcance do AMN. A novela pecuária de Chico Buarque e a crítica orwelliana ao stalinismo, embora tratem de uma faceta espacial abrangente, são mais limitadas temporalmente, pois ficamos mais próximos de um AMN à medida que nos afastamos de uma *Fazenda Modelo* ou de um 1984<sup>89</sup>. Acreditamos que a previsão huxleyana tenha sido mais precisa porque ela apreendeu a única coisa que parece não mudar no homem: o desejo de dominação, independente da ideologia política. Daí a verdadeira utopia huxleyana - *A Ilha* - ser “anarquista”, ou seja, seu ideal era uma sociedade em que os indivíduos fossem responsáveis o suficiente para dispensarem um “policiamento” externo.

---

<sup>89</sup> Quanto ao estrato espacial e temporal limitado da obra buarquiana, temos essa informação: “É o próprio autor quem classifica *Fazenda Modelo* como sendo uma alegoria de um determinado tempo e de um determinado espaço, ou seja, o Brasil dos anos 70...” (MOREIRA, 2005, p.52).

A constância desse desejo de dominação - comprovado na recorrência aos métodos condicionadores – manifesta-se nos pontos evidentes de influência huxleyana sobre a novela pecuária de Chico, interseção que inclusive resultou na canção de Zé Ramalho: *Admirável Gado Novo*. O aboio e o mote desta canção remetem a conceitos contidos nas duas obras.

Na alegoria feita por Chico, temos “no lugar de indivíduos, bois e vacas; no lugar do país, uma enorme fazenda” (MELLO, 2003, p.48). A aproximação entre povo e boiada parte da metaforização da condição de massa acrítica que é bovinamente conduzida pela classe dominante, condição característica para a sobrevivência dos totalitarismos. Mas, como em toda fabulação dessa ordem, há sempre os que não aderem ao sistema – no caso, uma condição para que o enredo se desenvolva, pelo conflito. Na Fazenda, eles são tratados como os “invertidos”, propensos a greves e sublevações. Papéis desempenhados por Aurora e Ariadna, que podem ser comparados, pela insatisfação, a Bernard e Helmholtz<sup>90</sup>.

Outras aproximações são possíveis entre personagens de ambas as novelas: as vacas tomam cuidados estéticos, assim como Lenina e Fanny, e usam drogas com os mesmos intuitos dos que, no AMN, consomem Soma<sup>91</sup>; Juvenal é um tipo muito próximo do D.I.C., pelo enquadramento na classe dominadora e pelo entusiasmo com os procedimentos: “Ele enche a boca quando fala da junta médica” (BUARQUE, 1974, p.50). Sem contar que a estupidez do D.I.C. dentuço está próxima de um “homem-boi” que baba.

As influências não param por aqui. Juvenópolis, assim como o Edifício Central no AMN, é um espaço asséptico<sup>92</sup>; a padronização dos bois e vacas alude ao processo

---

<sup>90</sup> “Ariadna era uma que também não andava satisfeita. Era contra as coisas” (BUARQUE, 1974, p.49). Interessante pensar que o fio de *Ariadne* é o que conduz para fora do labirinto, assim como a insatisfação pode ser um primeiro movimento em direção à saída de uma situação indesejável.

<sup>91</sup> “...vou, como todas as vacas, ao cabeleireiro, à ginástica sueca, á massagem anticelulite [...] tomo a roda-gigante que confunde céu com chão...daí acelera e dispara e não se vê mais coisa com coisa, se desgoverna, a gente perde a noção de tempo, do céu e do chão, perde a noção da gente, e quando susta ninguém mais se lembra de nenhum problema, volta para casa e dorme feito bicho de pelúcia” (BUARQUE, 1974, pp.48-49).

<sup>92</sup> “Tudo branco, espaçoso e sonoro [...] Não sei o que me falta no meio de tanto branco, da música ambiental, do ar condicionado, do edifício alto, mas falta pouco para eu soltar um grito” (BUARQUE, 1974, pp.46 e 47). Esse incômodo se apresenta de forma quase idêntica na fala de John: “existem coisas que são muito agradáveis. Toda essa música no ar, por exemplo...” (HUXLEY, 2001, p.266).

Bokanovsky no AMN<sup>93</sup>. E mais: o controle de natalidade (“acabei de falar no controle de espermatozóides” - BUARQUE, p.106); o trauma da decantação e o desmame (“e me foram desmamados para sempre” - BUARQUE, p.52); a produção fordiana em série numa clara alusão ao AMN (“Misturam útero com Fazenda Modelo, comparam automóveis a cromossomos” - Ibidem, p.47); a lição hipnopédica que ensina o sexo sem gravidez e a reprodução artificial (“santa é a proliferação que dispensa o coito” - Ibidem, p.106); e, para não restar dúvidas quanto à influência huxleyana, o mundo novo é um box incubador: “...as crianças foram internadas... no box incubador... a missão a que estão predestinados: povoar o Mundo Novo...” (BUARQUE, p.53).

A importância que o prefaciador da *Fazenda Modelo*, K.Kleber, atribui à obra pode ser estendida ao AMN: “Pode-se afirmar, sem medo, que esta obra arrosta a problemática em tal âmbito que cada aspecto, isoladamente, contém matéria para um estudo de profundidade” (BUARQUE, 1974, pp.15 e 16). O ponto essencial de contato entre as novelas pode ser considerado a partir do que disse Heitor Ferraz de Mello, em artigo para a *Revista Cult*: “A ciência entra como um novo mito, afastando a razão” (2003, p.51). Tanto *Fazenda Modelo* quanto o *AMN* são sátiras que buscam desmistificar uma ciência que, ao perder sua destinação humana, alcança a irracionalidade.

A sátira e a ironia - que caracterizam essas obras - surtem um efeito de distanciamento crítico, pois “possuem em comum o fato de serem uma maneira não de aproximação do objeto, não de identificação, mas de conservar o objeto à distância, diferenciando-se dele, protegendo-se pelo riso, desvalorizando-o pela deploração, afastando-o e eventualmente, destruindo-o pelo ódio” (MATOS, 1993, p.34).

Acreditamos que a análise que vimos fazendo da novela huxleyana tenha realçado os meandros do condicionamento e os seus possíveis resultados funestos. A obra de Huxley prima ainda pelas qualidades de “antena da espécie”: as modalidades totalitárias que ela descreveu – especialmente as manipulações corporais – estão mais

---

<sup>93</sup> “Uniformes desfilariam, todos igualmente fofos, um delicioso pelotão”. Ainda: “Dado que a Civilização aspira à Paz e a Concórdia acima de tudo e de todos, eleja-se um único espermatozóide que determine um caráter único...” (BUARQUE, 1974, pp.44 e 105, respectivamente). Note-se a aproximação entre padronização e estabilidade (“Paz e Concórdia acima de tudo”) que não deixa dúvida nessa outra passagem da obra de Chico: “E é para eles que hoje existe um negócio chamado estabilidade” (p.50).



próximas dos novos padrões de dominação e de controle do comportamento que, com o avanço da genética, assumem uma perspectiva eugênica inquietante.

Tanto é assim que, se Huxley estivesse vivo, não precisaria projetar uma sociedade futura, poderia apenas criar uma alegoria parecida com a de Chico Buarque, ciente de que não seria uma *distopia*, mas sim o espelho nu da realidade. Antes, porém, de tratarmos da face biopolítica que se inscreve no AMN, precisamos refletir sobre os pontos fundamentais do regime totalitário, cujo estudo exemplar é certamente a obra de Hannah Arendt, *Origens do Totalitarismo*.

#### 4.2 – Sob um regime totalitário

*Tudo no estado, nada fora do estado, nada contra o estado.*  
Benito Mussolini, década de 20.

Os aspectos históricos que fomentaram o pessimismo huxleyano - levando-o a imaginar um mundo como o que descreveu no AMN - não se limitam simplesmente à observação dos acontecimentos sombrios do entre-guerras. Além de ser algo também “hereditário” - conforme Borges acreditava - a fonte de suas preocupações nascia de uma lógica incômoda, qual seja a relação entre “o problema da superpopulação” e “a doença da superorganização”, sendo que esta última seria levada a cabo por uma oligarquia dirigente, cujo objetivo era “o controle totalitário integral” (ver HUXLEY, c1959, p.194).

Na década de 20, conforme Hannah Arendt, “foram formuladas as ideologias do fascismo, bolchevismo e nazismo”, movimentos totalitários cujas fileiras foram preenchidas pela “massa de homens insatisfeitos e desesperados”. Entre esses, curiosamente, encontravam-se elementos de uma elite intelectual. No entanto, Huxley cuidou para que seu “desespero” não excedesse as barreiras da racionalidade e se unisse ao entusiasmo dessa “elite” que aderiu ao totalitarismo, pois antevia as perdas oriundas desse movimento. Sua cautela tinha origem no receio subjacente à elaboração do AMN, inspirada nas características dos totalitarismos vigentes – mais precisamente o fascismo e o stalinismo - e num provável aperfeiçoamento dos métodos:

Sob a pressão desumana de uma superpopulação crescente e de uma crescente superorganização, e através de recursos cada vez mais eficazes de manipulação do espírito, as democracias transformarão a sua natureza; as velhas formas pitorescas – eleições, parlamentos, Supremos Tribunais e tudo o mais – subsistirão. A substância subjacente será um novo tipo de totalitarismo não-violento. Todos os nomes tradicionais, todos os dísticos consagrados permanecerão tal e qual como nos velhos tempos; a democracia e a liberdade serão os argumentos de todas as emissões radiodifundidas e de todos os artigos de fundo – porém tratar-se-á de uma democracia, de uma liberdade num sentido absolutamente pickwickiano. Entretanto, a oligarquia dirigente e a sua altamente treinada “elite” de soldados, policiais, forjadores de pensamento e manipuladores de cérebros conduzirão tranquilamente o espetáculo como lhes apetecer (HUXLEY, c1959, pp. 186-187).

O discurso que compõe o pano de fundo das motivações da civilização do AMN funda-se na estabilidade como um benefício coletivo. Factício ou não, este argumento seduzia a massa novo-mundista, assim como Huxley acreditava que as promessas de democracia e liberdade que permearam os discursos dos líderes totalitários o fizeram. Porém, no AMN, fica evidente que o governo “formatou” os cérebros a aceitarem e legitimarem os meios que conduzem a esse fim, dando a esta aprovação um caráter democrático que camufla a face da usurpação. Portanto, o grande temor de Huxley era que a humanidade atingisse esse estágio em que o totalitarismo assumisse uma feição “democrática” e impercebida. Seu receio fundava-se ainda nos vários elementos já presentes que prefiguravam um mundo assim: superpopulação impondo superorganização, atomização, massificação e a certeza do desenvolvimento dos meios tecnocientíficos.

Os biógrafos de Huxley confirmam o pavor que as massas lhe suscitavam e o desprezo que nutria por elas, enquanto corpo amorfo e acrítico. Com isso, podemos voltar à observação de Adorno sobre a reação huxleyana diante do *american way of life*, e dizer que o pânico huxleyano se sedimentou ao perceber que a juventude americana alimentava pensamentos desse tipo: “Dêem-me televisão e cachorros-quentes, mas não me assombrem com as responsabilidades da liberdade” (HUXLEY, c1959, pp. 195-196).

Trata-se, evidentemente, da massa manipulada por uma propaganda com intenções distintas das nazistas, fascistas ou bolchevistas, mas que, enquanto massa, carrega as mesmas características de ausência crítica, neutralidade e indiferença política que possibilitaram esses mesmos movimentos. Além disso, o mundo moderno

do capitalismo avançado, que reina no AMN, é “constantemente acionado” pela idéia totalizante do consumo:

A política do capitalismo moderno é ensinar ao proletariado ser perdulário, é organizar e facilitar suas extravagâncias, ao mesmo tempo em que torna possível essa extravagância ao pagar altos salários em troca de alta produção. O Proletariado repentinamente enriquecido recebe a sugestão de gastar o que ganha, e até de hipotecar seus ganhos futuros na compra de objetos que os anunciantes afirmam persuasivamente serem um luxo necessário ou pelo menos indispensável. O dinheiro circula e a prosperidade do estado industrial moderno está garantida (...) Nos países altamente industrializados, como os Estados Unidos, há uma tendência para o nivelamento das rendas (HUXLEY,1975, p.142).

Esta análise, feita por Huxley em 1929, sugere o cenário econômico apresentado no AMN. Os aumentos salariais proporcionados por Henry Ford promoviam o aumento da produção, embora a sociedade ainda não tivesse alcançado o estágio em que os trabalhadores pudessem consumir tudo o que desejavam: um operário das fábricas da Ford morria sem poder adquirir o Ford T que era produto do seu próprio suor, mas na civilização novo-mundista talvez pudesse, pois Huxley acreditava que “o que promete o futuro imediato é um enorme platô de renda estandardizada”, com pequenas exceções de opulência entre os herdeiros de riquezas, os dirigentes industriais e os profissionais bem sucedidos (1975, p.143).

De qualquer forma, o que Huxley previa era um “proletariado em metamorfose”, transformado “num ramo da burguesia”, pois como apontara Harvey, a desigualdade era “uma fórmula segura para produzir insatisfação (1996, p.132). Com o nivelamento, Huxley acreditava que as doutrinas do socialismo perderiam muito do seu charme, e a revolução comunista se tornaria um despropósito, tal como fora sugerido pelo insucesso do levante iniciado por John. Portanto, o universo novo-mundista foi haurido dessa noção de que os homens querem apenas que seus benefícios sejam garantidos: “a igualdade de participação e a barriga cheia”, não importando quem os garanta. Nesse ponto, a ideologia bolchevista de uma *nova sociedade* estava mais próxima do AMN do que as pretensões hitleristas de ampliação de território.

Obviamente, quando Huxley disse que “o paraíso socialista é um mundo onde todos vivem em pé de igualdade e no qual o Estado se encarrega de encher devidamente a barriga de cada um” (1975, p.143), estava simplificando demais os

ideais socialistas e desprezando as desigualdades geradas pelo contraditório capitalismo. Por outro lado, teve o mérito de indicar que uma massa atomizada e “domesticável” não percebe as perdas do espírito, apenas os ganhos materiais. Isto revela o que parecia ser a maior preocupação do moralista Huxley, pois são essas idéias que nutriram a composição de sua novela distópica.

Logo, considerando-se que a civilização novo-mundista segue um padrão estatal-capitalista, podemos inferir que Huxley dirigia suas críticas ao regime *político* socialista e ao regime *econômico* capitalista: desprezou a utopia socialista que se desdobrara nas versões fascista e stalinista; e censurou o capitalismo moderno por depender de um processo de propaganda que padroniza não só a renda, mas acima de tudo o comportamento inveterado dos consumidores.

Assim, podemos dizer que o AMN estabelece um paralelo bastante coerente entre o processo de massificação dos regimes fascista e stalinista e o de standardização capitalista, indo, de certa forma, ao encontro da tese apresentada na obra magistral de Hannah Arendt, que nos mostra as relações entre o totalitarismo e o imperialismo: “a propaganda totalitária aperfeiçoa as técnicas da propaganda de massa, mas não lhe inventa os temas. Estes foram preparados pelos cinquenta anos de imperialismo e desintegração do Estado nacional...” (ARENDR, 1997, p.400). Hoje, podemos dizer que o imperialismo se camufla no processo de globalização, enquanto o totalitarismo se traveste no seu poder total de economia de mercado.

Para Arendt ainda, as massas modernas “não acreditam em nada visível, nem na realidade da sua própria experiência (...) apenas em sua imaginação, que pode ser seduzida por qualquer coisa ao mesmo tempo universal e congruente em si” (Ibidem, p.401). Essa coisa “universal e congruente” era representada pela ideologia que impunha uma ficção muito lógica e coerente. No AMN, o Estado Mundial utilizou um expediente comum à propaganda totalitária, ou seja, a elaboração de uma ficção central: enquanto Hitler falava numa conspiração dos judeus e Stalin numa trama trotskista, a idéia que assustava os indivíduos do AMN era a de que a desobediência a qualquer uma das normas de comportamento afetaria a estabilidade da comunidade e, conseqüentemente, o bem-estar de cada um de seus membros. A total conformidade firmava-se justamente na racionalidade e na coerência apresentadas pelo sistema.

Entretanto, cabe esboçar a essência dos regimes totalitários: conforme Arendt, para o totalitarismo “todas as leis se tornam leis de movimento” (1997, p.515) e “o movimento se torna a essência do próprio regime” (Ibidem, p.519). O problema reside na mudança de sentido do próprio termo “lei”, que “deixa de expressar a estrutura de estabilidade dentro da qual podem ocorrer os atos e os movimentos humanos”, para exprimir o próprio movimento, quer dizer, toda ação praticada pelo regime totalitário adquire o valor de uma lei natural e histórica, ou seja, está dentro da legalidade, que não pode ser contrariada, pois é a “lei da justiça na terra”.

O problema se amplia ainda quando verificamos que, apesar do papel da legalidade ser limitar os atos humanos, ela não os inspira, isto é, ela não diz aos homens o que devem fazer, somente o que não devem. Como o movimento se apóia na legalidade, o regime totalitário não necessita de um princípio de ação: dizer ao indivíduo o que ele deve fazer é impor uma ação contraditória e desnecessária quando o movimento já é natural e progressivo.

A essência do regime totalitário é o terror; entretanto, como no AMN reina um regime totalitário não-violento, acreditamos que sua essência seja a idéia de “utilidade”: tudo, do princípio ao fim, é movido por esta idéia. Nesse ponto, o universo novomundista pode ser entendido através do que diz Arendt: como essa espécie de regime descarta um “princípio orientador da conduta”, o que estabelece aquilo que virá a ser o movimento natural ou a essência do regime é uma ideologia. Já que esta “dispensa o desejo humano de agir”, ela se torna decisiva numa civilização cujos membros não agem conforme um desejo individual, nem escolhem, pois não são autônomos, são meros “receptáculos” da ideologia do sistema:

Aquilo de que o sistema totalitário precisa para guiar a conduta dos seus súditos é um preparo para que cada um se ajuste igualmente bem ao papel de carrasco e ao papel de vítima. Essa preparação bilateral, que substitui o princípio de ação, é a ideologia (ARENDR, 1997, p.520).

O fragmento acima pode muito bem ser preenchido com as peculiaridades do AMN: os papéis de carrasco e de vítima nos regimes nazista e stalinista atendem à essência do sistema, que é o terror; no AMN, a essência é a utilidade, por isso sua ideologia prega a lei da resignação funcional e social, isto é, cada ser aceita

voluntariamente a sua função e a sua casta como sendo *úteis* à manutenção da estabilidade social. Além disso, quando adentramos naquele mundo fictício, percebemos que todas as ocorrências derivam dessa única premissa de utilidade, que possui, para os seres que lá habitam, uma lógica e uma coerência inquestionáveis. Essa lógica e essa coerência concedem à idéia de utilidade a função de explicar (e de calcular) cada circunstância.

A legalidade, que legitima as ocorrências desses regimes totalitários, ganhou força, de certa maneira, com a teoria evolucionista de Darwin, pois ao afirmar que o homem é “produto de uma evolução natural que não termina necessariamente na espécie atual de seres humanos”, ele sugeriu que o movimento natural é unilinear e que “progride infinitamente”, assimilando, assim, a natureza à história e possibilitando, por exemplo, a noção de que a sobrevivência dos mais aptos é uma lei natural e histórica (cf. ARENDT, 1997, p.515).

Sob esta crença, o terror praticado pelos regimes totalitários “não existe a favor nem contra os homens”, sua função seria auxiliar na aceleração das forças naturais e históricas (ver ARENDT, 1997, p.518). No AMN, a base do sucesso do sistema é a manipulação genética e psicológica – a eugenia -, que pode ser encarada como portadora dessa função auxiliadora da natureza. Nele, tudo era muito calculado: primeiro a ação sobre o “corpo” embrionário; em seguida, a imposição de uma ideologia contrária a tudo que possibilitasse autonomia, através da ojeriza pelas palavras “mãe” e “família”, por exemplo. Assim, o sistema reforça, pela comparação com seu atual modelo, a legitimidade de um processo que apenas acelera o aperfeiçoamento natural dos seres.

Nesse ponto, o discurso neoliberal americano assume sua perversidade através de um otimismo *a la* Fukuyama, que insiste naquilo que seduz as massas, ou seja, a “coerência” de um sistema que anula e leva essas massas a ignorarem as coincidências, pois o simultâneo “esvaziamento” e atomização de suas mentes prejudicam o bom senso que apontaria a irrealidade de uma perfeita coerência. A tese polêmica de Francis Fukuyama – *O Fim da História e o último homem* – está repleta desses momentos irrefletidos de extremada coerência. Entretanto, vale lembrar que um

dos motivos que levara Karl Marx a prever o colapso do capitalismo era justamente a incoerência inerente às suas contradições.

Mas, o perigo reside no fato de que os ideólogos capitalistas possam ter percebido a força dessa argumentação e busquem meios de forjar uma coerência e “eliminar” as contradições, ou seja, criem uma ficção. Nesse sentido, o governo de G.W.Bush já deu sinais de eficiência quando atraiu a massa para o campo gravitacional de sua idéia, com um discurso desse tipo: “o Iraque possui armas atômicas que podem destruir o mundo e o farão conforme demonstra os acontecimentos de 11 de setembro, por isso temos que invadi-lo e utilizar todo nosso poderio para livrar o mundo dessa ameaça”. Obviamente, nessas circunstâncias, ninguém pondera sobre o disparate de salvar vidas eliminando outras vidas.<sup>94</sup>

Nota-se que o discurso de Bush não é nacionalista e, sim, universalista, pois atrai para si o apoio das outras nações que se vêem iludidas pela proteção do poderio americano. Tal espécie de discurso possui um caráter expansionista e totalitário que, praticado desde sempre, prepara as massas e as leva a apoiarem invasões imperialistas, desprezando até mesmo o fato de que o governo tem desrespeitado vários acordos legítimos com as Nações Unidas, dentre eles o “Protocolo de Kyoto”, alegando, despudoradamente, que a ratificação do protocolo prejudicaria a sua economia. Nesse ponto, cai por terra a política universalista americana e confirmam-se seus interesses nacionais. Trata-se ou não de uma evidência de que certos argumentos são factícios?

Para um país cujo espírito imperialista é insaciável, a “idéia” de ideologia - assim como para os ideólogos totalitários - pode não ser a Liberdade e a Igualdade, mas simplesmente um meio efficientíssimo de convencimento “pelo processo lógico que dela pode ser deduzido” (ARENDR, 1997, p.524). Além do mais, conforme Arendt, para a massa desvalida é melhor ficar com a coerência fictícia de uma ideologia do que enfrentar uma realidade de “crescente decadência”. Essa “aceitação” pode muito bem exceder os limites conhecidos da ideologia e buscar novos meios parecidos aos do AMN: a “formatação” física e psicológica dos indivíduos pela manipulação genética e

---

<sup>94</sup> Se os interesses das grandes potências mundiais não fossem simplesmente políticos e econômicos, a África teria seus problemas minimizados e Ruanda não teria sido abandonada à sorte durante os massacres de 1994, que marcaram o confronto entre hutus e tutsis, culminando em mais um genocídio a constar nos anais da História.

pelo condicionamento ideológico, através de uma dialética que elimine as contradições factuais, assegurando a coerência lógica do processo.

Não vendo diferença entre as massas que seguiam ideologias totalitárias e essa que segue a ideologia americana de consumo, Huxley recusou especialmente os aspectos de perda espiritual presentes na padronização das mentes, pecando, porém, em julgar que o capitalismo faria mais pela “democratização da sociedade do que qualquer número de preconizadores idealísticos dos Direitos do Homem” (HUXLEY, 1975, p.144). Para ele, ainda, concretizar-se-ia um paradoxo: “a imposição da completa igualdade democrática” resultando não das injustiças, da pobreza, das insatisfações e da revolução sangrenta, “mas do nivelamento parcial e da prosperidade universal” (1975, p.144).

Essa igualização é mais um dos passos do movimento totalitário e, segundo Arendt, “um dos principais alvos dos despotismos e das tiranias” (1997, p.372) que, no sistema novo-mundista, assume um caráter mais amplo sob a noção de IDENTIDADE. Outro passo dado pelos projetos totalitários é a eliminação de qualquer existência autônoma, também apontada por Hannah Arendt <sup>95</sup>. No AMN, isso se comprova pela extinção dos elementos alheios à atomização almejada pelo Estado Mundial: Deus, a família, as emoções, a memória, a propriedade privada, etc, ou seja, coisas que poderiam alimentar o “individualismo” e impedir a manutenção de uma das bases novo-mundistas: a COMUNIDADE. Conforme Arendt:

...o sucesso da propaganda totalitária não se deve tanto à sua demagogia quanto ao conhecimento de que o interesse, como força coletiva, só se faz sentir onde um corpo social estável proporciona a necessária conexão motora entre o indivíduo e o grupo; nenhuma propaganda baseada no mero interesse pode ser eficaz entre as massas... (1997, p.397).

Essa *comunidade idêntica*, além de estar perfeitamente disposta a se sacrificar por uma idéia ditada pelo dirigente, vive ainda sob um ideal utilitarista que a mantém estável, como todo corpo “cadavérico” que alimenta os regimes totalitários deve ser.

---

<sup>95</sup> Essas massas sofrem a mesma violência psicológica da propaganda ideológica, que no AMN fora aprimorada pelos avanços tecnocientíficos. Hannah Arendt nos apresenta uma observação interessante, feita por Robert Ley: “A única pessoa que ainda é um indivíduo privado na Alemanha é alguém que esteja dormindo” (in ARENDT, 1997, p.388). A superioridade dos efeitos alcançados pelo sistema estatal do AMN reside, neste caso, na aplicação da hipnopedias, o que permitiria Ley dizer que a autonomia não estava garantida nem durante o sono. No mundo do consumismo, as mentes são, dia e noite, “presas” pela massacrante onda de propaganda capitalista.



Assim, o comportamento de cada um, que vive em consonância com os ideais do Estado, é mantido como sendo útil ao funcionamento daquilo que se convencionou ser seu próprio bem-estar, e a idéia de utilidade, segundo Arendt, há séculos vem sendo ensinada pela história européia que julga “cada ação política por seu *cui bono* [proveito, vantagem]” (1997, p.397).

Prosseguindo com seu raciocínio, Huxley conclui que o nivelamento dos salários – que estaria de acordo com a “moderna teoria democrático-capitalista” – levaria, mais tarde, a um nivelamento por baixo e, com isto, “vastas fortunas” haveriam de desmoronar. Mas, pergunta, após a realização desse “sonho” de igualdade, a humanidade viveria feliz para sempre? Através desta questão, ele procurou criticar aqueles que acreditavam que a solução de todos os problemas residia na igualdade de rendimentos, e comprova nossa asserção de que sua preocupação visava os aspectos morais, ou melhor, a preocupação com a degradação da dignidade humana:

Agora que não apenas o trabalho, mas também o lazer, se tornou completamente mecanizado; agora que, a cada novo aperfeiçoamento da organização social, o indivíduo acha-se ainda mais degradado de sua dignidade humana como simples corporificação de uma função social; agora que as distrações pré-fabricadas e embrutecedoras difundem um tédio cada vez maior em esferas cada vez mais amplas, - agora a existência tornou-se sem sentido e intolerável (HUXLEY, 1975, p.146).

Segundo ele, quando todos se tornassem conscientes da “inviabilidade fundamental da vida”, eclodiria uma revolução que não seria de caráter comunista, mas, sim, niilista, pois, apesar de todos já terem condições materiais suficientes para descartar o comunismo, não acreditariam mais no melhoramento da humanidade. Com essas previsões, percebe-se que o AMN não seria o estágio final da humanidade - embora a intensidade de seus métodos condicionadores impeça o vislumbre de uma fase ulterior -, ele seria, sim, a fase que antecede o total niilismo.

Podemos dizer que, em muitos aspectos, devido aos absurdos morais promovidos pela ganância capitalista e pelo caráter infantil da pulsão de onipotência, já experimentamos certa descrença niilista. Resta saber se, sob as visões pessimistas de Huxley, nosso próximo estágio será um “admirável mundo novo” que fabricará – com auxílio dos avanços biotecnológicos - seres voluntários e felizes ou se essa etapa será pulada rumo à “destruição pela destruição”.

Imaginamos, apenas, que o antídoto seria uma revitalização da dimensão humana que não se garante com esse sistema que cultua o “ter”, em detrimento do “ser”. Este “ser” enfraquecido não encontra sentido numa vida que se resume em uma renda padronizada e na “barriga cheia”. Sem alimento próprio, o espírito fenece e leva o corpo a querer o mesmo.

Em nossa realidade, o que pode nos manter afastados da plena realização dessas barbaridades é, como dissemos, o sentimento ainda presente de certo “mal-estar”, ocasionado, ao que parece, não só pelas próprias contradições do capitalismo com suas desigualdades, mas também pelo sentimento receoso diante de uma era de “liberdade sem responsabilidades”. Entretanto, nada impede que pensemos na possibilidade de transformações em direção ao ideal novo-mundista de felicidade:

O que as ideologias totalitárias visam... não é a transformação do mundo exterior ou a transmutação revolucionária da sociedade, mas a transformação da própria natureza humana (...) O que está em jogo é a natureza humana em si; e, embora pareça que essas experiências não conseguem mudar o homem, mas apenas destruí-lo, criando uma sociedade na qual a banalidade niilística do *homo homini lupus* é consistentemente realizada, é preciso não esquecer as necessárias limitações de uma experiência que exige controle global para mostrar resultados conclusivos (ARENDETT, 1997, p.510).

O mundo contemporâneo já apresentou alguns sinais de não medir esforços para atingir certos fins. Além do que os valores que ditam esses esforços, muitas vezes, seguem a mentalidade pragmática, utilitária e materialista engendrada pelo regime de acumulação capitalista, nos advertindo de que tudo é possível nessa busca “cega” que o homem empreende em direção à felicidade. A porta de entrada, tanto para um suposto “controle global” quanto para a “transformação da natureza humana”, cujas justificativas seriam fundamentadas sobre uma humanitária ficção política, seria aquilo que Michel Foucault chamou Biopolítica.

### 4.3 – Biopolítica: moldando a natureza humana

*Os regimes totalitários criam um mundo demente que funciona.*  
Hannah Arendt

Mediante o que Peter Sloterdijk nos diz em *Regras para o parque humano*, desde *O Político* e a *República*, de Platão, a manutenção da comunidade humana surge como uma “tarefa zoopolítica”, ou seja, segundo suas próprias palavras: “O que pode parecer um pensamento sobre a política é, na verdade, uma reflexão basilar sobre regras para a administração de parques humanos” (SLOTERDIJK, 2000, p.49).

Apesar dos termos usados por Sloterdijk (“parque”, “domesticação”, “criação”) mostrarem-se bastante contundentes e terem desagradado alguns intelectuais - entre eles Jürgen Habermas -, a política totalitária age assim mesmo: com o intuito de administrar a vida em sociedade, os governos dominadores pensam em termos de “domesticação”, de condução “bovina” dos indivíduos e, para que isso se dê, precisam do consentimento de corpos dóceis. A obtenção da docilidade exige determinadas estratégias que têm se repetido ao longo da história política, em especial nos regimes totalitários.

No Estado novo-mundista, alguns estratagemas alcançaram um grau elevado de excelência devido ao progresso tecnocientífico. Este parece ser um dos motivos – unido à pulsão de potência e à sede de lucro – que causa desconfiança para com as novas descobertas e técnicas da engenharia genética. Max Weber, por exemplo, preocupava-se com o fato do conhecimento científico não ter um fim a que se destine, a não ser o próprio ato de conhecer, pois não parte em busca de um “*télos* pleno de sentido”, nem “se exercita sem confiar em qualquer fim último ou valor transcendental” (PIERUCCI, 2003, p.157).

A questão levantada por Weber é a de saber se o “‘progresso’ do qual participa a ciência, como elemento e motor, tem significação que ultrapasse essa pura prática e essa pura técnica?” (WEBER, 1993, p.31). Logo, a ciência tende a progredir indefinidamente, subentendendo-se, portanto, que nada a detém:

Seu desenvolvimento é “progresso” no sentido técnico da palavra, e isso quer dizer que a lógica interna da esfera científica a arrasta de modo irresistível a acumular um estoque sempre maior e

sempre mais atualizado de conhecimento sobre o mundo. Cada nova descoberta é como se todo um novo continente se abrisse, intenso, trazendo promessas de outras tantas novas descobertas. A ciência, afinal, é *ars inveniendi*, a arte da descoberta. O processo de investigação é aberto por sua própria natureza. Tudo, em princípio absolutamente tudo, 'sem resto', diz Weber, pode ser cientificamente conhecido, e isso quer dizer: cientificamente explicado por nexos causais isolados e apenas parcialmente encadeados, jamais totalmente esgotados. (...) Seu percurso é revolucionário, ascendente e unidirecional, mas não se consuma, não tem repouso, provisório que é, sempre, limitado que é, sempre, especializado que é, sempre, e por isso parcial. Sempre. Nunca total, nunca totalizante nem definitivo. Nessa constante e progressiva auto-superação reside, para Weber, o 'problema de sentido' da ciência (PIERUCCI, 2003, pp.157-158).

Essa visão weberiana sobre a ciência - descrita por Pierucci - acentua as inquietações do homem contemporâneo, sobretudo porque esse curso "natural" - sempre em direção a novas conquistas - vem sendo subsumido por certo espírito político imperialista. Logo, é como se fosse impossível acreditar que a ciência - que apresenta essas características progressistas - seja capaz de se conter durante muito tempo ante a perspectiva da clonagem humana, sobretudo quando esta se põe como um desafio.

O pensamento daqueles que imaginam a eugenia como uma oportunidade de melhorar a vida da espécie pode levar, a partir disso, a seguirem com mais entusiasmo e segurança rumo àquilo que entendem ser o bem-estar e a felicidade humana - pretensos objetivos políticos. Hannah Arendt nos diz que o "cientificismo" na política "pressupõe que o bem-estar humano é sua finalidade" (1997, p.396) e que este bem-estar é pertinente tanto ao socialismo quanto ao capitalismo, ou seja, os conhecimentos e a técnica foram e são utilizados por um e por outro em "prol" do ser humano, pois nenhuma forma de governo abre mão de suas conquistas científicas. É a partir desta relação entre cientificismo e política que se abre a discussão sobre Biopolítica.

Em *Homo Sacer: a vida nua e o poder soberano*, Giorgio Agamben faz a origem da biopolítica remontar à Antiguidade, partindo da análise dos dois termos que os gregos utilizavam para exprimir aquilo que se chama "vida": *zoé*, "que exprime o simples fato de viver comum a todos os seres vivos" e que ele passará a chamar de "vida nua"; e *bíos*, que indica "a forma ou maneira de viver própria de um indivíduo ou de um grupo" e que será tratada como "vida qualificada ou politizada" (ver AGAMBEN, 2004a, p.09). Quando a vida nua "começa a ser incluída nos mecanismos e nos

cálculos do poder”, ou seja, na política, que tem por fundamento a qualificação do simples viver, então ela se transforma em biopolítica (Ibidem, p.11).

A tese de Agamben se vale ainda do estatuto de uma figura do direito romano arcaico, denominada *Homo sacer*, cuja interpretação concentra traços contraditórios: “Homem sacro é aquele que o povo julgou por um delito; e não é lícito sacrificá-lo, mas quem o mata não será condenado por homicídio...” (AGAMBEN, 2004a, Notas do tradutor, p.196). Agamben se encarrega de resolver a “especificidade” desta figura enigmática e se propõe a utilizá-la como um elemento que pode lançar luz sobre uma zona “que precede a distinção entre o sagrado e o profano, entre religioso e jurídico” e que, posteriormente, será representada pelo espaço em que o Estado pode legitimar a violência, a arbitrariedade e a suspensão dos direitos, ou seja, o “Estado de exceção”, que deixa impune qualquer violência contra o sagrado, contra as vidas de *homines sacri*, tornadas nuas.

O campo de concentração (*Konzentrationslager*) representa uma dessas zonas de violência e impunidade que teve nos regimes totalitários do século XX, notadamente o nazismo, sua expressão mais cruel e desumana. Nele, a indistinção entre fato e direito criou uma condição muito parecida a do *homo sacer*, cuja vida era considerada “matável” e “insacrificável”, ou seja, não podia ser “objeto de sacrifício”, pois “aquilo que é *sacer* já está sob a posse dos deuses... portanto não há necessidade de torná-lo tal com uma nova ação” (KERÉNYI apud AGAMBEN, 2004a, pp.80-81).

Os estados de exceção nos totalitarismos dispuseram da vida nua dos cidadãos ao fazerem dela “sujeito-objeto da política estatal”. Esta vida que se encontra na zona de indistinção entre o fato e o direito fica à mercê de uma política que, muitas vezes, impõe uma verdade fictícia. Conforme Agamben, essa condição delicada em que se encontra a vida nua está presente não só nos campos de concentração e extermínio, mas em todas as situações anódinas em que “o ordenamento normal é de fato suspenso”, permitindo que aí se “cometam ou não atrocidades”, não dependendo mais do direito, mas somente da “civildade e do senso ético” de quem está agindo como soberano (ver 2004, p.181).

No capítulo 5, da parte 3, ele nos fala das VPs (*Versuchepersonen*) ou cobaias humanas. Descreve alguns experimentos conduzidos por médicos e pesquisadores

alemães durante os anos de nazismo. Ao final do capítulo, após relatar ocorrências análogas nos Estados Unidos (detentos foram infectados com o plasmódio da malária, outros com a lepra, outros ainda foram submetidos ao bacilo do beribéri), ele pergunta como pode ser possível que experimentos dessa natureza “pudessem ter sido conduzidos em um país democrático” (2004a, p.166)<sup>96</sup>.

Quanto ao caso específico dos campos, a resposta que ele imagina é tão preocupante quanto a pergunta: na condição em que as VPs se encontravam (condenadas à morte ou detentas), elas eram consideradas politicamente nulas:

...privados de quase todos os direitos e expectativas que costumamos atribuir à existência humana e, todavia, biologicamente ainda vivos, eles vinham a situar-se em uma zona limite entre a vida e a morte... na qual não eram mais que vida nua (...) inconscientemente assemelhados a *homines sacri*, a uma vida que pode ser morta sem que se cometa homicídio. O intervalo entre a condenação à morte e a execução... delimita um limiar extratemporal e extraterritorial, no qual o corpo humano é desligado de seu estatuto político normal e, em estado de exceção, é abandonado às mais extremas peripécias... (AGAMBEN, 2004a, p.166).

No capítulo 6, dessa mesma parte, Agamben dará outro exemplo de zona fronteira entre a vida e a morte ou “terra de ninguém”: o estado de coma. Ao longo dos anos de discussão sobre o critério para constatação da morte - que veio a ser a morte cerebral -, notou-se uma oscilação entre decisão médica e decisão legal, ou seja, entre medicina e direito (ver AGAMBEN, 2004a, p.170). Deste embate flutuante, o que se pode aduzir é o caráter político da decisão, por isso ele fala em politização da morte, quando já havia tratado da politização da vida.

Portanto, conforme especificou, a instância soberana se coloca nessa condição de “dever separar em um outro homem a *zoé* do *bíos* e de isolar nele algo como uma vida nua, uma vida matável” (2004a, p.149). Nesta circunstância, qualquer tipo de violência contra a vida humana se coloca “na intersecção entre a decisão soberana sobre a vida matável e a tarefa assumida de zelar pelo corpo biológico da nação” (Ibidem, p.149). Esse poder soberano que “zela” pela vida da nação é o mesmo que “decide sobre o valor e o desvalor da vida enquanto tal”, ou seja, aquele que, a exemplo do programa

---

<sup>96</sup> A eugenia, por exemplo, desenvolveu-se notadamente nos Estados Unidos da América, berço da democracia moderna e arauto da liberdade. Antes de ser aplicada de forma genocida pela Alemanha nazista, reinou entre “respeitados professores, universidades de elite, ricos industriais e funcionários do governo” americano (cf. Edwin Black apud CAMARGO, 2004, p.106).

de higiene racial do nacional-socialismo, decide que vida é digna ou indigna de ser vivida.

Segundo Agamben, essa legitimação da biopolítica como “tanatopolítica” assinala o momento que integra a medicina (ciência) à política, isto é, em que as decisões médicas passam a ser decisões políticas. No AMN, a eugenia é exatamente uma decisão política, quer dizer, a legitimidade dos procedimentos eugênicos reside no poder soberano do Estado Mundial de dispor das vidas nuas em prol do bem-estar da vida da própria COMUNIDADE, bem-estar este que está inteiramente vinculado ao ritmo estável da máquina do Estado.

Além disso, o sistema novo-mundista eliminou o mal-estar que poderia ocasionar uma impopularidade semelhante a do programa nazista: a partir do momento em que o destino dos cromossomos passa a ser decidido no espaço de uma lâmina de microscópio, já não se expõe o processo de aniquilamento aos olhos da população, que, ao receber informações sobre o que ocorre, as entendem como medidas para o bem coletivo. Isto se torna ainda mais patente com as palavras do D.I.C., que demonstram o duplo valor do material genético de que o Estado dispunha para os procedimentos de fecundação: “a operação suportada voluntariamente para o bem da Sociedade, sem esquecer que proporciona uma gratificação de seis meses de ordenado” (HUXLEY, 2001, p.35). Evidencia-se o apreço político (“para o bem da sociedade”) e o valor monetário (“gratificação de seis meses de ordenado”), comprovando o espírito estatal-capitalista desse mundo.

O cientista, portanto, se move numa “terra de ninguém” que, nos estados de exceção, é privilégio do soberano. Assim, a ciência é a soberana num espaço excepcional representado pelo laboratório onde a vida nua, ainda em estado embrionário, é controlada pelo homem e por sua tecnologia: o embrião em seu leito de peritônio, nutrindo-se de pseudo-sangue, numa circulação materna artificial.

Considerando-se as especificidades do biopoder apresentadas por Agamben, o caráter biopolítico do sistema novo-mundista não deixa dúvidas nesta colocação do especialista Henry Foster: “Nós também predestinamos e condicionamos. Decantamos nossos bebês sob a forma de seres vivos socializados...” (HUXLEY, 2001, p.44). Ora, essa predestinação de que fala Foster parece um eco dessas palavras de Ottmar von

Verschuer, geneticista do Terceiro *Reich*: “A herança biológica é certamente um destino: mostremos então sabermos ser os senhores do destino, enquanto consideramos a herança biológica como a tarefa que nos foi atribuída e que devemos cumprir” (apud AGAMBEN, 2004a, p.155).

A predestinação dos genes para os nazistas era, assim como no AMN, uma tarefa política, ou melhor, biopolítica. Diante do estágio embrionário do ser, talvez fosse adequado falar em *embryon sacer*, pois é o embrião que se encontra na situação paradoxal daquela figura enigmática: matável e insacriável, pois já está nas mãos dos “deuses” do “Centro de Incubação e Condicionamento”. Lançado ao mundo exterior, isto é, decantado, esse embrião, esse corpo biológico tornado agora ser vivente, já tem sua existência predestinada (será um Alfa, um Beta, um Gama, um Delta ou um Ípsilon). Doravante será seu corpo *político* que se encontrará na zona de indefinição entre a vida e a morte.

Neste ponto, o Estado, que dispõe totalmente da condição de existência desses seres, continuará a sua tarefa política agindo sobre a *bíos* (modo de vida) de cada um, despojando-os de “todo estatuto político” e reduzindo-os “integralmente a vida nua”, como os nazistas fizeram com os detentos nos campos. Anulados e reduzidos à simples condição de viventes sem palavra, os seres novo-mundistas terão suas condutas condicionadas, moldadas, ou seja, o Estado dará forma à sua vida na *polis*, a fim de que se tornem simples corpos úteis e dóceis. Logo, a fabulação satírica de Huxley aparece como um estágio seriamente avançado da biopolítica moderna: “o ingresso da *zoé* na esfera da *polis*, a politização da vida nua...”, como dissera Agamben (2004a, p.12).

Todo esse processo de moldagem da vida tem um caráter moralmente complexo, pois pode ser visto sob duas formas: pela massa incauta, como medida humanitária que busca o seu bem-estar social; e aos mais atentos, como forma premeditada de dominação do outro, para fins de interesse próprio. O que os fatos não cansam de nos mostrar é que aquele que detém o poder soberano tem convencido a população – através de ficções bem engendradas - do teor humanitário de suas medidas, mas, na maioria das vezes, elas são guiadas pelos interesses particulares da sua classe



dominante. É exatamente sob esta suspeição que Arendt analisara as medidas totalitárias e Agamben julgara as biopolíticas.

No tópico anterior, valemo-nos das considerações de Arendt para iluminar alguns aspectos da política totalitária no AMN e, nesse momento, o universo novo-mundista ganha nova luz ao ser lido sob essa tese da biopolítica. Ao confluirmos as observações de ambos, almejamos algo próximo do objetivo de Agamben, que buscou conciliar o que Hannah Arendt e Michel Foucault haviam deixado separado: tanto aquela quanto este deixaram veias abertas por não relacionarem, em seus estudos, as questões do totalitarismo às da biopolítica (ver AGAMBEN, 2004a, pp.11 e 12). E Agamben acredita que os “enigmas” apresentados à razão histórica pelo século XX - e que permanecem atuais - só poderão ser resolvidos no terreno biopolítico “sobre o qual foram intrincados” (Ibidem, p.12). Somente nesse terreno poderá se decidir se as categorias que fundaram a política moderna deverão ser abandonadas ou reencontrarão o significado que, porventura, possuíam.

Como pode ser visto em *Homo Sacer*, para ilustrar essas relações intrínsecas entre totalitarismo e biopolítica, Agamben citara as situações que caracterizam estados de exceção, considerando-os expressões paroxísticas da biopolítica moderna. Sob a mesma luz, nossa análise considera a obra AMN a sua expressão literária paroxística, pois representa exemplarmente as estratégias de “domesticação” a que o biopoder pode chegar.

Na civilização novo-mundista, os esforços ultrapassam a prática e a técnica em busca de um objetivo: a felicidade. Diante das considerações weberianas acerca da ciência, torna-se claro que esse “objetivo” é fruto de uma decisão política, já que a ciência por si só não tem um fim a que se destine. Assim, por meio da técnica, o sistema *produz* a felicidade, e os meios utilizados ilustram aquela idéia marcusiana de administração da vida humana, que coincide com idéia de Agamben sobre a politização da vida nua e que configura a de Huxley sobre a superorganização.

Esse processo civilizatório que se vale da “administração”, da “politização”, da “bioregulação” e da “superorganização” de vidas tornadas nuas visa, “nobrememente”, ao bem-estar e à felicidade. Sob esse aspecto, torna-se significativa a aproximação que pode ser feita entre a obra freudiana *Mal-estar na civilização* e o AMN, pois enquanto

Freud perseguiu a resposta para “o problema de saber por que é tão difícil para o homem ser feliz” (FREUD, 1997, p.37), Huxley criou um mundo de onde vários obstáculos apontados por Freud foram eliminados em busca da felicidade. Alguns paliativos mencionados no *Mal-estar...* e empecilhos apontados, por Freud, como causadores de sofrimento foram respectivamente acentuados e eliminados do mundo imaginário de Huxley.

É interessante frisar ainda que, dentre os métodos para se evitar o sofrimento advindo dos relacionamentos humanos, Freud sugere duas saídas interessantes: manter-se afastado do convívio social ou “tornar-se membro da comunidade humana e, com o auxílio de uma técnica orientada pela ciência, passar para o ataque à natureza e sujeitá-la à vontade humana. Trabalha-se então com todos para o bem de todos” (FREUD, 1997, p.26). Não bastassem essas sugestões tão próximas do que ocorre na civilização novo-mundista, Freud também destaca que “os métodos mais interessantes de evitar o sofrimento são os que procuram influenciar o nosso próprio organismo” e passa a falar, então, do uso de substâncias químicas - os “amortecedores de preocupações” - que, conforme vimos no AMN, é a ração diária de Soma (ver FREUD, pp.26-27).

Dessa forma, o espaço novo-mundista amplia ainda mais sua importância na determinação dos personagens. Por hora, podemos dizer que a separação que se dá entre o espaço interno (Edifício Central e suas dependências) e o espaço externo (vida da *polis*, “lá fora no jardim”) permite também uma aproximação com a idéia de campo de concentração enquanto lugar de experimento, pois, como já mostramos anteriormente, o espaço externo no AMN apresenta a vida enquanto resultado prático das experimentações que são feitas nas dependências do Edifício Central, “espaço que se abre quando o estado de exceção começa a tornar-se a regra” (AGAMBEN, 2004a, p.175).

O espaço fechado do “Centro de Incubação e Condicionamento”, dado o seu caráter excepcional de poder dispor da vida e da morte dos embriões, assemelha-se à terra de ninguém dos campos, cujas experiências miram resultados “benéficos” para a vida na *polis*. O grande receio de Huxley, ao dizer que o tema do AMN não era o avanço da ciência em si, mas o seu avanço “na medida em que afeta os seres

humanos” (2001, p.25), era que o mundo se tornasse um imenso laboratório ou que ficasse à mercê de um regime totalitário de exceção. Sob este valor incontestável, voltamos a afirmar que a ficção huxleyana revela um ser humano muito melhor do que aquele que, nos ensaios, mostrava-se seduzido pelas possibilidades eugênicas.

Ainda que Agamben tenha exposto alguns procedimentos invasivos alarmantes, é evidente que nenhuma nação soberana ainda chegou ao estágio novo-mundista de manipulação da vida nua, mas se torna cada vez mais notório que novas estratégias de biopoder poderão ser usadas no futuro, e razões “humanitárias” sempre serão evocadas para justificar essas práticas que prometem a felicidade, mas que geralmente buscam a utilidade e a docilidade. Em *Homo Sacer*, de certa maneira ele já assinala uma tendência nessa direção:

Em particular, o desenvolvimento e o triunfo do capitalismo não teria sido possível, nesta perspectiva, sem o controle disciplinar efetuado pelo novo biopoder, que criou para si, por assim dizer, através de uma série de tecnologias apropriadas, os ‘corpos dóceis’ de que necessitava (2004a, p.11).

A relação que Huxley verificava entre superpopulação e superorganização – de matriz malthusiana - tem seu valor modificado quando é observada sob o pendor biopolítico em conduzir, moldar ou dar forma à vida de uma nação, através da bioregulação de seus cidadãos. A utilidade e a docilidade seriam apenas conseqüências dessa civilização superorganizada a que ele se referira. Se retomarmos o fragmento de Marcuse, veremos que essa relação parece não ter escapado também às suas preocupações:

A complexidade cada vez maior da estrutura social tornará certas formas de regulamentação inevitáveis (...) Em conseqüência, pode emergir, por seleção, uma reserva de seres humanos geneticamente apropriados para aceitar realmente um modo de vida regulado e abrigado num mundo de abundância... (MARCUSE, 1977, p.32).

Quando falávamos do regime fordista, vimos Harvey assinalando que o regime de acumulação se materializa em normas, hábitos e leis que garantem o funcionamento do processo. Entretanto, são inúmeras as vezes em que o Estado precisa intervir para garantir a estabilidade econômica e social, e essa intervenção não se limita ao controle

de preços e salários, mas se estende, por exemplo, às formas de persuasão da propaganda subliminar. Se as instituições entendem que esse “mal” é necessário ao estabelecimento de uma sociedade equilibrada e feliz, nada impede de pensarmos que ela também não verá nenhum mal nas medidas mais invasivas.

Dessas perspectivas sombrias, nossa imaginação flui para os recantos mais insuspeitos da prática humana: “tatuagem biopolítica”, instalação subcutânea de *chips* contendo nossos dados, monitoramento de cada indivíduo via satélite e, por que não, remodelação do nosso genoma ou ainda a clonagem de bebês por encomenda, procedimento que chegou a ser oferecido pela empresa *Clonaid*, criada em 1997, nas Bahamas, para atender pedidos dessa espécie ao valor de US\$ 200 mil. Sob essas colocações, vê-se que o leque de possibilidades eugenéticas pode se expandir dos interesses estatais nazistas e novo-mundistas aos interesses privados de um projeto como aquele do filme *Gattaca*.

Atualmente, a perspectiva biopolítica mais preocupante tem como centro de atenção as questões sobre a clonagem, e a forma mais incisiva pela qual ela pode se expressar é o eugenismo, que age sobre a estrutura genética do corpo humano, representando o estágio extremo dessa política que faz do corpo uma máquina a ser adestrada, otimizada, enfim controlada para alcançar um ponto ideal de utilidade e docilidade. Daí a relevância de uma obra como o AMN, em cuja composição evidencia-se a relação decisiva entre totalitarismo e biopolítica, representando, no universo da ficção, aquilo que Agamben buscou em sua obra teórica.

Os projetos biopolíticos, no entanto, assim como todas as formas políticas pelas quais a humanidade já passou, sempre partiram – honestamente ou não – de excelentes intenções para com a coletividade, distinguindo-se, de forma geral, pelos métodos adotados. O que notamos é que no cruzamento entre a política e a vida esta parece sair, muitas vezes, prejudicada. Dadas as intenções, tal impressão constitui um contra-senso, pois coloca a vida numa situação conflituosa, cuja aporia, segundo Agamben, teve a sua mais bela metáfora oferecida por Aristóteles, que contrapôs “o ‘belo dia’ (*euemería*) da simples vida às ‘dificuldades’ do *bíos* político” (AGAMBEN, 2004a, p.18). Dessa metáfora, inclusive, surge a questão maior: “Como é possível ‘politizar’ a ‘doçura natural’ da *zoé*?” (Ibidem, p.18).

Huxley, declaradamente, e Freud, de forma subentendida, separavam indivíduo (organismo – vida nua) de sociedade (organização – vida politizada), ou seja, nas palavras de Huxley que caberiam a Freud, “a sociedade é uma organização dentro da qual se instalam os organismos individuais” (HUXLEY, 1985, p.115). Grosso modo, pode-se dizer que é justamente essa diferença essencial entre organismo e organização que constituía o maior problema da civilização para Freud - conforme a metáfora aristotélica ilustra -, e que o sistema totalitário novo-mundista tentara conciliar fazendo daquela civilização uma imensa termiteira.

Freud insinua que o problema da felicidade dá-se justamente no obstáculo apresentado pela organização ao organismo individual, segundo suas palavras “não parece que qualquer influência possa induzir o homem a transformar sua natureza na de uma térmita. Indubitavelmente, ele sempre defenderá sua reivindicação à liberdade individual contra a vontade do grupo” (FREUD, 1997, p.50), estamos, portanto, no âmago da questão sobre a *zoé* inserida na *bíos*. Em sintonia com isso, Huxley acreditava que os métodos utilizados para colocar a sociedade em ordem privilegiavam a organização em detrimento do organismo:

...uma organização não é consciente nem viva. O seu valor é instrumental e derivado. Não é boa em si; é boa apenas na medida em que promove o bem dos indivíduos que são partes do todo coletivo. Dar primazia às organizações sobre as pessoas é subordinar os fins aos meios (HUXLEY, c1959, p.51).

Nota-se, nesse fragmento, a menção à ausência de vida de uma organização, ao seu valor instrumental e ao utilitarismo que norteia seus atos (subordinação dos fins aos meios). Essas características confirmam o papel do biopoder (organização), da administração ou politização da vida nua (o organismo). Para Huxley ainda, os novos “administradores do mundo” subordinariam a massa através de uma “mistura de violência e de propaganda, terror sistemático e sistemática manipulação de espíritos” (HUXLEY, c1959, pp.51-52).

Como se vê, estamos no centro de um estado de exceção que tenta, conforme Huxley, “recriar seres humanos à semelhança de térmitas” (Ibidem, p.47). A prova disso, no AMN, era a expressão repetida pelo D.I.C: “Esta *colméia* industriosa” (HUXLEY, 2001, p.187, grifo nosso). O Estado totalitário novo-mundista é a expressão

maior dos abusos da razão instrumental, além de ser extremamente desconcertante o efeito que causa: o extraordinário sucesso do condicionamento cria uma atmosfera de sujeição tão sutil e natural que simula um teor de felicidade para nós inquietante. Somente os incólumes percebem tamanha agressão, os condicionados não a percebem e, pior, a defendem<sup>97</sup>.

No afã insano de encontrar esse ponto ideal, os homens têm submetido a vida nua a toda espécie de absurdos. Sob esse processo inconcluso de busca, que se propõe a invadir os recantos mais sagrados da natureza humana a fim de lhe oferecer um estado de bem-estar até então inconquistado, corre-se o risco de que a eugenia apareça como uma forma de auxiliar o processo evolutivo da Natureza, pois o mapeamento do genoma humano e as novas técnicas de clonagem reprodutiva podem oferecer as primeiras condições.

As questões de ordem eugenética podem ainda, como no nacional-socialismo, fundirem-se à ciência do policiamento, cujo objetivo era tutelar completamente a população. A *política* era uma “luta contra os inimigos externos e internos do Estado” e o objetivo da *polícia* era a “tutela e o crescimento da vida dos cidadãos” (AGAMBEN, 2004a, p.154). Conforme Agamben, para compreendermos a biopolítica nacional-socialista - e mesmo boa parte da política moderna – devemos entender que ela torna indiscernível a relação entre polícia e política, pois a tutela da vida “coincide com a luta contra o inimigo” (Ibidem, p.154).

Recentemente, Agamben demonstrou seu estado de alerta num artigo escrito especialmente para o *Le Monde Diplomatique* e traduzido por Clara Allain como “Não à tatuagem biopolítica”. Neste artigo, ele justifica o cancelamento dos cursos que daria na Universidade de Nova York: “de agora em diante, quem quiser viajar aos Estados Unidos com visto será fichado e terá de deixar suas impressões digitais registradas ao entrar no país” (AGAMBEN, 2004b).

Afirma que sua recusa não é fruto somente de uma “reação epidérmica diante de um procedimento que há muito tempo vem sendo imposto a criminosos e acusados

---

<sup>97</sup> Essa pseudofelicidade talvez tenha sido o motivo que levou às traduções do título como *El Mundo feliz*, na Espanha, e *Le meilleur des mondes*, na França. Traduções sugestivas que apelam não só à pseudofelicidade, mas quem sabe também a uma leitura que vislumbra, nos métodos aplicados, uma das intermináveis tentativas humanas de buscar a felicidade que, para Freud, embora fosse essencialmente subjetiva, tem sido tratada pela civilização como algo passível de ser homogeneizado.

políticos”, mas se trata de uma oposição à “nova relação biopolítica supostamente normal entre os cidadãos e o Estado”, uma relação que não tem nada a ver “com a participação livre e ativa na esfera pública, mas diz respeito ao registro e fichamento do elemento mais privado e incomunicável da subjetividade: falo da vida biológica dos corpos” (Ibidem). Para Agamben, tais procedimentos fazem da própria humanidade a classe suspeita e perigosa por excelência, portanto, suscetível de ser ainda mais invadida por procedimentos tecnocientíficos.

Esse tipo de violência moral praticado contra o cidadão comum tem sido acatado com naturalidade e traduz uma suscetibilidade essencialmente semelhante à que se fica exposto quando em regime de exceção. A preocupação maior de Agamben é justamente a *naturalidade* com que isso vem sendo aceito pelos indivíduos, pois, quando certos procedimentos se tornam naturais, é sinal de que dispusemos totalmente nossas vidas, colocando-as na condição de vida nua.

No AMN, os procedimentos são encarados tão naturalmente que dispensam qualquer intervenção violenta por parte do sistema, conforme já mencionamos ao compará-lo às situações dos mundos imaginados por George Orwell e Chico Buarque. O fato de não existir normas jurídicas ou sequer um estado de direito na civilização novo-mundista não deve causar estranhamento considerando-se a sua condição *sui generis*: os seres nascem e permanecem sendo normatizados, portanto, a lei está embutida no simples viver de cada um, como “imediato presente” e “real presença”. A ciência, que condiciona os comportamentos, realiza, simultaneamente, o papel de policiá-los. A conduta de cada um é uma personificação exata da lei que, ao mesmo tempo, dirige e determina as vidas. Logo, cada ser vive no limiar de indistinção entre a vida nua e a norma, por isto não há necessidade de um estatuto jurídico estabelecido e muito menos de medidas disciplinares violentas.

Como vimos na obra huxleyana, a única manifestação de contrariedade que exigiu uma intervenção mais direta por parte do “policiamento” foi o momento em que John tentou sublevar os trabalhadores que recebiam sua cota diária de Soma, sendo seguido por Helmholtz Watson e, à distância, por Bernard Marx. Como pode ser verificado naquela passagem, eles simplesmente foram controlados por um mero espargir de tranqüilizantes.

Nesse caso extremado e raro, nota-se que eles foram apenas levados à presença do Administrador, Mustafá Mond, encarnação da “lei vivente” do Estado soberano. A tranqüilidade com que foram conduzidos e recebidos levou Helmholtz a gracejar: “Isto parece mais uma reunião de amigos para tomar solução de cafeína do que um julgamento” (HUXLEY, 2001, p.265). E assim parecia, pois Mustafá nem sequer demonstrou preocupação diante do que haviam feito, apenas expôs – agora mais profundamente - a situação de cada ser naquele mundo administrado, usando como exemplo a vida de um homem decantado como Ípsilon, ou seja, pertencente à massa:

“Seu condicionamento fixou trilhos ao longo dos quais ele tem de correr. Não tem outro remédio, está predestinado. Mesmo depois da decantação, ele fica sempre dentro de um bocal, um bocal invisível de fixações infantis e embrionárias. Cada um de nós, é claro, atravessa a vida no interior de um bocal” (HUXLEY, 2001, p.271).

Assim, dado esse destino imutável, Mustafá já tinha o veredicto de antemão: o exílio, cujo efeito disciplinar é moral, ou seja, sem uso de agressão física. Assim, o encontro entre ele e os “agitadores” teve o tom sereno de uma simples “reunião de amigos”, em que aproveitou para expor mais alguns valores da civilização para o Selvagem, já que os outros dois já os tinham “embutidos”, embora os tivessem contrariado.

Nos campos nazistas, os condicionadores de espíritos ainda não dispunham do “privilégio” de dar forma ao ser ainda na fase embrionária. Mas a seleção racial e os experimentos eugênicos apontavam essa busca. Como esse estágio ainda não havia sido alcançado, eles recorriam à violência desmedida e não abriam mão da propaganda ideológica que, de certa forma, assim como no AMN, gerava um “bocal invisível” cuja rota parecia imutável.

Este “bocal invisível”, em todos os casos, é o autopolicimento que garante, de certa forma, a estabilidade do corpo social. Entretanto, o nível de estabilidade no AMN está muito além do nível nazista, justamente por causa das agressões físicas perpetradas por este. A diferença substancial reside, portanto, na estabilidade individual de cada ser no mundo novo, dada a naturalidade com que encaram os procedimentos, enquanto, nos campos, a estabilidade do todo era fruto do temor pela violência, que impossibilitava a estabilidade *psíquica* dos detentos.



O valor atribuído à estabilidade aparece também na obra de Ray Bradbury, *Fahrenheit 451*, que tivera influência de Huxley. No entanto, a estabilidade da sua civilização encontra respaldo em um dos seculares subterfúgios: o “circo” ou o entretenimento alienador. Numa passagem em que Beatty, o chefe dos bombeiros (personificação do sistema), aconselha Montag, temos um discurso expressivo:

- Você precisa entender que nossa civilização é tão vasta que não podemos permitir que nossas minorias sejam transtornadas e agitadas. Pergunte a si mesmo: O que queremos neste país, acima de tudo? As pessoas querem ser felizes, não é certo? Não foi o que você ouviu durante toda a vida? Eu quero ser feliz, é o que diz todo mundo. Bem, elas não são? Não cuidamos para que sempre estejam em movimento, sempre se divertindo? É para isso que vivemos, não acha? Para o prazer, a excitação? E você tem de admitir que nossa cultura fornece as duas coisas em profusão (BRADBURY, 2003, p.84).

No entanto, Bradbury mantém um registro de violência no cerceamento que o Estado pratica através dos bombeiros que invadem residências suspeitas, ou seja, porque não há uma manipulação embrionária e hipnopédica como a do AMN, as instâncias libertadoras não são totalmente abafadas, daí as ocorrências subversivas, cuja pequena escala, no mundo fictício de Huxley, só ocorreu porque houve falhas do sistema, caso contrário, não existiriam.

No AMN, os elementos estão convencidos dos benefícios da estabilidade, aos quais eles são plenamente gratos ao sistema. Para cada um deles, o Estado se apresenta como um tutor indefectível do corpo social, e ele mesmo, hipocritamente, se reconhece nesse papel. Conforme Verschuer, a atribuição do Estado pode ser resumida com estas palavras do *Führer*: “O novo Estado não conhece outro dever além do cumprimento das condições necessárias à conservação do povo”. A vida do povo só pode ser garantida conservando-se “as qualidades raciais e a saúde hereditária do corpo popular” (in AGAMBEN, 2004a, p.154). Ocorre que não se trata apenas de salvaguardar biologicamente o povo, mas, sim, de “dar forma à vida do povo”, tratando-a, cada vez mais, como “sujeito-objeto da política estatal”, o que se dá à medida que a massa se torna atomizada e acrítica.

A discussão sobre se o AMN é realizável ou não deve ser revista. Mediante o fato histórico real dos campos de concentração - cuja questão jurídica já não se distinguia da questão de fato -, reforça-se sua possibilidade. Entretanto, sua discutibilidade se

mantém no comportamento perfeitamente dócil dos seres que nele habitam, ou seja, somente a total anulação da dimensão humana fica em suspenso, levando-nos a reconsiderar o princípio segundo o qual tudo é possível.

Entre o possível e o impossível existe a busca, e se o homem foi capaz das peripécias ocorridas nos campos nazistas, ele também o seria na busca de algo parecido ao AMN. O que não podemos afirmar com certeza é se os resultados, em termos de reação no humano, seriam exatamente os mesmos. Os mistérios que envolvem o ser humano e suas idiossincrasias podem ser seu refúgio e garantia. O problema é que isto não o livra de servir como cobaia humana num plano “demente que funciona”. A postura que deve anteceder esse suposto estágio é a de não pagar para ver.

#### **4.4 – Um pessimismo inconformado**

*A consciência do mal abre o caminho do sonho.*  
Jerzi Szacki

Depois de termos deixado bastante claras as condições de vida no universo fictício do AMN e de constatarmos que muitas reações a essas condições têm um embasamento teórico, podemos retomar o ponto em que Adorno censura a obra e o autor por seu “conformismo repugnante” e verificar se este julgamento foi justo e exato. Antes, porém, devemos rebater qualquer leitura que confunda o pessimismo huxleyano com conformismo, equívoco não ocorrido com o filósofo alemão.

A idéia de conformismo, relacionado ao profundo pessimismo de Huxley, pode ocorrer a muitos que lêem o AMN, pois a obra surgiu num dos momentos mais sombrios da humanidade e não deveria causar surpresa o fato de refletir o sentimento do autor. Ocorre que parece um pouco leviano igualar conformismo e pessimismo, embora este seja, muitas vezes, a disposição de espírito que leva àquele. O pessimismo não era atributo exclusivamente huxleyano, ao contrário, seu tom unísono fez-se ouvir em inúmeras obras ficcionais e filosóficas do período, inclusive no célebre livro de Adorno em parceria com Horkheimer, *A Dialética do Esclarecimento*, conforme nos mostra essa passagem de Jeanne Marie Gagnebin:

Escrito no exílio por Adorno e Horkheimer, o livro *Dialética do Esclarecimento* é tido como uma das mais negras, das mais pessimistas obras de filosofia contemporânea. Pessimismo cuja justificativa maior se encontra certamente na dramática época histórica da sua redação: de um lado, o nazismo triunfante, do outro, o stalinismo e, no meio, o exílio dos autores, a constatação do profundo aburguesamento da classe operária no capitalismo avançado. Para onde quer que se dirijam os olhares só há dominação e morte e, pior ainda, acomodação à morte e resignação à dominação (1997, p.108).

Os maiores motivos para o tom pessimista da *Dialética do Esclarecimento* parecem residir na constatação de um poderoso processo alienatório, engendrado no seio de uma razão que se propunha emancipadora. Adorno e Horkheimer “tentam entender como o antigo ideal de razão emancipadora... deu à luz um sistema social no qual racionalidade e dominação são inseparáveis” (GAGNEBIN, 1997, p.108). Percebe-se, com isso, a sintonia entre eles e Freud, Weber, Marcuse e, por que não, Huxley.

A primeira hipótese presente no livro de Adorno e Horkheimer é sobre a existência de um mútuo apoio entre as estruturas de organização racional e as estruturas da organização social que não está distante também do que Huxley retratou no AMN. Entretanto, ainda que o escritor inglês estivesse preocupado com os dilemas engebrados pela razão numa sociedade de consumo, assim como aqueles frankfurtianos estiveram, estes se enveredavam por outros caminhos críticos, investigando as desalentadoras aporias da razão, nas quais Adorno vira o discurso huxleyano se enredar. No embate filosófico entre Adorno e Horkheimer e a Razão, os dois filósofos sondaram cada manifestação que pudesse contribuir para a manutenção de um estado dominante de coisas. Daí os resultados que podem ser vistos no ensaio que Adorno escrevera sobre Huxley, enquanto este, por outro lado, não perscrutava os recônditos da razão, apenas buscava representar, através da ficção, alguns resultados sombrios quando de seu mau uso.

Tanto é assim que Huxley não percebia que muitos dos seus valores faziam parte do arcabouço que alimentava o que Adorno e Horkheimer criticavam, muito embora, em inúmeros momentos, as críticas daquele coincidam plenamente com as críticas destes dois, por exemplo: o mundo ficcional de Huxley representa literariamente o desencantamento do mundo, o aburguesamento do operariado, sua alienação e

reificação, a mitificação e a degeneração da razão e da ciência, enfim, vários aspectos que vinham sendo alvos das críticas frankfurtianas.

Poderíamos imaginar que a diferença de prisma entre Adorno e Huxley – entre outras coisas - talvez estivesse no fato daquele acreditar que as massas eram vítimas das classes dominantes que as manipulavam e as mantinham na ignorância, enquanto Huxley, em seus ensaios, parecia incapaz de perceber isso, julgando essas massas *naturalmente* inferiores e não dando muita atenção a elas. Entretanto, não é esta a visão que o AMN nos passa, pois, nele, elas também são vítimas, considerando-se que o condicionamento específico para cada casta tem seu paralelo em nossa realidade.

Ainda quanto ao pessimismo desses pensadores, João Guilherme Merquior também o apontou nos críticos de Frankfurt, cujo motivo teria derivado da impossibilidade de vislumbrar alguma “força capaz de assegurar a reestruturação completa da sociedade” (MERQUIOR, 1969, p.149). Ele interpreta a luta dos frankfurtianos como uma “luta histórica pela conquista da felicidade”, cujos resultados são contraditórios já que revelam que no próprio progresso está contida a regressão.

O AMN é a “consciência da contradição básica da cultura” que foi percebida pela filosofia adorniana e pela teoria da civilização desenvolvida por Freud. Destarte, o pessimismo huxleyano tem o mesmo assento que o adorniano: a luta social é impossível se o possível revolucionário se encontra totalmente alienado: “Para os críticos da cultura, a vitória sobre a repressão se restringe ao campo ideológico; não vêem como ela possa passar ao da realidade (...) as saídas estão barradas (...) O protesto é amargo, porque a esperança não existe” (MERQUIOR, 1969, p.153).

Mesmo com essa visão pessimista, os frankfurtianos não perdem o interesse e nem a objetividade que lhes permitem análises profundas e precisas da sociedade. Por isso, Huxley não é poupado assim como todos os que teceram críticas anti-tecnológicas e anti-sociedade de massa com inspiração conservadora. O que interessa para a crítica imanente, por exemplo, é o que o escritor não quer dizer, pois ali está a História. Para Adorno, as obras de arte eram “a escrita inconsciente da História” e o inconsciente huxleyano trazia elementos que não desfaziam a “infame continuidade”.

Diante dessas colocações, entende-se a postura crítica de Adorno ante a obra huxleyana, cuja leitura revela a complexidade de um problema que, apresentado como definitivo, sugere uma visão conformada:

O que se deve reprovar no romance não é o momento contemplativo enquanto tal, que este compartilha com a filosofia e com qualquer representação, mas o fato de que ele não inclui em sua reflexão o momento de uma práxis que poderia romper com essa infame continuidade (ADORNO, 2001, p.115).

Não se pode esquecer que o próprio Huxley reconheceu a negatividade do beco sem saída que gerara. No prefácio de 1946, lamentou não ter oferecido uma terceira alternativa ao *Selvagem*, uma possibilidade construtiva. Para ele, isto foi “o defeito mais grave do romance” (ver HUXLEY, 2001, pp.22). No entanto, Richard Gerber considera que a introdução dessa terceira possibilidade na obra a teria tornado “one of those tendentious utopias advocating a definite political programme” e o AMN não precisava disto, pois “is a brilliant intellectual *tour de force*” (GERBER, 1955, p.127). De qualquer forma, Adorno aponta o que para ele são outras falhas no romance e que configuram o tal “conformismo repugnante”:

O fato de que o *circulus vitiosus* minuciosamente elaborado por Huxley tenha suas falhas não se deve a defeitos em sua construção imaginária, mas à concepção de uma felicidade subjetivamente perfeita, mas objetivamente absurda. Se a sua crítica à felicidade meramente subjetiva é válida, então a idéia de uma felicidade meramente objetiva, separada dos anseios humanos e hipostasiada, também sucumbe à ideologia. O fundamento da inverdade é a separação entre subjetivo e objetivo, reificada em alternativas rígidas (...) Huxley fetichiza o fetichismo da mercadoria (...) atribui à técnica uma culpa, a eliminação do trabalho, que não reside nela mesma, mas é a consequência... de seu entrelaçamento com as relações sociais de produção (...) Huxley tem em vista algo como um sujeito integral da *ratio* tecnológica, sem nenhuma contradição interna, e conseqüentemente um “desenvolvimento total” simplista. Tais concepções são superficiais (...) Embora ofereça uma instigante fisiognomia da unificação [*Unifizierung*], ele falha em decifrar os sintomas dessa unificação como expressões da substância antagônica, da pressão da dominação, que tem como fim a totalidade (...) O truque formal de falar do futuro como se fosse o passado confere ao conteúdo um conformismo repugnante (ver ADORNO, 2001, pp.108, 110, 111, 112 e 115, respectivamente).

Nota-se que Adorno revela aspectos que apontam um espírito conformado. Mas acreditamos que a obra de Huxley possui sua força justamente na configuração de um universo deprimente, jogando na face do leitor um mundo que seu comportamento acríptico pode engendrar. Sabemos que o teor desesperançado da distopia contraria a

expectativa dos que descrevem utopias. Segundo Arnhem Neusüss, a utopia tem uma dupla tarefa: “despertar el espíritu durmiente del presente y orientarlo de nuevo” (1971, p.185). Para ele, a utopia influi no curso da história mediante três funções: primeira, ao conciliar presente e futuro, pela sua força intelectual e espiritual, tem uma influência criativa sobre o porvir: “ella administra la herencia del futuro” (Ibidem, p.186); depois, “el optimismo volitivo activo de la utopia, su continuo inquirir y buscar, impulsa la dinámica acción socio-humanitaria [...] La utopia es la fuente inagotable de todas las corrientes del idealismo social” (Ibidem, p.187); por fim, ao lembrar os homens de que eles são senhores do seu destino, “acentúa el hecho de que el futuro de la sociedad está en manos de los propios hombres” (Ibidem, p.189).

Diante dessas considerações de Neusüss, parece que um dos graves problemas do AMN, para Adorno, foi o “caráter inelutável da utopia negativa” (ver ADORNO, 2001, p.111), e também a desesperança implícita no não ter configurado uma saída ou apresentado uma solução otimista para o problema. Contudo, o universo novo-mundista regido pelo totalitarismo desfaz a figura da esperança pelos mesmos motivos apontados na obra de Hannah Arendt, outra com teor pessimista:

O impiedoso processo no qual o totalitarismo engolfa e organiza as massas parece uma fuga suicida dessa realidade. O “raciocínio frio como o gelo” e o “poderoso tentáculo” da dialética que nos “segura como um torno” parecem ser o último apoio num mundo onde ninguém merece confiança e onde não se pode contar com coisa alguma (ARENDETT, 1997, p.530).

O texto de Arendt apresenta inúmeros motivos para entregarmos os pontos, mas finda com uma mensagem de esperança nesse homem que tem o futuro nas próprias mãos - como frisara Neüsuss. Aqui, Adorno poderia repetir a aprovação do D.I.C: “Este é o espírito que me agrada!”. Mas, a vida “moldada” pelo biopoder totalitário no AMN permite que os indivíduos tenham nas mãos algum futuro que não seja o que o próprio Estado decide? Lembremos as palavras de Foster (“nós predestinamos”) e as de Verschuer (“sabermos ser os senhores do destino”).

Não há como negar a perspicácia de Adorno ao desvelar o conformismo “inconsciente” nas entrelinhas de Huxley, que se ilumina nas considerações adornianas citadas acima. Entretanto, na superfície do romance, ou seja, no mero desenrolar do enredo, não podemos rejeitar, simplesmente, a falta de saída e o suicídio do Selvagem

como fatores literários inverossímeis. Sob este prisma, reagir-se-ia melhor se John contrariasse todas as regras da boa verossimilhança interna e encontrasse uma forma satisfatória de viver naquela civilização, sem ter que sucumbir ao ato supremo e “repugnante” de conformismo: o suicídio. Mas, fora dos seus domínios ideais, John não ficara exatamente na linha fronteira entre a morte física e a total anulação de seu próprio ser? Por mais paradoxal que seja, nessa situação limite, o suicídio não é um ato de in-conformismo?<sup>98</sup>

Sob o contexto ficcional no qual John fora colocado, embora seja deprimente, ninguém pode considerar seu ato como inverossímil. Quando foi convidado a ir para a civilização, proferiu pela primeira vez os versos de Miranda (“Oh, Brave New World...”), demonstrando interesse e expectativa<sup>99</sup>. Entretanto, a realidade mostrou que o objeto de sua imaginação não existia e toda a expectativa transformara-se gradativamente em decepção, até se tornar uma total repugnância após o diálogo “indigesto” com Mustafá. Neste diálogo, o Administrador completara a descrição do tétrico quadro civilizacional, minando completamente os argumentos do Selvagem e “envenenando” seu espírito com a desesperança.

A desolação e o nojo de John ficam evidentes no início do último capítulo (XVIII), quando estava no banheiro vomitando e fora interpelado pelos amigos Helmholtz e Bernard. Este último lhe pergunta: “Comeu alguma coisa que não lhe fez bem?”. A resposta é muito significativa: “Comi a civilização [...] Ela me envenenou; fiquei contaminado [...] engoli minha própria perversidade” (HUXLEY, 2001, p.291)<sup>100</sup>. Essas

---

<sup>98</sup> Talvez alguns preferissem que Huxley descrevesse um Bernard Marx mais decidido e corajoso e também não finalizasse a história com o suicídio de John. Curiosamente, foi essa a leitura feita por Leslie Libman e Larry Williams que dirigiram a versão do AMN para a televisão, em 1998. Nela, Bernard é um homem decidido, que, no fim, abandona o cargo de Diretor e foge para um lugar paradisíaco com Lenina, que espera um filho seu. Quanto a John, não se mata como no livro: a cena descrita no filme é a mesma, com a diferença que, ao fugir dos repórteres e câmeras, ele se desequilibra e *cai* num precipício (Ver *Admirável Mundo Novo*, 1998).

<sup>99</sup> Campbell (1997) destaca as três vezes em que John proferiu esses versos. A primeira, quando é convidado a ir para a civilização, Campbell diz que “is invoked as a basis for hope”; a segunda vez foi ao ver o processo técnico de reprodução das várias castas e sua assustadora homogeneidade; e a terceira, foi quando morreu sua mãe e ele incitou os operários a se rebelarem. Antes de sua ida, John disse a Marx que “os momentos mais felizes eram aqueles em que ela (Linda) lhe falava sobre o Outro Lado. ‘E a gente pode mesmo ir voar sempre que tem vontade?’”. E sua mãe prosseguia descrevendo as maravilhas da civilização e povoando seu espírito de expectativas, até que chegasse a tal mundo civilizado (ver HUXLEY, 2001, p.166).

<sup>100</sup> No original essas passagens são: “‘Did you eat something that didn’t agree with you?’ [...] ‘I ate civilization’ [...] ‘It poisoned me; I was defiled. I ate my own wickedness’” (HUXLEY, 1955, p.289).

palavras indicam que houvera uma espécie de identificação do Selvagem com traços da civilização.

O movimento de identificação e rejeição de alguns traços comprova a ambivalência de sentimentos para com essa civilização. John rejeitava muitos de seus aspectos, mas se rendera a alguns de seus confortos. Além do que vimos em outras passagens, nesse final há uma que descreve bem essa ambivalência, quando, antes de deixar Londres, vai comprar alguns equipamentos para sobreviver no seu retiro:

“Não, nada de pseudofarinha de amido sintético e resíduos de algodão, mesmo que seja mais nutritiva”. Mas, quanto aos biscoitos panglandulares e à pseudocarne vitaminada, *não pudera resistir às palavras persuasivas do vendedor*. Contemplando agora as latas, censurou-se amargamente por sua fraqueza. Asquerosos produtos civilizados! (HUXLEY, 2001, p.296, grifos nossos).

O aspecto mais sugestivo é o fato de John ter se deixado levar pela persuasão mercadológica do sistema capitalista. Huxley pareceu sugerir que a rendição ao consumismo é uma forma perversa de auto-envenenamento, que ocasiona a “morte” do espírito pela contaminação gradativa, metamorfoseando aquele que era (ser) naquele que tem (ter), aquele humano que reage naquele autômato que acata irrefletidamente. Mesmo que John tenha se censurado, demonstrara que sua fraqueza já era um sinal de envenenamento e que, portanto, ficara suscetível aos encantos da mercadoria.

Em seu retiro, afastado da civilização, parecia renascer algum tipo de esperança (cantava e planejava fazer uma horta e caçar), mas era apenas o alívio de poder se livrar das características da civilização que tomara para si: “No fim das contas, não era para cantar e ser feliz que tinha ido para lá. Era para escapar à contaminação da imundície da vida civilizada; era para purificar-se e tornar-se virtuoso; era para redimir-se ativamente” (HUXLEY, 2001, p.297). Esse isolamento, além de caracterizar o individualismo que grassa em nossa sociedade moderna, assemelha-se bastante àquela primeira sugestão dada por Freud para que o homem se afastasse do sofrimento.

Entretanto, o Selvagem não foi deixado em paz e logo se viu cercado pelos civilizados curiosos, que o atribularam até que buscasse a única e definitiva forma de isolamento: o suicídio. Não fora a primeira vez que esse desejo surgira; antes, quando



ainda estava na Reserva, a vontade de se matar se manifestara por outro motivo, num momento de extremada solidão:

...não era pela dor que ele soluçava, era porque estava inteiramente só, porque fora escorraçado, sozinho, para aquele mundo sepulcral de rochas e luar. À beira do precipício, sentou-se. Tinha a lua às costas, mergulhou o olhar na sombra negra da *mesa*, na sombra negra da morte. Não precisava dar mais que um passo, um pequeno salto... (HUXLEY, 2001, p.175).

Agora, nesse retiro onde buscou voluntariamente o isolamento e a solidão, teve certeza da sua eterna condição de estrangeiro num mundo alheio às suas expectativas. Portanto, a escolha pelo suicídio confirma seu não pertencimento ou, agora, mais precisamente, seu desejo de não pertencer a essa espécie de mundo, onde a ausência de vida já reina.

Há que se considerar ainda que o ato de suicídio é um ato de *escolha*. Escolher é afirmar a condição de sujeito que os outros não têm, como dissemos. Os indivíduos do AMN não fazem nenhuma escolha, nem para viver, nem para morrer: o Estado mantenedor criou meios de transformar a morte em algo feliz, ou seja, eliminou o sofrimento mesmo na situação derradeira<sup>101</sup>. E até o fósforo de seus cadáveres é aproveitado nesse mundo em que “só se perde o berro. Por isso mesmo é que... ninguém mais berra”, como ironizara Chico Buarque (cf.1974, p.80).

No mais, há algo da estética judaico-cristã no sofrimento que resgata e valoriza a dimensão humana do sujeito: viver é sofrer e sofrer é estar vivo. Suas dores físicas e espirituais lembram-no disso e o diferencia daqueles seres sem vida, exangues, que não sofrem dor de espécie alguma. A intenção huxleyana, ao sugerir isso, tinha um fundamento louvável. Entretanto, concordamos com Adorno quando censura a frouxa argumentação de John para tentar justificar o sofrimento, pois, não conseguindo contradizer seu interlocutor (Mustafá), acaba apologizando o sofrimento por ele mesmo:

a exaltação deliberadamente insolente do sofrimento evoca não apenas uma característica do individualista perdido, mas a metafísica cristã que promete a redenção futura graças unicamente ao sofrimento [...] o culto do sofrimento torna-se um absurdo fim em si mesmo (2001, p.103).

---

<sup>101</sup> “Nós tentamos criar aqui uma atmosfera inteiramente agradável, algo assim entre um hotel de primeira categoria e um palácio de Cinema Sensível...”. Foi o que disse uma enfermeira a John que fora visitar Linda no “Hospital de Park Lane para moribundos” (HUXLEY, 2001, p.244). Há ainda o condicionamento para a morte.

Mas, Huxley não percebeu que a rigidez conceitual de ambos debatedores acabou sugerindo algo diferente do que esperava, qual seja: quando John reclama o direito de ser infeliz, não pretende promover o sofrimento a um “absurdo fim em si mesmo”. Abaixo dessa reclamação havia uma apologia à vida, ao sentir, ao *ser* humano. Uma resistência ao estilo de vida hedonista que, ao negar o direito à solidão, nega o encontro do sujeito consigo mesmo, muitas vezes circunstância que causa sofrimento, mas, noutras, necessária à formação do sujeito.

A psicanalista Maria Rita Kehl diz que a nossa cultura não produz “modos de sofrer”, pelo contrário, ela é uma cultura hedonista que acredita “que é preciso viver sem nenhuma dor” e que o sujeito só deve buscar o sucesso, o gozo (cf. KEHL, 2005). Exatamente o que Huxley pretendia com a atmosfera novo-mundista, cuja idéia subjacente é a mesma que Kehl aponta em nossa cultura: “bem estar é estar livre da subjetividade”. A idéia era que o homem civilizado não é pleno como o Selvagem, que mantendo essa instância do sofrimento intocada resguarda sua magia, que fora despojada do mundo daqueles pela extremada racionalização.

Quanto a esses aspectos, Karl e Magalaner atentam muito bem para as semelhanças entre John e outras duas personagens huxleyanas, Mark Rampion, de *Contraponto* (1928) e Miller, de *Sem olhos em Gaza* (1936):

Su ansia de vida, sus ideales de pureza y de integridad, su aceptacion de una existencia natural, todas esas cosas formaban parte de la doctrina blakeana de Rampion. Con su rechazo de un mundo mecanizado y conscientemente determinado, él reacciona con desdén, tal como lo hizo Rampion con respecto a la sociedad de Londres que era incapaz de sentir o de “relacionar”. Su *salvajismo* es su naturalidad, que puede parecer salvaje a los seudocivilizados. La vida que se le pide que acepte es una prisión en la que la carne solo puede existir a expensas del espíritu (KARL & MAGALANER, 1969, p.253).

Assim, o suicídio foi uma forma que John encontrou de afirmar-se enquanto sujeito, diante de pessoas que não podiam fazê-lo. Atirar na face desta civilização sem escolha, o privilégio da escolha que só quem é sujeito possui. Logo, para ele, seu ato penitenciava a si e à civilização desumana, que recusara e aniquilara a humanidade de cada um. Para poder afirmar-se, teve que se anular como o Odisseu – “protótipo do indivíduo burguês” para Adorno - que renunciou a si mesmo ao dizer a Polifemo que se chamava “Ninguém” (cf. ADORNO & HORKHEIMER, 1985, p.65).

Trata-se, como dissera o próprio Adorno, de uma “astúcia” que tem sua parte no sacrifício (ver *Ibidem*, p.61). A suposta covardia de Odisseu, ao se anular, torna-se “um elemento do caráter”, assim como em John. Tanto o herói homérico quanto o anti-herói huxleyano são fisicamente fracos. A diferença se encontra no fato significativo da virtude homérica ser reconhecida e respeitada, enquanto a virtude de John – sua humanidade – é desprezada como sendo uma fraqueza. Entretanto, de certa forma, ambas as personagens fazem da fraqueza uma força: anular-se para se afirmar. As próprias palavras de Adorno e Horkheimer sobre a “mutilação” de Odisseu servem exatamente para justificar o ato suicida do Selvagem: “golpes que desferiu contra si mesmo a fim de se autoconservar” (1985, p.61). Mas, enquanto o herói grego salva a própria vida com mais essa artimanha, John desiste da sua, pois não havia uma Ítaca para onde retornar.

Como já dissemos, o sentimento ambivalente de John para com a civilização reflete a ambigüidade do autor, presente na obra. Dada essa ambigüidade, o AMN pode ser lido sob dois registros: de aceitação ou de rejeição daquele mundo. Sob o primeiro, surgem leituras que minimizam o efeito crítico da obra ; sob o segundo, resgata-se o valor de resistência como tentamos fazer. Logo, o AMN pode ser considerado uma obra pessimista, como toda distopia deve ser, mas não conformista, pois ela provoca, sim, um sentimento capaz de romper, de outra forma, com a “infame continuidade”. Como dissera Szacki :

...toda crítica é crítica em nome de algo positivo. Não há em essência ideologia ou atitude puramente “nihilista”: mesmo quando rejeitamos “tudo”, preservamos como valor não questionado o não conformismo, a oposição, a revolta, a liberdade. O mundo pode ser mau somente em função dos valores afirmados pelas pessoas que o julgam mau (1972, p.120).

Além do mais,

Dada a flexibilidade da fronteira entre ideais positivos e negativos, a luta ideológica pode ser feita tanto pela oposição dos próprios ideais aos ideais alheios, como pela apresentação dos ideais dos adversários deturpados de tal maneira que apareçam como repulsivos: uma apresentação que expõe tudo aquilo que, no contexto de uma certa cultura, torna aqueles ideais inaceitáveis. Esta é a operação básica das assim chamadas utopias negativas ou, pelo menos, de um bom número delas (*Ibidem*, p.116).

Através do AMN, Huxley buscou escapar das sugestões de um mundo que se lhe mostrava corrompido e das conseqüências de um sistema contra o qual tentou resistir, usando a ironia e a sátira, mesmo que estas tenham sido substituídas, a partir de determinado ponto do livro, pela intenção diagnóstica. Logo, o AMN surge como uma diagnose que desperta a necessidade de transformações em nosso presente. Por isso, deve-se cuidar para não o ler como se fosse um “projeto programático” do autor. Quando Szacki nos fala sobre *As Viagens de Gulliver*, por exemplo, diz que se trata de uma utopia que apresenta as possibilidades “imagináveis da ciência”, a fim de desacreditar uma das formas na qual pode ser usada, e acrescenta: “É uma sátira e não um projeto programático [...] Não precisa sequer ter opinião a respeito. A utopia negativa exige somente um radicalismo na observação da situação presente” (SZACKI, 1972, pp.121-122).

O que Huxley enfeixou em forma de obra literária foi um fenômeno que já havia sido percebido pelos frankfurtianos, notadamente Marcuse:

Como Bloch, H.Marcuse estima que a repressão, sob todas as suas formas, nunca conseguiu até agora reprimir o imaginário e impedir que pela imaginação os homens prevessem outras soluções. No entanto, ao contrário de Bloch, Marcuse é hoje bastante cético quanto às possibilidades de uma Revolução tão radical. Segundo ele, a sociedade industrial elaborou uma nova forma de repressão mais sutil que a sociedade capitalista do século XX e do começo deste século. Em particular, ao reduzir sempre mais o tempo dedicado ao trabalho, a sociedade industrial encheu este “tempo livre” sem fazer dele um tempo “liberado”. De um lado pela “cultura de massa” que, industrialmente, desperta, através dos meios de comunicação de massa, necessidades artificiais a que se propõe ilusórias satisfações que só mantêm o aspecto mais superficial do prazer e que justificam aparentes ideologias que perderam totalmente o seu conteúdo crítico. De outro lado, por um processo global de integração indireta em que se mobiliza tanto as aspirações das massas, quanto a criticidade intelectual, de maneira a construir uma sociedade “equilibrada”, em que o estável e a mudança se neutralizam reciprocamente (FURTER, 1974, p.90).

Caso Huxley fosse um intelectual de esquerda, diríamos - apoiando-nos na distinção feita por Ernst Bloch - que ele teria pertencido à corrente fria do marxismo, ou seja, aquela que demarca os limites da ação histórica, “para a identificação dos obstáculos, para a desmistificação das ideologias”, já que na outra face da mesma moeda tem-se a corrente quente, que explora “as virtualidades embutidas no presente, para a exploração da felicidade futura” (Cf. ROUANET, 1987, p.215). Visto que as duas correntes são *indispensáveis*, podemos dizer que o valor desmistificador do AMN reside

na identificação e desmascaramento das nuances condicionadoras do sistema novomundista, que aprisiona a consciência dos indivíduos e aniquila as possibilidades de transformação.

Com o AMN, Aldous Huxley coloca-se ao lado de escritores como Chico Buarque e George Orwell que, conforme Moreira, têm na palavra a melhor arma que sabem utilizar. Para ele, tanto Chico quanto Orwell “foram sensíveis aos danos ideológicos e sociais que estes regimes provocam num povo [...] Há algo notável que perpassa ambos os textos, que é a crítica paralela às massas que se deixam alienar pela propaganda bem montada e deixam de reagir...” (MOREIRA, 2005, p.53). Isto que Moreira chama de “sensibilidade” nos dois escritores, Carey condenara como sendo preconceito elitista de Huxley para com as massas. Ora, por que Huxley não é tratado como os outros dois? Porque não adotou uma postura de esquerda e era um aristocrata? Porque sugerira métodos eugênicos condenáveis e desmerecera o marxismo?

A novela de Chico, por exemplo, não é uma utopia, nem uma projeção para um futuro qualquer: foi fruto de um período real, desumano, dominador e mutilador. Se não tivesse um embasamento na realidade política de nosso país, e o autor inventasse uma data referente a um futuro distante, diríamos que era uma distopia e não a alegoria de um Brasil real. Aliás, uma distopia que também possuiria muitos aspectos desalentadores: “ninguém mais reagia à desmama, à descorna e à emasculação [...] Ficou longe o tempo das veleidades” (BUARQUE, 1974, p.38 e101). Além do mais, como lembra Moreira com relação à *Fazenda Modelo* e *Animal Farm*: “No fundo os protagonistas de ambas as obras caem em desgraça” (2005, p.57). Nada diferente do AMN, que também “prima pelo caráter... conciso de denúncia”.

Lançar ao rosto dos leitores uma obra desse porte - como fizera Huxley - não é o mesmo que alertá-los para um mal bastante possível? A índole dos leitores conta muito nesse caso. Se eles são avisados o suficiente para perceberem e diagnosticarem, na realidade, os meandros de um processo representado pela ficção, então a obra adquire o valor que mostramos com nossa leitura. Se, ao contrário, eles são ingênuos “bois de presépio”, sendo essa “a única marcha que têm... ostentando a sua incompetência”, então não nos resta outra coisa a fazer senão apelar para o aboio: “Firma, boi! Esperta,

boi! Avança, boi! Ôôôôôôôôôô! Levanta, boi! Annnnnnnnda!” (BUARQUE, 1974, pp.135 e 136).

Portanto, não podemos cometer o equívoco, no caso do AMN, de condensar os teores pessimistas e conservadores num único termo: conformismo. E nem de pensar que Adorno vira o conformismo somente por este viés. O termo pode aparecer como sinônimo do conservadorismo, enquanto atitude de quem se mostra hostil às inovações, sobretudo, quando essas atingem a classe a que o conservador pertence. Mas, no que concerne à leitura do AMN, o efeito é outro e a conceituação deve ser mais precisa: conformismo é a atitude de quem aceita determinadas situações sem opor nenhuma resistência ou sem tecer algum questionamento, o que não ocorre com Huxley, pois a própria obra, ainda que pessimista, é uma forma de reação que desmente a acusação de conformismo.

Finalmente, o único ponto audacioso de Adorno do qual discordamos, foi ao comentar sobre as profecias de Huxley, pois acaba incidindo no mesmo erro que condena em sua vítima, ou seja, a precipitada convicção de que os prognósticos fossem implausíveis:

A utopia de Huxley partilha com todas as utopias abrangentes o aspecto da vaidade. Os acontecimentos tomaram outros rumos, e continuarão a tomar caminhos diferentes. O que fracassa não é a fantasia exata, mas o próprio olhar para o futuro distante, a tentativa de adivinhar a facticidade do que não existe, uma postura marcada pela impotência da presunção (ADORNO, 2001, p.113).

Como se vê, para emitir sua judiciosa sentença, assegurou-se em algo que ele próprio condenou em seu interlocutor: o prognóstico. Censurou a imaginação de Huxley por querer antecipar a incalculável transformação dos homens e rejeitou também uma visão que havia redimensionado e potencializado os atos humanos de seu tempo, levando-o a construir um mundo desumano e reificado.

Todavia, a convicção adorniana que condena a presunção da vaidade não seria, ela mesma, filha de uma presunçosa vaidade? O cerne do descarte adorniano não tem a mesma essência do ato condenado: querer antecipar a transformação dos homens? Por mais que as profecias huxleyanas não tenham se realizado totalmente, “profetizar”

que os acontecimentos “continuarão a tomar outros rumos” não é também uma presunção?

Diante de tudo o que foi visto até o momento, já temos elementos suficientes para acreditar que não devemos censurar a Arte por dar maus exemplos, como se estes não fizessem parte da vida real; vida onde se constatam, infelizmente, os caminhos alienantes que vem sendo trilhados pelos homens, cada vez mais insensíveis ao aniquilamento daquilo que os conservariam verdadeiramente humanos.

## V. ASPECTOS FINAIS

Diante do que vimos com relação à recepção crítica de Huxley, podemos perceber que houve três atitudes perante sua produção ficcional: 1) alguns verificaram seus valores literários e as suas idéias; 2) vários reconheceram apenas as idéias; e 3) outros rejeitaram seu fazer literário e seus valores morais. Os juízos ainda oscilaram em relação à fase de produção do autor, sendo que a maioria deles considera melhores as primeiras novelas e decadentes as últimas.

Greenblatt, por exemplo, considerou o AMN uma novela notável e, em muitos aspectos, o auge da arte de Huxley, que teria abandonado seu constrangido pedantismo, seus lapsos estilísticos e escrito com ousadia e segurança, marcando, assim, o fim do seu período mais produtivo (ver 1968, pp. 99 e 101) ou de maior “vitalidade”, segundo S.W. Dawson (1987, p.419).

Nosso esforço até aqui foi para mostrar que esta novela distópica possui qualidades e defeitos, porém, em seu enquadramento como sátira, utopia e ficção científica, pode ser considerada uma obra bem sucedida, cujo conteúdo é correspondido pela forma, a despeito daqueles que se interessaram somente pela sua temática. Assim, nossa atitude alia-se à primeira que elencamos, pois buscamos apresentar uma análise que reconsiderasse o valor do fazer literário e das idéias huxleyanas, reconhecendo a sua importância para a atualidade e minimizando os efeitos das atitudes de rejeição para com sua obra e seus valores.

Antes de finalizarmos, observaremos mais alguns aspectos da contemporaneidade que podem ser entrevistados nas linhas do AMN. Com isso, cumprimos nossa proposta inicial de concluir o trabalho apontando a importância da obra, muito embora acreditemos que ela já vinha sendo demonstrada no decorrer de nossa análise. Doravante, apenas pontuaremos melhor as hipóteses huxleyanas e exporemos algumas reflexões sobre a postura ética que deve ser tomada diante do horizonte que se delinea.



## 5.1 – Entre fatos e hipóteses temerosas

Ainda que se conteste qualquer aproximação entre a civilização representada no AMN e o mundo que se configura ante nossos olhos, havemos de reconhecer que existem alguns pontos de contato relevantes. O primeiro deles é justamente a falácia em que ambos estão envolvidos, de onde se pode partir a outros: assim como os indivíduos novo-mundistas não percebem o totalitarismo a que estão submetidos - julgando aprazível aquele modo de existência - os menos avisados do mundo contemporâneo acreditam viver sob um regime de perfeita liberdade democrática.

Talvez, a maior perversidade da democracia liberal vigente seja a ilusão da liberdade, ou seja, a sensação de que a incompetência é de cada um que, sendo livre, não consegue satisfazer as suas próprias necessidades e conquistar o próprio espaço num regime em que os direitos são “iguais”. Não precisamos entrar em detalhes para provar que não existem direitos iguais nesse universo de desigualdades aviltantes, nem que não faz sentido falar de libertação a um povo que, segundo Marcuse, foi tão “eficientemente manipulado e organizado” que já se julga livre (ver MARCUSE, 1975, p.14).

Além das ilusões de liberdade e democracia, temos alguns outros referentes entre a realidade e a ficção. No AMN, a cultura tradicional (Shakespeare, Pascal e Beethoven) é espanada pela poderosa mão de Mustafá ao mesmo tempo em que o Adjunto pergunta a Foster se ele irá ao cinema sensível. Essa passagem da história, além de sugerir a troca dos velhos moldes de conhecimento pelos “efeitos táteis” do cinema sensível, alude ao que acontece nos tempos atuais, em que a leitura e a reflexão são substituídas pelo entretenimento que apela às sensações.

Antes que se censure Huxley, imaginando que ele estivesse contrapondo uma arte aristocrática a uma do “povão”, deve-se observar que, numa passagem em que John está visitando Eton - “reservado exclusivamente para rapazes e moças das castas superiores” -, vemo-lo perguntando à Diretora se os alunos lêem Shakespeare e ela responde, corando, que “de modo algum”, ao que o Dr. Gaffney acrescenta: “Nossa biblioteca contém somente obras de consulta. Se os nossos jovens precisam de

distrações, poderão encontrá-las no cinema sensível. Nós não os estimulamos a procurar qualquer tipo de diversão solitária” (HUXLEY, 2001, p.206).

Essas palavras - bastante significativas, já que Huxley freqüentara Eton – propõem que o autor realmente desprezava a cultura de massa, mas não uma cultura popular gerada ou cultivada pelas camadas inferiores como afirmara Carey. Huxley, evidentemente, se referia à imposição de certo produto pela indústria cultural e que acentua a decadência da cultura de uma forma geral, além de atender aos propósitos ardilosos do governo: “No *Admirável Mundo Novo*, as distrações contínuas da mais fascinante natureza são deliberadamente empregadas como instrumentos de governo, com a finalidade de obstar o povo de prestar demasiada atenção às realidades da situação social e política” (HUXLEY, c1959, p.65).

Certamente, Huxley estava aludindo ao divertimento também como o “ópio do povo”, cujos efeitos seduzem os sentidos ao mesmo tempo em que “entorpecem” a razão crítica: as Raves, as baladas-tecno, com acordes sintetizados e hipnotizantes, os shows musicais pirotécnicos e o cinema enlatado, cuja evolução tecnológica permitiu efeitos especiais nunca imaginados, levando o espectador a quase sentir o que se passa na tela (óculos que causam a ilusão da terceira dimensão), enfim, o realce dos aspectos sonoros e visuais e, em alguns casos, a ausência de elementos requisitando a capacidade reflexiva<sup>102</sup>.

O pensamento e a reflexão parecem ter sido eliminados da “obra de arte” nessa era de reprodutibilidade técnica extraordinária. O cultivo da sensação se dá por meios muito sedutores, alardeados por uma publicidade massiva, em detrimento do esquecido hábito da leitura, exercício do pensamento. As novas gerações parecem já não ver sentido no tempo gasto com a leitura. Mas, essas condições gerais de “apequenamento” da capacidade reflexiva são mais intensificadas nas camadas menos favorecidas da sociedade, que dependem do ensino público gratuito para a formação de seus filhos: nestas camadas, a ausência de um ensino de qualidade corresponde, no

---

<sup>102</sup> No AMN, a tela anuncia assim um dos filmes a ser exibido: “Super-filme cantante, falante, sintético, colorido, estereoscópico e sensível, com acompanhamento sincronizado de órgão de perfumes” (HUXLEY, 2001, p.210). Os espectadores precisam colocar as mãos nos botões metálicos que ficam nos braços da poltrona para usufruir os efeitos sensíveis, como nessa passagem em que um “negro gigantesco” beija uma jovem Beta-Mais: “Os lábios estereoscópicos uniram-se de novo, e mais uma vez as zonas erógenas faciais dos seis mil espectadores do Alhambra titilaram com o prazer galvânico quase intolerável. ‘U-uh’...” (Ibidem, p.211).

AMN, à privação de oxigênio para os embriões que comporiam as castas inferiores, cuja função social não requer capacidade intelectual: “Quanto mais baixa é a casta, menos oxigênio se dá”, ensinava Henry Foster (HUXLEY, 2001, p.45).

Essa substituição dos modelos de formação – da leitura à imagem - não seria condenável se o tempo ocioso não fosse preenchido com diversões que não fomentam o senso crítico e a capacidade reflexiva, denotando uma perda maior que um ganho com essa infantilização hedonista. Esse “gozo” imediato não é fruto de uma escolha pessoal, mas, sim, faz parte de uma “política da felicidade administrada”, a fim de atender as necessidades do capitalismo de consumo.

Como já foi dito, enquanto no modelo capitalista de produção a ordem era reprimir o gozo para manter e não desviar a energia produtiva, nessa nova fase de capitalismo, a ordem é gozar, consumindo. O grande problema é que, além de nem todos terem cacife para tanto, essa felicidade é concebida como o estado de espírito daquele que se satisfaz com a posse de todos os bens materiais que lhe atraem. Desse universo só parecem escapar os que ainda conseguem manter o senso crítico, não se deixando levar pelo aboio do sistema e pelo brilho dos cartões de crédito.

A presença de um tempo “sem experiência” acentuou-se pela sua racionalização, cuja cristalização é a técnica. Esta, conforme Olgária Matos, “é aniquilamento do passado e apologia do presente” (1993, p.35). Esses dois fenômenos – o aniquilamento e a apologia – são suficientes para eliminar um terceiro: a perspectiva de um futuro. Assim, a dialética dos efeitos do tempo se mantém perversamente: elimina-se o passado e a perspectiva de futuro, estimula-se o imediatismo e não se colocam limites aos desejos, pelo contrário, encoraja-se o “No Limits”, o hedonismo. Essa fórmula pode ser perigosíssima, especialmente porque tem transformado o aparelho psíquico, já que a liberdade desenfreada elimina a instância reguladora do superego: só resta o Id.

A nova circunstância tem sido notada pelos especialistas, como podemos comprovar nessas palavras de Olgária Matos:

Há na sociedade da abundância, nessa sociedade da troca, nessa sociedade totalmente coordenada pelo princípio da mercadoria, o desaparecimento do sentimento de vergonha e também do sentimento de culpa. Então, há uma transformação no aparelho psíquico, porque o sentimento de culpa estava ligado ao complexo de Édipo e o sentimento de vergonha estava

ligado à questão da sexualidade. Então, o sentimento de culpa e o complexo de Édipo tendo se distendido, isso significa que o inconsciente também não é mais tão inconsciente assim, porque nós fazemos tudo que nós queremos, quer dizer, é como se o inconsciente não encontrasse mais a barreira da censura. Então, há uma mudança também no plano psicanalítico do inconsciente em curso (MATOS, 2006).

No AMN, tanto o sentimento de culpa, quanto a vergonha inexistem. Como não há uma célula familiar, não há complexo de Édipo, logo, não há culpa; e, como a sexualidade é estimulada livremente, também não há vergonha.

Olgária prossegue dizendo:

Freud falava na necessidade da pulsão, do desejo, de encontrar resistência. E esta resistência é que aumenta o desejo, porque se esse momento de resistência - do objeto de desejo – esse “não possuir” integralmente, no instante, aquilo que eu quero, essa necessidade de protelar o prazer é o tempo da construção e da sublimação do objeto de desejo (MATOS, 2006).<sup>103</sup>

O que move a vida, portanto, é um impulso em direção a algo desejado, como já pudemos notar com as explicações de Meneses, apoiada em Dolto. Essa pulsão (*Trieb*), de que fala Freud, pode ser usada em diversas acepções: “vontade intensa”, “ímpeto”, “impulso”, “necessidade”, “carência”, “desejo”, etc. Para nós, nesse caso, interessa-nos especialmente o fato de poder ser descrito como “força impelente” ou “força que coloca em movimento” (Ver FREUD, 2004, p.137).

Freud nos diz ainda que “a melhor denominação para o estímulo pulsional é o termo ‘necessidade’, e a tudo que suspende essa necessidade denominamos ‘satisfação’” (FREUD, 2004, p.146). Ou seja: se os seres do AMN são satisfeitos imediatamente, então não têm necessidade de nada, não existe, pois, uma força que os coloquem em movimento. Se o ser desejante não encontra resistência alguma para a realização de seu desejo, ele nem sequer deseja, é simples corpo orgânico estático. Exatamente o que ocorre no AMN, onde os indivíduos não encontram resistência alguma, portanto não desejam nada, não partem em busca de nada, não constroem nem destroem, não imprimem o movimento que configura a vida, não fazem história, nem sequer têm sonhos.

---

<sup>103</sup> Na verdade, Olgária quis dizer que para haver aumento de desejo, há de haver resistência, pois a pulsão não tem necessidade de encontrar resistência e, sim, tem necessidade de satisfação, *mas* encontra resistência. É isso que Freud afirma quando diz que existem “forças motivacionais que se contrapõem ao avanço das pulsões” (FREUD, 2004, p.140).

Essa entropia da história sugerida pela obra – e que Adorno também criticara (ver 2001, p.111) - parece uma tendência de nossa contemporaneidade, pois o *carpe diem* perverso auxiliou no “desaparecimento do sentido da história”. Esse fenômeno foi profetizado não só por Huxley, mas também por Orwell em *1984*, cuja “novilíngua” é um dos sinais da constante renovação e cuja destruição e substituição de documentos que registram fatos históricos e cotidianos comprovam essa tendência ao apagamento das tradições e da história, como se verifica nessa passagem em que Winston conversa com Júlia:

- (...) Percebes que o passado, a partir de ontem, foi abolido? (...) Já não sabemos quase nada sobre a Revolução e os anos anteriores à Revolução. Todos os registros foram destruídos ou falsificados, todo livro reescrito, todo quadro repintado, toda estátua, rua e edifício rebatizados, toda data alterada. E o processo continua, dia a dia, minuto a minuto. A história parou. Nada existe, exceto um presente sem-fim no qual o Partido tem sempre razão (ORWELL, 1984, pp.145-146).

No AMN, a recusa do passado pode ser exemplificada na passagem em que John questiona Mustafá sobre o motivo da proibição a Shakespeare, ao que ele lhe responde: “Já lhe disse: é antigo. Além disso, não o compreenderiam” (HUXLEY, 2001, p.267). Além do desprezo pelo antigo, menciona-se a *incompreensão*, geradora do *desinteresse* que não se deve apenas ao cultivo da irreflexão, mas também à *insensibilidade* gerada pela supervalorização do “ter” (consumo) e pelo afastamento do universo fabulado da literatura.

Na civilização novo-mundista, ainda, a estagnação temporal - regida por um princípio imutável - não possibilita qualquer mudança, qualquer alteração circunstancial, individual ou coletiva, que indique um devir histórico ou que permita o registro de acontecimentos significativos. É um eterno estar-no-mundo sem nenhuma possibilidade de vir-a-ser outra coisa. Como vimos, para Jameson, este presente perpétuo é uma característica da pós-modernidade que sofre os efeitos de uma “nova fase do capitalismo avançado, multinacional e de consumo” (1995, p.26). Assim, a feição estagnada do tempo no AMN representa o fim agonizante da História, o fim da Utopia. Daí o caráter distópico nas palavras de Mustafá:

Não se pode fazer um calhambeque sem aço, e não se pode fazer uma tragédia sem instabilidade social. *O mundo agora é estável*. As pessoas são felizes, têm o que desejam e nunca desejam o que não podem ter. Sentem-se bem, estão em segurança; nunca adoecem; não têm medo da morte; vivem na ditosa ignorância da paixão e da velhice; não se acham sobrecarregadas de pais e mães; não têm esposas, nem filhos, nem amantes, por quem possa sofrer emoções violentas; são condicionadas de tal modo que praticamente não podem deixar de se portar como devem. E se, por acaso, alguma coisa andar mal, há o soma (HUXLEY, 2001, p. 268, grifo nosso).

Essa síntese das idéias que regem o AMN aponta para uma civilização cujo estágio de desenvolvimento parece definitivo, inultrapassável. Essa evidência realmente contraria o espírito utópico que vislumbra outras possibilidades. Entretanto, como vimos, Huxley dera a entender que se tratava apenas de uma fase que antecederia a revolução niilista. Porém, ele não estaria, com o AMN, justamente condenando um mundo que já dava sinais de aniquilamento das possibilidades? Conforme Berriel:

A perspectiva utópica pode exercer a sua função, que é a de *jamais cair na esparrela de crer no fim da História*. A forma hegemônica do capital atual, o financeiro, criou toda uma cultura, que vai da arte (pós-modernismo) à teoria da História, que diz ser a forma atual insuperável e definitiva. A utopia, como um ponto de vista sobre a História, diz que há sempre outra realidade por trás da atual (2005, grifo nosso).

O que ocorre é que Huxley, assim como os que especularam sobre o fim da história, talvez possa ser visto como um dos “videntes isolados” que não ditaram, mas apreenderam um fenômeno que Perry Anderson disse possuir três variantes principais: 1) “a idéia de encerramento espiritual do repertório de possibilidades heróicas”; 2) “a visão de uma petrificação da sociedade numa única e vasta máquina”; e 3) “insinuações de entropia civilizatória” (ANDERSON, 1992, p.07). No AMN, vê-se nitidamente o despropósito de qualquer ato heróico numa civilização cuja maquinaria “produziu” e “petrificou” um estado de felicidade, configurando a entropia da História.

Logo, a obra enfeixa literariamente essas três variantes. A confluência desses temas gerou uma experiência histórica cujo sentimento comum pode ser atribuído ao desapontamento dos intelectuais que compartilhavam esperanças numa “subversão radical da ordem social estabelecida na Europa”, resultando num “profundo ceticismo acerca da possibilidade de uma nova mudança histórica” (Cf. ANDERSON, 1992, p.08).

O estudo de Francis Fukuyama (*O Fim da História e o último homem*, de 1989) vinculou-o a essa corrente de intelectuais, tendo como fonte teórica Alexandre Kojève.

Conforme Anderson, a “tese central de seu original ensaio propõe, é claro, que a humanidade atingiu o ponto final de sua evolução ideológica com o triunfo da democracia liberal ocidental sobre todos os seus concorrentes no final do século XX” (1992, p.12). Cita ainda essa passagem da sua obra:

O Estado que emerge no fim da história é liberal na medida em que reconhece e protege, através de um sistema jurídico, o direito universal do homem à liberdade, e é democrático na medida em que somente existe com o consentimento dos governados (FUKUYAMA apud ANDERSON, 1992, p.13).

Voltamos aqui àquela falácia que envolve os seres fictícios do novo mundo e os reais do nosso: que democracia é essa? Sob quais condições há o “consentimento dos governados”? A resposta está em cada página do AMN que desmistifica essa espécie de democracia e configura um totalitarismo velado. Esse mundo ficcional em que “o Estado dispõe de soluções para problemas ainda não manifestados, impedindo a população de usufruir o desconhecido e do não-administrado”, é um mundo “perfeito em si, em sua monstruosidade” e desencantado pela falta de perspectiva (cf. BERRIEL, 2005). Nele, tudo colabora para o impedimento de quaisquer transformações, para melhor ou para pior, dada a produção artificial da “felicidade” estável.

Em nosso mundo administrado - em que a mais alta ciência tem se aliado a interesses capitalistas irracionais – o pensamento e a imaginação, a partir de uma obra como o AMN, devem surtir reflexões sobre um novo estabelecimento de valores éticos que condigam com as condições atuais da humanidade, sem que se desconsidere a preservação do Humano. Por isso, concordamos com Berriel que disse: “Não é a tecnologia o nosso problema, mas a insipiência de nosso domínio moral sobre ela” (2005). Huxley estava atento a essas questões:

...vivemos num mundo de mudança incessante, mas não estamos convencidos de que essa mudança leve necessariamente a uma direção que nosso sistema de valores consideraria excelente. Se usarmos de suficiente inteligência e boa vontade provavelmente poderemos conseguir um alto grau de progresso, mas isso depende de nós e não há nada nos processos de mudança em si que torne isso obrigatório (...) Esse otimismo moderado é a visão mais notória do futuro (1985, p.103).

Huxley menciona a possibilidade de se conseguir um “alto grau de progresso”, mas como este “progresso” está à mercê dos homens, desconfia dele. Além disso, sua obra é um claro indício de que não compartilhava o otimismo de Fukuyama. Quanto a esse otimismo, foi tremendamente abalado pelos acontecimentos de 11 de setembro de 2001. Embora Anderson (1992) tenha apresentado vários argumentos que já contrariavam a certeza de Fukuyama (os discursos nacionalistas e os movimentos terroristas), somente após os ataques ao *World Trade Center* a segurança da democracia liberal fora abalada, desencadeando uma nova “caça às bruxas”, voltada agora ao novo inimigo americano: o fundamentalismo religioso que evidencia um corte bipolar do planeta.

Os inimigos da América (os *rogue States*) ameaçam a hegemonia dos Estados Unidos e, conforme o discurso americano, tipicamente imperialista, “querem impedir o resto do mundo de progredir para as delícias civilizatórias do *American Way of Life*” (ver MAILLARD, 2003). Ainda que se condene veementemente qualquer ato terrorista, não se pode deixar iludir por um governo que se apresenta como defensor universal do resto do planeta, quando, na verdade, importa-se apenas com sua própria supremacia econômica e militar.

O discurso americano distorce a realidade e estabelece o projeto de globalização como o adjudicador da felicidade universal, enquanto se coloca como vítima diante de “criminosos” que o abala. O que se insiste em não reconhecer é que o maior inimigo desse projeto é ele mesmo, com suas contradições inerentes ampliando a desigualdade entre os países e provocando descontentamentos que descambam para o extremismo. As manifestações de descontentamento - vindas do Oriente Médio ou da periferia da América Latina - ameaçam a soberania americana e os seus planos de “moldar o mundo”, conforme expressão cara a Bill Clinton. As medidas que os Estados Unidos costumam adotar para manter ou, quando muito, restabelecer a sua posição de domínio, não impedem que imaginemos um mundo administrado com os recursos da engenharia genética, já que o pensamento norte-americano, segundo Maillard, “é primeiramente utilitário” (2003).

O otimismo americano fora apenas abalado pelos eventos de 11 de setembro, mas não deixará de buscar saídas para uma “recolonização imperial do planeta”, pois é



da natureza dos governos imperialistas a “dominação aberta do mundo”, assim como o “infindável processo de expansão e de acúmulo de poder” (ver ARENDT, 1997, p.149). Tais projetos megalomaníacos produzem anseios muito próximos do pensamento de Cecil Rhodes, citado por Arendt: “A expansão é tudo. Se eu pudesse anexaria os planetas” (1997, p.154). Parece absurdo, mas recentemente George W. Bush informou que as outras nações devem prestar contas aos Estados Unidos sobre qualquer empreendimento no espaço sideral, ou seja, ele só falta, realmente, querer anexar os planetas.

O que parece nos preservar dos abusos são certos resquícios de mal-estar, oriundos de alguns valores tradicionais que, embora sejam discutíveis em certos aspectos, formam uma espécie de barreira contra o “progresso” desumano. Conquanto existam inúmeros cientistas, professores, industriais, políticos e cidadãos comuns que apenas não assumem seus anseios eugenistas, há ainda uma espécie de interdito moral preservando a humanidade. Tal interdito foi o que levou as academias de ciências de 63 países (inclusive o Brasil) a assinarem um documento pedindo o banimento da clonagem reprodutiva humana (cf.ZATS, 2004, p.250). O presidente dos Estados Unidos, por exemplo, anunciou, em 2001, que “seu governo não financiaria pesquisas que envolvem destruição de embriões humanos”, afastando provisoriamente os riscos com a clonagem humana (ver PEREIRA, 2006)<sup>104</sup>.

Entretanto, vivemos uma época em que documentos assinados não são suficientes para tranquilizar as pessoas, pois, infelizmente, estamos longe da segurança de lidar com homens honestos e cumpridores de compromissos, dada a ganância alimentada pelas possibilidades de lucro e poder. Não houvesse vários exemplos de descompromisso nesse mundo, quem sabe a humanidade se sentiria verdadeiramente segura.

Os cientistas sérios e que pretendem assegurar o exercício legal da pesquisa para fins benéficos, procuram acalmar os ânimos da sociedade trazendo informações acerca das especificidades da biogenética, como, por exemplo, na divulgação destas conclusões a que os cientistas Hochedlinger e Jaenish chegaram:

---

<sup>104</sup> Em janeiro de 2007, a Câmara de Deputados – com maioria democrata – votou pela anulação desse veto presidencial. Embora tenha conseguido a maioria dos votos, não atingiu a parte necessária para evitar o veto de Bush.

1) a maioria dos clones morre no início da gestação; 2) os animais clonados têm defeitos e anormalidades semelhantes, independentemente da célula doadora ou da espécie; 3) essas anormalidades provavelmente ocorrem por falhas na reprogramação do genoma; 4) a eficiência da clonagem depende do estágio de diferenciação da célula doadora. De fato, a clonagem reprodutiva a partir de células embrionárias tem mostrado uma eficiência de dez a vinte vezes maior, provavelmente porque os genes que são fundamentais no início da embriogênese estão ainda ativos no genoma da célula doadora (in ZATS, 2004, p.250).

As informações acima pretendem insinuar que se tem feito muito escândalo e sensacionalismo diante de situações que não são possíveis, conforme mostram os experimentos. Estamos novamente diante de circunstâncias que, pelo teor absurdo e, mais seguramente, pelo fator científico, conferem a essas possibilidades o estatuto de irrealizáveis. Sabemos que manifestações desconfiadas em artigos, entrevistas, livros ou trabalhos acadêmicos são “facas de dois gumes”, pois, tanto podem alertar e advertir, como podem tolher o avanço de pesquisas sérias e comprometidas com a vida humana. Portanto, parece que nos encontramos numa fronteira entre o que pode ser um bem e o que pode ser um mal.

Os próprios cientistas, que procuram informar para tranquilizar, reconhecem a fragilidade dos limites dessa fronteira, dada a recorrência de atos descompromissados e abusivos. A insegurança é tão patente em nossa sociedade contemporânea que praticamente todas as possibilidades funestas são aventadas, além de algumas serem reais:

Informações genéticas são altamente sensíveis e potencialmente promotoras da quebra da privacidade e do estabelecimento de políticas de exclusão. Ao mesmo tempo em que surgem novos programas voltados à identificação do perfil genético de pessoas, surgem também novas preocupações éticas quanto aos usos que serão feitos desses dados. No mundo inteiro, aumentam os casos de discriminação genética no trabalho e nas operadoras de planos de saúde, bem como a realização de análises do patrimônio genético sem o consentimento das pessoas. No Brasil, no ano passado pesquisadores denunciaram um centro público de coleta de sangue em Brasília que realizou, sem consentimento, testes com seus freqüentadores. Para conter o avanço do poder dos genes sobre a vida das pessoas, especialistas ressaltam que as novas tecnologias precisam ser cercadas de garantia legal, depositando esperanças de que um sistema jurídico eficiente seja capaz de proteger os cidadãos (DIAS & GARDINI, 2006).

Se os fatos acima (“análises do patrimônio genético”, “identificação do perfil genético de pessoas” e “discriminação genética no trabalho”) constantam a realização

daquilo que, no filme *Gattaca*, era ficção, por que devemos considerar os procedimentos do AMN como se fossem fatalismos absurdos? No mais, a intenção de tranquilizar a sociedade com conclusões do tipo daquelas apresentadas por Hochedlinger e Jaenish, funda-se numa argumentação muito frágil, pois o homem já provou ser capaz de conquistas que, quando apenas especuladas, levavam, no passado, à fogueira, como se fossem bruxarias. No entanto, hoje estão em uso naturalmente e sem condenações. Portanto, sabemos que, felizmente ou infelizmente, o homem continuará se enveredando em busca de novas descobertas (dada a natureza da ciência) e estas irão sendo introduzidas em nossas vidas e julgadas conforme revelem aspectos positivos e/ou negativos.

Sendo assim, o aventado espírito “cristão” do presidente George W. Bush - que é contra a clonagem reprodutiva assim como a clonagem terapêutica - pode ter seus dias contados, pois, dizem que o inferno está repleto de boas intenções humanitárias, mas também de surpresas, tanto que a tal cristandade de Bush parece não se incompatibilizar com seu espírito belicoso, já que invade países e destrói vidas humanas de outra maneira. Assim, de que espécie é essa moral “cristã” que rejeita a morte de alguns embriões para fins terapêuticos, mas que não considera a morte de muito civis num campo de batalha que não é deles? Acredita-se que os limites da ética devem ser os limites da biopolítica. Mas quais seriam os critérios éticos de um mundo pragmático, utilitarista e totalitário?

Com a vitória do Partido Democrata americano nas últimas eleições parlamentares e o amplo apoio da população, os cientistas receberão verbas federais para a pesquisa que, obviamente, tem seu ponto de partida fundado em ótimas intenções, com grandes promessas para a cura de muitas doenças. Daí em diante, porém, surge o receio de que os limites não sejam honrados, já que o governo americano, em outras ocasiões, já desrespeitara acordos legais firmados ou até se recusara a assinar acordos, como no caso do Protocolo de Kyoto. Ante estes afrontamentos, teme-se que as técnicas genéticas açulem, ao mesmo tempo, a imaginação e o lado inerentemente utilitarista do império americano, que independe de ideais democratas ou republicanos. Como já alertava Hanna Arendt, “a dignidade humana precisa de nova garantia”.

Desse clima de insegurança, surgem as especulações acerca da clonagem humana, assunto que provoca inúmeros questionamentos. Em primeiro lugar, a falta de informação precisa ou a simples distorção das informações tem ocasionado muitas rejeições precipitadas. No universo de possibilidades geradas pelas pesquisas genéticas, há, no mínimo, três grupos que se debatem: os que rejeitam veementemente qualquer tipo de pesquisa nessa área; os que aceitam, mas limitam essas pesquisas a fins terapêuticos; e os que concordam com o uso irrestrito das possibilidades. Digamos que entre os primeiros estão os ultraconservadores; em seguida, alguns cientistas e cidadãos moderadamente progressistas; e, no terceiro grupo, muitos eugenistas camuflados e outros declarados.

O posicionamento mais sensato parece ser o do segundo grupo, que considera as possibilidades de melhorar a vida de muitas pessoas que vivem sob condições deprimentes em função de paralisia física ou de doenças degenerativas como Alzheimer e Parkinson, entre outras situações. Nesse aspecto, eles defendem a clonagem para fins terapêuticos e não para fins reprodutivos, mas, mesmo assim, há muita polêmica porque envolve a criação de embriões humanos e a sua subsequente destruição para a retirada das células-tronco, procedimentos que encerram questionamentos como, por exemplo, a definição exata do momento em que a vida se inicia.

Nesse ponto, os limites da ciência chocam-se com os limites conservadores, geralmente de matriz religiosa, daqueles que defendem a teoria criacionista. A situação é bastante delicada e complexa, justamente porque esbarra na definição de conceituações que requerem uma conciliação entre as partes litigantes. Não haveria problemas se a discussão girasse em torno, apenas, da decisão entre a clonagem terapêutica e a reprodutiva, pois há, definitivamente, um acordo consensual entre as academias científicas abolindo a clonagem reprodutiva humana.

Ocorre que a dificuldade começa antes, com aqueles que renegam, de imediato, a clonagem terapêutica pelo fato de envolver a manipulação de células-tronco embrionárias, também chamadas células pluripotentes<sup>105</sup>. A grande polêmica gira em

---

<sup>105</sup> Após a fecundação do óvulo, pelo espermatozóide, a célula resultante vai se multiplicando em cópias idênticas de si mesma. Conforme explica o médico Dráuzio Varela, “após 72 horas, já surgiram cerca de cem células agrupadas (o blastocisto) que vão se implantar no útero” (VARELA, 2004, p.263). Estas células, quando o embrião tem de 32 a

torno do fato de que a retirada de células-tronco causa a “morte” do conjunto de células, o que para os grupos criacionistas constitui um crime contra a vida humana, pois, para eles, desde o instante da fecundação do óvulo, a vida já existe. Os cientistas, por outro lado, são guiados por outros critérios, basicamente os mesmos que determinam o instante em que se pode falar em morte do indivíduo, ou seja, aquele em que o cérebro morre. Esse critério, tanto para o fim, quanto para o início da vida, parte da definição de que só há vida a partir da formação do sistema nervoso, assim como a morte do indivíduo está relacionada à morte do seu sistema cerebral.

Mayana Zats<sup>106</sup>, em entrevista concedida ao programa *Roda Viva*, da Tv Cultura, em dezembro de 2006, foi questionada pelo psicanalista Jorge Forbes sobre o momento que ela considera como o início da vida humana, já que as opiniões não se conciliam. A geneticista respondeu que, pessoalmente, acredita que “antes de haver instalação do sistema nervoso, não se pode falar em vida”. Zats afirma que o sistema nervoso começa a se formar quando o embrião tem catorze dias, mas, para ela, antes dos três meses (doze semanas) um feto não tem a menor chance de ter vida independente.

Respondendo, ainda, ao jornalista Rafael Garcia, do jornal *Folha de São Paulo*, sobre se julgava essa definição como científica ou moral, ela apenas reafirmou sua opinião sobre a formação do sistema nervoso. O apresentador do programa, o jornalista Paulo Markun, a interpela dizendo que, então, parece não haver um consenso entre os cientistas e que vale o velho ditado “cada cabeça uma sentença”, ao que ela concordou e acrescentou que se deve pensar que a vida é um ciclo.

O que se conclui é que, embora não haja esse consenso, os cientistas, de forma geral, julgam lamentável que se impeça a clonagem terapêutica. Para o médico Dráuzio Varela, seria, decididamente, um crime permitir a clonagem de seres humanos, independente de questões morais, pois “não existe a menor segurança de que bebês gerados por meio dela serão bem formados”; mas, para ele, também é um crime

---

64 células, assumem dois destinos: as mais externas “darão origem à placenta e à bolsa amniótica”; e as da parte interna, “irão formar todos os tecidos do futuro organismo”. Varela deixa claro ainda que “à medida que as células-tronco do blastocisto continuam a multiplicar-se, essa capacidade de formar qualquer tecido é perdida” (Ibidem, p.263).

<sup>106</sup> Professora titular de genética do departamento de biologia evolutiva do Instituto de Biociências da Universidade de São Paulo, presidente da Associação Brasileira de Distrofia Muscular e diretora, desde 1969, do Centro de Estudos do Genoma Humano.

impedir por lei o uso das células pluripotentes no tratamento de doenças graves e, até então, irreversíveis: as células-tronco produzidas a partir da introdução do DNA retirado de uma célula do paciente em um óvulo “vazio”, poderiam ser utilizadas para repor neurônios ou recompor músculos enfraquecidos, por exemplo (ver VARELA, 2004, pp.263 e 264).

Resumindo, de um lado temos cientistas que lutam para melhorar as condições de vida de algumas pessoas, a partir da clonagem terapêutica e, definitivamente, contra qualquer eventualidade de clonagem reprodutiva; e, do outro lado, os que renegam totalmente qualquer tipo de intervenção durante a junção dos gametas masculino e feminino, portanto contrários a qualquer técnica de reprodução assistida ou de manipulação genética. No meio do fogo cruzado, está o cidadão leigo, que simplesmente fica entregue à sua própria capacidade de discernimento. Esta, porém, necessita da maior quantidade possível de informações exatas.

No início do último bloco da entrevista com Zats, o biólogo Fernando Reinach, antes de dirigir uma pergunta a ela, observou que nos últimos vinte, trinta anos, a população tem resistido mais à incorporação das novas descobertas científicas, o que não ocorria no início do século XX. Para ele, parece que tem havido uma série de problemas de comunicação entre a ciência e a sociedade, notadamente acerca das questões sobre células-tronco embrionárias. Diante disso, ele pergunta sobre quais seriam as razões dessa resistência para com as novas descobertas.

Zats afirma que um dos grandes problemas é que os grupos conservadores morrem de medo dos avanços científicos e, como são extremamente engajados e influentes, conseguem impor seus pensamentos de maneira mais eficiente, pois os cientistas, enfiados em seus laboratórios, acham tudo isso uma bobagem e se omitem ao não informar melhor a população. Para ela, portanto, os cientistas precisam vir a público e expor claramente todo o processo de fertilização, etc, dirimindo todas as distorções que, para ela, vêm ocorrendo.

Os temores que levantamos a partir da leitura do AMN encerram a hipótese de que essas novas técnicas possam ser utilizadas para fins que resultariam numa progressiva “desumanização”. Este horizonte, no entanto, está ainda mais distante das questões que os cientistas têm buscado esclarecer, sendo que descartam e desacreditam

imediatamente essas especulações da ficção, argumentando que as experiências com outras espécies animais já têm revelado barreiras suficientes que impediriam qualquer possibilidade de se conseguir um clone humano. Além disto, apresentam a “garantia” de que nunca haverá qualquer experiência nesse sentido, desde que se decretem leis restritivas, ou seja, basta que estas leis impeçam que um óvulo fertilizado com o DNA retirado de uma célula adulta de um determinado doador seja introduzido em algum útero.

Sob estes aspectos, acreditamos que Huxley não estivesse necessariamente preocupado com as manipulações genéticas em si, mesmo por que, se ainda estivesse entre nós, certamente apoiaria a clonagem terapêutica e, quem sabe, até mesmo a reprodutiva. Portanto, podemos considerar que as preocupações que originaram a obra nasceram das possibilidades de abusos utilitaristas e pragmáticos para fins de manipulação das massas ou, mais especificamente, das vidas tornadas nuas.

A obra AMN, como toda obra de ficção que se preza, parte de suposições extremadas lançadas a um futuro distante. Quando o narrador huxleyano descreve os procedimentos de fecundação artificial e incubação, seguidos dos pequenos detalhes do Processo Bokanovsky, fica muito claro que Huxley trabalhava sua inventividade sobre algumas informações científicas que possivelmente possuía, sendo que introduziu outras tantas como mero fruto da sua imaginação criativa.

O processo Bokanovsky, por exemplo, parte da idéia basilar do que seja um clone, qual seja a definição de Weber, de 1903, que Zats cita em seu artigo “Clonagem e células-tronco”:

Um clone é definido como uma população de moléculas, células ou organismos que se originaram de uma única célula e que são idênticas à célula original e entre elas. Em humanos, os clones naturais são os gêmeos idênticos que se originam da divisão de um óvulo fertilizado (ZATS, 2004, p.247).

Huxley, portanto, partiu de uma informação que estava à sua disposição naquela época: a descrição do processo de formação natural de gêmeos idênticos. Logo, o aspecto artificial da bokanovskização se deve, além de se dar fora de um útero, ao fato do “ovo” ser submetido ao frio e à “interrupção de crescimento”, fazendo com que, na imaginação de Huxley, o ovo reagisse “germinando em múltiplos brotos” (rever

HUXLEY, 2001, pp.37 e 38). Para os cientistas atuais, o processo artificial de clonagem humana parte de outros procedimentos, cujas potencialidades mostram-se mais elevadas do que aquelas permitidas pela técnica novo-mundista:

A técnica da clonagem consiste em substituir o núcleo de um ovócito (núcleo com  $n$  cromossomos de uma célula germinativa fêmea) pelo de uma célula somática (núcleo com  $2n$  cromossomos de uma banal célula do corpo). Constata-se que o núcleo assim transferido é “reprogramado”: ele recupera suas potencialidades embrionárias. A célula que resulta da transferência de núcleo é, portanto, como uma primeira célula embrionária. Esta técnica é, em si, neutra. Tudo depende do que é feito dela. A clonagem de caráter reprodutivo tem como objetivo engendrar, através desta técnica, uma criança cujo genoma seja idêntico ao do doador do núcleo transferido: um *clone* de seu “pai” (FAGOT-LARGEAULT, 2004, p.235).

O primeiro ponto que melindra a argumentação frouxa de que muitos temores são frutos precipitados da imaginação criativa de alguns ficcionistas e de seus potenciais leitores, encontra-se exatamente nas considerações científicas citadas acima. Aquilo que Huxley “hipotetizou” em 1931 e que, possivelmente soava a muitos como exageros de um visionário, foi explicado por Fagot-Largeault como uma possibilidade científica, cuja factualidade não se baseia na clonagem humana, evidentemente, mas naquilo que resultou num clone *animal* chamado Dolly. Não resta nenhuma dúvida de que esse fato poderia ser risível no passado. Da mesma forma que os interessados se esforçam para tornarem risíveis as especulações da ficção visionária. No centro das considerações acima, consta uma passagem significativa que merece ser destacada: “Tudo depende do que é feito dela”.

Portanto, são inúmeros os fatos que ocasionam especulações, as quais não podemos desconsiderar, já que muitas invenções e descobertas imaginadas pelos mais célebres escritores de ficção científica vieram a se tornar realidades. Inúmeras catástrofes só foram possíveis porque tinham o respaldo técnico de algumas descobertas científicas, além do mais, como já ressaltamos, se os nazistas e, antes deles, os americanos, já alimentaram sonhos eugenistas para fins de dominação, nada impede qualquer suposição em torno da clonagem e da eugenia. Nenhuma suposição deve ser levemente considerada risível. Infelizmente, não estamos no terreno do fatalismo gratuito, mas sim no das possibilidades *latentes*.

Como vimos, mesmo nos países em que a clonagem terapêutica foi permitida, o maior desafio é encontrar uma maneira de regular esse uso e impedir que descambe



para experimentações que efetivariam a clonagem humana. O grande problema, portanto, é chegar a um consenso, já que o tema levanta uma gama enorme de questionamentos de difícil solução. Diante das possibilidades, o receio tem valores díspares: a negatividade da estagnação e a positividade da precaução. Dentre aqueles que se regozijam com a promessa de cura para várias doenças, existe também o receio de que se perca o controle.

Obviamente, qualquer país poderia tentar burlar os acordos feitos e agir a seu bel-prazer, pois quem é capaz de transgredir acordos de maneira ostensiva, o que não faria nos recônditos de um laboratório qualquer? Os Estados Unidos já demonstraram que podem ficar impunes a certos excessos. Isto ocorre certamente porque sua política de boicote econômico e suas tácitas ameaças de invasão militar amedrontam as demais comunidades que compõem o quadro de decisões na ONU. Esse poderio inalienável, fundado na soberania econômica e militar, é um traço incontestável de um regime imperialista, que se reputa democrático, mas que se mostra totalitário.

As classes dominantes, desde os primórdios, têm dado exemplos de desmando e de abusos em detrimento das condições de vida das camadas dominadas, e têm se arrogado o direito de manipular todas as instâncias em seu próprio benefício. Como a comunidade européia parece submetida ao domínio americano, não podemos descartar a permanência da secular dialética entre Senhor e escravo. Logo, como os interesses que movem o mundo são americanos, os interesses que movem seus “escravos” também os são e, como a ética de Bush é extremamente incoerente e contraditória, a simples promessa – mesmo que regulamentada – da classe científica de que não excederá os limites, não constitui uma plena garantia de que a espécie humana será resguardada.

O mundo sabe, por exemplo, que a indústria farmacêutica faz da África um celeiro de cobaias para experimentações, conforme pode ser visto no filme *Jardineiro Fiel*, dirigido por Fernando Meireles. Àqueles que contestam, dizendo que se trata de ficção, sugerimos a leitura do artigo “Quem pagou o teste?”, escrito pela jornalista Luciana Vicária e publicado na edição 429, de 7 de agosto de 2006, na Revista Época.

Nesse artigo, Vicária nos mostra que poderosos laboratórios farmacêuticos financiam pesquisas de seu interesse, muitas vezes, forjando resultados em seu

benefício. As informações abaixo servem como uma pequena amostra do que acontece com frequência:

No mês passado, duas das maiores revistas médicas americanas admitiram ter publicado estudos bancados por laboratórios sem avisar os leitores. A *Neuropsychopharmacology* divulgou um artigo favorável a um implante que tratava depressão com pulsos elétricos no cérebro. Os autores trabalhavam como consultores da Cyberonics, empresa que produzia os dispositivos eletrônicos. O *Journal of the American Medical Association* informou ter divulgado um estudo que ligava enxaqueca a ataques cardíacos em mulheres sem dizer que o patrocinador da pesquisa eram os próprios fabricantes de medicamentos para coração e enxaqueca (VICÁRIA, 2006, p.75).

Outra ocorrência, dentre inúmeras que acontecem, foi o caso do antiinflamatório Vioxx, proibido por aumentar o risco de “eventos cardiovasculares”. Este medicamento quase voltou às farmácias devido a um estudo favorável financiado pelo seu próprio fabricante (ver VICÁRIA, p.75). Diante desses “escândalos éticos”, os receios que alimentam a imaginação daqueles que ponderam sobre os estudos no campo da engenharia genética são extremamente pertinentes. Como a própria articulista nos diz, o pacto de confiança selado entre a comunidade científica e a sociedade está abalado. Portanto, o problema não é simples como deram a entender as colocações da geneticista Mayana Zatz, isto é, não se trata apenas dos cientistas informarem melhor a sociedade.

O pressuposto para o funcionamento do sistema que avalia as publicações científicas em revistas especializadas “é a boa fé de quem escreve, de quem avalia e de quem publica o trabalho” (VICÁRIA, p.75). Como as pesquisas científicas recebem, cada vez menos, financiamento estatal, passam a depender, cada vez mais, do dinheiro das indústrias, e aí a boa fé se estende também aos financiadores que atendem aos seus próprios interesses num mercado competitivo.

Conforme estudo do Secretário de Saúde de Chicago, Mark Friedberg, “as pesquisas financiadas pela indústria são desfavoráveis ao produto em apenas 5% dos casos” (VICÁRIA, p.76). Um dos membros da Comissão Consultiva Nacional de Bioética dos EUA, Ezekiel Emanuel, afirma: “O financiamento privado não significa necessariamente que o fiador da pesquisa e os cientistas tenham sido tendenciosos. Mas uma empresa não põe dinheiro num teste clínico a menos que haja uma forte suspeita de que é uma boa aposta” (Ibidem, p.76).

O pessimismo huxleyano que engendrou o AMN estava voltado ao homem enquanto gerenciador de seus próprios atos e não à ciência em si. Ele era consciente de que o conhecimento e a ciência não eram nocivos por si mesmos, mas não confiava nas intenções dos homens que fariam uso deles. Levando em conta que as linhas do AMN foram motivadas pelos sinais no comportamento humano na década de 30, as ocorrências apresentadas no artigo da revista *Época* confirmam os temores de Huxley para com o uso da ciência e fundamentam os receios para com as possibilidades da engenharia genética.

Indubitavelmente, essa é a discussão mais próxima da nossa realidade que o livro de Huxley propõe: a manipulação genética, orientada por interesses camuflados, sob a legitimação de uma suposta “felicidade” coletiva, fim supremo do pensamento utilitarista a que o mundo parece se vincular. Logo, mais uma questão se junta aos temores acerca do uso do conhecimento e da destruição de valores: o que faremos da nossa espécie?

A interação entre tecnologia e genética, configurando uma revolução biotecnológica, pode mudar a feição da existência humana no planeta e causar novo impacto sobre a ordem mundial e, como vimos, estas são questões biopolíticas que estão na ordem do dia. Quanto a isso, podemos voltar a Fukuyama, cujas palavras, segundo Patrick Viveret, exprimem “os postulados antropológicos do capitalismo anglo-saxão”:

O período aberto pela revolução francesa viu florescer diversas doutrinas que desejavam triunfar sobre os limites da natureza humana, criando um novo tipo de ser que não estivesse submetido aos preconceitos e limitações do passado. O fracasso destas experiências, no fim do século XX, nos mostrou os limites do construtivismo social, confirmando – ao contrário – uma ordem liberal, baseada no mercado e estabelecida sobre verdades manifestas, ligadas à Natureza e ao deus da Natureza. Mas poderia muito bem ser que os instrumentos dos construtivistas sociais do século, desde a socialização a partir da infância até a agitação e propaganda política e os campos de trabalho, passando pela psicanálise, fossem muito grosseiros para modificar profundamente o substrato natural do comportamento humano. O caráter aberto das ciências contemporâneas da natureza nos permite avaliar que, de hoje às duas próximas gerações, a biotecnologia nos dará instrumentos que nos permitirão cumprir o que os especialistas da engenharia social não conseguiram fazer. Neste estágio, teremos definitivamente terminado com a história humana, porque teremos abolido os seres humanos enquanto tais. Então começará uma nova história, para além do humano (FUKUYAMA in VIVERET, 2000).

Segundo Viveret, “estamos precisamente no coração da famosa ficção de Aldous Huxley, *Admirável Mundo Novo*”. Viveret nos chama a atenção para a importância do debate que se abre com essa “revolução do ser vivo, revolução ‘biológica’ ou ‘genética’” que aponta para uma pós-humanidade ou para além do humano. Sobre esse tema, Francis Fukuyama, com a tese de 1989, e Peter Sloterdijk, com sua conferência de 1999, abrem um debate polêmico sobre o futuro da nossa espécie. Viveret pondera que essas teses possuem um interesse mais ideológico do que teórico, pois exprimem a ideologia que permeia o capitalismo contemporâneo.

A tese de Fukuyama de que a humanidade chegou ao estágio final de desenvolvimento com a democracia-liberal teve por si só seus motivos para polêmica, mas é sobre suas declarações acerca das condições para uma era “pós-humana” que Viveret se volta, taxando-o de adversário do humanismo. Para o articulista do *Le Monde Diplomatique*,

Francis Fukuyama não se contenta em anunciar (e, implicitamente, em justificar) esta saída da era humana (...) Considerando o elogio das desigualdades ao qual ele se dedica permanentemente, pressentimos igualmente que nosso autor consideraria, sem grandes sobressaltos na alma, um mundo onde sub-homens estariam ao serviço de super-homens (2000).

Nesse ponto, podemos voltar à obra de Sloterdijk, que também não escapara das críticas de Viveret. Segundo Sloterdijk, o tema do seu discurso era “o perigoso fim do humanismo literário enquanto utopia da formação humana por meio de práticas de escrita e de leitura que promovam a atitude paciente e que eduquem para se julgar com circunspeção e manter os ouvidos abertos” (SLOTERDIJK, 2000, p.60). Entretanto, para o próprio autor houve uma “recepção descontextualizada” do seu texto, pelo menos por parte de uma mídia jornalística que transformou as informações trazidas por ele em material sensacionalista. Para tanto, visaram “fortemente” a passagem em que especula sobre os “desdobramentos futuros da espécie decorrentes da emergência das nossas possibilidades de intervenção biotécnica” (Ibidem, p.62).

O artigo de Viveret possui o mesmo tom acusador daqueles que entenderam as palavras de Sloterdijk como prescrições, já que, para esse articulista, ele “avança disfarçado em uma boa parte de seu texto, utilizando um método que não está longe de lembrar os deslizamentos semânticos sugestivos, caros às correntes de extrema-

direita”. Como já citamos em outra oportunidade, estes deslizamentos se inscrevem na utilização dos termos “parque humano”, “criação” e “domesticação”, além do fato de Sloterdijk sugerir que não há porque se assustar com as possibilidades biotécnicas, pois já eram aventadas desde Platão<sup>107</sup>. Huxley talvez seja visto da mesma forma por Viveret, avançando “disfarçado em uma boa parte de seu texto”. Entretanto, como já ressaltamos, se isso for verdade e ainda nos incomodarmos, não há motivo para sequer folhear o AMN.

Assim, as perversidades do capitalismo neoliberal de Fukuyama unidas à antropotécnica de Sloterdijk configuram o cenário biopolítico assinalado por Agamben, que acentua a necessidade de precauções e justifica os temores do tipo que deram origem à obra de Huxley, cujas observações acerca das massas e sobre eugenia permitiram, também, que alguns conferissem ao AMN um status de prescrição, ao que tentamos rebater mostrando seu valor de resistência à desumanização, resultado, entre outras coisas, dos abusos científicos.

## **5.2 – Enredo de possíveis: o futuro da espécie humana**

Ainda na obra *Regras para o parque humano*, Sloterdijk conclui que “a *humanitas* não inclui só a amizade do ser humano pelo ser humano; ele implica também que o homem representa o mais alto poder para o homem” (2000, p.45). Essa pressuposição se deve a pensamentos do tipo: a cultura da escrita produziu efeitos seletivos, cavando entre as pessoas letradas e iletradas um fosso que significou quase uma diferença de espécie. Definiam-se os homens como animais que sabem ler e escrever e outros não. Sob essa condição, existem homens capazes de dirigir a criação de outros, ou seja, alguns homens querem, outros querem por eles, conforme dizia Nietzsche, configurando uma relação de sujeito (o determinante) e objeto (o determinado) (ver SLOTERDIJK, 2000, p.44).

---

<sup>107</sup> Essas leituras depreciativas de Sloterdijk são rebatidas por seu tradutor brasileiro, José Oscar de Almeida Marques, num ensaio intitulado “Sobre as *Regras para o parque humano* de Sloterdijk”, publicado em 2002. Neste ensaio, Marques procura mostrar que a recepção polêmica da tese de Sloterdijk se deveu muito mais a um “movimento profundo de distensão das férreas diretrizes político-intelectuais que governam, desde o pós-guerra, a interpretação da história alemã recente” do que “às conseqüências éticas da aplicação da genética à seleção e determinação das características da espécie”.

Sloterdijk diz que, na era antropotécnica em que estamos, o homem sentirá o desconforto em escolher entre o lado do sujeito ou o do objeto e que será considerada inocência se ele se recusar “explicitamente a exercer o poder de seleção que de fato se obteve” (Ibidem, p.45). Trata-se, portanto, daquela mesma história dos governos não abrirem mão de utilizarem os avanços tecnocientíficos conquistados. Por isso, é importante assumir uma postura ativa e “formular um código das antropotécnicas”, ou seja, devemos nos conscientizar de que entramos num período de “decisão política quanto à espécie” (Ibidem, p.46), ressalva muito parecida à feita por Agamben.

Aliás, sob os mesmos auspícios dos projetos nazistas e dos programas novomundistas, Sloterdijk afirma que há um embate ferrenho entre impulsos domesticadores e impulsos bestializadores. Os meios de comunicação, com suas “forças indiretas de formação”, através de filmes violentos, por exemplo, promovem uma onda desinibidora de bestialização, portanto seria surpreendente se houvesse “sucessos mais significativos no campo da domesticação” para colocar as coisas nos trilhos (ver SLOTERDIJK, 2000, p.46). Por outro lado, ele sugere que os impulsos domesticadores podem, a longo prazo, nos conduzem “a uma reforma genética das características da espécie”, o que implica num novo horizonte evolutivo (Ibidem, p.47).

Para Nietzsche, conforme Sloterdijk, os homens “se submeteram à domesticação e puseram em prática sobre si mesmos uma seleção direcionada para produzir uma sociabilidade à maneira de animais domésticos” (Ibidem,p.40). Até aquele momento, o filósofo via os padres e professores como os detentores do monopólio de criação. Sob um regime totalitário, como vimos, esse monopólio é do Estado; no mundo contemporâneo, costuma-se não assumir a intenção monopolista, embora ela esteja presente em muitas relações, como em alguns sinais de exclusivismo na conduta americana que pretende impor a soberania das suas próprias normas ao resto do mundo, o citado *shaping the world* clintoniano.

No AMN, Huxley assume o humanismo (encarnado em Shakespeare) como um remédio para sanar o mal da desumanização, e tem, ao menos, o mérito de perceber que no mundo “desinibido” da cultura de massa, as “inibições” sugeridas pela tradição conservadora não têm lugar. Entretanto, por trás do tom patético que atribui ao seu representante, John, parece existir o reconhecimento de que o mundo que se

descortina para o futuro requer novas atitudes. Ele não soube indicar qual seria a ética que regularia esse novo mundo, só sabia que ela era necessária, portanto, parece-nos que as coisas não evoluíram muito, mas pelo menos há, atualmente, uma grande disposição mundial nesse sentido.

De qualquer modo, a indecisão que ainda paira quanto à ética, deve-se à percepção de que nem os valores do passado e nem os que se têm apresentado no presente são capazes de assegurar o nosso futuro, pois ambos (a poesia shakespeariana e o cinema sensível, por exemplo) revelam virtudes “apequenadoras”, como falava Zaratustra: “A virtude é para eles aquilo que torna modesto e domesticado: com ela fazem do lobo um cão, e dos próprios homens os melhores animais domésticos para os homens” (NIETZSCHE apud SLOTERDIJK, 2000, p.39). Ou seja, certos valores encarnados no Shakespeare de John (o pudor e a castidade, por exemplo) podem apequenar e domesticar tanto quanto os valores bestializadores do cinema sensível, da música sintética e dos versinhos hipnopédicos do AMN. A utopia rejeitada claramente por Huxley era esta em que o entretenimento vazio levasse à bestialização, atomização e massificação dos homens, ensejando a lamentável domesticidade ou, se quisermos, a docilidade das vidas tornadas nuas.

Sloterdijk nos lembrara, através de Platão, que existe uma tendência histórica em fazer da política a arte genuína do pastoreio e da tecelagem. A diferença entre os governos tirânicos e o que se entrevê no AMN pode ser estabelecida a partir dessa observação platônica: a genuína arte da política é aquela que exclui a forma tirânica e violenta e adota “o cuidado voluntariamente oferecido... de rebanhos de seres vivos que o aceitam voluntariamente” (PLATÃO, *O Político*, apud SLOTERDIJK, 2000, p.52). Como se vê, essa fórmula já estava dada desde a Antiguidade clássica e se tornou o princípio vigente no totalitarismo não-violento do futuro novo-mundista.

Platão dizia que o “fundamento real e verdadeiro da arte régia” não estava localizado no voto democrático, nem nos privilégios herdados, mas no “conhecimento régio da arte da criação”, ou seja, ele pretendia estabelecer um “reinado de peritos”, obviamente os filósofos, que possuíam a sabedoria e o conhecimento sobre “como as pessoas devem ser classificadas e combinadas, sem jamais causar dano à sua natureza de agentes voluntários” (SLOTERDIJK, 2000, p.53). Nada alheio, portanto,

aos interesses biopolíticos do regime nazista que decidia qual vida era digna ou não de viver. Por conseguinte, a arte régia da política seria aquela que garantiria a docilidade dos viventes:

Pois a antropotécnica régia exige do estadista que ele saiba como entrelaçar da maneira mais efetiva as características mais favoráveis à comunidade de pessoas voluntariamente dóceis, de forma que sob sua direção o parque humano alcance a melhor homeostase possível (SLOTERDIJK, 2000, p.53).

Antes, Sloterdijk já havia dito que, no diálogo entre Sócrates e o Estrangeiro, chegara-se à conclusão de que os “bons reis” são os que “apascentam um rebanho mocho” e cuidam de “seres vivos que se acasalam sem mistura”, quer dizer, zelam pela endogamia (ver SLOTERDIJK, 2000, p.51). Com isso, a proximidade entre o projeto platônico e o que se encontra no AMN é indiscutível, além do que a “melhor homeostase possível”, mencionada no fragmento acima, não passa da “Estabilidade” venerada pelo Estado Mundial novo-mundista.

Não custa lembrar que o projeto platônico e o novo-mundista recorreram àquilo de que dispunham em suas respectivas épocas: o régio estadista de Platão entremearia, no tecido da comunidade, “os dois *optima* relativos do caráter humano” - a coragem bélica e a reflexão-filosófica (ver SLOTERDIJK, 2000, p.53); já no AMN, o sistema usufruira as vantagens do progresso científico: métodos psicológicos, meios de comunicação e engenharia genética avançados, suficientes para dispensar a violência física própria dos regimes tirânicos e para superar o processo platônico. Ambos, porém – República platônica e AMN -, teriam que “desenredar as naturezas inadequadas antes de começar a tecer o Estado com as adequadas” (SLOTERDIJK, 2000, p.54), ou seja, deveriam por em prática um programa de “higiene racial”, que no AMN, se dá desde o espaço da lâmina, “com vista a possíveis caracteres anormais” (HUXLEY, 2001, p.36).

Contudo, o mundo imaginado por Huxley já se encontra num estágio ulterior a esse “desenredo das naturezas inadequadas”, pois o sistema novo-mundista, em vez de entrelaçar características humanas naturais, “produziu” essas características artificialmente, conforme a importância e a necessidade para cada função social, cuidando para que mesmo as castas superiores fossem relativamente dóceis. De qualquer forma, além do modelo ideológico ser exatamente o mesmo, vale ressaltar que



Platão parecia, realmente, vislumbrar a felicidade coletiva por trás dessa estabilidade social, enquanto o sistema no AMN visava um corpo social que, estável e feliz, estava adequado para a excelência da produção capitalista: operário feliz produz mais e não reclama.

Ao fim de seu texto, Sloterdijk admite que fomos abandonados não só pelos deuses, mas também pelos sábios humanistas do passado que, infelizmente ou felizmente, parecem não ecoar mais nos ouvidos pós-modernos. Logo, a impressão que se tem é que os últimos empreendimentos humanos reclamam a invenção de um novo humanismo, como propõe o belo artigo escrito por Patrick Viveret:

No momento em que somos confrontados ao desafio ecológico – de um desenvolvimento durável, para nós mesmos e para as gerações futuras -, e ao desafio antropológico – de uma possível mutação da espécie humana -, não podemos esquecer que um novo humanismo deve pensar as tensões dinâmicas entre indivíduo e comunidade; entre razão crítica e busca de sentido; entre transformação da natureza e respeito pela biosfera; entre progresso técnico e científico e vigilância sobre seus potenciais efeitos destruidores. A fim de resistir aos fantasmas da pós-humanidade, toda refundação deve levar plenamente em conta a mutação informacional e a revolução do ser vivo, que, em sua relação sistêmica, sacodem profundamente as marcas do “habitat” humano. É, com efeito, ao mesmo tempo, nosso modo de habitar o mundo e de habitar nosso próprio corpo que se encontra transformado até tocar nosso ponto mais íntimo, a partir do momento em que passamos insensivelmente da reprodução assistida para a fabricação do ser humano (VIVERET, 2000).

Essa dupla mutação – espacial e corporal - tem sido usada pelo capitalismo somente como instrumentalização e mercantilização. Viveret questiona as fronteiras entre as críticas legítimas e as que se inscrevem numa corrente tradicionalista que procura abarcar não somente a recusa do aborto, da contracepção, como também a da reprodução assistida e de toda pesquisa com embriões. Diante disso, ele questiona: “Estamos condenados, em nome da recusa à instrumentalização e à transformação do ser humano em mercadoria, a reexaminar conquistas centrais do liberalismo cultural?”.

Segundo ele, Henri Atlan acredita que não há porque reexaminar essas conquistas, indo além ao considerar que as possibilidades de risco e de oportunidade, diante dessa revolução do ser vivo, estão abertas: opõe-se à instrumentalização do ser humano, mas não considera totalmente negativo dissociar sexualidade de procriação, pois a humanidade se libertaria das “maldições de sua condição”: a dor do parto e a da

criação. Isto não o impediu de se pronunciar contra a clonagem humana, junto ao “Comitê Consultivo Nacional de Ética para as Ciências da Vida e da Saúde”.

A base da oposição de Atlan não são motivos biológicos, nem razões religiosas e metafísicas, funda-se, na verdade, no que o *Talmud* lhe ensinou: “a vocação do homem é a atividade criadora do conhecimento na sabedoria, e nunca a escravização à dor e ao sofrimento do trabalho”. Tal pensamento requisita a sabedoria no uso do conhecimento, mas, como o próprio Atlan pondera, seria o caso de saber se as sociedades humanas estão “moralmente à altura” desse desafio que é a racionalização e o controle técnico da vida dos seres humanos. Ele diz ainda que “nada impede de imaginar um tempo onde uma humanidade... poderá fazer um uso racional e benéfico dos produtos do progresso tecnológico”.

No entanto, o confronto entre a “Declaração Universal dos Direitos Humanos” - onde reza que “os homens nascem livres e iguais” - e o ponto de vista biológico que desfaz essa liberdade e essa igualdade, pode querer encontrar na engenharia genética uma solução, ao promover uma extremada indiferenciação, ou seja, um clamor contra a diferença. O que Viveret propõe é que busquemos “afirmar um projeto no qual a alteridade constitui uma oportunidade e não uma ameaça”.

Mesmo as divergências que impedem uma imediata afirmação desse projeto devem ser encaradas como extremamente fecundas para o surgimento de um novo humanismo. Mas, antes devemos analisar o risco apresentado por Monette Vacquin, “do caráter infantil da pulsão de onipotência” que se inscreve ainda na “pulsão de riqueza e potência” do capital financeiro, cujo poder de desregular psicologicamente os indivíduos foi, de certa forma, apontado por Maria Rita Kehl em sua análise da era do “No Limits”, caracterizada pela “liberdade sem responsabilidade” e por Olgária Matos ao concluir que atualmente há uma ascendência soberana do Id.

Esses aspectos vinculam-se ao imediatismo engendrado pela atmosfera consumista que distingue o capitalismo avançado. É justamente a consciência desse estado de “liberdade sem responsabilidade”, unido à voracidade do espírito capitalista, que cerca de receios e cuidados o tratamento em torno da manipulação genética, sem contar ainda o passado totalitário condenável que poderia se repetir sob outros moldes.

Não são poucos os que temem os rumos da engenharia genética tendo como base o programa eugenista do Terceiro *Reich*. Cláudio Camargo, em artigo na revista *Istoé*, resume alguns dos aspectos assustadores da engenharia genética presentes no livro *A Guerra contra os fracos*, de Edwin Black, onde se afirma que o movimento eugenista só teria “baixado a guarda” após o genocídio nazista, mas que “buscou refúgio nos cromossomos da engenharia genética”.

Assim, diante da simpatia que algumas “causas sociais, médicas e educacionais importantes” nutrem pela manipulação genética e do papel de Deus que o homem costuma atribuir a si mesmo, a eugenia pode “inocular o vírus da intolerância em projetos científicos fundamentais, como o genoma e o processo de clonagem para fins terapêuticos” (CAMARGO, 2004). Obviamente, esse tipo de colocação peca por generalizar usos e práticas, mas é louvável por apresentar possibilidades questionáveis.

O que Viveret sugere é que, para não perdermos oportunidades de progresso, devemos “abrir uma alternativa dinâmica” entre a valorosa curiosidade infantil e os cuidados da rigidez adulta, que significa, na verdade, um estágio moral mais evoluído, quando a eventualidade da clonagem poderia ser usada de “maneira não destrutiva”. O que leva o homem a impor restrições transcendentais à sua própria humanidade, para se defender da própria loucura, é um “pessimismo radical a respeito do humano”, que certamente era o horizonte que se descortinava na época em que Huxley escrevia o AMN. Hoje, também, o panorama de “liberdade sem responsabilidade” confere um teor alarmante às probabilidades. Portanto, necessitamos de proibições que estructurem uma liberdade que não contrarie a responsabilidade, pois somente assim elas serão “legítimas e fecundas”.

Portanto, esse desafio requer muita discussão em todas as camadas da sociedade, mas, para isso, é preciso que elas estejam devidamente esclarecidas sobre determinados aspectos no campo da genética e que sejam convencidas, de alguma forma, a depositarem, novamente, confiança nos cientistas. De qualquer modo, em termos morais, a humanidade parece necessitar ainda daquilo que Huxley denominou “educação para a liberdade”:

Uma tal educação para a liberdade será uma educação alicerçada, em princípio, em fatos e valores – os fatos atinentes à diversidade individual e à unicidade genética, e os valores de

liberdade, tolerância e caridade mútuas que são as conseqüências éticas destes fatos (HUXLEY, c1959, p.174).<sup>108</sup>

A adoção de regras éticas aplicáveis a toda a espécie exige um debate amplo com reais condições de entendimento para todos os participantes, a fim de que se realize em benefício de toda a humanidade. Um dos grandes entraves parece se originar na dificuldade essencial de um consenso em torno de conceitos tais como “humanidade” e “espécie”, “liberdade” e “igualdade”, “dignidade humana” e o mais polêmico de todos, que é a definição sobre o momento em que a vida se inicia, já que biólogos, juristas, religiosos, filósofos, psicólogos, etc, costumam adotar posturas distintas em relação a esses conceitos. Por mais que o problema, como um todo, pareça insolúvel, ele deve ser encarado com responsabilidade, pois se trata de um desafio inalienável, que delineará o destino da natureza humana.

Finalmente, outro fator perverso, que pode resultar das medidas biopolíticas de administração da vida nua, é que a “felicidade” produzida em seres que nunca tiveram e nunca terão acesso a outro parâmetro de existência pode inverter os valores e minar pela raiz o possível efeito emancipador da obra AMN, pois corre-se o imenso risco de que seja lida como forma desejável de existência.

Para se ter uma idéia mais clara a respeito, basta que troquemos a posição dos termos “utopia” e “contra-utopia” nesse pensamento de Szacki: “a utopia (lê-se *contra-utopia*) pode transformar-se em contra-utopia (lê-se *utopia*) caso a abordemos com um outro sistema de valores, com outras aspirações, interesses, necessidades e gostos” (1972, p.115). O próprio Huxley dissera que “é muito difícil experimentarmos o progresso subjetivamente...” (1985, p.127).

### **5.3 - À guisa de conclusão**

Desde o início, nossa proposta tencionava principalmente dar nova vitalidade ao *Admirável Mundo Novo*. Talvez estivéssemos, inconscientemente, sintonizados com

---

<sup>108</sup> A liberdade de que ele fala caracteriza-se pelo autogoverno, e a caridade funda-se no “velho fato familiar” do amor que, assim como o alimento e o abrigo, era, para ele, tão imprescindível aos seres humanos (ver HUXLEY, c1959, p.179).

aqueles que apontaram a necessidade de “uma leitura renovada” das obras huxleyanas (cf.p.27 deste texto). Dentro das nossas possibilidades, tentamos fazer essa releitura iluminando-a com algumas teses que acreditamos terem sido de extremo valor nesse processo de revitalização, daí o fato de nos servirmos das teorias de Weber, Marcuse, Freud, Harvey, Jameson, Arendt, Agamben, Sloterdijk e Adorno, entre outros, além de buscarmos respaldo em jornais, revistas, vídeos e artigos publicados na internet, a fim de trazer elementos atuais para o campo gravitacional do universo novo-mundista.

De modo geral, procuramos nos valer do que encontramos de mais significativo no momento, realçando o fato de que, no Brasil e em boa parte do mundo, os estudiosos parecem não ter contemplado, a contento, a íntima relação que pode ser verificada entre os aspectos presentes na civilização novo-mundista e os clamorosos procedimentos biopolíticos apontados desde Foucault e redimensionados por Agamben. Causou-nos surpresa e decepção as superficiais e até raríssimas menções à obra de Huxley nos livros, artigos, documentários e entrevistas que envolvem as novas perspectivas do biopoder. Tornamos a frisar que julgamos o *Admirável Mundo Novo* a expressão literária paroxística da biopolítica que se inscreve no horizonte da contemporaneidade.

Quanto à sua fortuna crítica, as dificuldades não foram menores, pois o grosso da crítica se limita aos antigos estudiosos e biógrafos da obra de Huxley, circunscritos às décadas de 60 e 70. No Brasil, nossas consultas, especificamente sobre o AMN, resultaram apenas na tese de doutoramento de Alfredo Leme Coelho de Carvalho, orientada pela professora Aila Oliveira Gomes e defendida em 1969, na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de São José do Rio Preto, à qual nos reportamos conforme a necessidade; e a uma dissertação de mestrado defendida em 1988, na Universidade Federal de Santa Catarina, por Daniel Derrel Santee, orientada por Sérgio Luiz Prado Bellei, sob o título “Modern Utopia: a reading of brave new world, nineteen eight-four, and woman on the edge of time in the light of More’s utopia”, cujo objetivo foi apontar as mudanças ocorridas no gênero utópico, a partir da *Utopia* de Thomas Morus, fazendo uma leitura comparativa dos romances de Huxley, Orwell e Marge Piercy. No mais, valemo-nos do material clássico disponível como a biografia de Bedford e os trabalhos

analíticos de Meckier, Atkins, Brooke, Greemblatt, Gerber e de outros que trataram indiretamente da obra huxleyana.

Obviamente, não esgotamos as possibilidades de pesquisa, como se pode ver na relação de estudos sobre Huxley, que fizemos no início deste trabalho (pp.37-38) e não consultamos por questões várias. Portanto, não podemos afirmar que determinados temas nunca foram analisados, entretanto, dentro daquilo que se encontra no Brasil, o panorama não é satisfatório, pois não engloba as discussões mais prementes que a obra possibilita, no momento.

Como havíamos proposto, nosso objetivo requeria o exame e a reconsideração daquilo que julgamos ter contribuído para o gradativo “esquecimento” da obra por parte da crítica literária: a composição das personagens, que apontava aquilo que reputamos como “mau intimismo”, conforme feliz expressão do professor Bosi; e o teor conformista, cuja rejeição está, de certa forma, implícita nas vertentes críticas de esquerda que parecem renegar qualquer manifestação antiutópica. Desta forma, acreditamos ter apontado dois motivos relevantes para o preconceito na recepção da obra por parte dos críticos literários.

Assim, depois de termos considerado, analisado, interpretado e sopesado alguns defeitos e qualidades do AMN, concluímos que o desinteresse daqueles críticos deve-se, muitas vezes, a análises parciais, em que pesam antipatias ideológicas. Nesse aspecto, há que se rever os critérios de julgamento da obra. Ainda que se discuta o seu lineamento de idéias como fizemos, não se deve incorrer numa avaliação que supervalorize essas idéias em detrimento das qualidades estéticas, mesmo quando, no caso, essas idéias imponham sua ascendência, demandando consideração: tal exercício não pode determinar o juízo que se faz da obra enquanto objeto estético, pois o valor, nesse caso, deve ser medido pela sua organicidade.

Sendo assim, o AMN pode ser considerado um bom romance? Nossas conclusões podem ser reforçadas se forem observados nossos parâmetros críticos. A postura digna de um crítico é percebida tanto nos ensaios de Antonio Candido, Richard Gerber, Stephen J. Greenblatt, David Daiches, Harry Blamires, quanto na crítica imanente de Adorno, embora esta tenha sido mais direcionada aos sinais reacionários de Huxley.

É evidente que as falhas de uma obra devem ser apontadas e discutidas, mas, no caso da crítica literária, os aspectos literários não podem ser minimizados. Não estamos, com isso, censurando Adorno, pois suas perscrutações analíticas primam, sobretudo, pela atenção dada às entrelinhas que acusam costumes positivistas, etc, logo, não destacam as qualidades literárias e, sim, as morais ou ideológicas que, para ele, acabaram diminuindo o teor de resistência do romance por sugerir uma “infame continuidade” e um “conformismo repugnante”.

Um breve exemplo de crítica literária está nestas considerações de Antonio Candido sobre *A Revolução Melancólica*, de Oswald de Andrade:

Este livro é um bombardeio de pequenas cenas, muitas delas providas da sua competente chave de ouro. Processo bom, me parece, para captar a multiplicidade e o simultaneísmo do real. Que afasta, seja dito, qualquer veleidade de aprofundamento psicológico mais acentuado. Esta técnica miudinha, este processo de composição em retalhos, só serve para as visões horizontais da vida. Para tanto, porém, é preciso que ao cabo o leitor possa perceber uma ordenação geral. A poeira de cenas se organizando, efetivamente, numa visão de conjunto que requer uma força excepcional por parte do autor e uma habilidade de homem de guignol (CANDIDO, 1992, pp.28-29).

Nesta passagem, o professor revela defeitos e virtudes, que podem ser resumidos pela “técnica miudinha” e pela “força excepcional”, respectivamente. E prossegue dizendo que o livro de Oswald tem o mérito, entre outras coisas, de “encerrar em si alguns dos aspectos fundamentais da sua época”, além de conter “muita coisa boa e muita coisa ruim”, frase que Candido ressalta não ter sido “usada como simplificação do problema, mas como expressão muito justa da sua complexidade” (CANDIDO, 1992, p.30).

Com seu indefectível espírito dialético, Candido julga ainda a obra oswaldiana da mesma maneira que Adorno julgara a huxleyana, ou seja, recrimina as impossibilidades de superação engendradas pelo radicalismo conceitual. Porém, a relevante diferença entre as análises reside na postura do nosso crítico, cuja justiça faz-se notar na posição “imparcial” que adota ante o objeto estético. Sua integridade é comprovada no cultivo sistemático do cuidado para com a obra, não *determinando* o que ela tem a falar, mas *ouvindo* o que ela tem a falar. Foi assim que conseguiu revelar as virtudes e os defeitos de Oswald, sem manchar a sua importância como um esteta. Adorno, no entanto,

voltou-se para outros aspectos, revelando o teor de verdade da obra, sem levar muito em conta sua organicidade.

O crítico inglês I.A.Richards nos diz o seguinte sobre os objetos de análise: “falamos como se as coisas possuíssem qualidades, quando o que devemos dizer é que elas causam em nós efeitos de uma outra espécie...” (1967, p.12). Com nosso trabalho, procuramos não *determinar* as qualidades do AMN, mas, sim, *reconhecê-las* na obra, através dos efeitos que esta nos causou. Obviamente, essas qualidades latentes só tomaram corpo através de uma leitura atualizada. Para esse tipo de leitura, o espírito deve estar aberto e livre de suas convenções individuais, para que sua mente possa ser influenciada por experiências semelhantes à da mente criadora (cf.RICHARDS, 1967, p.63). Por isso, dissemos, a certa altura, que o valor dessa obra de Huxley só poderia ser percebido, se não nos prendêssemos em suas posições reacionárias, como o eugenismo, por exemplo.

No entanto, esta vivência da experiência alheia não depende só do leitor, mas também da forma utilizada pela mente criadora para organizar essa experiência. Portanto, se a estruturação dada à obra configura a forma adequada de organização da experiência, o poder de atração dessa obra persistirá e garantirá sua permanência (cf. RICHARDS, 1967, pp. 152 e 187). Eis uma observação de peso que comprova o valor *literário* do AMN, além do que, também comprova aquilo que defendemos desde o início: a experiência *intuitiva*, re-presentada na ficção de Huxley, revelou um ser humano melhor do que aquelas colocações *racionais* em seus ensaios.

A literatura só vive quando ecoa no leitor ou, como nos disse Wayne C. Booth, “o mais inconsciente dos escritores dionisíacos só é bem sucedido quando nos leva a participar na dança” (1980, p.12). Logo, conforme Richards, provocar a dança depende não só da obra e do autor, mas também do leitor. Isto pressupõe que tenhamos percebido a que tipo de dança Huxley nos convidou, se sua obra nos convenceu a aceitar o convite e se conseguimos compartilhar uma experiência que revelou o melhor de si.

No decorrer do nosso trabalho, o maior entrave foi a ilusão de poder deslindar o espírito complexo de Huxley. Durante muito tempo nos vimos presos a essa intenção, até percebermos que só restava apontar sua complexidade, pois não havia como



resolvê-la. Restou-nos, finalmente, concordar com a observação de Greenblatt, que diz que o maior problema das novelas huxleyanas é o tom. George Orwell, por exemplo, assume suas posições pessoais e isto fica mais ou menos claro em suas obras; Huxley, ao contrário, esconde-se por trás de uma “massa de opiniões e emoções contraditórias”, entoando sentimentos ambíguos de raiva e divertimento, desgosto e fascinação, nunca podendo ser precisamente fixados ou caracterizados (ver GREENBLATT, 1968, p.78).

A “multiplicidade de olhos” do autor, assim como de seu personagem Philip Quarles, atrapalhou o melhor andamento da sua carreira literária. Para Greenblatt, o satirista, para ser bem sucedido, deve ter um ponto de vista delimitado, ou melhor, fixar sua mente num padrão de julgamento para que possa avaliar o comportamento humano. O próprio Huxley tinha consciência da sua incapacidade de escolher uma posição clara diante dos fatos. Conforme Greenblatt, “Huxley’s dilemma was a conflict between a skeptical, sophisticated mind and essentially Victorian morals” (1968, p.101). Mesmo com essas ressalvas, o AMN não deixou de ser considerado um exemplo bem sucedido de novela utópica e a obra mais celebrada de Aldous Huxley (ver GERBER, 1955, p.123 e SANDERS, 1996, p.555).

Nosso posicionamento procurou não se afastar muito das observações dos críticos que consideram o caráter estético da obra pela sua organicidade, e esperamos ter conseguido mostrá-la por meio da análise que fizemos dos elementos. Da mesma forma que Antonio Candido havia encarado inicialmente o escritor Oswald de Andrade, encarávamos Aldous Huxley, ou seja, um problema literário. Embora existam distinções significativas entre os dois, Huxley constituiu um problema justamente pelo terreno escorregadio em que nos coloca: sua postura ambígua gerou-nos ambigüidade crítica.

Nosso maior objetivo foi revelar a força de oposição que um romance distópico como o AMN pode representar, e acreditamos que a leitura que fizemos tenha destacado seu efeito de resistência. Reconhecemos o caráter nocivo do pessimismo e concordamos com os valores do necessário pensamento utópico. Porém, buscamos resgatar, no teor *inconformado* do pessimismo huxleyano, o seu valor de resistência contra um estado de coisas sutilmente delineado nesse mundo pós-moderno. Assim como os frankfurtianos procuraram “destacar os aspectos noturnos do iluminismo”,

Huxley procurou encarná-los, com olhar crítico, em sua ficção. Enquanto diagnóstico, o AMN mostra a dinâmica da dominação muito bem, além de nos colocar numa fronteira ética.

Nos momentos desanimadores e sombrios da nossa história, sempre houve aqueles que procuraram apontar uma luz no fim do túnel. Mesmo as obras mais pessimistas deram um sinal nesse sentido, na maioria das vezes, sem terem um projeto concreto a ser seguido ou mesmo sem a certeza de que suas sugestões fossem plenamente factíveis. Nesse aspecto, compreendemos as ressalvas de Adorno para com o AMN, principalmente porque ele vinha de uma vertente de intelectuais de esquerda que não desistiam de buscar uma fissura possível, como se infere no estudo de sua obra, que levava Jameson a relacioná-la à “persistência da dialética”.

Herbert Marcuse, por exemplo, depositava sua esperança na possibilidade de uma correção na teoria freudiana que apresentou a dialética da dominação como algo natural e, portanto, inelutável. Para ele, “se a modificação repressiva das pulsões, que forma até hoje psicologicamente o conteúdo essencial do conceito de progresso não é natural nem historicamente inalterável, então ela mesma possui um limite bem determinado” (MARCUSE, 2001, p.131). O filósofo vislumbrava uma solução no seguinte: “O princípio de realidade repressivo torna-se supérfluo à medida que a civilização se aproxima de um estágio em que a eliminação de um modo de vida que força a repressão das pulsões se tornou uma possibilidade histórica realizável” (Ibidem, p.131).

A partir da forma como Huxley tratara as necessidades no AMN, Adorno também dera sua sugestão para romper o círculo vicioso:

Se a produção fosse redirecionada... para a satisfação das necessidades, até mesmo e especialmente das que foram produzidas pelo sistema hoje dominante, essas mesmas necessidades se modificariam de maneira decisiva. A incapacidade de discernir entre necessidades autênticas e falsas pertence essencialmente à fase atual (...) Se a penúria desaparecer, a relação entre necessidade e satisfação se modificará (2001, p.106).

Huxley até reconheceu que o aprimoramento tecnocientífico poderia livrar o homem da dialética de dominação, reduzindo ao mínimo o tempo de trabalho alienado e restando tempo livre, da vida. Entretanto, no AMN, essa esperança desmorona quando

fica clara a possibilidade, nada desprezível, de os dominadores não se preocuparem sinceramente com o bem-estar dos dominados, mas, sim, com a manutenção do poder. Isto não só era uma possibilidade, como foi exatamente o fato real que motivou as especulações utópicas da esquerda, que, assim como Adorno, perceberam que a incapacidade de discernimento entre o falso e o autêntico “pertence essencialmente à fase atual”. Portanto, apesar de Huxley não ter tido a louvável atitude de sugerir uma saída em sua obra, a situação extremada em que ele colocou seus personagens é de muita importância também pelo teor de advertência que contém. A elaboração de ideais utópicos exige o diagnóstico e a previsão das possibilidades funestas que impedem a realização do que ainda é utopia.

A literatura deve desempenhar o papel de apresentar / representar a vida como ela é: a coexistência do bem e do mal, do bom e do mau. Quando ela os está representando, não pretende incentivar nem desestimular um e outro. Seu maior mérito, como apontara muito bem Antonio Candido, é ensinar a viver, ou seja, é humanizar expondo a vida com todas as suas complexidades, sem maquiá-la. Cabe à índole do leitor assumir uma das formas de vida. A obra AMN, enquanto diagnóstico, não fez mais do que reunir elementos e aspectos observáveis na realidade e que, organizados num determinado contexto de dominação totalitária, eventualmente resultaria num pesadelo daquela espécie. Embora contenha resquícios conservadores subjacentes, tem valor suficiente para suscitar a consciência crítica de seus leitores.

O pessimismo de Huxley - como vimos argumentando no decorrer do nosso trabalho - foi da mesma espécie do pessimismo adorniano, marcusiano, weberiano e de muitos outros inseridos naquele *Zeitgeist*. Além disso, mostrou ter um quê paradoxal de resistência que pode se iluminar por meio desse belo pensamento de Karl Marx:

A crítica arrancou as flores imaginárias que enfeitavam as cadeias, não para que o homem use as cadeias sem qualquer fantasia ou consolação, mas para que se liberte das cadeias e apanhe a flor viva.

Essa “flor” é um mundo novo e *verdadeiramente* admirável.

## VI - REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

### 1. Obras de Aldous Huxley

HUXLEY, Aldous (2001). *Admirável Mundo Novo*. Trad. Lino Vallandro e Vidal Serrano. São Paulo: Ed. Globo.

\_\_\_\_\_ (1947). *Brave New World*. London: The Albatross.

\_\_\_\_\_ (1971). *A Ilha*. Trad. Gisela Brigitte Laub. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.

\_\_\_\_\_ (1985). *A situação humana*. Trad. Lya Luft. Rio de Janeiro: Globo.

\_\_\_\_\_ (1987a). *Contraponto*. Trad. Érico Veríssimo e Leonel Vallandro. Rio de Janeiro: Globo.

\_\_\_\_\_ (1995). *Huxley e Deus: ensaios*. Trad. Murilo Nunes de Azevedo. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil.

\_\_\_\_\_ (1983). *Moksha: textos sobre psicodélicos e a experiência visionária, 1931-1963*. Trad. Eliana Sabino. Rio de Janeiro: Globo.

\_\_\_\_\_ (c1937). *O despertar do mundo novo*. Trad. M.Judith Martins. São Paulo: Hemus.

\_\_\_\_\_ (1987b). *O Macaco e a Essência*. Trad. João Guilherme Linke. Rio de Janeiro: Globo.

\_\_\_\_\_ (c1959). *Retorno ao Admirável Mundo Novo*. Trad. Eduardo Nunes Fonseca. São Paulo: Hemus.

\_\_\_\_\_ (1975). *Satânicos e Visionários*. Trad. J.L.Dantas. Rio de Janeiro: Ed.Americana.

\_\_\_\_\_ (c1927). *Sobre a democracia e outros estudos*. Trad. Luís Vianna de Sousa Ribeiro. Lisboa: Edição "Livros do Brasil".

### 2. Obras sobre Aldous Huxley

ADORNO, Theodor W. (2001). "Aldous Huxley e a Utopia". In: ADORNO, T.W. *Prismas: crítica cultural e sociedade*. Trad. Augustin Wernet e Jorge Mattos Brito de Almeida. 1. ed., São Paulo: Ática.

- ATKINS, John (1967). *Aldous Huxley: A literary study*. London: Calder and Boyars.
- BARBOSA, João Alexandre (2003). "Aldous Huxley ensaísta". In: Caderno da *Gazeta Mercantil*, 25/04/2003, p.03.
- \_\_\_\_\_ (2001). "A volta de Aldous Huxley". In: *CULT – Revista Brasileira de Literatura*, Ano V, nº 48, julho / 2001, pp.12-14.
- BRIDGEMAN, Jacqueline Hazard (1995). "Prefácio". In: HUXLEY, A. *Huxley e Deus: ensaios*. Trad. Murilo Nunes de Azevedo. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil.
- BEDFORD, Sybille (1973a). *Aldous Huxley: a Biography*. Volume One: 1894 - 1939. London: Chatto & Windus.
- \_\_\_\_\_ (1973b). *Aldous Huxley: a Biography*. Volume two: 1939 -1963. London: Chatto & Windus.
- BROOKE, Jocelyn (c1963). *Aldous Huxley*. London: Longmans, Green & Co. Ltd..
- HOFFMAN, Frederick J. (c1948). "Aldous Huxley and the Novel of Ideas". In: O'CONNOR, WILLIAN VAN. *Forms of modern fiction: essays collected in honor of Joseph Warren Beach*. Edited by Willian Van O'Connor. Minneapolis: University of Minnesota.
- HUXLEY, Julian (ed.) (1965). *Aldous Huxley: 1894-1963, A Memorial volume*. London: Chatto & Windus.
- LINKE, João Guilherme (1987b). "Posfácio". In: HUXLEY, A. *O Macaco e a Essência*. Rio de Janeiro: Globo.
- MECKIER, Jerome (1969). *Aldous Huxley: Satire and Structure*. London: Chatto & Windus.
- ROSENFELD, Anatol (1994). "Aldous Huxley e o Individualismo". In: ROSENFELD, A. *Letras e Leituras*. São Paulo: Perspectiva.

### **3. Obras de suporte geral**

- A BÍBLIA SAGRADA (1969). Trad. João Ferreira de Almeida. São Paulo: Sociedade Bíblica do Brasil.
- ADORNO, Theodor W. (2001). *Prismas: crítica cultural e sociedade*. Trad. Augustin Wernet e Jorge Mattos Brito de Almeida. 1. ed. São Paulo: Ática.

- \_\_\_\_\_ (2003). *Notas de Literatura I*. Trad. Jorge de Almeida. São Paulo: Duas Cidades; Ed.34.
- ADORNO, T.W.; HORKHEIMER, M. (1986). *Dialética do esclarecimento: fragmentos filosóficos*. Trad. Guido Antonio de Almeida. Rio de Janeiro: Zahar.
- AGAMBEN, Giorgio (2004a). *Homo Sacer: a vida nua e o poder soberano*. Trad. Henrique Burigo. Belo Horizonte: Editora UFMG.
- ALLEN, Walter (1986). *Tradition and Dream: the English and American Novel from the twenties to our time*. London: The Hogarth Press.
- ANDERSON, Perry (1999). *As origens da pós-modernidade*. Trad. Marcus Penchel. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor.
- \_\_\_\_\_ (1992). *O Fim da História: de Hegel a Fukuyama*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor.
- ANDRADE, Carlos Drummond de (1994). *Corpo*. Rio de Janeiro: Record.
- ANDRADE, Oswald (1971). *Memórias sentimentais de João Miramar*. Obras Completas II. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.
- \_\_\_\_\_ (1997). *Serafim Ponte Grande*. 6 ed. São Paulo: Globo.
- ARANHA & MARTINS (1986). *Filosofando: introdução à Filosofia*. São Paulo: Moderna.
- ARENDT, Hannah (1997). *Origens do Totalitarismo*. Trad. Roberto Raposo. São Paulo: Cia das Letras.
- BARBOSA, João Alexandre (2002). *Alguma crítica*. São Paulo: Ateliê Editorial.
- BAREI, Silvia N. (1999). *Borges y la crítica literaria*. Tauro Producciones, s.l.
- BAUDELAIRE, Charles (1989). In: BENJAMIN, Walter. *Sobre alguns temas em Baudelaire*. Obras Escolhidas III. Trad. Hemerson Alves Baptista. São Paulo: Brasiliense.
- BENTHAM, Jeremy (1974). "Uma introdução aos princípios da moral e da legislação". Trad. Luiz João Baraúna. In: Coleção *Os Pensadores*, vol. XXXIV, 1ªed. São Paulo: Abril Cultural.
- BERLIN, Isaiah (1991). *Limites da Utopia: capítulos da história das idéias*. Trad. Valter Lelis Siqueira. São Paulo: Companhia das Letras.
- BÍBLIA DE JERUSALÉM (1973). Nova edição revista. São Paulo: Paulus.
- BLAMIRE, Harry (1974). *A Short History of English Literature*. London: Methuen.

- \_\_\_\_\_ (1986). *Twentieth-Century English Literature*. Houndmills, Basingstoke, Hampshire: Macmillan Press.
- BLOCH, Ernst (1977). *El principio esperanza..* Trad. Felipe Gonzalez Vicen. Madrid: Aguilar.
- BOOTH, Wayne C. (1980). *A retórica da ficção*. Trad. Maria Teresa H.Guerreiro. Lisboa: Arcádia.
- BOURNEUF, Roland. & OUELLET, Real (1976). *O universo do Romance*. Trad. José Carlos Seabra Pereira. Coimbra: Livraria Almedina.
- BOSI, Alfredo (1988). *História concisa da Literatura Brasileira*. São Paulo: Cultrix.
- \_\_\_\_\_ (1977). "Poesia Resistência". In: *O ser e o tempo da poesia*. São Paulo: Cultrix, Editora USP.
- \_\_\_\_\_ (2004). "Raymundo Faoro leitor de Machado de Assis", in *Estudos Avançados* 18 (51), São Paulo: Editora USP.
- BRADBURY, Ray (2003). *Fahrenheit 451*. Trad. Cid Knipel. São Paulo: Globo.
- BUARQUE, Chico (1974). *Fazenda Modelo: novela pecuária*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.
- BURGESS, Anthony (1996). *A Literatura Inglesa*. Trad. Duda Machado. São Paulo: Ática.
- CABRAL, Álvaro & NICK, Eva (2001). *Dicionário técnico de Psicologia*. São Paulo: Cultrix.
- CAMPOS, Haroldo de (1971). "Miramar na mira" (1964). In: ANDRADE, O. *Memórias sentimentais de João Miramar*. Obras Completas II. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.
- CANDIDO, Antonio (et all) (1985). *A personagem de Ficção*. São Paulo: Perspectiva.
- \_\_\_\_\_ (1992). *Brigada ligeira e outros escritos*, São Paulo: Unesp.
- \_\_\_\_\_ (1995). "O direito à Literatura". In: *Vários Escritos*. São Paulo: Duas Cidades.
- CARNEIRO, André (1968). *Introdução ao estudo da "Science-Fiction"*. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado.
- CARPEAUX, Otto Maria (1999). M. *Ensaio reunidos*, vol. I, Rio de Janeiro: Editora Topbooks.

- \_\_\_\_\_ (1966). *História da Literatura Ocidental*. Vol.VII, Rio de Janeiro: Edições O Cruzeiro.
- CARTER, Ronald & McRAE, John (2001). *The Routledge History of Literature in English*. London and New York: Routledge: Taylor & Francis Group.
- CARVALHO, Alfredo Leme Coelho de (1969). *A ficção distópica de Huxley e Orwell*. São José do Rio Preto: Faculdade de Filosofia e Letras.
- CHAUÍ, Marilena (1984). *Repressão Sexual: essa nossa (des)conhecida*. São Paulo: Brasiliense.
- CHURCHILL, R.C. (1986). "The Comedy of Ideas: cross-currents in fiction and drama", in: FORD, Boris (ed.) *Of the New Pelican Guide to English Literature*, Volume 7. London: Penguin Books.
- COHN, Gabriel (1986). "Adorno e a teoria crítica da sociedade". In: COHN, G. *Theodor W. Adorno*. Sociologia. São Paulo: Ática.
- COSTA, Ligia Militz da (1992). *A poética de Aristóteles*. São Paulo: Ática.
- DAICHES, David (1960a). *A Critical History of English Literature*. Vol.I, London: Secker & Warburg.
- \_\_\_\_\_ (1960b). *A Critical History of English Literature*. Vol.II, London: Secker & Warburg.
- \_\_\_\_\_ (1960c). *The Novel and the Modern World*. London and Chicago: The University of Chicago Press.
- \_\_\_\_\_ (1958). *The Present Age: after 1920*. London: The Cresset Press.
- DAWSON, S.W. (1987) "Iris Murdoch: the limits of contrivance", in: FORD, Boris (ed.). *Of the New Pelican Guide to English Literature*, Volume 8. London: Penguin Books.
- DEBORD, Guy (1997). *A sociedade do espetáculo*. Trad. Estela dos Santos Abreu. Rio de Janeiro: Contraponto.
- DUARTE, Rodrigo (2002). *Adorno/Horkheimer & A dialética do Esclarecimento*. Coleção "Filosofia passo-a-passo". Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor.
- ENRIQUEZ, Eugène (1998). "O judeu como figura paradigmática do estrangeiro". In: KOLTAI, Caterina. (Org.). *O Estrangeiro*. São Paulo: Escuta: FAPESP.
- EVANS, Ifor (1976). *História da Literatura Inglesa*. Trad. A.Nogueira Santos. Lisboa: Edições 70.



- FORSTER, Edward Morgan (1969). *Aspectos do Romance*. Trad. Maria Helena Martins. Porto Alegre: Ed.Globo.
- FREUD, Sigmund (2004). "Pulsões e destino da Pulsão (1915)". In: FREUD, S. *Escritos sobre a psicologia do inconsciente*. Coord.Geral da trad. Luiz Alberto Hans. Rio de Janeiro: Imago ed.
- \_\_\_\_\_ (1997). *O mal-estar na civilização*. Trad. José Octávio de Aguiar Abreu. Rio de Janeiro: Imago.
- FRYE, Northrop (1973). *Anatomia da Crítica*. Trad. Péricles Eugênio da Silva Ramos. São Paulo: Cultrix.
- FUKUYAMA, Francis (1999). *O Fim da História e o Último Homem*. Trad. Maria Góes. 2ª ed. Lisboa: Gradiva.
- FURTER, Pierre (1974). *A dialética da esperança: uma interpretação do pensamento utópico de Ernest Bloch*. Rio de Janeiro: Paz e Terra.
- GAGNEBIN, Jeanne Marie (1997). *Sete aulas sobre Linguagem, Memória e História*. Rio de Janeiro: Imago.
- GAY, Peter (1989). *Freud: uma vida para o nosso tempo*. São Paulo: Cia.das Letras.
- GENETTE, Gerard (1971). "Fronteiras da Narrativa". In: BARTHES, Roland (et alii). *Análise estrutural da Narrativa*. Petrópolis: Vozes.
- GERBER, Richard (1955). *Utopian Fantasy: a study of English Utopian Fiction since the End of the Nineteenth Century*. London: Routledge & Kegan Paul Ltd, Broadway House, Carter Lane.
- GREENBLATT, Stephen Jay (1968). *Three Modern Satirists: Waugh, Orwell, and Huxley*. New Haven and London: Yale University Press.
- HARVEY, David (1996). *A condição pós-moderna: uma pesquisa sobre as origens da mudança cultural*. Trad. Adail Ubirajara Sobral e Maria Stela Gonçalves. São Paulo: Loyola.
- HEWITT, Douglas (1988). *English Fiction of the early Modern Period 1890-1940*. London and New York: Longman.
- JAMESON, Fredric (1996). *Pós-Modernismo: a lógica cultural do capitalismo tardio*. Trad. Maria Elisa Cevalco. São Paulo: Editora Ática.

- KARL, Frederick R. & MAGALANER, Marvin (1969). *Grandes novelas inglesas del siglo XX*. Trad. Francisco Rivera. Universidad Central de Venezuela: Ediciones de la Biblioteca.
- LEITE, Lígia Chiappini Moraes(1994). *O Foco narrativo*. São Paulo: Ática.
- LINKE, João Guilherme (1987b). "Posfácio". In: HUXLEY, A. *O Macaco e a Essência*. Rio de Janeiro: Globo.
- LUBBOCK, Percy (1976). *A técnica de ficção*. São Paulo: Cultrix, Ed. da USP.
- LUKÁCS, Georg (19--). *A teoria do Romance*. Trad. Alfredo Margarido. Lisboa: Editorial Presença.
- \_\_\_\_\_ (1981). "História do desenvolvimento do drama moderno". In: *Georg Lukács: Sociologia*. Organizador José Paulo Netto. São Paulo: Ática.
- MARCUSE, Herbert (2001). *Cultura e Psicanálise*. Trad. Wolfgang Leo Maar, Robespierre de Oliveira e Isabel Loureiro. São Paulo: Paz e Terra.
- \_\_\_\_\_ (1975). *Eros e Civilização*, Rio de Janeiro: Zahar Editores.
- \_\_\_\_\_ (1969). *O Fim da Utopia*. Trad. Carlos Nelson Coutinho. Rio de Janeiro: Paz e Terra.
- \_\_\_\_\_ (1977) *Um ensaio sobre a libertação*. Trad. Maria Ondina Braga. Lisboa: Bertrand.
- MATOS, Olgária C.F. (1993) *A Escola de Frankfurt: luzes e sombras do Iluminismo*. Coleção Logos. São Paulo: Moderna.
- MENDILOW, A.A. (1972). *O Tempo e o Romance*. Trad. Flávio Wolf. Porto Alegre: Editora Globo.
- MENESES, Adélia Bezerra de (2000). *Desenho mágico: poesia e política em Chico Buarque*. São Paulo: Ateliê Editorial.
- \_\_\_\_\_ (1995). *Do poder da palavra: ensaios de Literatura e Psicanálise*. São Paulo: Duas Cidades.
- \_\_\_\_\_ (2001). *Figuras do feminino na canção de Chico Buarque*. 2ª ed. São Paulo: Ateliê Editorial.
- MERQUIOR, J.G. (1969). *Arte e Sociedade em Marcuse, Adorno e Benjamin*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro.
- MESQUITA, Samira Nahid de (1987). *O Enredo*. São Paulo: Ática.

- MUECKE, D.C. (1995). *Ironia e o Irônico*. Trad. Geraldo Gerson de Souza. São Paulo: Perspectiva.
- MULLER, Helena Isabel (1996). "Anarquismo: utopia das utopias?" In: MONTEIRO, John Manuel & BLAJ, Ilana. (org.), *História e Utopias: textos apresentados no XVII Simpósio Nacional de História*. São Paulo: ANPUH.
- NEUSÜSS, Arnheim (1971). *Utopia*. Trad. María Nolla. Barcelona: Barral Editores.
- NUNES, Benedito (1999). *Introdução à filosofia da Arte*, São Paulo: Ática.
- \_\_\_\_\_ (1969). *O dorso do tigre*. São Paulo: Perspectiva.
- \_\_\_\_\_ (1988). *O tempo na narrativa*. São Paulo: Ática.
- ORWELL, George (1984). *1984*. Trad. Wilson Velloso. São Paulo: Ed. Nacional.
- PIERUCCI, Antonio Flávio (2003). *O desencantamento do mundo: todos os passos do conceito em Max Weber*. São Paulo: USP, Curso de Pós-Graduação em Sociologia: Ed.34.
- PUJALS, Esteban (1988). *Historia de la Literatura Inglesa*. Madrid: Editorial Gredos.
- RICHARDS, I.A. (1967) *Princípios de Crítica literária*. Porto Alegre: Ed. Globo; São Paulo: Ed. Universidade de São Paulo.
- ROBSON, W.W. (1970). *Modern English Literature*. Oxford Univ. Press.
- ROSENFELD, Anatol (1994). *Letras e Leituras*, São Paulo: Perspectiva.
- \_\_\_\_\_ (1996). *Texto/Contexto*. São Paulo: Perspectiva.
- ROUANET, Sérgio Paulo (1987). *As razões do Iluminismo*. São Paulo: Cia das Letras.
- SANDERS, Andrew (1996). *The short Oxford History of English Literature*. New York: Clarendon Press, Oxford University Press.
- SANTEE, Daniel Derrel (1988). *Modern Utopia: a reading of Brave New World, Nineteen Eighty-Four, and Woman on the Edge of Time in the light of More's Utopia*. Dissertação (Mestrado) – Centro de Comunicação e Expressão, Universidade Federal de Santa Catarina.
- SCHWARZ, Roberto (1978). *O pai de família e outros estudos*, Rio de Janeiro: Paz e Terra.
- SENA, Jorge de (1989). *A Literatura Inglesa: ensaio de Interpretação e de História*. Lisboa: Edições Cotovia Lda.

SHAKESPEARE, Willian (1995). “A Tempestade”, in *Obra Completa*, vol.II, Rio de Janeiro: Nova Aguilar S.A.

\_\_\_\_\_ (1961). *The Tempest*. New York: Washington Square Press.

SLOTERDIJK, Peter (2000). *Regras para o parque humano: uma resposta à carta de Heidegger sobre o humanismo*. Trad. José Oscar de Almeida Marques. São Paulo: Estação Liberdade.

SNOW, C.P. (1995) *As duas culturas e uma segunda leitura*. Trad. Geraldo Gerson de Souza e Renato de Azevedo Rezende Neto. São Paulo: Editora da USP.

SPITZER, Leo (1968). *Lingüística e Historia literária*, Madrid: Editorial Gredos.

SUBIRATS, Eduardo (1986). *Da Vanguarda ao Pós-Modernismo*. Trad. Luiz Carlos Daher e Adélia Bezerra de Meneses. São Paulo: Nobel.

SUTHERLAND, James (1958). *English Satire*. London: Cambridge at the University Press.

SZACKI, Jerzi (1972). *As Utopias ou A Felicidade Imaginada*. Trad. Rubem César Fernandes. Rio de Janeiro: Paz e Terra.

TOLEDO, Dionísio de Oliveira (1972). “Prefácio”. In: MENDILOW, A.A. *O Tempo e o Romance*. Porto Alegre: Ed.Globo.

TROUSSON, Raymond (1995). *Historia de la literatura utópica: viajes a países inexistentes*. Trad. Carlos Manzano. Barcelona: Ediciones Península.

WEBER, Max (1993). *Ciência e política: duas vocações*. Trad. Leonidas Hegenberg e Octany Silveira da Mota. São Paulo: Cultrix.

#### **4. Artigos em Revistas e Jornais**

BARBOSA, João Alexandre (2003). “Aldous Huxley ensaísta”. *Gazeta Mercantil*, 25/04/2003, p.03.

\_\_\_\_\_ (2001). “A volta de Aldous Huxley”. In: *CULT – Revista Brasileira de Literatura*, Ano V, nº 48, julho / 2001, pp.12-14.

CAMARGO, Cláudio (2004). “Raízes do Holocausto”, *Revista Istoé*, nº 1798, São Paulo, 24 de mar.2004, p.106.

- COLLUCCI, Cláudia (2006). "Médico italiano desiste de clone humano". *Folha de São Paulo*, São Paulo, 12 de nov. 2006, Caderno Cotidiano, p. C12.
- CUNHA, Fausto (1967). "Ascensão e Queda da Ficção Científica". *Revista Civilização Brasileira*, Ano III, nº 13, maio/1967, pp.133-149.
- FAGOT-LARGEAULT, Anne (2004). "Embriões, células-tronco e terapias celulares: questões filosóficas e antropológicas". *Revista Estudos Avançados* 18 (51), ano 2004, pp.227-245.
- GLEISER, M. (2005). "Reflexões sobre o tempo". *Folha de São Paulo*, Caderno Mais, 20 de mar.2005, p.9.
- JAMESON, Fredric (1985). "Pós-modernidade e sociedade de consumo". São Paulo: *Novos Estudos CEBRAP*, nº 12, junho/1995, pp.16-26.
- MELLO, Heitor Ferraz de (2003). "Alegorias do vazio". In: *Revista Cult*. Nº 69, Ano VI. São Paulo: Editora 17, pp.48-53.
- MOARES, João Carlos Quartim de (1966). "'City' e as Limitações Ideológicas do Science-Fiction". *Revista Civilização Brasileira*, Ano I, nº 7, maio/1966, pp.173-188.
- MOREIRA, João Luís Salgueiro (2005). "*Animal Farm* e *Fazenda Modelo* - George Orwell e Chico Buarque: duas faces da mesma moeda". In: *Revista Textos e Pretextos*, nº 7, Univ. de Lisboa, pp.51-59.
- PEREIRA, Lygia (2006). "Embriões descongelados". *Folha de São Paulo*, São Paulo, 12 de nov.2006, Caderno "Mais!", p.06.
- SÁ, Jussara Bittencourt de (2001). "Os desdobramentos da trama e de seres em Admirável Mundo Novo". *Revista Linguagem em (dis) curso*, Editora Unisul, Florianópolis, v.02, nº1, jul/dez.2001.
- VARELA, Dráuzio (2004). "Clonagem humana". *Revista Estudos Avançados* 18 (51), ano 2004, pp.263-265.
- VICÁRIA, Luciana (2006). "Quem pagou o teste?". *Revista Época*, São Paulo, 7 de ago.2006, pp.75-76.
- ZATS, Mayana (2004). "Clonagem e células-tronco". *Revista Estudos Avançados* 18 (51), ano 2004, pp.247-256.

## 5. Artigos em Websites

AGAMBEN, Giorgio (2004b). “Não à tatuagem biopolítica”. Trad. Clara Allain. *Le Monde Diplomatique*, jan. de 2004. Disponível em: <http://www.midiaindependente.org/pt/blue/2004/01/272405.shtml>. Acesso em: 02 dez. 2006.

BERRIEL, Carlos Eduardo Ornelas (2005). “Utopia, ou o melhor dos mundos num mundo distópico”. Entrevistador: Álvaro Kassab. Campinas: *Jornal da UNICAMP*, Edição 310, 28.nov. a 04.dez., pp.06 e 07. Disponível em: [http://www.unicamp.br/unicamp/unicamp\\_hoje/ju/novembro2005/ju310pag06.html](http://www.unicamp.br/unicamp/unicamp_hoje/ju/novembro2005/ju310pag06.html). Acesso em: 04 jun. 2006.

CAMPBELL, Courtney (1997). “Brave New World: Soma, Shakespeare and Suicide: the terrors of techno utopia”. Disponível em: [www.somaweb.org](http://www.somaweb.org). Acesso em: 06.jul.2006.

DERBYSHIRE, John (2003). “What happened to Aldous Huxley”. *The New Criterion*, vol. 21, nº 6. Disponível em: [www.newcriterion.com/archive/21/feb03/huxley.htm](http://www.newcriterion.com/archive/21/feb03/huxley.htm). Acesso em: 22. out. 2006.

DIAS, Susana & GARDINI, André (2006). “Uso de dados genéticos é polêmico”. *COMCIÊNCIA Revista Eletrônica de Jornalismo Científico*, nº 73, fev. / 2006. Disponível em: [www.comciencia.br/comciencia/handler.php?section=8&edicao=section=8&edicao=8&id=50](http://www.comciencia.br/comciencia/handler.php?section=8&edicao=section=8&edicao=8&id=50). Acesso em: 09 dez.2006.

MAILLARD, Jean De (2003). “A recolonização do mundo”. *Le Monde Diplomatique*, jan.2003. Disponível em: [http://diplo.uol.com.br/2003-01, a526](http://diplo.uol.com.br/2003-01,a526). Acesso em: 02.nov.2006.

MARQUES, José Oscar de Almeida (2002). “Sobre as Regras para o parque humano”. In: *Natureza Humana. Revista Internacional de Filosofia e Práticas Psicoterápicas*. São Paulo (PUC), Vol. IV, nº 2, pp.363-381. Disponível em: [www.unicamp.br/~jmarques/pesq/parque.htm](http://www.unicamp.br/~jmarques/pesq/parque.htm). Acesso em: 11.set.2006.

OLIVEIRA, Fátima Régis de (2004). “A ficção científica e a questão da subjetividade homem-máquina”. *COMCIÊNCIA Revista Eletrônica de Jornalismo Científico*, nº 59, out / 2004. Disponível em: [www.comciencia.br/reportagens/2004/10/creditos.shtml](http://www.comciencia.br/reportagens/2004/10/creditos.shtml). Acesso em: 07 set.2006.

PONTES, Heloisa. "Entrevista com Antonio Candido", [Ago.1987]. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, São Paulo, v.16, n.47, 2001. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?>. Acesso em: 06.Ago.2006.

ROCQUE, Lúcia de La (2004). "Ficção científica reflete relações de gênero na sociedade". Entrevista concedida à *COMCIÊNCIA Revista Eletrônica de Jornalismo Científico*, nº59, out/2004. Disponível em: [www.comciencia.br/reportagens/2004/10](http://www.comciencia.br/reportagens/2004/10). Acesso em: 07 set.2006.

SCLIAR, Moacyr (2002). "O bom (e velho) Aldous". *Revista Veja*, São Paulo, 27 de mar.de 2002. Disponível em: <http://www.livrariacultura.com.br/scripts/cultura/resenha/resenha.asp?nitem=3081619&sid=022515963896692861634039&k5=384CB2B4>. Acesso em: 03 dez. 2006.

TUCHERMAN, Ieda (2004). "A ficção científica como narrativa do mundo contemporâneo". *COMCIÊNCIA Revista Eletrônica de Jornalismo Científico*, nº 59, out / 2004. Disponível em: [www.comciencia.br/reportagens/2004/10/creditos.shtml](http://www.comciencia.br/reportagens/2004/10/creditos.shtml). Acesso em: 07 set.2006.

VIVERET, Patrick (2000). "É hora de um novo Humanismo". *Le Monde Diplomatique*, fevereiro de 2000. Disponível em: [www.dhnet.org.br](http://www.dhnet.org.br). Acesso em: 20 nov.2006.

## 5. Cursos e entrevistas televisionados

BUCCI, Eugenio (2005). *Ver TV de olhos fechados*, Vol. 1, São Paulo: Culturamarcas, DVD (115 min.).

KEHL, Maria Rita (2005). *Café Filosófico: Drogas*. São Paulo: Culturamarcas, DVD (56 min.).

LOPARIC, Zeljko (2006). *Heidegger: serenidade no deserto*. Programa exibido pela Tv Cultura, 1 videocassete caseiro (57 min).

MATOS, Olgária (2006). *Café Filosófico: O Amor como consumo*. Programa exibido pela Tv Cultura, 1 videocassete caseiro (55 Min.).

ZATS, Mayana (2006). "Entrevista com Mayana Zats". *Programa Roda Viva*, apresentador Paulo Markun, entrevistadores: Jorge Forbes, Carlos Alberto Moreira

Filho, Rafael Garcia, Marcos Pivetta, Giovana Girardi e Marta San Juan França. Exibido no dia 04 de dezembro de 2006.

## 6. Filmes e Documentários

*Admirável Mundo Novo* (1998). Filme dirigido por Leslie Libman e Larry Williams, com Peter Gallagher, Leonard Nimoy e outros. Estados Unidos: 1998, DVD (87 min.).

*Aldous Huxley: Darkness and Light* (1993). Documentário dirigido por Chris Hunt, com roteiro de Benjamin Wooley. Califórnia, E.U.A., 1993. Programa exibido pela Tv Cultura na série "Grandes Mestres da Literatura", em 2005, 1 videocassete caseiro (50 min.)

*Blade Runner* (1982). Filme produzido por Michael Deeley e Ridley Scott. Dirigido por Ridley Scott. Com Harrison Ford, Rutger Hauer, Sean Young e Edward James Olmos. U.S.A: Warner Bros. Pictures, DVD (117 min).

*Gattaca - A Experiência Genética* (1997). Filme dirigido por Andrew Niccol. Com Ethan Hawke, Uma Thurman, Jude Law, Loren Dean, Alan Arkin, Gore Vidal e Ernest Borgnine. U.S.A: Columbia Pictures Corporation, DVD (112 min.)

*Laranja mecânica* (1971). Filme com direção e roteiro de Stanley Kubrick, baseado no livro homônimo de Anthony Burgess, com Malcolm McDowell, Patrick Magee, Michael Bates, Warren Clarke, Adrienne Corri, Carl Duering, Paul Farrel, Clive Francis, Michael Gover, Miriam Karlin, James Marcus, Aubrey Morris, Godfrey Quigley, Sheila Raynor e outros. U.S.A: Warner Bros. Pictures, DVD (137 min).

## 7. Verbetes de Enciclopédia

BIOTIPOLOGIA. In: *Nova Enciclopédia Barsa*. CD Multimídia. Versão 2000.

FORD, HENRY. In: *Enciclopédia Abril*, 2ª ed.,v.5, São Paulo: Editora Abril, 1976, pp. 237-238.

\*Figuras da capa: adaptação de foto de "Embriões" (site da *Clonaid*) e "Birth Machine" (escultura de H.R.Giger).